

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

SELECTA BRASILIENSE

OU

NOTÍCIAS, DESCOBERTAS, OBSERVAÇÕES,
FACTOS E CURIOSIDADES

EM RELAÇÃO

AOS HOMENS, Á HISTORIA E COUSAS DO BRASIL

Primeira parte: Biographia — Historia.

Segunda parte: Indigenas.

Tercera parte: Curiosidades — Variedades.

POR

J. M. P. de Vasconcellos

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS
DA CÔRTEZ E DAS PROVINCIAS DA BAHIA, S. PAULO,
S. PEDRO DO SUL E ESPIRITO-SANTO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

61 B, Rua dos Invalidos, 61 B

—
1868

SELECTA BRASILIENSE

OU

NOTÍCIAS, DESCOBERTAS, OBSERVAÇÕES,
FACTOS E CURIOSIDADES

EM RELAÇÃO

AOS HOMENS, Á HISTORIA E COUSAS DO BRASIL

Primeira parte: Biographia — Historia.

Segunda parte: Indigenas.

Terceira parte: Curiosidades — Variedades.

POR

J. M. B. de Vasconcellos

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS
DA CÔRTE E DAS PROVINCIAS DA BAHIA, S. PAULO,
S. PEDRO DO SUL E ESPIRITO-SANTO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

61 B, Rua dos Invalidos, 61 B


1868

AMIGO LEITOR.

Nihil novum, sub sole! Não esperes novidade nesta obra; pouco me pertence, além da ordem na collocação das materias, pois em algumas de suas paginas fiz a *repetição* fiel das palavras de outros— eu não faria melhor estylo. Nunca será demais quanto se disser, quanto se espalhar, quanto se escrever em respeito aos homens, e ás cousas da nação.

Se minhas forças permittirem, ainda publicarei outras *series* de igual trabalho; — preciso, porém, a par de indulgencia para os erros, do apôio de meus concidadãos.

Quaesquer informações, e correccões, que estiverem no plano da obra, receberei com prazer, e agradecimento.



SELECTA BRASILIENSE

PARTE I

Biographia — Historia

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nasceu em 1695, na cidade de Santos.

Havendo cursado as aulas dos jesuitas, mandou-o seu pai para companhia de seu irmão mais moço Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em Lisboa, afim de se dedicar inteiramente á carreira das letras, para a qual mostrava vocação, pois na idade de 15 annos fez alguns versos ao monarcha D. João V, agradecendo-lhe e elogiando, em nome da sua patria, os serviços que a ella prestára.

Apenas formado em direito civil pela universidade de Coimbra foi despachado secretario da embaixada portugueza, que partiu para a córte de Luiz XIV em França; ahi frequentou a faculdade de direito romano, e ecclesiastico e nella tomou o gráo de doutor, estudando tambem com todo o fervor as obras dos publicistas, as collecções de tratados europeus, e os precedentes diplomaticos.

Regressou em 1720 a embaixada, cujos membros receberão signaes de approvação do rei, sendo Gusmão empregado na secretaria dos negocios do reino, e incumbido de alguns despachos relativos á administração interna, e outros tendentes a negociações exteriores.

Foi mandado a Roma para realizar algumas negociações pendentes, e, conseguir as honras de patriarcha para o arcebispo metropolitano de Lisboa, e o titulo de fidelissimo para el-rei, foi uma luta de acontecimentos e difficuldades imprevistas por espaço de sete annos.

Ao deixar Roma em 1730 deixou tambem ahi numerosos amigos, e grandes admiradores dos seus talentos. Tornou aos encargos anteriores, sendo, pouco tempo depois, nomeado escrivão da puridade, um dos lugares mais importantes da antiga monarchia portugueza.

Ganhou Gusmão valiosa e vasta reputação tanto pela erudição, que em gráo elevado possuia, como pela direcção firme, igual e illustrada que imprimio nas negociações que pendião entre Portugal, e as côrtes estrangeiras.

O tratado de 13 de Janeiro de 1750 entre as corôas portugueza e hespanhola é o acto talvez mais importante da vida politica de Gusmão.

No cargo de ministro do conselho ultramarino providencias activas tomou em relação ao Brasil.

Teve uma vida fadigosa, porém nobre, honrada e gloriosa; obteve reputação litteraria, escrevendo memorias, discursos e até compondo, em horas de folga, muitos versos lindos, tocantes e saudosos. Mereceu ser admittido seu nome em diversas academias estrangeiras.

Fallecendo D. João V em 1750 decahió de toda a graça perante o novo governo de D. José I.

Dous filhos que tivera de seu consorcio com uma donzella pobre da provincia de Traz-os-Montes, perdeu em um incendio, que lhe'levou em 1751 a casa, e os bens que possuia.

Viveu tristemente os ultimos dias de sua existencia, ainda que exteriormente parecesse resistir ás dôres domesticas.

Falleceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1753.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (DR. *)

Nasceu na Bahia em 27 de Abril de 1756.

Foi nomeado pelo ministro d'estado Martinho de Mello e Castro para conhecer as riquezas naturaes ainda escondidas no solo brasileiro.

Demorou-se cinco annos em Portugal antes de partir para sua commissão; mas n'esse espaço de tempo fez o exame do carvão de pedra de Buarcos, reduzio e descreveu os productos naturaes que existião no museu d'Ajuda, entrou em muitas experiencias physicas e chemicas, e publicou muitos escriptos interessantes.

Em Outubro de 1783 chegou ao Pará; deu começo aos seus trabalhos pela ilha de Joãnes, e levou suas indagações a todo o sertão do Pará, e Rio Negro (hoje Amazonas), explorando os rios Branco, Madeira, Guaporé, serra de Cuanurú, e Matto-Grosso, trabalhos estes em que gastou nove annos.

(*) Em philosophia pela universidade de Coimbra.

Ligou-se em consorcio com D. Germana Pereira de Queiroz, filha do capitão Luiz Pereira da Cunha, seu correspondente na remessa dos productos, que enviára á côrte.

A historia de seu casamento é extraordinaria, posto que breve — ponderando-lhe o capitão Luiz Pereira, que se achava no desembolso de consideravel despeza, *com a qual poderia dotar sua filha*, pela remessa dos productos que lh'enviára, respondeu Alexandre: « *Isto não servirá de embaraço a seu casamento; eu serei quem receba por mulher sua filha.* »

Empregou-se tanto em aperfeiçoar e apurar preciosos materiaes, que, antes de concluir a organização delles, foi atacado de melancolia, que o roubou á terra a 23 de Abril de 1815, em Lisboa.

Indicárão-se as causas dessa melancolia como envolvidas no manto das generalidades, attribuindo-a a desgostos, provenientes de illusões desvanecidas ácerca dos homens e das cousas da côrte.

Mesmo atacado da fatal misanthropia, lançou mão da penna para defender amigos, com os quaes se achava divorciado, mas que julgava injustamente accusados, e, até a hora de expirar, desempenhou os seus deveres de empregado publico.

AMADOR BUENO.

Recusou ser, com risco de sua vida, rei do Brasil.

A gloria de o ter por progenitor pertence a muitas familias nobres de S. Paulo, Goyaz, Minas, Matto-Grosso, e Rio de Janeiro, e são illustres descendentes os da

casa de Marapicú, cujo senhor, o desembargador João Pereira Ramos, era quarto neto de Amador Bueno. O filho deste, Manoel Bueno da Fonseca, sendo capitão e governador da Nobreza, teve a mercê do habito de Christo em 20 de Novembro de 1704 com doze mil réis de tença.

Ultimamente um jornal da provincia de S. Paulo noticiou haver fallecido em Atibaia, em 23 de Outubro de 1866, na idade de 96 annos, o capitão-mór Lucas de Siqueira Franco, quarto neto de Amador Bueno, e chefe de numerosa familia, deixando cêrca de duzentos descendentes.

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA.

Nasceu na cidade de Santos a 1 de Novembro de 1773, e, sob a direcção de seus progenitores, fez ahi os estudos elementares da lingua vernacula, franceza e latina, dando logo mostras de vasta intelligencia.

Sua mãe, já viuva, mandou-o para a universidade de Coimbra, onde tomou o grão de bacharel em direito.

Completados os seus estudos, merecendo sempre as maiores distincções, volveu ao Brasil para exercer o lugar de juiz de fóra de Santos, para que fóra despachado, e cujo lugar servio com illibada honra, e proverbial justiça.

Foi depois nomeado ouvidor e corregedor de Olinda, e como fosse o creador dessa comarca, coube-lhe logo assento de desembargador effectivo na relação da Bahia.

Tendo o espirito publico em Pernambuco, em 1817, feito um mallogrado movimento contra o despotismo colonial, se bem que Andrada não estivesse nelle comprometido, antes o procurasse embaraçar por muitas razões plausiveis, todavia relações de amizade que prezava, cego enthusiasmo, o seu patriotismo, as esperanças de realidade em seus sonhos de independência e liberdade, o fizeram cahir nas ciladas, que a fortuna lhe armava. Suffocado o movimento, Andrada veio espontaneamente da villa de Iguaçu apresentar-se ao governo interino da capitania, a fim de responder por sua conducta, e d'ahi foi conduzido ao calabouço das Cinco Pontas, e carregado de ferros.

Impavido e sereno soffreu ultrages, e affrontas, tormentos e nudez, grilhões e segredos;—jazeu mais de quatro annos nas cadéas da Bahia, e sepultado anno e meio em lobrego segredo.

A muitos de seus companheiros de prisão ensinou linguas, historia, e sciencias; e foi elle quem generosamente defendeu a quasi todos com a maior dedicação, e variados recursos.

Antes de seu julgamento D. João VI mandou-lhe insinuar, que, se pedisse perdão, o mandaria soltar, e restituir a todos seus direitos, e até promovê-lo á casa da supplicação.

Firme na paz da consciencia, e sobranceiro aos padecimentos, não hesitou responder—*que pedia perdão só a Deus de seus peccados, e ao rei só pedia justiça.*

Em 1821 chegou no Brasil o grito de liberdade, que soltára Portugal, declarando as bases de sua constituição; Andrada das grades da prisão aconselha

o juramento dessas bases, como o primeiro passo para a posterior emancipação do Brasil.

Julgado innocente, e estando na Bahia, foi escolhido deputado ás côrtes constituintes de Portugal pela sua provincia de S. Paulo.

Foi nesse recinto dos sabios portuguezes, que sua voz se fez temida e cara, trovejando contra absurdas pretensões; foi ahí que o corajoso patriota, arrostrando punhaes, defendeu a todo custo os fóros de sua patria, que queria emancipar-se.

Chegando o momento de jurar-se uma constituição vergonhosa, que desnacionalisava os Brasileiros, declarando o rei destituído se viesse para o Brasil, Andrada foi o primeiro a negar-lhe sua assignatura, e acompanhado de seis de seus companheiros deputados retirou-se para Inglaterra a 6 de Outubro de 1822, e, logo depois, para o Rio de Janeiro.

A esse tempo, por conselho dos outros Andradas, (José Bonifacio e Martim Francisco) ministros do principe regente o Sr. D. Pedro I, tinha este principe declarado a independencia do Brasil.

Convocada a nova assembléa constituinte, é Antonio Carlos eleito novamente deputado pela sua provincia.

Foi incumbido de organizar o projecto de nossa constituição pelos legisladores constituintes, e é desse projecto, que, com algumas alterações, foi copiada a actual constituição.

Apezar dos relevantes esforços de Andrada, e seus irmãos, em prol das liberdades de seus concidadãos, apezar de seu patriotismo e saber, um mal disfarçado plano de intriga, urdido por uma coalisção de ultra-liberaes com os absolutistas e Lusitanos que já havia

obrigado a demissão do ministerio Andrada, pode illaquear a boa fé do desavisado principe, pintando os Andradas como inimigos de suas prerogativas magestáticas.

Pretextando-se que os discursos dos Andradas provocavão sedição, que escrevião para o *Tamoyo* artigos incendiarios, e outras razões aterroradoras, foi, á força d'armas, dissolvida a primeira representação nacional, e os Andradas, e outros, levados aos carceres da Lage, e d'ahi, deportados para França.

Em Bordéos cumprio o desterro immerecido, por mais de quatro annos, em companhia de sua familia, e irmãos.

Em 1828 chegou ao Rio de Janeiro, apesar da opposição singular do ministro brasileiro residente em França, que se oppunha a seu regresso, não obstante o haverem citado por editos no Brasil.

Na côrte defendeu-se, e a seu irmão Martim, do inaudito crime de *legislador constituinte*, sendo ambos reconhecidos innocentes pelo tribunal da Relação.

Depois de sua absolvição recolheu-se a seu paiz natal para viver vida privada, longe dos redemoinhos da politica; —ahi, a regencia provisoria que succedeu aos acontecimentos de 1831, lhe enviou a nomeação de ministro plenipotenciario junto á côrte de Londres, lugar que não aceitou, por haver desapprovado a revolução de 7 de Abril, e não querer defender suas consequencias, até onde supunha que chegassem.

Em 1333 voltou á Europa, enjoado de odios mesquinhos, e discussões infindas; e voltando de França em 1835, seus proprios adversarios o elegêrão deputado, sendo em 1840 o coripheu da brilhante opposição que

venceu pela declaração da maioria de S. M. o Sr. D. Pedro II, a cujo primeiro ministerio é Andrada chamado, e do qual fez parte, sem desanimar ante a posição difficil, em que se veria collocado, symbolizando a politica do começo do reinado de um grande principe!

Decomposto esse gabinete em 23 de Março de 1841, foi eleito deputado para a legislatura de 1842, que foi dissolvida; e voltando a Santos, teve ainda de arros-
trar a injustiça da politica, por occasião dos movimentos desastrosos de S. Paulo e Minas, em que não teve parte, senão a de desaprovar a repressão desmedida que se empregava contra seu partido.

Foi escolhido senador pela provincia de Pernambuco, depois de entrar na lista de quatro provincias. Uma violenta febre, e forte congestão celebrer o fez succumbir em 5 de Dezembro de 1845.

Viveu e morreu pobre; — era excellente pai, carinhoso marido, optimo irmão e zeloso parente, de facil, e bondoso accesso, ameno e jovial na conversação, indulgente para todos, extremoso amigo, e generoso adversario.

ANTONIO DA COSTA (Dr.)

Nasceu no Rio de Janeiro, em 15 de Março de 1816.

Recebeu em Montpellier o grão de doutor em medicina a 14 de Agosto de 1837, e defendeu theses no anno seguinte perante a faculdade do Rio de Janeiro, afim de exercer legalmente sua profissão e a cirurgia, como exerceu até 1855.

Foi habilissimo e notavel operador; viveu para a cirurgia, e só para ella; não houve ambição de grandeza

humana que o deslumbrasse: o mal, que o levou ao tumulto, acommetteu-o em um hospital, e no meio de seus doentes.

Morreu como o guerreiro intrepido no campo da batalha.

ANTONIO DE GUADELUPE (D.)

Natural de Amarante. Trocou a ordem da magistratura pelo habito de religioso, sendo sagrado bispo do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1725.

Lançou em 1732 a primeira pedra da igreja de S. Pedro; fundou a obra do Aljube; estabeleceu o util edificio do seminario de S. José; levantou a proveitosa fabrica do collegio dos meninos orphãos, além de outras muitas acções louvaveis.

Transferido para o bispado de Vizeu, não tomou posse, por fallecer em Lisboa a 30 de Agosto de 1741.

ANTONIO DE MARINS LOURENÇO (PADRE).

Tomou posse da prelatura, e administração ecclesiastica do Rio de Janeiro em 28 de Junho de 1644.

Passando a visitar em S. Paulo os lugares de sua jurisdicção, negárão-lhe obediencia seus moradores, unindo-se e conspirando contra sua vida, intento que lhe foi participado.

Procurou o refugio do convento de Santo Antonio, apesar de o haverem cercado com sentinellas, e escapou

felizmente do perigo, retirando-se para o Rio de Janeiro, d'onde, proseguindo seu destino em visita á então capitania do Espirito-Santo, lhe foi administrado veneno na alimentação, com o qual perdeu logo o juizo. Em tão miseravel estado embarcou para Portugal, onde, sem remedio, terminou a vida.

ANTONIO DE MORAES SILVA.

Nasceu no Rio de Janeiro, e, feitos seus primeiros estudos, passou a Coimbra para formar-se em leis.

Taes vexames lhe fizeram soffrer seus contemporaneos na universidade, quando elle apresentou-se alli, fallando e pronunciando-se muito incorrectamente, que protestou comsigo vingar-se de um modo seguro, e terminante, e o fez, publicando seu *Diccionario da lingua portugueza*, depois de profundo estudo dos classicos.

Em 1779 achava-se em Londres, onde emprehendeu uma traducção da *Historia de Portugal*.

Passando ao Brasil, estabeleceu-se em Pernambuco, com engenho de assucar; e no ultimo quartel da vida appareceu a figurar em politica, pertencendo ao governo provisorio.

Antes tinha o titulo de capitão-mór do Recife, e a patente de coronel de milicias da Moribeca, onde tinha seu engenho.

Era rispido, pouco insinuante, e até repellente, demasiado franco para dissimular as faltas dos outros, que procurava corrigir lançando-as em rosto (*).

(*) Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio, vol. 1.º, 1853, e *Varões Illustres* de Pereira da Silva, vol. 2º, supp., 1858.

ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de Agosto de 1823.

Feito um curso completo de estudos elementares, dedicou-se ao magisterio; e apesar de desperto o seu gosto no amor da litteratura, seu maior pensamento conservava-se para a vida religiosa dos claustros, que se propunha abraçar.

Exhausto de forças por effeito de um estudo sem descanso, rendeu sua alma ao creador em 22 de Fevereiro de 1846, deixando muitos trabalhos e manuscriptos interessantes.

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

Nasceu em Caxias, provincia do Maranhão, sendo seu pai o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias. Perdeu-o ainda na flôr dos annos, de modo que difficilmente poude tomar em 1843 o gráo de bacharel em sciencias juridicas na universidade de Coimbra.

Esperavamos encontrar valentes subsidios para a noticia de Gonçalves Dias na biographia, que devia preceder ás obras posthumas deste poeta, que o Dr. A. H. Leal acaba de fazer publicar na cidade de S. Luiz; mas essa biographia não passou da vida do estudante, porque motivo imprevisto e grave privou o seu digno autor de conclui-la.

Foi breve a vida de Gonçalves Dias sobre a terra :

todos, porém, o conhecem como o poeta brasileiro mais sentimental e harmonioso, basta ler qualquer dos seus cantos.

Duas coincidencias precederão a morte do poeta lyrico. Quando estava doente em Marselha correu a vaga noticia de haver elle fallecido. Chegando este boato aos seus ouvidos, escreveu a seguinte carta, refutando o boato atterrador :

« Paris, 23 de Agosto de 1862.— E' cousa inapreciavel andar a gente morta entre os vivos ! Bem devia eu desconfiar de alguma cousa semelhante, quando via todos olharem-me de certo modo, como se eu acabasse de chegar de Orizaba, no Mexico, ou dos campos Elysios, no Paraiso !

« Morto e amortalhado em uma grande folha do *Jornal do Commercio*, com ares de quem recita o — *O' vos omnes qui transitis, etc.*, — mesmo estes superficialissimos francezes devião olhar-me como cousa muito séria ! Já me não admiro de nada.

« O coitado do negociante de Marseille tem desculpa. A quarentena do *Grand Condé* custou-lhe ahí uns vinte mil francos (cérca de 7:000\$) : ora um negociante que perde vinte mil francos se enternece a ponto de chorar até pela morte de um poeta. Pobre homem ! Eu imagino a dôr que elle teve com esse prejuizo, pela choradeira e lastima do meu passamento. Havia de ser cousa para derreter penhascos.

« O facto é que entre as singularidades da minha vida terei de mais a mais o prazer singular e exquisito de ler as minhas necrologias.

« V. não se esqueça de recolher tudo o que tiver apparecido nesse genero e mande-me. Quero fazer um album — uma caveira, dous femures em cruz, e por legenda — Historia de minha morte.

« V. tem razão. Os dictados representam a sabedoria das nações multiplicada pelos seculos da criação do mundo.

« E mesmo, quando assim não fosse, é claro que só se morre uma vez. Ora, como eu já morri, não tenho mais que morrer. Resta-me agora viver desencadernadamente até a consummação dos seculos.

« Supponho que irei passar o inverno na Allemanha, porque me recommendão os banhos hydrotherapicos de Martembad.

« Vichy fez-me bem, mas a molestia já estava muito adiantada, e não estou de todo restabelecido, mas não obstante estou engordando.

« Adeos, dê-me noticias suas, e créa que, apezar de necrologiado, conservo os mais sinceros e vivos sentimentos de amizade a seu respeito. — Do S. do C. — *O fallecido G. Dias.* »

A outra coincidencia acha-se dignamente exposta em suas poesias.

Escrevéra Gonçalves Dias o — *Hymno ao mar* — e entretanto verificou-se o set' dito.

Eis como elle prediz a sua sorte :

Mas nesse instanté que me será marcado,
 Eu que hei d'esta prisão fugir p'ra sempre,
 Irei tão alto; ó mar, que lá não chegue
 Teu sonoro rugido.

Então mais forte do que tu, minh'alma,
 Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo
 Quebrará n'um relance o circ'lo estreito
 Do finito e dos céos.

Diz o Sr. Vidal Junior, de S. José de Leonissa, em 15 de Junho de 1867 :

« Existe entre os povos da Lithuania uma lenda que áffirma a existencia de uma ave, tão cheia de conhecimentos propheticos, que viaja muito tempo fóra da patria, e quando sente-se proxima a morrer, torna aos seus lares para ahi exhalar o ultimo sopro vital.

« Foi, pois, Antonio Gonçalves Dias semelhante áquella ave das lendas tradicionaes : sentindo-se proximo a despedir-se da mansão dos vivos, embarcou-se no *Ville de Boulogne*, e veio morrer perto de Maranhão, sua terra natal. Eis como se exprime n'um orgão de publicidade uma bem aparada penna, a respeito do immortal poeta :

— « Estavamos para concluir a nossa tarefa, quando acabamos de receber a mais triste e dolorosa noticia.

« Antonio Gonçalves Dias, o primeiro poeta brasileiro, já não existe !

« Seu ultimo pensamento mandou-o elle á immensidade do céo, que era o da sua patria, assim como o seu corpo occultou-se na immensidade das agnas, que banhão a sua terra. Eis como devia acabar o homem que deixa á posteridade a grandeza de seu nome, como deixa á sua terra, cujas bellezas tantas vezes cantou, o ultimo suspiro de sua alma.

« O oceano recebeu-o com todas as preciosidades, que levava junto de si, as reliquias mais queridas do seu coração, tudo quanto por amor da patria elle estimava mais sobre a terra. As lindas flóres de sua intelligencia fecunda, os bellos fructos de seu talento creador os risos e os prantos de sua alma de poeta, tudo guardou-o o mar avaro de tão rico thesouro ! E a patria que chora a morte de um de seus mais dilectos filhos

lamenta com profundo pezar, que tenham desaparecido os ultimos reflexos de tão grande genio.

« Os filhos do Maranhão, onde nasceu o illustre poeta, experimentando a dôr que mais de perto os ferio, convidão a todos os compatriotas para ajuda-los na creação de um monumento ao cantor dos *Tymbiras*. Crêmos que tão grata idéa será bem acolhida por todo Brasileiro amigo das glorias, que dão renome á terra natal.»

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Nasceu em 8 de Maio de 1705 no Rio de Janeiro. Começava em Lisboa sua educação, quando sua mãe soffria os tratos do santo officio por *christã nova*.

Formado em canones na universidade de Coimbra, advogava em Lisboa com seu pai em 1726, quando em 8 de Agosto foi levado para os carcereiros da inquisição, sendo solto no auto publico do mez de Outubro, depois de soffrer crueis tormentos de polé, e de fazer decidida abjuração.

Dedicou-se á carreira dramatica no tempo, que lhe ficava livre da advocacia, compondo muitos libretos e operas comicas, que erão postas em scena, e applaudidas.

Casou em 1734 com Leonor Maria de Carvalho, Portugueza, matrimonio abençoado um anno depois com o nascimento de uma menina.

Aos 7 de Outubro de 1737, quando se approximava o segundo anniversario de sua filhinha, foi subitamente arrebatado do seio de sua familia por um familiar do santo officio. O pretexto foi a denuncia de uma

preta de Cabo Verde, escrava da mãe de Antonio José, que este castigára por ser de má vida.

Na falta de capitulos de provas, e não sendo possível tira-los da liberdade do pensamento de suas produções, devidamente licenciadas, tratou-se de os crear dentro dos mesmos carceres, por meio da espionagem, e por meio da interpretação maliciosa de suas acções.

Muito empenho houve a favor de Antonio José, até do proprio rei D. João V. Houve a mais plena justificação de sua innocencia, e, quando o julgavão absolvido, lavrou-se contra elle a tremenda sentença de relaxação de 11 de Março de 1739.

Mais de sete mezes depois de sentenciado, na tarde de 16 de Outubro, foi-lhe feita a intimação, e entregue no oratorio aos cuidados do jesuita Francisco Lópes. Passados tres dias estava elle na eternidade! Sua mãe e sua mulher forão tambem victimas do tribunal! (*)

ANTONIO JOSÉ VIEIRA DA VICTORIA (**).

ANTONIO NAVARRO DE ABREU.

Bacharel formado em direito, deputado á assembléa geral pela provincia de Matto-Grosso, onde nasceu, e o mais ardente e fervoroso propugnador da maioridade do Sr. D. Pedro II.

(*) Vide *Dicc. bibl. port.*, de Innocencio, vol. 1, 1858.

(**) Vide *Bombix* na 3ª parte.

De imaginação exaltada, se bem que de bom coração teve a desgraça de ser atacado de alienação mental, depois de muitos desgostos; e finou seus dias no hospital da Misericórdia da côrte, ainda moço, a 3 de Outubro de 1846.

ANTONIO PAES DE SANDE.

Foi empossado no cargo de governador do Rio de Janeiro a 25 de Março de 1693. Pouco antes de morrer teve a satisfação de ver as amostras do primeiro ouro, que appareceu nas Minas geraes, apresentado pelos paulistas Carlos Pedroso de Silveira, e Bartholomeu Bueno de Cerqueira em principios do anno de 1695.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS (*).

Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de Novembro de 1762;— recebeu o gráo de bacharel em direito na universidade de Coimbra, e ordens sacras em Roma. Era de compleição debil.

Foi preso pela policia de Portugal, que o espreitava, e castigava então a mais leve sombra de liberdade de pensamento; e foi entregue ao santo officio, d'onde passou, por ordem do governo, á congregação dos padres catechistas de Rilhafolles para fazer exercicios por seis mezes.

Superior a seus desastres, porque o sabio sabe crear

(*) Vid. *Varões Illustres*, de Pereira da Silva, vol. 2º, 1858.

consolações nos mesmos lugares, em que os ignorantes e mãos lhe preparão amarguras, e sempre dado ao estudo das letras, adoptou de tal modo o tempo de sua injusta reclusão que, no fim de quinze dias, os padres catechistas representarão em seu favor, e obtiverão que fosse solto, e restituído a seus amigos e parentes.

Cahio em profunda melancolia, que o obrigou a fazer uma viagem á França para distrahir-se, recebendo em Paris o bom acolhimento do embaixador portuguez, que muito o instou para ir morar no palacio das embaixadas.

Desinteressado, recusou o bispado do Rio de Janeiro, recusou a pingue ábbadia de Lobrigos, da apresentação do duque de Lafões. Falleceu em 2 de Março de 1814, abrilhantando a carreira de sua vida com actos de virtude, sabedoria, e caridade.

ANTONIO THOMAZ DE GODOY.

(DESEMBARGADOR HONORARIO.)

Nasceu na cidade Diamantina, então arraial do Tejuco, em Minas, a 8 de Dezembro de 1812. Perdeu seu pai aos seis annos, tendo porém encontrado logo desvelada tutela em seu tio Sebastião Felix de Godoy.

Aos dezeseis annos foi mandado para S. Paulo, alcançando em 1834 o grão de bacharel em direito.

Voltou ao seu torrão natal, onde se estabeleceu como advogado; mas pela sua vocação, e pelo seu genio, anhelava a carreira da magistratura, ambição, louvavel e justa em que foi satisfeito, sendo nomeado em 1837 juiz de direito da comarca de Jequitinhonha, em cuja

effectividade entrou a 21 de Janeiro de 1841, em virtude de decreto imperial. Godoy foi membro decidido e influente do partido liberal, desde que teve uma opinião a manifestar; mas se era de seu partido como homem, como juiz era de toda sociedade; tinha nos olhos a venda, e na dextra a balança de Astréa.

Em Novembro de 1841 foi removido para o Baixo Amazonas; mandou tomar posse de seu lugar por meio de procurador, tomando assento na assembléa provincial de Minas em Abril de 1842, assembléa que foi addiada em 9 de Maio, e da qual foi elle unanimemente eleito presidente.

Godoy envolveu-se em 1842 nos movimentos de S. Paulo e Minas, e foi preso em 26 de Junho; se commetteu um erro grave, está lavado pela amnistia imperial. Quando forão abertas a Godoy as portas da prisão em 10 de Julho de 1843, já em 10 de Maio havia sido declarado em abandono o seu lugar, de modo que voltou á banca de advogado.

Por Decreto de 20 de Junho de 1844 foi restituida a Godoy a comarca de Jequitinhonha, sendo removido para a do Serro, por utilidade publica, a 26 de Outubro seguinté.

Como deputado á assembléa geral pela sua provincia teve assento na camara desde 1845 a 1848; e senão conquistou fóros de orador, distinguio-se em trabalhos de commissões importantes.

Removido da comarca do Serro para a provincia do Espirito-Santo, ahi desempenhou elle por mais de seis annos o lugar de juiz de direito da comarca da capital, e logo depois o de chefe de policia da provincia de um modo que nunca será olvidado, pois retirou-se coberto de benções, e com uma reputação e nome que assignalão o seu merecimento.

Tocando na capital do Imperio, quando ia exercer as funcções de chefe de policia na provincia de S. Pedro do Sul, o governo de Sua Magestade o removeu para o mesmo lugar na córte, sendo então presidente do conselho o Marquez de Paraná, um dos chefes mais extremados do partido, que Godoy combatêra; é que a época era a da inauguração de um novo systema eleitoral, e da liberdade do voto. Virão todos na luta eleitoral a mais completa abstenção da força publica, e dos agentes policiaes; ao povo, e só ao povo deixou-se a escolha daquelles, que devião eleger seus representantes.

Tendo pedido e obtido demissão do cargo de chefe de policia da córte em 27 de Março de 1857, foi nomeado juiz especial da 2ª vara do commercio. Por esse tempo foi seu nome incluído na lista sextupla de senadores, que foi offerecida á escolha do Imperante.

Sua brilhante carreira foi interrompida pela morte; uma longa e cruel enfermidade o arrebatou á terra e aos amigos em 2 de Julho de 1858. Em sua vida teve sempre ordem e regularidade de systema. Começando muito pobre, soube levantar-se acima das privações, mostrando-se sempre economico sem ser mesquinho (*).

(*) Tivemos a fortuna de possuir a amizade deste varão, cuja perda nos ha sido dolorosa, por mais que decorraõ os annos. A elle dedicámos a primeira edição do — *Roteiro dos delegados e sub-delegados de policia*; — era um documento da afeição, que lhe votavamos. Em 31 de Julho de 1856 descrevemos no *Capichaba* a sensação, que causou sua ausencia na capital da provincia do Espirito-Santo, artigo que reproduzimos a pag. 79 do *Ensaio sobre a historia e estatística* daquela provincia. Em 30 de Julho de 1858 na cidade da Victoria, na capella nacional de S. Thiago, levan-

ARARIGBOIA (*).

Indio (depois do baptismo Martim Affonso de Souza) notavel por esforço, e amizade com os portuguezes, aos quaes tinha dado, na capitania do Espirito-Santo, e na conquista do Rio de Janeiro, as mais evidentes provas de fidelidade, motivo por que lhe forão dadas terras, onde, com os indios de sua tribu, formou a aldêa de *S. Lourenço*, em Nictheroy.

Para expulsão de Nicoláo Villegaignon, veio elle em soccorro dos portuguezes, trazendo quatro mil arcos do Espirito-Santo para o Rio de Janeiro.

Sua Magestade em remuneração de serviços, premiou-o com a mercê de Cavalleiro da Ordem de Christo, e com o posto de capitão-mór de sua aldeia, recebendo da fazenda as gratificações, que lhe forão conferidas, como consta dos livros antigos da provedoria. Acabou desgraçadamente, morrendo afogado junto á ilha de Mocanguê.

BALTHAZAR DA SILVA LISBOA.

Doutor em direito civil e canonico, commendador de Christo: — nasceu a 6 de Janeiro de 1761, na Bahia.

Estudandô grammatica latina foi recrutado, por occa-

támos nossa fraca voz sobre as virtudes do finado, por occasião de celebrar-se uma missa, a expensas dos membros da assemblêa provincial, de que eramos membro, allocução que foi publicada no *Correio da Victoria* de Agosto daquelle anno.

(*) Significa — cõbra feroz.

sião de abrir-se um geral recrutamento em consequencia da guerra entre Portugal e Hespanha; e o governador e capitão general Manoel da Cunha Menezes não attendeu ás supplicas do pai de Balthazar (para não abrir exemplo), consentindo porém que embarcasse no dia seguinte para Lisboa, como o fez em Julho de 1775.

Debaixo da direcção e conselhos de seu irmão José, depois Visconde de Cayrú, concluiu seus estudos em muitas materias; e sendo recommendado pelo bispo de Coimbra ao ministro de-estado Martinho de Mello Castro, este encarregou-o de examinar a mina de carvão de pedra de Buarcos, e as minas de chumbo nos contornos da villa de Coja, a respeito do que escreveu algumas memorias.

Despachado juiz de fóra para o Rio de Janeiro, o vice-rei o enviou á Serra dos Orgãos a exames de objectos de historia natural, cujos productos remetteu para Lisboa, além de um mappa que fez levantar daquella serra, e dos lugares mais notaveis.

O Conde de Rezende, avaro e vingativo, foi interrompido em suas negociações de farinhas por Balthazar, que encontrou carregamentos deste genero com marcas de um ajudante de ordens, que era agente do Conde; e fazendo intervir em taes negociações a sua autoridade de juiz de fóra, lhe resultarão perseguições por parte do avarento, a par de vivas e benções do povo.

Retirando-se para Lisboa, de ordem superior, voltou ao Brasil como ouvidor dos Ilhéos, com o encargo de conservador das mattas, e inspector dos córtes respectivos, em que prestou bons serviços, tombando as

mattas do Estado, escrevendo uma physica dos bosques dos Ilhéos, e fazendo a descripção desta comarca, trabalhos, alguns dos quaes forão impressos.

O Conde da Ponte, e o Conde dos Arcos incumbirão Balthazar, o primeiro de ir examinar uma grande massa de ferro, achada no riacho de Bendego, cabeceira do rio da Cachoeira, e o segundo a mina de carvão de pedra, que em 1813 se encontrou quatro leguas ao norte da Bahia, no rio Cotegipe.

Sobre a massa informou « que era de ferro nativo, « puro, flexivel, e maleavel ao fogo pela forja, de fórma « oval, comprimento de nove palmos, seis na maior largura, e tres na maior altura, e tão pesada que apenas « seis juntas de bois a poderião levar a quarenta passos de « distancia. Achava-se collocada sobre um leito de quartzo e spato, não sendo producto volcanico, nem arrastado por agua de inundação. Não tinha ferrugem, de que parecia isenta pela parte de zinco, que nella apparecia.

Quanto á mina de carvão, achou que « era formado de camadas, umas horizontaes e outras inclinadas e parallelas com as das pedras, que o cercavão, e extrahio pedaços daquelle mineral, que se assemelha-vão a vegetaes petrificados, com contexturas e nodosidades lignoso. »

Balthazar foi encarregado da mudança da aldeia dos indios da freguezia d'Almada para a nova estrada, que do rio da Cachoeira da villa dos Ilhéos seguia para a povoação do rio Pardo; e apezar das recusas e objecções dos indios, poude conseguir por suas boas maneiras que no lugar chamado das Ferradas, oito leguas longe dos Ilhéos, se levantasse a nova povoação.

que abriu para civilisar, na parte opposta, a horda dos indigenas PATAOX'S, que o barbadinho Fr. Ludovico de Leorne conduzio das mattas.

Foi-lhe concedida sua aposentadoria, quando accommettido de sezões terriveis, com dôr no figado; e suppondo-se tranquillo em uma fazenda, que comprára no Rio de Contas, entregue a trabalhos litterarios, foi abi preso sem ser ouvido, por accusações de seus emulos, que não poude evitar, apesar da bondade de sua alma, pretextando-se que elle recusára jurar a Constituição que havião feito as côrtes portuguezas, em occasião que se achava gravemente enfermo.

Dirigio se logo á Bahia, apresentou-se ao governo, que o mandou retirar quando vio o seu estado de molestia, o que elle só fez, depois que jurou a Constituição, declarando que lhe parecia *que ella não faria a felicidade da nação*.

Ainda quando se proclamou a independencia do Brasil, houverão invejosos que conseguirão novas representações contra elle das camaras de Cachoeira, Rio de Contas, e Valença, como opposto á causa do Brasil, as quaes forão ouvidas por algum tempo pelo governo, tanto que Balthazar, depois de ter soffrido innumeradas privações, andando por mattos e atravessando pantanos para vir ao Rio de Janeiro, teve o desgosto de não ser admittido a fallar ao ministro d'estado José Bonifacio, cuja elevação havia felicitado; — nem se consentio que se apresentasse ao Imperador.

Desfizerão-se depressa essas calumnias, e houve conhecimento de sua innocencia; foi então recebido pelo Imperador e pelo ministro com toda a benignidade e bom acolhimento.

Ficou advogando na côrte, e ainda prestou bons serviços ao Estado quer ahi, quer em S. Paulo, dando a alma ao Creador em 14 de Agosto de 1840.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO (PADRE).

Natural de Santos: foi o inventor das machinas aerostaticas, sendo concebido, ou ao menos executado esse invento em Lisboa no anno de 1709, setenta e quatro annos antes do tempo marcado pelos physicos francezes, quando o attribuem aos seus Montgolfiers.

Existe a este respeito uma memoria escripta pelo conego Francisco Freire de Carvalho, reivindicando para a nação brasileira a gloria da invenção das machinas ditas. Falleceu em 19 de Novembro de 1724 no hospital da Misericórdia de Toledo (*).

BARTHOLOMEU SIMÕES PEREIRA

(PADRE E DOUTOR).

Foi o primeiro prelado encarregado da administração da jurisdicção ecclesiastica da capitania do Rio de Janeiro, em virtude do breve do Papa Gregorio XIII, datado de 19 de Julho de 1576.

Os odios e desatensões do povo, que não soffria a reprehensão de seus vicios, nem se sujeitava á obediencia da igreja e ao temor de Deos, e muito menos á demasiada autoridade que este prelado, e seus successores

(*) Vide o *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio, vol. 1º, 1858, e os *Varões Illustres* de Pereira da Silva, vol. 1º.

mal e indevidamente chamavão a si, foi causa de retirar-se este prelado para a capitania do Espirito-Santo pertencente á sua jurisdicção, onde acabou a vida com signaes de envenenado.

Por ordem sua tomárão os religiosos de Santo Antonio posse da capella de Nossa Senhora da Penha, na provincia do Espirito-Santo, a qual havia fundado o servo de Deos Fr. Pedro Palacios.

BENTA PEREIRA.

Em 1748, em Campos de Goytacazes, pertencente hoje á provincia do Rio de Janeiro, na acção de um levantamento contra o donatario das terras, deu grande brado uma mulher deste nome, a qual pelejava contra o partido do donatario.

Montada a cavallo com pistolas nos coldres, e uma espada em punho, fazia desaparecer tudo diante de si, com uma resolução mais que varonil, e desde então ficou tão celebre o seu nome, que ainda hoje é mui nomeado.

BERNARDO RODRIGUES NOGUEIRA (D.)

Bispo da diocese de S. Paulo, sagrado em 13 de Março de 1746, prototypo de virtudes e caridade.

Morreu em 7 de Novembro de 1748, com idade maior de 54 annos; tres dias esteve insepulto para se lhe fazerem as honras devidas á sua dignidade, e em todos elles se conservou flexivel; e dando-se á sepul-

tura no terceiro dia na capella-mór do collegio dos jesuitas, junto aos degráos do presbyterio, ahi se tirou sangue de seu corpo, que muitos aproveitarão em lenços e pannos.

BERNARDO VIEIRA RAVASCO.

Irmão do insigne padre Antonio Vieira, nascido na Bahia. Como politico, e como soldado exercitou-se desde a adolescencia até á última idade em beneficio da patria.

Por espaço de quatorze annos achou-se nos maiores perigos, principalmente quando o Conde de Nassau, em 1638, assaltou as trincheiras do forte de S. Antonio, onde, com a morte de muitos hollandezes, recebeu na mão esquerda uma penetrante ferida.

Ainda foi maior a valentia com que, em 1647, impedio que na ilha de Itaparica se fortificasse o general Sigismundo.

Finalmente, em 1651, quando parecia não ter obrigação de empunhar as armas, por estar reformado, embarcou-se animosamente em uma canôa, não obstante furiosa tempestade, e soccorreu ao mestre de campo Nicoláo Aranha, para que quatro náos hollandezas não infestassem os engenhos de Paraguassú.

Rêtribuia aggravos com beneficios, sem que nunca em seu semblante se descobrisse o menor signal de indignação. Naturalmente generoso, despendeu o que possuia mais em remedio da pobreza, do que em ostentação da vaidade. Teve natural genio para a poesia.

Falleceu em 20 de Julho de 1697, dous dias depois da morte de seu irmão o padre Vieira, com quem viveu na maior intimidade.

CAETANO LOPES DE MOURA (DOUTOR).

Nasceu na Bahia, tendo por pai um pobre carpinteiro.

Sem recursos e sem protecção, aprendeu a soletrar lendo os classicos portuguezes, e estudou o latim em dezoito mezes em uma aula publica.

Para juntar um peculio, com que pudesse ir fartar sua sêde de sciencia em alguma academia da Europa, tornou-se mestre, ensinando latim. Um dia abriu seu cofre, e nelle encontrou 300\$ — é pouco, quasi nada — não importa, o bahiano mais não espera, e traspassa o Atlantico. E lá ficou no velho mundo até contar 81 annos de idade, e até cerrar os olhos! Em sua velhice lutou com a miseria, e lá foi a mão caridosa e magnanima do Senhor D. Pedro II attenuar-lhe as privações, e os soffrimentos (*).

CASSIANO SPIRIDIÃO DE MELLO E MATTOS.

Nasceu na Bahia a 11 de Setembro de 1793, e formou-se em leis na universidade de Coimbra em 1819.

Nomeado juiz de fóra para Ouro-Preto, entrou em exercicio de seu emprego em 1820 ; e ao grito de li-

(*) Vid. *Dicc. bibl. port.*, de Innocencio, vol. II, 1859.

berdade que soou em toda a extensão do Brasil, um voto contrario a tão heroicas aspirações partio do seio do governo de Minas, contribuindo Cassiano para elle.

Cassiano commetteu um grande erro; era o piloto novel, que temia sossobrar no ardor da borrasca; mas recebeu o maior castigo de seu erro não sendo contemplado no numero dos benemeritos, que erão cobertos de acclamações do povo, e dignamente premiados pelo soberano.

O campo da politica, diz o escriptor que consultámos para esta biographia, é coberto de espinhos, e cavado de abysmos; se é verdade que os proprios, que vão entrando nelle, muitas vezes tropeção e vacillão, mais certo é ainda que nem um só dos mais prestantes varões, que se dedicárão aos cuidados da governação, deixou de reconhecer que alguma vez transviou-se involuntariamente. Os politicos, antes de todos, devem recomendar-se mais ou menos á indulgencia da posteridade.

Esteve desempregado dous annós, até que foi nomeado em 1824 desembargador para a relação de Pernambuco. Quando foi tomar conta do seu lugar, estava em pleno gozo de ephemero triumpho o presidente illegal Paes de Andrada.

Cassiano nega-se a reconhecer a legitimidade de um tal governo; o presidente intruso o manda, irritado, vir á sua presença, e quer ouvir a razão, por qué o desembargador nomeado não toma posse do lugar que lhe compete. — *A minha carta de nomeação, responde Cassiano, é dirigida ao presidente Paes Barreto, que ainda não foi demittido pelo governo de Sua Magestade; a elle pois, e só a elle, a entregarei.* A casa de Cassiano foi cercada, elle preso, e mandado entregar a bordo de um navio de guerra.

Algum tempo depois teve assento na relação da Bahia, e foi membro do supremo tribunal de justiça.

Eleito deputado pela sua provincia desde 1830, foi testemunha das tremendas peripecias que se derão desde 1831 ; foi sempre um paladino firme da Constituição, e da corôa, calmo no fervor das tormentas, impavido diante do perigo. Em 1836 foi escolhido senador.

Morreu aos 64 annos de idade, em 5 de Julho de 1857, depois de uma longa enfermidade.

CHRISTOVAL COLON.

(*Christovão Colombo*). Natural de Genova, homem obscuro e pouco conhecido, que, em 1491 seguia a córte de Andaluzia na pretensão de descobrir um novo mundo. Seu idoso pai era cardador de lã, e vivia em estado proximo da indigencia.

Ainda muito moço deixou a universidade de Pavia, onde uma secreta inspiração da Providencia o guiou ao estudo da geographia, astrologia, e navegação ; seus progressos em arithmetica, geometria, escripta e desenho forão rapidos, e desde quatorze annos servio como grumete de uma embarcação genoveza, que cruzava no Adriatico. Fez parte da expedição que João d'Anjou, Duque de Calabria, tentou em 1459 contra o reino de Napoles.

Tinha 26 annos, quando foi enviado a Tunis para capturar a galera *Fernandina* ; chegado á ilha de S. Pedro, em Sardenha, soube que alli havia duas náos, e uma caraca com a galera, o que intimidou de tal sorte as pessoas da tripolação, que pretendêrão mais adiante não ir, mas voltar a Marselha em busca de

reforço; e não tendo Colombo meio de os constringer, fingio condescender, fazendo força de véla, e dando outra direcção á bussola. Persuadião-se todos que navegavão para Marselha, quando, no dia immediato, estavam na altura de Carthagena (*).

De guerreiro passou a mercador; percorreu todas as ilhas da Grecia, a Jonia e a Asia menor.

Tomando de novo as armas, teve um combate desesperado ao longo da costa de Portugal, de que resultou o incendio das embarcações, o naufragio dos marinheiros, e a sua salvação em um remo, seguro ao qual chegou á praia, na distancia de mais de duas leguas, maltratado pelos rochedos.

Fixou residencia em Lisboa. Sua idéa fixa era ir ás Indias por mar. Revelou seus planos, pediu vasos para navegar, fallou de immensas riquezas; mas de chimericos e extravagantes forão taxados taes planos pela corporação de sabios, nomeada pelo Rei, de cujo juizo Colombo appellou para outro conselho.

Aventureiro e impostor forão os titulos, que se derão a Colombo; a cobardia e a perfidia se unirão, seus mappas e planos, dados em confiança, forão mandados executar por outro, que voltou, ridiculisando-o, açoitado de ondas e ventos.

Deixou Lisboa occultamente em 1484, e foi á côrte de Hespanha, porém em má occasião, que se tratava de guerra. Estrangeiro, de simples vestuario, sem recommendação alguma senão a de um frade, não lhe prestarão attenção.

(*) Sobre o risco em que esteve por *tres dias* a vida de Colombo, escreveu um bello poemeto Casimir Delavigne, e uma ballada Luiza Brachmann.

A muito custo, e depois de algum tempo, fez-se um conselho de astrónomos, e geographos, que Fernando reuniu em Salamanca, e onde Colombo foi generosamente acolhido; mas, no meio das conferencias, a guerra desenvolveu-se, o estrondo das armas abriu a campanha de Malaga, e a junta pronunciou-se contra o projecto.

A Hespanha occupou-se em acontecimentos politicos durante 1487 e 1488. Portugal tentou uma reconciliação com Colombo, mas este recusou-se.

Colombo enviou á Inglaterra seu irmão Bartholomeu para sondar Henrique VII, e d'elle recebeu animadora resposta em 1489. Em 1491 a córte de Hespanha fez reunir um grande e respeitavel auditorio composto das altas dignidades da igreja, e dos homens que o paiz possuia nas universidades, e no clero secular, e regular; — ahi appareceu Colombo, e os seus planos forão julgados impossiveis, produzindo um susurro, que foi desfeito pelos frades dominicos de Salamanca, em cuja habitação já Colombo havia sido hospedado; á frente deste movimento achava-se Diogo de la Doza, professor de theologia, e mestre do principe D. João. Apesar da decisão da junta, Fernando e Isabel; instigados pelos protectores de Colombo, responderão ao religioso Diogo — *que a proposta seria tomada em consideração apenas fosse firmada a paz.*

Quinze annos sonhou Colombo uma gloria gigantesca, entretanto que a maldade o qualificava de aventureiro, e os rapazes de louco.

Pretendeu deixar Hespanha, indignado com as humiliações, que o fazião soffrer, mas amava Beatriz Enriguez, de quem já tinha um segundo filho, e isto prendeu-o em Hespanha.

Dirigio-se a poderosos feudatarios da corôa de Castella, que rejeitárão e zombárão dos seus planos.

Tomou partido de ir á França dar ao rei Carlos um mundo, que os soberanos de Hespanha recusavão; parou no convento de Arrabida, cujo prior já conhecia, o qual montou immediatamente em uma mula, e foi advogar perante a rainha, de quem era confessor, a causa de Colombo. Chamado este, Isabel mandou-lhe dar a somma de vinte mil maravedis, occultamente, para que podesse apparecer decentemente na côrte.

Postas em julgamento, em ultima instancia, as proposições de Colombo, ainda forão uma vez repellidas, mórmente por querer *um mendicante genovez a nomeação de almirante, e vice-rei das terras que descobrisse*, como dizião os cortezãos.

Despedio-se de seus amigos, resolvido a não curvar-se mais aos caprichos de uma mulher, e partio para França em Fevereiro de 1492.

Nesta resolução extrema os frouxos se tornárão zelosos, e o enthusiasmo despertou-se e electricou Isabel. Partio um correio a chamar Colombo, que estava a duas leguas de Granada, com a grande alma cheia de amarguras; Colombo pouca attenção prestou á mensagem, mas ainda voltou; a graça do principe tudo havia mudado, porque achou honras a procura-lo, e a cerca-lo povo e cortezãos!

Lavrôu-se o tratado, que assignárão Suas Magestades em 17 de Abril de 1492; e vencidas as difficuldades que apparecêrão para obter navios e matinhagem, a pequena frota, composta de tres navios, fez-se de véla a 3 de Agosto. Mal aprestados, mal calafetados, de noventa homens da tripolação sómente dez servindo de boa vontade,

só uma alma de tempera forte, como a de Colombo, poderia triumphar da desconfiança, do odio, e da superstição, em que vivião envolvidos todos os seus passos.

Em 12 de Outubro, aos primeiros raics da aurora, a joven America apresentou suas verdes praias aos olhos dos hespanhóes. Apango, Cuba, Haiti, são lugares que a frota visita.

A 6 de Janeiro seguinte dispoz-se Colombo a voltar para Hespanha em um só navio, que lhe restava ; em 13 de Fevereiro soffreu uma medonha tempestade, de que escapou pela viva fé, e confiança, que na Providencia tinha ; — aportou aos Açores ; — fugio, porque o governador Castanheda queria roubar á Hespanha a honra de suas descobertas, e pretendia apoderar-se de Colombo ; — arribou ao Tejo, fugindo da tempestade, e ahi o rei de Portugal o recebeu com distincção.

Partindo para Andaluzia, chegou ao porto de Palos, d'onde tinhá sahido em 15 de Março de 1493. Não se póde descrever a recepção dada a Christovão na côrte de Fernando e Isabel — cortejos, honras, festas, applausos, levantado em triumpho, o nome de Christovão correu por toda a Europa, não se fallando senão de sua expedição. A segunda viagem foi logo deliberada em 17 vasos de todos os tamanhos, contendo mais de 1,500 homens, além de cavallos, asnos, bois, cabras, ovelhas, porcos e gallinhas. Infelizmente achárão seus companheiros, que havião ficado em Hispaniola, assassinados, e seus vestidos em retalhos espalhados pela praia. A terra *promettida* só offercia uma praia inhospita, um clima insalubre e devorador, e era necessario esperar os fructos da colheita, por que as provisões se esgotavão.

Comprehende-se o perigo em que se vio Colombo, que

não ouvia as paixões que estrugião a seus pés, arrebatado pelas suas brilhantes illusões. Conjurações se armárão, os indios igualmente se conspirárão, de modo que Colombo entregou o governo da ilha a uma junta, presidida por seu irmão Diogo, e em 24 de Abril de 1494 partio com tres caravélas para reconhecer finalmente a extremidade da Asia.

O destroço de seus navios, quando estava proximo a dobrar o cabo de S. Antonio, e entrar no golfo Mexico, obrigou Colombo a voltar a Hispaniola, á vista da qual suas forças o abandonárão, e cahio em completa lethargia, achando-se nos braços de seu irmão Bartholomeu, quando tornou a si.

O chefe militar de accôrdo com um frade, que fazia parte do governo provisorio, depois de percorrerem a ilha, e praticarem os mais horriveis excessos, apoderárão-se violentamente das caravélas, que estavam no porto, e voltarão á Hespanha com os descontentes, e culpados, contando calumnias, que não produzirão fructo, por haver chegado repentinamente Diogo, que trazia a nova da ultima viagem de seu irmão. Colombo restabeleceu-se, e marchou contra o inimigo, derrotando com 200 hespanhóes um exercito de 100,000 homens, graças aos elementos que tinha em seu favor.

Ainda veio á Castella, deixando a direcção da ilha a seu irmão Bartholomeu; a viagem foi longa e penosa, porque uma curiosidade o determinou a fazer rumo para léste. Chegou a 11 de Junho de 1496; não era já o Colombo que a admiração publica embalava como um idolo; todo o enthusiasmo se havia esfriado—tinhão divinizado seu genio, exageravão seus erros.

Voltou ainda a Hispaniola, alistando malfeteiros para

completar a tripolação de seis navios, que lhe forão destinados, e que estavam promptos. Sahio para seu destino em 30 de Maio de 1498, indo a oeste até ás bocas do Orinoco, descobrindo o littoral do Pará, etc.

Mandado Bobadella para tomar conhecimento do estado da Colonia, accusado e intrigado Colombo na côrte como cruel e delapidador por aquelles, cuja rapacidade não fôra satisfeita, foi preso, carregado de ferros, e lançado em uma masmorra. Transportado á côrte, depois de privado das honras e riquezas que tão difficulosamente havia adquirido (pois que até um mercador florentino, Americo Vespuccio, piloto de Alonzo de Ojeda ligava seu nome á descoberta das Indias occidentaes, roubando o maior titulo da gloria de Colombo aos olhos da posteridade), a côrte arrastada pela opinião publica, embalou Colombo durante dous annos com promessas, e com a desapprovação dos actos de Bobadella.

Colombo ainda fez uma quarta viagem, com quatro caravélas, partindo de Cadix em 11 de Maio 1502. Esta viagem foi um tecido de cruéis revezes. Vio-se obrigado a costear a Jamaica, por não poderem mais os seus navios navegar. Ainda tocou em Hispaniola, onde se vio nas aperturas da fome, sendo necessario usar de estrategias para obter viveres para sua gente. Ainda teve novos combates com os indios, que venceu.

Voltou á Hespanha, que ainda o tornou a ver, pobre, extenuado pelos soffrimentos, tendo sómente por ventura as cartas de seu filho Diogo. Fernando, não tendo cousa alguma mais a desfructar deste velho, acabado em seu serviço, não attendeu ás suas reclamações, até que falleceu em Valladolid a 20 de Maio de 1506, com 68 annos de idade.

Eis aqui curiosos trechos de algumas cartas suas :

« Tal é todavia a minha felicidade que vinte annos de serviço no meio de fadigas e trabalhos tão perigosos, não me têm aproveitado cousa alguma, a ponto de não possuir em Castella uma telha ; e se quero comer e descansar não o posso fazer senão na estalagem ou na taverna ; e as mais das vezes este recurso me falta, por isso que não tenho com que pagar o meu *escote*. »

« .. Tinha eu a idade de 28 annos quando entrei no serviço de VV. AA., e agora não tenho um só cabello em minha cabeça que não seja branco. Estou enfermo, tenho gasto o que me restava, e se me tem tomado ou vendido, assim como a meus irmãos, tudo, até a minha casaca. Sou tão desgraçado, como o digo, quanto ao temporal não tenho uma moeda para offertar. Isolado em minha afflicção, enfermo, esperando cada dia a morte, cercado de um milhão de selvagens, cheios de crueldades e nossos inimigos, aquelle que possui a caridade, que ama a verdade e justiça, chore sobre mim ! » (*)

O arcebispo de Bordeaux, o cardeal Donnet, dirigio em 1868 ao Papa Pio IX a seguinte carta, pedindo que se instaure o processo para a canonisação do descobridor do Novo Mundo, o celebre genovez Christovão Colombo :

« Santissimo Padre.—Compatriota e contemporaneo do veneravel cura de Ars, tive a fortuna de defender a sua causa perante a sagrada congregação dos ritos.

« Tambem tive a honra de assistir ao acto da recente beatificação de Germana Cousin, que durante a sua vida

(*) Vid. Hist. dos princ. succ. polit. do Bras., de José da Silva Lisboa, cap. 4º. 1825.

edificou singularmente os habitantes de um paiz limitrophe do meu arcebispado, e uni-me de coração aos que dispensarão as honras proprias da Igreja áquelle pobre tão generoso, o mendigo Bento Labre, cuja santa memoria se conserva no Artois.

« Seja-me permittido hoje chamar a attenção de Vossa Santidade para um homem celebre e providencial, que dedicou toda a sua vida ao descobrimento de um novo mundo, para alli estabelecer o imperio de Jesus Christo.

I. « A vida de Christovão Colombo, escripta pelo Conde Rosselly de Lorgues, sob os auspicios de Vossa Santidade, veio descobrir pela primeira vez o coração evangelico, o zelo infatigavel daquelle inspirado engenho, que teve na terra a nobre missão de um verdadeiro nuncio de salvação.

« Antes do Conde de Rosselly, ninguem tinha ainda tratado, sob o aspecto catholico, nem do descobrimento do Novo Mundo, nem das evangelicas virtudes do seu maravilhoso iniciador. Por uma estranha singularidade, só escriptores anti-catholicos se havião occupado com a biographia do virtuoso navegante ; e as suas versões eivadas de parcialidade, vendo na sua belleza moral, pura expressão do seu acrisolado catholicismo, um obstaculo invencivel, e de que ao mesmo tempo não podião deixar de fallar, apresentarão suas virtudes como um mixto de devoção, astucia, orgulhu e fraqueza.

« A escola racionalista, não satisteita com o negar-lhe a pureza das suas virtudes, pintando-o de certo modo como um homem ambicioso e dissimulado, teve a ousadia de attribuir-lhe defeitos e vicios, que nem sequer chegarão ao conhecimento dos seus contemporaneos.

Tão atroz calúnia, divulgada pela imprensa e aceita sem exame pela maior parte das sociedades e corporações científicas, prevaleceu na opinião. Deste modo a Igreja ficou completamente esbulhada da sua iniciativa, e de toda a parte que lhe coube em uma empreza que foi, todavia, obra exclusivamente sua.

« Porém, afim de que a verdade sobrepujasse á mentira, quiz Vossa Santidade conhecer o verdadeiro caracter daquelle grande acontecimento, um dos mais memoraveis da historia. Na conformidade das vossas indicações, a reabilitação do grande navegante devia ser escripta por uma penna imparcial, que apresentasse os factos com a inflexibilidade e justiça da historia.

« Foi para a minha patria uma grande honra, Santissimo Padre, que vos dignasseis confiar tão importante trabalho a um escriptor francez.

« A obra escripta por ordem de Vossa Santidade prestou um grande serviço, tanto á sociedade como ao catholicismo.

« A sciencia e a erudição lhe são devedoras da reparação de alguns esquecimentos involuntarios, e de muitas omissões premeditadas; da rectificação de datas, e circumstancias até agora mal conhecidas ou mal comprehendidas; da solução de muitas questões que se andavão debatendo sem resultado, e finalmente uma verdadeira restauração da historia daquella época.

« Sob o aspecto religioso, aquelle trabalho foi para a Igreja uma restituição importante, fazendo evidente a superioridade das suas vistas, a providencia tutelar e a fecundidade do seu espirito vivificador; e demons-

trando de um modo incontestavel que o descobrimento do Novo Mundo foi um triumpho da inspiração catholica.

« A Igreja na sua mais genuina representação, e em todos os grãos de sua jerarchia, tomou debaixo da sua protecção a pessoa e a idéa de Christovão Colombo.

« Deu-lhe hospitalidade, auxilio e protecção publica; prestou-lhe a sua poderosa intervenção e soccorros materiaes, emquanto os sabios mais eminentes do mundo então conhecido, emquanto a côrte e a junta dos cosmographos desprezavão o que a sua pouca fé chamava « sonhos do louco. »

« Os primeiros e maiores protectores do illustre genovez pertencião todos á Igreja; erão religiosos de S. Francisco, de S. Domingos. Um bispo, um arcebispo, um cardeal, o nuncio de Sua Santidade e o proprio Pontifice, todos lhe derão amparo e protecção.

« Tres papas fomentárão e abençoárão successivamente os seus immortaes trabalhos.

« Já não ha a menor duvida ácerca da efficaç cooperacão que a Igreja prestou ao descobrimento do continente, d'onde tem derivado para a sciencia vantagens incalculaveis. Sua acção directa e benefica naquelle transcendental acontecimento, apresenta uma epopéa magnifica e um motivo de profunda edificacão. Nada mais dramatico, nada causa mais commocão do que seguir os passos daquelle homem predeterminado.

« Nenhum character historico apresenta, nem uma vocacão mais determinada, nem um intuito mais apostolico.

« O descobrimento do Novo Mundo não era o

único objecto dos esforços de Christovão Colombo, nem tão pouco era esse o ponto culminante das suas ambições. Para elle, aquelle descobrimento só representava um fim — espalhar por terras desconhecidas o nome do nosso Divino Redemptor, e fazer que as mais remotas nações podessem vir um dia adorar o sagrado tumulo do Salvador; esperando por este modo franquear o caminho, e por meio das riquezas dos paizes recém-descobertos remir o Santo Sepulchro.

« Santissimo Padre, o homem destinado por Deos para pôr o antigo mundo em relação com o novo, era na verdade digno da sua missão providencial. Por isso a Providencia o cobrio sempre com seu manto protector. A existencia de Colombo tem um cunho especial. Nella se vêem manifestos e caracterizados o sobrenatural e maravilhoso auxilio da virtude divina, que Deos dá aos fortes, e a perseverança que infunde no animo dos predestinados.

« Colombo foi paciente, casto, austero e misericordioso; ninguém soube, como elle, praticar a humildade, a obediencia, a resignação e o perdão das offensas. Ninguém foi mais generoso do que elle com os pobres e os prisioneiros; Colombo assistia aos enfermos e curava-os pelas suas proprias mãos. A ultima carta que escreveu foi um acto de caridade; nella o descobridor do Novo Mundo implora o perdão para dous réos condemnados á morte. Tudo quanto soffreu da parte dos homens, pôde attribuir-se ao seu amor pelo Redemptor, e á pratica fiel dos seus mandamentos. Por ser amigo dos pobres, dos pequenos, dos fracos, vio-se o immortal navegante perseguido, odiado e calumniado.

« O orgulho dos nobres não lhe perdoou nunca a protecção que sempre dispensou aos indios, fazendo delles christãos, que havião de achar na Igreja um apoio contra a tyrannia dos seus oppressores. Os seus mais encarniçados e acerrimos inimigos forão alguns dos seus subordinados, que a sua vigilancia não deixava entregarem-se ao roubo, á pilhagem e mais extremos, a que os seus perversos designios os levavão. Mas o grande homem perdoou-lhes sempre ; só teve palavras de paz e misericordia para os marinheiros rebeldes, que quizerão attentar contra sua vida.

« Assim que chegou ao cumulo dos seus desejos, o descobrimento do Novo Mundo, Colombo esqueceu tudo, e foi para os ex-rebeldes um pai carinhoso ; constituiu-se seu advogado, implorando para elles a compaixão e indulgencia da córte. Todos os actos da sua vida são admiraveis, e apresentam um exemplo de piedade. As virtudes daquelle servo de Deos são tão sublimes, chegam á região tão elevada, que hesitamos em empregar a palavra virtude, tão prodigalisada hoje, para caracterisar os actos do insigne genovez que forão para os seus contemporaneos um objecto de edificação. Necessita-se de outro termo para qualificar dignamente a sua superioridade moral e religiosa.

« Ha já dez annos, Santissimo Padre, que a historia de Colombo cõrre pelo mundo traduzida em varios idiomas. A opinião tem tido tempo sufficiente para firmar-se e reproduzir-se. Esta opinião temo-la visto expressada unanimemente pelos catholicos de todas as nações. Personagens de todas as asses, seculares, ecclesiasticos, doutores, religiosos, chefes de communitades monasticas, bispos, arcebispos, e até membros

do sacro collegio, não puderão deixar de reconhecer o caracter de santidade naquelle perfeito discipulo do Evangelho.

« Como arcebispo que sou, de uma Igreja ligada por tão apertados laços com a do Novo Mundo, e que conta na sua esphera metropolitana o bispado das Antilhas francezas; estando a séde episcopal, que occupo, tão proxima da Hespanha, com cuja Igreja tem importantes e numerosas relações; além disso sendo eu o primeiro membro do episcopado que tive a honra de fazer uma apreciação solemne da vida de Christovão Colombo, considero como um imperioso dever depositar aos pés de Vossa Santidade a expressão do voto de grande numero de fiéis de todas as condições, e pertencendo a todas as classes da sociedade.

II. « Não dissimulo as difficuldades que hei de encontrar ao tratar de obter de Vossa Santidade a autorisação para apresentar á congregação dos ritos a causa de Christovão Colombo.

« Uma memoria especial responderá ás objecções que possam apparecer, e que eu mesmo me antecipo em apresentar aqui.

« Em razão do tempo decorrido desde a morte de Colombo, ha falta absoluta de testemunhas oculares e de milagres comprovados.

« Falta de um principio de culto, e por consequente, de fama de santidade.

« Impossibilidade de produzir o testemunho do bispo da diocese do apresentado, requisito este que as regras fixadas pelo Papa Benedicto XIV exigem como indispensavel.

« Supplico a Vossa Santidade que, emquanto espera pela mencionada memoria, especialmente destinada a combater aquellas e outras objecções, se digne lançar uma vista de olhos sobre as seguintes considerações ácerca de uma causa, que, póde dizer-se, unica e sem precedentes na Igreja.

« A causa de Christovão Colombo é verdadeiramente excepcional.

« Tudo, o homem, a obra, o cunho que lhe imprimio a Providencia, o triumpho que obteve, a ingratição dos homens para com elle, a usurpação da sua legitima gloria, que se verificou depois da sua morte, essa mesma morte, e até a sua sepultura, tudo foi excepcional na vida de Colombo.

« Por pouco que qualquer aprofunde o assumpto, logo se convence de que o descobrimento do Novo Mundo não podia de modo nenhum ser obra de um geographo qualquer, era preciso que fosse alguém chamado lá de cima para levar a cabo uma empreza de tanta magnitude.

« Todavia, a idéa de Colombo foi inteiramente sua; foi filha da sua propria resolução, que só pela Providencia lhe podia ser inspirada; e a não ser elle, ninguem, absolutamente ninguem, poderia tê-la posto em execução.

« A historia de Christovão Colombo é a de um homem excepcional, que de modo nenhum póde julgar-se pelas regras do criterio commum.

« Seguindo o exemplo da Providencia, o Papa dispensou-lhe favores exceptionaes.

« Nunca nenhum secular recebeu de Roma tantas demonstrações de confiança e carinho. Colombo era

casado, pai de familia, grande almirante, vice-rei, e, não obstante isso, a côrte de Roma autorizou-o a considerar-se como legado natural da Santa Sé nas novas terras onde proclamou a luz do Evangelho.

« Antes de apresentar a ninguem o seu projecto de descobrimento, Christovão Colombo havia pedido e obtido venia da Santa Sé.

« Innocencio VIII foi um dos que mais o protegêrão; o interesse e amizade que consagrava ao celebre navegante, pôde vêr-se ainda nas inscripções que ornão o seu tumulo na basilica de S. Pedro em Roma.

« Um dos seus successores, não contente com dispensar-lhe o titulo de « querido filho » (*dilectum filium*), declarou-o « completamente digno » (*utique dignum*) da alta missão que a Providencia o tinha chamado a desempenhar.

« Por uma simples reclamação de Colombo, o Papa publicou a famosa bulla da concessão á Hespanha; e, em resultado de uma indicação sua, o mesmo Pontífice traçou a celebre linha divisoria de um a outro pólo, que não deixava a possibilidade de litigio algum.

« Veja-se, pois, Santissimo Padre, a predilecção excepcional que a Santa Sé teve pela obra do descobrimento e pelo seu inspirado autor. » (*)

(*) Por vario modo tratárão Mad. Dubocage, Barlow, W. Irving, e outros escriptores de eternisar a memoria e os infortunios de Colombo. Na lingua de Camões pagou divida igual um filho da America, o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, que em um

CLARA FELIPPA CAMARÃO.

India, ligada em consorcio a D. Antonio Felippe Camarão (*), a quem seguio em todas as campanhas, tomando parte em todas as victorias, empunhando as armas, e incitando com seu exemplo as senhoras do Porto Calvo, que se desalentavão em gritos de terror, marchando á frente dellas contra os invasores, quando João Mauricio de Nassau tentava a conquista do mesm^o Porto Calvo, onde o Conde de Bagnolo acabou de fortificar-se (1634).

O nosso amigo Rangel de Sampaio, que com gosto cultivava a linguagem das musas, offereceu-nos a seguinte poesia a respeito de D. Clara:

Quem é que ora vejo? Tem face morena,
 Tem face morena
 De longe carmi?
 Tem longos cabellos, tão negros, lustrosos,
 Como é a plumagem do ameno japi.

poema, em que tomou acertadamente o nome do heróe, celebrou o descobrimento de seu continente meridional, que illustravão os monumentos de uma civilização mysteriosa, desenho vasto desenvolvido em não menos de quarenta cantos, repartidos por dous tomos maguificamente editados em Vienna d'Austria.

(*) Commendador, filho do Rio Grande do Norte, segundo descobrio o Sr. commendador Varnhagen, passando pela Bahia, (e o communicou ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 24 de Outubro de 1867), em um dos livros de registros das *provisões reaes* existentes no cartorio da fazenda. Carta Régia de 14 de Maio de 1633 dirigida a Mathias de Albuquerque.

E sobre essa coma, na fronte regina
 Na fronte regina
 Se vê ondular
 De pennas formosas e longas da arara
 Presas pela *icica* lindo *kanitar*.

Que os olhos mais negra não é a *guariba*,
 Não é a *guariba*,
 De certo não é ;
 Seus labios espessos de talhe faceiro
 São rubros, mais rubros que o rubro *tié*.

No collo robusto bem feito se ostenta,
 Bem feito se ostenta
 Não *ayucará*,
 Mas quadruplas voltas de contas mui lindas
 Da côr do *ajerú*, *coaracy* e *guará*.

Nos pulsos traz contas, na cinta elegante,
 Na cinta elegante
 Traz plumeo fraldão ;
 Traz pennas hrilhantes na curva da perna,
 Pendente umas settas, um arco na mão.

Quem és, linda joven das selvas brazilias,
 Das selvas brazilias
 Filha de Tupá ?
 Preferes *inubias* ao *memby* festivo ?
 Às lides da *oca*, forte *urupará* ?

A *taba* trocaste por campo de guerra,
 Por campo de guerra,
 Sangrento cruel ?
 Adoras a gloria, os louros, a fama ?
 Não vês que os precedem sabores de fél ?

Que fazes á frente de nymphas tão bellas,
 De nymphas tão bellas,
 Quaes só as brazis ?
 Procuras co'as armas vingar as offensas
 Causadas por settas de amores subtis ?

ELLA.

Ao Batavo intruso, expulso da patria ;
 Expulso da patria
 Mauricio Nassau.
 Já bastão de povos ferozes da Europa,
 Pois qual desses povos é máo, muito máo !

Os Luzos nos chegão — não cremos na Hollanda
 Não cremos na Hollanda,
 Que Lizia é peor ;
 Se Lizia por troca de amor deu-nos ferros,
 Os brancos da Hollanda não farão melhor !

Poty meu esposo, excelso, valente,
 Excelso, valente,
 Seus bravos chamou,
 Esposa de um bravo, serei heroína,
 Mover o *tacape* Poty me ensinou.

A' testa das jovens das tribus guerreiras,
 Das tribus guerreiras,
 De sangue tupy ;
 Eu hei dee screver p'ra sempre na historia
 O nome preclaro de Clara Poty !

Não miro interesse — nasci nestas selvas,
 Nasci nestas selvas,
 Eu Brazilia sou ;
 Conto em minha raça os bravos mais bravos,
 Quaes Jaguararys, e com elles eu vou.

Os filhos das selvas — esquecem vinganças,
 Esquecem vinganças,
 Suffocão seus ais,
 Se a patria periga, se tem oppressores,
 Só pensão na patria, em nada já mais!

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Nasceu a 6 de Junho de 1729 na cidade de Marianna. Estudou preparatorios no Rio de Janeiro com os padres jesuitas, e, em idade de 17 annos, partio para Portugal, afim de tomar o gráo academico em Coimbra, o que obteve na faculdade de leis. Suas inspirações poeticas desenvolvêrão-se durante seus estudos, e lhes grangeárão louvores e admiração.

Regressou ao Brasil, em 1765, e abraçou a profissão de advogado, estabelecendo sua residencia em Ouro Preto, então Villa Rica, da provincia de Minas. Compoz alguns trabalhos sobre economia politica, e litteratura antiga e moderna, que não forão publicados, mas que forão devidamente apreciados, e que corrião de um para outro leitor, extrahindo-se muitas cópias, que giravão por toda parte.

Em 1780 foi chamado pelo governador D. Rodrigo José de Menezes para o lugar de segundo secretario d'estado, lugar que abandonou, logo que Luiz da Cunha Menezes entregou em 1788 a administração da capitania ao seu substituto o Visconde de Barbacena.

Claudio Manoel da Costa entrou no plano dos revolucionarios Tiradentes, e outros, que pretendião a declaração de independencia, e o estabelecimento de uma republica; foi descoberto o plano, e presos todos os seus autores e participes.

Tocava Claudio a idade de 60 annos; acobardou-se inteiramente porque não era sua alma resignada, e paciente, porque seu corpo não era capaz de resistir ao peso dos ferros, humidade da prisão, ausencia de ar, e outros incommodos.

Preferindo, como Chatterton, por si mesmo deixar o mundo a nelle soffrer dôres e martyrios, suicidou-se na prisão, poucos dias depois de haver para ella entrado, comprimindo o pescoço com uma liga, para difficultar-lhe a communicacão de ar para os pulmões. Começava então o anno de 1789.

DAMIANNA DA CUNHA.

India que teve uma ascendencia espantosa sobre as tribus dos Cayapós, em busca dos quaes andou pelas mattas mezes e mezes, fazendo diversas entradas, e passando por missionaria. Falleceu em 1831, e nessa vida de peregrinação andou mais de vinte annos.

DIOGO ALVARES CORRÊA.

Nasceu em Vianna do Minho. Tencionando melhorar de fortuna embarcou para o Brasil. Na altura da Bahia naufragou, salvando-se com poucos companheiros.

Chegando á terra, forão todos devorados pelos selvagens Tupinambás, excepto Corrêa, por muito magro.

Corrêa vendo o triste fim de seus companheiros, procurou captar a benevolencia dos selvagens, trabalhando e convivendo com elles; e tendo por acaso vindo á praia

um mosquete e pólvora do barco naufragado, Diogo lançou mão de um e outro, e nunca mais os deixou.

Um dia, que vagueava com os selvagens, vendo um bando de passaros, apontou e disparou o mosquete com feliz resultado; pois os índios, cheios de assombro, e admiração, prostrarão-se bradando « *Caramurú, Caramurú.* » (*)

Desde esse dia tornou-se de prisioneiro em chefe, unio-se á bella india Paraguaçu, e teve immensos descendentes.

Actualmente os bahianos julgão-se venturosos, se podem contar entre seus ascendentes Caramurú e Paraguaçu.

O poeta mineiro Santa Rita Durão decantou-o em um bellissimo poema em oitava rima.

Alguns historiographos têm posto em duvida a existencia de Caramurú; Coruja, em seu *Compendio de Historia do Brasil*, pag. 31, diz « constar que em um antigo caderno de obitos da sé da Bahia se encontra o fallecimento de Caramurú, com o nome de Diogo Alvares Corrêa, a 5 de Outubro de 1557. »

(*) *Homem de fogo* é a significação de — *Caramurú*.

Caramurú é um peixe da familia dos *anguilli-formes*, especie de moreia grande, de dez e mais palmos de comprimento, cuja mordedura é perigosa, a ponto de fazer apodrecer e gangrenar as mãos e pernas dos que são mordidos della. Tem muitas espinhas; é gordo e saboroso peixe, assado sabe a leitão, anda junto das pedras, e dizem que têm ajuntamento com as cobras, porque muitas vezes têm sido encontradas no ventre, outras enroscadas com o *caramurú*, que as espera na praia.

Caramurú — nome do partido que procurava a contra-revolução de 7 de Abril de 1831.

Caramurú — nome de um partido, que na capital do Espirito-Santo festeja S. Benedicto, erecto no convento franciscano, em opposição aos devotos do mesmo santo, erecto na capella do Rosario. É verde a côr, de que usão os devotos *Caramurús*.

ESTACIO DE SÁ.

Sobrinho de Mem de Sá. Depois de entrar em luta com os Francezes, que estavam na posse do Rio de Janeiro, empenho em que alcançou mais de uma victoria, foi ferido no rosto com uma setta em 1567, passando á melhor vida um mez depois desse acontecimento.

Lê-se no periodico *Actualidade* (1862):

« No domingo ultimo fez-se a exhumação dos ossos de Estacio de Sá, depositados em uma sepultura da igreja do Castello. Apesar do que se diz na noticia official que abaixo publicamos, escripta por um membro do Instituto, assegurão-nos que a exhumação não foi feita como devia ser. Era obra para medicos que estivessem sós, e que com toda paciencia podessem combinar entre si, e chegar a um resultado que satisfizesse.

« Entretanto eis a noticia official da exhumação:

« O governador Mem de Sá conquistou o Rio de Janeiro aos Francezes, que haviam sabido angariar as sympathias dos Tamoyos, uma das mais valentes e esforçadas tribus brasileiras, que occupavão o littoral que se estende desde Cabo-Frio até Angra dos Reis.

« Estacio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, veio em 1565 com plenos poderes para fundar uma nova cidade n'uma das margens da bahia do Rio de Janeiro, e achou-se de guerra aberta com os terriveis adversarios dos Portuguezes, ou audazes Tamoyos. Era preciso afugenta-los, porque os antigos possuidores do paiz não cessavão de inquietar os seus conquistadores.

« Estacio de Sá, capitão e governador do Rio de Janeiro, vio-se por dous annos consecutivos accommet-

tido na sua nascente cidade, fundada sobre as encostas das montanhas que torneão o Pão de Assucar; requisiitou, pois, soccorro da Bahia, e seu tio veio em pessoa ajuda-lo nas guerras contra os Tamoyos.

« Uruçumirim, talvez praia do Flamengo, e Parana-cupu, depois ilha do Governador, erão as aldéas poderosas dos bravos Tamoyos. Estacio de Sá, audaz e animoso, marchou á frente de seus soldados, derrotou e expellio os Tamoyos para longe, mas a victoria de duas batalhas custou a vida ao governador. Uma setta varou-lhe o rosto, e Estacio de Sá succumbio em Fevereiro de 1567, depois de trinta dias de dolorosos tormentos.

« O primeiro governador foi sepultado na capella de toscos ramos e seccas palmas da sua aldéa. Dezeseis annos depois, seu primo Salvador Corrêa de Sá, segundo capitão e governador do Rio Janeiro, trasladava os seus restos mortaes para a nova capella dedicada a São Sebastião, e que havia feito erigir no morro do Castello.

« Sobre uma lapide de granito mal lavrado lê-se o seguinte epitaphio:

AQVI IAZ ESTACIO D
SAA PRO CAPITÃO E CÕ
QVISTADOR DTTA TERRA E
CIDÃDE E A CAMPA MA
DOV FAZER SALVADOR
CORÊA DE SAA SEV P
RIMO SEGD.º CAPITÃO
E GD.º CÕ SVAS ARMAS
E ESTA CAPELLA ACA
BOV O ANO de 1582.

« A igreja de São Sebastião, occupada pelos missionarios capuchinhos, entrou em concertos. Frei Caetano de Messina não quiz tocar no tumulto de Estacio de Sá sem que se lavrasse o competente termo. O Instituto Historico foi para isso designado por S. M. o Imperador.

« Sua Magestade Imperial chegou á antiga sé do Rio de Janeiro pelo meio dia, com os seus semanarios os Srs. Meira e Netto dos Reis. Já lá o esperavão os membros do Instituto, os Srs. Visconde de Sapucahy, Dr. Macedo, J. Norberto, Drs. Souza Ramos, e Carlos Honorio, Coruja, conselheiro Mello, e Dr. Lagos, e muitas pessoas gradas. O recinto da igreja achou-se para logo invadido por uma multidão de avidos curiosos de todas as classes e de ambos os sexos.

« S. M. o Imperador ordenou que se fizesse a exumação. Removida a lapide com facilidade, conheceu-se que não havia deposito algum; era uma campa rasa sobre o solo artificial da igreja.

« Nas primeiras camadas de argilla apparecêrão alguns ossos esparsos de criança; depois os ossos de um adulto, todos de data não mui remota, e finalmente, onde se concluia o aterro, e começava o solo da montanha, os ossos já delidos do grande capitão.

« O Sr. Dr. Souza Fontes dirigio as excavações com todo o cuidado, coadjuvado pelos Srs. Drs. Macedo e Pinheiro Guimarães; mas os ossos estavam em tal estado, que o craneo desfez-se nas mãos do Sr. Dr. Souza Fontes, quando elle dizia que Estacio de Sá devia ter tido uma bella cabeça.

« A exumação durou até ás cinco horas da tarde. S. M. o Imperador mostrou grande interesse em que se não perdesse uma só dessas reliquias que contão 295

annos! Seis horas seguidas esteve o Imperador em pé, dirigindo as excavações archeologicas por meio de suas sabias indicações e conselhos.

« Sua Magestade * recommendou a Fr. Caetano de Messina que tivesse todo o cuidado nesses restos venerandos; ao Sr. Dr. Souza Fontes que apresentasse um trabalho scientifico sobre o seu exame; ao Sr. Norberto que tomasse todas as notas e fizesse indagações historicas sobre a campa; e ao Sr. Visconde de Sapucahy que se lavrasse o termo respectivo por parte do Instituto Historico.

« Seguio-se um *memento* rezado ante os ossos pelos padres capuchinhos, ao qual assistio S. M. o Imperador, que retirou-se depois, descendo a montanha do Castello acompanhado de todas as pessoas, que presenciãrão esse acto de homenagem paga ao fundador da capital do Imperio.

« Hoje o Rio de Janeiro conta por seu brazão de armas as tres settas de S. Sebastião, symbolo tambem do martyrio de Estacio de Sá.

« Os seus restos, tocados pela mão imperial, têm de sér depositados em nova campa, e cobertos com a mesma lapide, que tem pelo menos a seu favor o merito historico. »

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Outubro de 1799, concluiu seus estudos de preparatorios na idade de 19 annos. Seu pai, que era professor de primeiras letras, deixou o magisterio para ser mercador de livros, e chamou para o balcão seu filho Evaristo.

Ahi desenvolveu esta intelligencia, vivendo entre os livros, com os quaes conversava durante longas horas da noite.

A fortuna adquirida no negocio distribuia-a pelos desvalidos, a quem sua caridade hia encontrar até em paizes estrangeiros; e não querendo ser tambem avaro das riquezas intellectuaes, começou a dirigir exclusivamente desde 1828 a *Aurora Fluminense*, que se tornou a tribuna, em que se advogavão os interesses publicos, o pulpito de que baixavão lições para o povo. Durou oito annos este periodico, orgão das necessidades do povo, defensor de seus direitos, campeão destemido das liberdades publicas, guia consciencioso da opinião.

Negociante honrado, homem affavel, e esposo modelo, foi tres vezes escolhido representante da provincia de Minas na camara dos deputados, e em 1836 reunio dous diplomas — o de Minas e do Rio de Janeiro.

Sua conducta politica pertence já á historia. Sua doutrina era — liberdade moderada para o povo, prestigio e força para a monarchia, respeito ás leis, fiel observancia da Constituição.

Combatendo face a face a idéa de restauração do ex-Imperador, cuja realização considerava uma fonte de males, na noite de 8 de Novembro de 1832, achando-se em sua loja discorrendo em companhia de varias pessoas, ouviu o estrondo de uma pistola, e vio tres de seus amigos cahirem por terra banhados em sangue. Evaristo levemente ferido corre á porta da loja, explica ao povo a scena que se acaba de dar, e termina — *Não nos farão calar com estes argumentos.*

Em 30 de Dezembro de 1835 cessou a publicação da *Aurora*, e desde então conservou-se afastado dos negocios publicos.

Falleceu em 12 de Maio de 1837, depois de sete dias de soffrimento, dando á sua esposa, e ás suas tenras filhas, este ultimo conselho — *Vivei no santo temor de Deos e nelle confiai, e em mey irmão.*

Muitas poesias se publicárão por occasião do passamento de Evaristo; — algumas dellas forão recolhidas no *Semario*, periodico que dirigimos em 1857, e no *Jardim Poetico*, collecção de poesias de naturaes do Espirito-Santo, que em duas séries publicámos em 1858 e 1860. O distincto poeta brasileiro, o Sr. Gonçalves Magalhães, compoz uma bella ode, que anda em seus *Suspiros e Saudades*, da qual é a seguinte estrophe:

« Onde está elle ? Esse homem fabricado
 « De sangue novo, pelo molde antigo,
 « De grega e de romana contextura,
 « De tempera sublime,
 « Que vale mais que os seculos que o produzem ?

FRANCISCO AGOSTINHO GOMES.

Nasceu na cidade da Bahia a 4 de Julho de 1769, de pais opulentos, que o destinavão á vida ecclesiastica, para que não tinha vocação. O seu patrimonio, entregue á gestão de imperitos e esportos, ficou desfalcado e reduzido a pouco, além de ser Gomes levado a rixosos litigios, e acerbos desgostos.

Calumnias contra Gomes e prevenções politicas da Metropole, o determinárão a ir a Portugal em 1797 ou 1798, voltando á Bahia, depois de desfeitas taes prevenções, já recommendado pelo ministerio, a que fôra suspeito, como cidadão prestante.

Foi deputado á assembléa constituinte em 1821 —nunca pertenceu á seita dos idealistas, que presumem poder sulcar-se o oceano da metaphysica politica, perdida a terra de vista, sem outra bussola nem outro compasso mais do que a simples razão humana ! Prezava a liberdade pautada pela lei, e assentada sobre as regras imprescriptiveis do justo e do honesto.

Não era homem proprio para realçar nas discussões parlamentares ; nem o seu genio ; nem a sua excessiva timidez, nem a sua mesma compleição o habilitavão para fallar desembaraçadamente em publico, dado em verdade que não lhe faltavão as condições adequadas para poder entrar na analyse e na polemica de quaesquer assumptos ; foi deputado de consciencia , e trabalhando accuradamente nas differentes commissões, para que fóra nomeado, teve ahi occasião de remir, por assim dizer, o seu silencio na tribuna, ganhando desta arte o respeito, admiração e benevolencia das maiores illustrações da assembléa.

Regressou ao Brasil, depois de assignar com seus comprovincianos o protesto dirigido ao congresso portuguez para se considerarem como nullos os seus poderes, e por conseguinte incompetentes para haverem de aceitar e assignar em nome de seus preponentes a nova constituição, já então decretada para a monarchia portugueza.

Foi deputado á primeira legislatura ordinaria, e não tomou assento, affligido com gravissimos achaques, e amargurado de pungentes dissabores.

Enriqueceu o jardim real de Lisboa com muitas plantas indigenas do Brasil, publicou uma memoria apologetica por occasião de ser rejeitado em 1836 na camara electiva

o tratado de commercio entre o Brasil e Portugal, e muitos artigos de valia em alguns jornaes da Bahia e de Pernambuco, sendo fama que redigira uma folha politica em Pernambuco em quanto alli se demorou no ultimo regresso de Portugal.

E como decifrar esta especie de anomalia? Tantas luzes por uma parte, e por outra tanta avareza em as diffundir? Seja licito explica-la, e resolvê-la com estas palavras: — *Que a capacidade litteraria e scientifica, por mais possante que seja, nem sempre pôde triumphar dos nossos habitos, nem vencer aquella desconfiança e temor de si mesmo,* que o padre Antonio Vieira appellidára de virtude. O que á primeira vista parece um como contrasenso, revela ao contrario uma grande qualidade, companheira inseparavel do verdadeiro saber, a da modestia, e esta Gomes possuia em gráo superior.

De coração beneficente, mandou á sua custa estudar na Europa alguns mancebos-meros favorecidos de fortuna, adiantou gratuitamente quantiosas sommas para a introdução e propagação da cultura da pimenta da India; emprehendeu a criação de uma companhia de fundição de ferro e cobre descoberto nas serranias de varios districtos da Bahia; fez vir de Portugal e Inglaterra differentes machinas e instrumentos apropriados para o melhoramento dos processos agricolas do paiz, e concorreu para a fundação da bibliotheca publica da Bahia, abrindo finalmente a bolsa para actos de caridade publica e particular.

Morreu pobre e desacompanhado, até quasi ignorado na mesma terra, que o víra nascer rico e applaudido, Quasi ignorado em verdade, porque mal do homem de

letras! esquecido vive, e esquecido acaba. Falleceu em 19 de Fevereiro de 1842 (*).

FRANCISCO DE CASTRO MORAES.

Governador do Rio de Janeiro em 1710, sem animo e sem disposição para combater os Francezes, que nessa época buscavão conquistar o territorio brasileiro.

O general da primeira tentativa, durante a administração deste governador, João Francisco Du Clerc, entregou-se á prisão, com os seus, para salvar a vida, sendo assassinado em 18 de Março de 1711 em uma casa em que se achava, não sabendo os soldados que o guardavão quem fôra o autor desse facto, que não foi averiguado.

Na segunda tentativa, sob o mando do general Renato du Guai Trouin, compondose a armada de sete náos, oito fragatas, e duas travessias com 5,396 praças, mais felizes forão, tomando a fortaleza da ilha das Cobras, d'onde pretendião bombardear a cidade, se o governador não capitulasse por uma grande porção de ouro, que veio a ficar em seiscentos mil cruzados, cem caixas de assucar, e duzentos bois, para o que concorreu a Fazenda Real, os moradores da cidade e reconcavo, e algumas ordens religiosas.

Esta capitulação teve lugar, quando já os Francezes estavam occupando a cidade, que saqueárão, e em que achárão um despojo mais rico do que suppunhão, porque importou muitos milhões. Sahirão em 26 de Outubro de 1711.

(*) A *Min. Bras.* de Maio de 1844 n. 14 do vol. 2º traz uma biographia deste Brasileirô escripta pelo engenheiro Francisco Primo de Souza Aguiar. A noticia que consultámos é do Sr. Bivar.

FRANCISCO DE MELLO FRANCO (DOUTOR).

Nasceu em Paracatú, na provincia de Minas-Geraes, a 17 de Setembro de 1757. Tomou o gráo de bacharel em medicina pela universidade de Coimbra.

Por quatro annos esteve preso nas masmorras da inquisição, carregado de ferros, por haver sido accusado como irreligioso; e nesse tempo compoz algumas elegias, intituladas — *Noites sem somno*.

Foi tambem encarcerada uma senhora para servir de testemunha da irreligiosidade, de que Mello Franco era accusado, e supportou todos os tormentos com uma coragem pouco commum; em recompensa deste procedimento, Mello Franco a tomou por esposa, depois de solto.

Compoz em quinze dias, antes de terminar os estudos escolares, o poema *Reino da estupidez*, obra em que pretendeu fazer patente a todo o mundo o que a universidade era em seu conceito, apezar de julgar prudente supportar com indifferença tudo que visse e ouvisse. Este poema, disperso por toda parte em uma occasião de festa, se por um lado produziu odios, e desejos de vingança, e até a prisão e degredo de muitos innocentes por denunciaçes vagas, por outro lado produziu beneficos resultados, mandando D. Maria I substituir o reitor da universidade, e fazer nesta muitas outras reformas.

Desejoso de voltar para sua patria, vio-se embaraçado em falta de meios para transportar-se com sua familia, por lh'os haver recusado o correspondente em Lisboa; e vendo-se obrigado a persistir nesta cidade no uso de sua profissão, teve occasião de curar com felicidade a

Condessa de Obidos de uma dispepsia obstinadissima, que os medicos mais notaveis haviam declarado desesperada. Esta occurrencia tornou-se tão publica, que muito contribuiu para gloria deste habil pratico.

Publicou tambem em 1789 um tratado da educação physica dos meninos, que chegou á terceira edição.

Mello Franco gozava de grande reputação em Lisboa, tinha muito que fazer, possuia a amizade das pessoas mais conspicuas, e já alguma riqueza havia adquirido; parecia que não tornaria mais á sua patria, quando o destino determinou que acabasse nella a existencia, cheio de desgostos, pobre, e quasi sem reputação. Vendeu tudo que possuia para, em qualidade de medico escolhido por D. João VI, acompanhar a Princeza d'Austria, promettida em consorcio do principe D. Pedro, primeiro Imperador.

Dirigio-se a Liorne para esperar a princeza, e de lá partio ao Rio de Janeiro, onde chegou com ella em fins do anno de 1817. O rei o acolheu com muito agrado e benignidade; mas homens versados nas intrigas e baixezas da côrte, nas quaes são sempre supplantadas as pessoas simples e rectas, receiando a sombra que Mello Franco lhes podia fazer, tratavão de o afastar da graça, tornando-o suspeito aos olhos do rei, a quem advertirão que Mello Franco era um dos que entrarão na conspiração de Lisboa, que tinha por fim dar o rei por demente.

Retirou-se-lhe logo a permissão de entrar no paço, e fez-se-lhe perder as esperanças de retribuição, que lhe fôra promettida, aos sacrificios que fizera.

Sua fortuna, posta nas mãos de um negociante seu falso amigo, que fizera uma banca-rota fraudulenta,

desappareceu em um só dia, fructo de muitos annos de fadigas, e patrimonio de seus filhos.

Tantas circumstancias accumuladas, a mudança de clima e habitos de vida o fizerão cahir em uma febre consumptiva, que fez rapidos progressos. Não tendo experimentado o menor allivio em S. Paulo, para onde partira por conselho de amigos, voltou ao Rio de Janeiro em uma canôa de voga, e quando era na altura de Ubatuba, pediu que aportassem, e ahi, debaixo de uma palhoça, acabou seus dias a 22 de Julho de 1823. Deixou quatro filhos. Era bom poeta, e conhecia a fundo algumas linguas (*).

FRANCISCO DE PAULA SOUZA E MELLO.

Nasceu na cidade de Itú, da provincia de S. Paulo, em 13 de Junho de 1791. Era de uma constituição tão debil, e de uma saude tão fraca, que seus pais temêrão manda-lo para a escola; mas elle os havia enganado, porque a furto procurou seu mestre, e estava prompto nas primeiras letras.

Estudou latim, francez, e italiano com um seu tio, que fôra jesuita, e, a instancias deste prelado, consentirão seus pais, que fosse para S. Paulo estudar humanidades; em um anno fez exame de rhetorica e philosophia. A morte de seu pai o fez voltar para Itú, onde se conservou até 1821, em que, como secretario da camara, escreveu o primeiro acto official que falla da Independencia.

(*) Vid. Dice. bibl. port., de Innoc., vol. 3º, 1859.

Com fortuna, ainda que mediocre, collocou-se n'uma athmosphera independente; e, "acostumado a soffrer, trocou o bulicio do mundo por essa especie de hypogeo, onde se encontrão os mortos com os vivos de todas as nações da terra, e fez de sua bibliotheca o seu mundo, e os seus prazeres; — foi na vida silenciosa, na universidade do gabinete, onde avultou aquella espantosa realidade, aquelle doutor sem carta, que conquistou uma reputação, que durante vinte e nove annos foi um continuo triumpho.

Députado ás côrtes, á constituinte, e em todas as legislaturas, foi por ultimo escolhido senador. Chamado á presidencia do conselho, á pratica dos negocios, encontrou aquelles obstaculos naturaes, que o homem virtuoso encontra na direcção de um mundo, onde pleiteão a verdade com o interesse, e a moral com o egoismo. Idealista, havia talhado um mundo [que se não compadecia com os homens da sua época; honrado e virtuoso desdenhava a prevenção como um abysmo de injustiças, seni se lembrar que ella é o grande escudo protector do homem de estado na pratica; dos negocios, o qual é necessario que marche com um olho no Evangelho, e com o outro no *Principe* de Machiavello. Amava a monarchia constitucional, preferia a razão á conveniencia, e a tolerancia á compressão. Por amor da verdade immolou sempre o interesse, e por ella sacrificou mais de uma vez o seu egoismo. Falleceu em 1852:

Em 18 de Novembro de 1866 falleceu em Itú um de seus filhos, o conselheiro Antonio Francisco de Paula e Souza, que, pouco tempo havia, exercéra o cargo de ministro da agricultura e obras publicas, e fôra mais de uma vez

eleito deputado á assemblea geral pela sua provincia.

FRANCISCO DE S. JERONYMO (D.)

Bispo do Rio de Janeiro, de cujo cargo tomou posse em 11 de Junho de 1702.

Edificou á sua custa, no monte da Conceição, o palacio em que residem os bispos, para o que havia dado o Rei oito mil cruzados.

A elle se deve a fundação do convento de Nossa Senhora da Conceição d'Ajuda, para que foi, em 19 de Fevereiro de 1705, prestado o consentimento devido.

Declarou dia de guarda, santificado para os moradores do Rio de Janeiro, o dia de S. Januario, em memoria da victoria alcançada contra os Francezes em 19 de Setembro de 1710.

Contão-se muitos factos de virtude, caridade e bons successos deste bispo, entre os quaes citaremos os seguintes :

Á bordo do navio, que o conduzia, ateou-se um incendio, causado pelo fogo de uma caldeira de alcatrão, incendio que se estendêra ás enxarcias, e mais cordoalha; instantaneamente, por sua intervenção, terminou Deos o incendio, e salvou a embarcação, e a tripolação.

Pelas suas rogativas a Deos, livrou este do ultimo paroxismo a um enfermo no seu palacio. Depois de pa-

decer dilatado tempo, sem achar remedio á sua enfermidade, senão por meio da separação de uma perna, para cuja operação estava já disposto, e munido com os remedios d'alma, inteiramente se restituiu á saude, não precisando de outra medicina, senão o — *surge et ambulat*.

FRANCISCO DO MONTE ALVERNE (FR.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 9 de Agosto de 1784, e no seculo teve o nome de Francisco José de Carvalho. Em 28 de Junho de 1801 tomou o habito para frade do coro no convento de S. Antonio, e professou em 3 de Outubro de 1802. Distincto por talento transcendente, por incessante estudo, e pela austeridade de suas virtudes; lente de prima, de theologia dogmatica, de philosophia e de rhetorica, rodeou-se de uma mocidade ardente e esperançosa, que espalhava a fama de seu saber, e os prodigios de sua eloquencia.

Em Outubro de 1816 sua reputação de orador tão firmada estava, que foi nomeado prégador régio. Na serie não interrompida das victorias do pulpito, illustrou-se elle por mais de vinte annos; e, como elle diz, teve de lutar com S. Carlos, Sampaio, conego Januario, monsenhor Neto, gigantes da oratoria, e, em resultado de tantas fadigas, vio a extenuação de seu cerebro, e a perda irreparavel de sua vista.

Dezoito annos jazeu recolhido no claustro, retirado no silencio, sendo apenas animada sua vida pela resignação. Desse retiro veio arranca-lo em um dia de arrebadoras, e saudosas recordações, a voz animadora do Imperador. Era o dia solemne de S. Pedro de Al-

cantara de 1854; ia ouvir-se na capella imperial, immensamente concorrida, a palavra do velho inspirado.

Não foi vão o seu apparecimento no pulpito; Monte Alverne era Milton escrevendo a ultima pagina do seu immortal poema; era Homero repetindo o derradeiro canto da Illiada. Velho, alquebrado pelos annos, pela cegueira, e por molestias repetidas, Monte Alverne descançou em fim a 3 de Dezembro de 1858. Uma das mais altas illustrações do paiz, era membro de muitas sociedades scientificas, e em sessão magna da sociedade « Ensaio Philosophico » de 10 de Dezembro de 1848 foi solememente proclamado « *genuino representante da philosophia do espirito humano no Brasil* » recebendo das mãos do bispo conde capellão-mór, que presidia a sessão, uma corôa de louro, que lhe offereceu aquella sociedade.

Foi honrado em 4 de Outubro de 1855 com uma visita pessoal de Sua Magestade o Imperador, e sua Augusta Esposa, que se dignárão demorar-se algum tempo na cella humilde do franciscano.

Morreu aos 79 annos de idade, legando á patria suas obras oratorias, e gravando em intelligencias brilhantes e illustradas de numerosos discipulos as lições de sua portentosa eloquencia, e de sua philosophia espiritualista.

FRANCISCO DIAS PAES.

Foi o primeiro sertanejo, que descobrio, pelos annos de 1664, minas de ouro, e pedras preciosas no interior da provincia de Minas. Seu irmão Garcia Ródrigues Paes

em 1863 obteve patente de capitão-mór das entradas e descobertas das minas de esmeraldas.

FRANCISCO PEDRO DO AMARAL.

Estudou desenho por espaço de sete annos na escola publica fundada no Rio de Janeiro por Manoel Dias de Oliveira Brasiense, mas pouco avançou, apesar de sua constante applicação, tendo começado o seu desenvolvimento com a vinda de artistas francezes, e com os os exemplos que estes derão nas festas do casamento do principe com a Archiduqueza d'Austria, primeira Imperatriz do Brasil.

O primeiro trabalho de Francisco Pedro, que fez a admiração geral, foi uma miscellanea, que se conserva no museu nacional, offerecida ao ministro Thomaz Antonio, afim de que este o nomeasse substituto da cadeira de desenho, o que não teve lugar por causa da projectada vinda dos artistas francezes, que devião fundar uma academia de bellas-artes, a que ficou addido Francisco Pedro, sem vencimento.

Para subsistir foi trabalhar debaixo da direcção de Manoel da Costa, (com quem esteve alguns annos, apesar de insuportavel character), pintor portuguez, e scenographo do real theatro de S. João, onde trabalhou tambem, tempos depois, com o pintor e architecto italiano Argenzio.

Encarregado pelo mordomo imperial de diversos trabalhos, deixou o theatro, e se occupou exclusivamente da decoraçào.

Logo que chegou ao Rio de Janeiro a primeira im-

prensa lithographica com um suiso Steinmann, veio tambem uma pequena prensa para o fallecido imperador fazer ensaios particulares. Francisco Pedro foi o ajudante do principe, pela sua habilidade, e foi victima de sua fidelidade e respeito, por que o tornárão unico responsavel de duas caricaturas, que em S. Christovão se estampárão.

Fez a obra de decoraçãõ nas duas grandes salas, que servirãõ de bibliotheca publica, a chamado de Frei Antonio d'Arrabida, depois bispo de Anemuria.

Depois da bibliotheca passou a pintar a fresco todo o palacio da Marqueza de Santos, obra em que desenvolveu um grande talento de compositor e poeta; hoje nada existe, desde que foi de todo reconstruido o palacio. Fundou em 1827 a sociedade de S. Lucas, composta de todos os pintores, e á sua morte, que teve lugar em 10 de Novembro de 1830, tinha ella um fundo sufficiente para acudir a seus irmãos necessitados.

Cuidou sempre de sua velha mãi, e de uma irmã, que tinha em sua companhia. Foi um dos discipulos mais estimados de Mr. Debret, e sendo os nossos artistas obrigados a trabalhar em tudo, porque no paiz não existia a pintura monumental, Francisco Pedro era dourador, estucador, architecto, scenographo, decorador, e paisagista.

Era de côr parda, estatura média, e de uma physionomia intelligente. Contaremos um facto: — Costumava o mestre Manoel da Costa dormir largo espaço para completar a digestão, e fazia-o na propria sala da pintura, por cima do tecto do theatro. Francisco Pedro, em um dia de pouco trabalho, e de mais largo somno do mestre escondeu-lhe as chinellas, e pintou em seu lugar outras iguaes. Começa a fazer grande barulho, e Ma-

noel da Costa sentando-se sobresaltado, quer calçar-se, mas em vão : seus pés passavão e repassavão no ar, roçavão pelo chão, e nunca enfiavão as chinellas. Abaixa-se, e reconhecendo o ardil, corre para o discipulo com um sarrafo, que, a não ser a ligeireza de Francisco Pedro, alli ficaria morto.

GABRIEL JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS.

Nasceu em S. Paulo ao 1º de Abril de 1816, sem o prestigio de um nome, e sem o condão da riqueza. Tomou o grão de bacharel em direito em Novembro de 1836, quando contava vinte annos de idade, e dous annos depois defendeu theses, e tomou o grão de doutor.

Nas sociedades, nos clubs, e nas discussões academicas Gabriel fez-se logo notável pela eloquencia, com que sustentava os principios liberaes, que não abandonou durante sua vida.

Em 1840 foi eleito deputado á assembléa de S. Paulo, lugar que lhe disputarão sob pretexto de faltar-lhe a idade, porém venceu sua boa causa.

Foi secretario da provincia na presidencia do brigadeiro Tobias de Aguiar.

Em 1842 seguiu o destino dos seus amigos nos movimentos de S. Paulo e Minas, e soffreu resignado as consequencias do falso passo que dera.

Em 1845 foi eleito deputado pela sua provincia, e, sendo reeleito, tomou parte na sessão de 1848.

A dissolução da camara em 1849 lançou Gabriel na arena do jornalismo, e no jornal *Ypiranga*, de que foi um dos mais constantes collaboradores, espalhou suas idéas,

e fallou com a penna quando não pôde fallar com a voz.

Arrefecendo as lutas politicas pela execução do programma do gabinete Paraná, tolerante e moderado, e filho de um influxo magestoso, o merecimento do Dr. Gabriel foi aproveitado por seus proprios e antigos adversarios.

Em 1854 recebeu a nomeação de lente da academia de S. Paulo;— em 1856 o districto do Rio Claro o elegeu deputado á assembléa geral, e no anno seguinte o mesmo districto, e o de Taubaté, o escolhérão para seu representante na assembléa provincial de S. Paulo, de que foi presidente em 1858.

Contava 42 annos de idade, quando a morte cortou-lhe a vida no dia 23 de Maio de 1858. Vida curta e trabalhosa, porém cheia, e brilhante. Ao bem de sua provincia consagrou elle as horas que lhe deixava a politica, o magisterio, e a advocacia, que foi em todos os tempos a fonte d'onde tirava recursos.

Na sociedade Auxiliadora da Industria de S. Paulo, ou fóra della, procurou, com o mais patriotico esforço, encorajar e desenvolver a agricultura naquella parte do Imperio, e especialmente introduzir nella o cultivo do trigo (*).

(*) Aos *Discursos parlamentares* do Dr. Gabriel, volume publicado em 1863 na officina de Paula Brito, precede uma biographia do mesmo, que nos parece da bella penna do Dr. Paulo Antonio do Valle. É digna de ser consultada, porque mais de um motivo a faz interessante.

GOMES FREYRE DE ANDRADE.

Governador do Rio de Janeiro, desinteressado, casto, zeloso do serviço publico. A entrega da praça da Colonia do Sacramento aos Castelhanos pelo seu governador Vicente da Silva Fonseca, e uma carta anonyma com duas balas, que insolentemente introduzirão em seu palacio, ameaçando-o em sua vida, e arguindo-o de cumplice na entrega daquella praça, o fizeram apaixonar de modo, que falleceu em 1 de Janeiro de 1763, tendo governado a capitania vinte e nove annos, cinco mezes, e quatro dias, com satisfação do povo.

Gomes Freyre de Andrade é tambem o nome de um governador mandado de Lisboa para o Maranhão, em Março de 1685. o qual abafou o movimento revoltoso, alli levantado por *Bekeman*, ou *Bequimão* (Vid. este nome).

Gomes Freyre de Andrade é o nome de um descendente deste governador, que foi fuzilado em 1817 na esplanada da torre de S. Julião da Barra, em Lisboa, onde estava preso (*).

GREGORIO DE MATTOS.

Nasceu na Bahia a 7 de Abril de 1623, e, feitos seus primeiros estudos, passou a Coimbra, onde doutorou-se na faculdade de leis.

(*) Vide Dictionario Bibliographico Portuguez, de Innocencio . vol. 3º, 1859.

Exerceu a advocacia com grande credito, e servio o lugar de juiz do crime, e tambem o de orphãos.

Era poeta, refinado na satyra, de que não escapou nem sua propria mulher.

Conta-se de seu genio extravagante, além de muitas anedoctas, a seguinte :— sua mulher sahio para casa do tio, desesperada das desenvolturas de Gregorio — o tio, querendo restabelecê-la na amizade de seu marido, achou este bem disposto, sómente com a condição de que a receberia das mãos de um capitão do matto, como escrava fugitiva, acto que se executou da fórma mais decorosa, pagando Gregorio generosamente ao capitão do matto, e protestando então que todos os filhos que tivesse deste matrimonio se chamarião Gonçalos, para que se dissesse que sua casa era de Gonçalo.

Ferindo elle com suas satyras a todos, e a tudo, ficou solitario, e resolveu-se portanto a peregrinar pelo reconcavo até mesmo para pôr em mais segurança seus dias, que perigavão no meio de tantos offendidos.

O governador da Bahia D. João de Alencastre, victima tambem do genio de Gregorio, resolveu-se a pô-lo fóra da Bahia, fazendo-o cahir de muito boa fé em prisão, e desta no extermínio para Angola, por meio de um engano.

Desembaraçado em Angola, deu-se outra vez á advocacia ; e por alguns serviços que prestára ao governador em uma rebellião da tropa, não forão embargados os seus desejos de passar-se a Pernambuco, onde o respectivo governador Caetano de Mello e Castro, lastimado de o ver tão perseguido e pobre, lhe fez presente de uma bolsa bem provida, intimando-lhe que cortasse muito os *bicos da penna*, se o queria ter por amigo.

Enfermando de febres, morreu aos 73 annos de idade,

em 1696, deixando um só filho de seu consorcio, que não herdou o éstro de seu pai (*).

HENRIQUE LUIZ DE NIEMEYER BELLEGARDE.
(MAJOR DE ENGENHEIROS.)

Falleceu em 21 de Janeiro de 1839, tendo nascido em Lisboa a 12 de Outubro de 1802.

Á elle se deve a construcção do pharol de Cabo-Frio, que se avista a quinze leguas de distancia; o melhoramento da barra do mesmo Cabo; os argolões de espia collocados no focinho da rocha, e na barra mencionada, as pontes da cidade de Campos, e de Itajurú, os canaes de Cacimbas, do Ururahy, e de Maricá.

A elle se deve tambem o estabelecimento de uma casa de caridade em Cabo-Frio, e de uma confraria que tem a seu cargo a cura dos enfermos, e a consolação da humanidade afflicta.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

Nasceu no Rió de Janeiro ao acabar o anno de 1748. Encetou seus estudos no collegio dos jesuitas, e dirigio-se a Coimbra, onde tomou o gráo de bacharel em canones.

Foi nomeado juiz de fóra de Cintra, por empenho de seu amigo e protector o Rio-grandense padre Manoel de

(*) Vide Varões Illustres, de Pereira da Silva, vol. 4º, 1858, e Dictionario Bibliographico Portuguez, de Innocencio, vol. 3º, 1859.

Macedo, jesuita celebre, que se passára, com a desnaturação da companhia, para a congregação de S. Felippe Nery, de Lisboa.

Depois de exercer o lugar de juiz por espaço de tres annos, desejando regressar á sua patria, obteve a nomeação de ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, em Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1776, travou-se de amizade com o vice-rei o Marquez de Lavradio, que o animou a desenvolver o seu genio poetico.

Seguiu para sua comarca, onde foi magistrado integro e illustrado, para quem a justiça não tinha duas faces, e para quem a lei não se prestava a diversas interpretações; nos momentos que repousava de suas obrigações entregava-se á poesia.

Findo seu tempo de ouvidor, renunciou a carreira, e conservou-se em S. João d'El-Rei, casando-se e entregando-se aos prazeres domesticos, e cuidando de uma fazenda e lavras que á sua mulher couberão em dote.

Foi nomeado, e dignamente exerceu, o emprego de coronel de cavallaria de milicias da Campanha do Rio Verde. Mas a tranquillidade de sua vida desapareceu. Quando diversos amigos de Peixoto combinárão separar a capitania de Minas do governo portuguez, e proclamar a liberdade, Peixoto foi preso com seus amigos, recolhido á cadeia de Villa Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, abandonando assim esposa, e quatro filhinhos todos innocentes, e de tenra idade.

Por Accórdão de 18 de Abril de 1792 foi condemnado á morte, com infamia para si e seus filhos e netos, e confiscação de bens, sendo a pena de morte commutada por Accórdão de 2 de Maio do mesmo anno em degredo per-

petuo para o presidio de Ambaca, nos sertões de Angola.

O presidio de Ambaca o recebeu, não o mesmo Peixoto de presença alegre, de olhos vivos, e de força varonil, mas um velho carregado de cans, curvado de dôres e soffrimentos, e mais proprio do sepulchro, em que cahio, quando raiava o anno de 1793. Em uma só noite, naquella que se seguiu ao dia da sentença cruel, os cabellos se lhe mudárão de cór, e de castanhos que erão tornárão-se repentinamente brancos; as grandes dôres metamorphoseão repentinamente o homem, semblante, cabellos, intelligencia, não de susto, mas de sentimento! (*).

JANUARIO DA CUNHA BARBOZA.

(CONEGO.)

Falleceu no Rio de Janeiro, onde tinha nascido, em 22 de Fevereiro de 1846, com 66 annos de idade.

Sua vida se dividio entre o altar e a patria. A esta prestou relevantes serviços desde a época memoravel de sua independencia, encetando a carreira do jornalismo com a publicação do *Reverbero*, e trabalhando com denodo e energia.

Desterrado pelos Andradas, o conego regressou pouco depois da dissolução da assembléa constituinte, e, na primeira sessão da assembléa geral legislativa, tomou assento como deputado.

Dedicou-se com actividade á cultura das letras, e da

(*) Vide Varões Illustres, de Pereira da Silva, vol. 2º, 1858.

poesia , publicando o *Parnaso Brasileiro*, hoje raro, o poema dos *Garimpeiros*, sendo redactor em chefe do *Correio do Brasil*, ou *Gazeta Official do Governo*.

Foi uma das columnas monumentaes da fundação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sociedade que conta trinta annos de existencia, e agente incansavel da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e de ambas foi secretario.

Era lente jubilado de philosophia , commendador de duas ordens brasileiras, e de algumas estrangeiras, official do Cruzeiro, e socio de dezoito congregações scientificas e litterarias da Europa e America.

JERONYMO FRANCISCO COELHO.

Nasceu na cidade da Laguna, da provincia de Santa Catharina, a 30 de Setembro de 1806, sem o berço da riqueza, nem a perspectiva da fortuna. Na provincia do Ceará, onde seu pai, em 1813, era inspector das tropas, assentou elle praça de primeiro cadete, na companhia de artilharia, nesse mesmo anno.

Em 1815 voltou ao Rio de Janeiro, foi escuso da praça, e achou-se orphão e sem amparo, vendo seu pai exhalar o ultimo suspiro. Sua mãe, que ainda lhe ficára, desvelou-se pela sua educação, fazendo-o cursar latinidade, e philosophia racional e moral.

Assentando praça de novo em 16 de Fevereiro de 1816 no regimento de artilharia, e terminando seus estudos, matriculou-se na academia militar em 8 de Março de 1820, e nella primou sempre, alcançando premios, e conquistando

do as cartas de dous cursos de mathematicas, e engenharia.

Em Fevereiro de 1823 foi promovido a segundo tenente, e vinte mezes depois, em Outubro de 1824, quando contava apenas 18 annos de idade, era capitão.

Os acontecimentos politicos de 1831, a prohibição de promoções decretada pela assembléa geral, e a subseqüente desorganisação do exercito, interromperão o brilhante caminho de Jeronymo Coelho, que só foi despachado major em 1837, tenente-coronel em 1842, coronel em 1847, e brigadeiro em 1855.

A sua provincia deu-lhe um assento na assembléa provincial desde 1835 até 1847, e enviou-o á assembléa geral, como seu deputado, desde 1838 até 1847.

Em 1844 foi chamado aos conselhos da corôa na qualidade de ministro da guerra, e coube-lhe a gloria de ver pacificado o Rio Grande do Sul no tempo de sua administração. Em 1848 foi nomeado presidente do Pará, deixando esta commissão em 1850.

De volta á capital do Imperio exerceu, durante seis annos, diversos e importantes cargos militares, e em 1856 foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul.

Em 1857, depois de um esquecimento de oito annos, a provincia de Santa Catharina o mandou representa-la na camara temporaria, como seu deputado, e em 4 de Maio desse anno foi encarregado de novo da pasta da guerra.

Apezar de abatido por uma dolorosa enfermidade, ainda prestou relevantes serviços ao seu paiz, com esforço heroico, no parlamento e fóra d'elle, até que, passando a pasta ao seu collegá da marinha, e retirando-se da camara para

cuidar de sua saúde, deu alma ao Creador em Nova-Friburgo no dia 16 de Janeiro de 1859.

Bom amigo, filho extremoso, pai desvelado, moderado e prudente, sem se mostrar duvidoso em seu posto, decidido propugnador da opinião liberal, de elocução facil, clara, e graciosa, tão sereno nas horas de triumpho como nos dias da adversidade, morreu pobre, como tinha nascido, legando a seus filhos sua mãe, pobre velhinha, testamento digno de um dos vultos heroicos da Grecia.

JOÃO BAPTISTA VIEIRA GODINHO.

(TENENTE GENERAL.)

Nasceu na cidade de Marianna, da provincia de Minas, em 1742, e prestou grandes serviços a Portugal. Foi lente do regimento de artilharia de Góá — mandado ás Molucas na qualidade de governador e capitão-general das ilhas de Timor e Solor — exerceu o seu posto de tenente-coronel no regimento de artilharia da Bahia, em qualidade de artilheiro e tambem de engenheiro. Falleceu a 13 de Fevereiro de 1811 em pobreza. Foi intimo amigo do grande e infeliz José Anastacio da Cunha, de cujos manuscritos ficou depositario, confiando depois ao Conde de Linhares tão inestimavel thesouro (*).

JOÃO DA COSTA (DOUTOR).

Prelado que succedeu ao padre Bartholomeu Simões na jurisdicção ecclesiastica do Rio de Janeiro. Estando

(*) Outras particularidades de sua vida podem ler-se na *Min. Brasil.* n. 14.

em S. Paulo empregado em differentes objectos de seu ministerio, deu fim á carreira da vida, depois de duplicados desgostos, com que foi maltratado, até na rua, onde em seu seguimento corrêrão para o injuriarem.

JOÃO DA CRUZ (D. FR.)

Tomou posse do bispado do Rio de Janeiro em 4 de Maio de 1741. Dirigio-se a Minas para visitar esta capitania, e alli, não sendo bem aceito pelo povo, soffreu notaveis desgostos, entre elles o de lhe destelharem a casa, em que residia, e o de tirarem os badalos aos sinos para não repicarem. O ouvidor de Minas, que movia estes acontecimentos, foi conduzido em prisão por ordem do governo, a cujo conhecimento o bispo levou todos os factos.

JOÃO EVANGELISTA DE FARIA LOBATO.

Nascido em 1763 na provincia de Minas, e fallecido em 25 de Junho de 1846.

Graduado em direito pela universidade de Coimbra, depois de estar em Lisboa algum tempo, voltou á sua provincia, onde se entregou ao exercicio da advocacia.

Instado pelo Visconde de Barbacena para aceitar o cargo de thesoureiro pagador geral das tropas, o servio com inteireza, resignando-o, por occasião de casar-se com a filha de José Fernandes Valladares, proprietario e negociante da villa de Pitanguí.

Achando-se Valladares enfermo, e possuindo valiosíssimos diamantes, que comprára a garimpeiros, e que aliás erão então propriedade exclusiva da nação, Faria Lobato exhortou seu sogro a restituí-los ao fisco, o que verificou-se, entrando para o erario um valor importante, de que foi portador para o Rio de Janeiro um filho de Valladares.

Por occasião de chegar ao Rio de Janeiro em 1808 o Sr. D. João VI, foi Lobato condecorado com a ordem de Christo, e despachado juiz de fóra de Paracatú. Por muitos annos, no exercicio de lugares da magistratura, seu nome foi bemdito e venerado, administrando recta justiça, e promovendo paternal sollicitude em favor do povo.

Introduzio no Serro Frio a cultura do inhame (planta desconhecida na provincia, que lhe foi fornecida por seu amigo Visconde de Caeté), e occorreu com remedio aos apuros do commercio.

Servio na comarca do Rio das Mortes, e foi um dos primeiros desembargadores, que teve a relação de Pernambuco.

Tomou activa parte na grande obra de nossa independencia, participando dos segredos do fundador do Imperio, e indo a S. Paulo buscar o illustre Andrada, de quem sempre foi o primeiro amigo. Nessa quadra gloriosa apresentou quatro filhos em idade de pegar em armas, cuja educação aliás havia sido destinada para carreira differente.

Durante o governo da regencia foi um dedicado campeão, que poz peito á grande luta contra a anarchia, e assignalou muitas vezes a sua opinião e o seu voto declarado, como senador, de que deu testemunho nas actas respectivas.

Sérias apprehensões pelo futuro da patria, e cogitações melancolicas sobre a sorte de sua numerosa familia, de quem foi amantissimo, e que via sem ter o conveniente arranjo, apressarão o enfraquecimento de suas faculdades, e reduzirão seu corpo ao estado de inteira prostração até o momento de ir gozar em melhor vida do galardão, que pertence aos justos.

JOÃO FERNANDES VIEIRA.

(CASTRIOTO LUSITANO.)

Nasceu na ilha da Madeira em 1613. — Morava em Pernambuco, quando, senhoreados os Hollandezes desta parte da America, elle foi o restaurador della, sustentando-se por seis dias, novo Leonidas, com trinta e sete defensores no forte de S. João contra os esforços de um exercito de quatro mil homens.

Em 1644 fôra Vieira acclamado chefe dos restauradores ; estava casado e bem estabelecido ; tão abastado que não se pôde dizer que foi destes aventureiros, que se atirão ás revoluções para pescarem em aguas turvas ; sómente o amor da patria o movia.

Diz o seu historiador que *« quando sahio a campo era mais estimado do Flamengo que nenhum outro, e respeitado dos naturaes ; servido de mil e quinhentos escravos e criados, acompanhado de cento e cincoenta homens de sua casa e guarda ; na sua estrebaria sustentava vinte e dous cavallos, e outros tantos Mouros para curarem delles, etc. »* Gastou de seu, diz o mesmo escriptor, 600,000 cruzados

afóra talvez outro tanto que perdeu em bens móveis e fazendas por andar foragido, e com risco de vida. Pretendêrão os Hollandezes comprar Vieira por 200,000 cruzados, mas elle replicou, que não vendia a honra de castigar tyrannos por tão baixo preço. Esta guerra de Hollandezes durou sete annos, e em todo este tempo prestou Vieira, sempre com bom successo, relevantes serviços.

Pouco tempo depois destas batalhas Vieira procurou D. João IV, que o nomeou governador e capitão-general de Angola, tomando posse em 18 de Abril de 1658.

Ahi teve que guerrear varios *Sovas*, que estavam levantados, com bom successo; perseguiu corsarios e contrabandistas; acabou a fortaleza de S. Amaro, e mandou começar a do Presidio. Substituido em 10 de Maio de 1661, voltou ao reino, onde foi estimado e honrado, e prestou ainda serviços, morrendo em idade sexagenaria.

JOÃO FRANCISCO LISBOA.

Nasceu em Iguará, na provincia do Maranhão, a 22 de Março de 1812.

Emquanto menino viveu na fazenda dos pais, e joven, achou-se em uma casa commercial; aos 17 annos porém a sua indole revoltou-se, e estudou humanidades na capital de sua provincia.

Os acontecimentos politicos de 1831 o collocarão na arena do jornalismo, escrevendo desde então até 1841, com poucas interrupções, o *Brasileiro*, o *Pharol*, o *Echo do Norte*, e a *Chronica*.

Nem os trabalhos da administração em que prestou bom serviço como secretario do governo, nem os trabalhos legislativos da assembléa provincial, de que foi membro distincto nas duas primeiras legislaturas, o desviarão da tarefa de jornalista durante dez annos. O que, porém, não poude a fadiga, e a aggressão dos contrarios, poude o desamor e a ingratição dos proprios alliados.

Lisboa fôra dez annos o jornalista do seu partido, era além disso um orador de merecimento, e um homem illustrado ; em 1840 apresentou-se candidato á assembléa geral, e em breve reconheceu que o ciume e a má vontade dos proprios correligionarios politicos lhe preparavão uma triste derrota. Então seu orgulho alterou-se, seu ciume resentio-se ; não se suicidou como Chatterton ; quebrou a penna desamada, e calou-se.

Entregou-se á advocacia exclusivamente, e descansou onze annos das lides da imprensa ; mas em 1852 voltou de novo a ella, sómente para castigar os abusos de todos os partidos, fulminar a desmoralisação, e tambem para escrever a historia de sua provincia. Foi então que sahirão do prélo interessantissimos folhetos sob o titulo de *Jornal de Timon*.

Foi agraciado com a commenda de Christo, em 1855, vindo ao Rio de Janeiro, partio d'ahi para Portugal incumbido pelo governo de colligir documentos relativos á historia patria.

Desempenhava esta commissão com solitudine, escrevendo ao mesmo tempo a historia do padre Vieira, quando, depois de longo padecer, falleceu em 26 de Abril de 1863.

Deixou em viuvez D. Violante Luiza da Costa, com quem se casára em 1834 (*).

JOÃO MANSO.

Muito conhecido no Rio de Janeiro por suas letras e estudo da chimica; — fez a porcellana, o verniz, e o charão tão perfeito como o melhor da India.

Em Lisboa foi vista uma banca de charão, feita por Manso, na qual vinha retratada em ouro, de diversas côres, a cidade do Rio de Janeiro, e marcadas algumas ilhas de sua bahia, obra que fez admirar os melhores conhecedores da arte. O principal ingrediente da composição do verniz é a gomma da arvore Jatobá, dissolvida em aguardente mui forte.

JOÃO RAMALHO.

Portuguez, genro de Tiberiçá, regulo dos Guianazes, e senhor das aldeias de Piratininga (**), fez testamento em 3 de Maio de 1580 nas notas da então villa de S. Paulo.

Repetio, na occasião do testamento, « que tinha alguns noventa annos de assistencia na terra « o que ninguém lhe contestou, apesar de saberem todos que em 1580 ainda não chegava a cincoenta annos a assistencia dos Portuguezes na capitania de S. Vicente, aonde entrára Martim Affonso de Souza com a sua armada em dia de S. Vicente, 22 de Janeiro de 1532.

(*) Vid. a Not. sobre sua vida, e obras, pelo Dr. A. H. Leal, que precede uma nova edição de suas obras, feita em 1864, Maranhão.

(**) Província de S. Paulo; d'onde forão os *Guianazes*, que fundarão as aldêas *S. Miguel, Pinheiros* e outras, desde que virão a concorrência dos Portuguezes na occupação de suas terras.

Concluem autores que, se em 1580 João Ramalho contava noventa annos de residencia no Brasil, seguia-se que aqui entrára em 1490 pouco mais ou menos ; e sendo descoberta em 1492 a America pela parte do Norte, resulta que existião Portuguezes no Brasil oito annos antes de se saber na Europa, que existia o Novo Mundo

Das memorias do padre Jorge Moreira, escriptas no meio do seculo passado, consta que, com João Ramalho, viera Antonio Rodrigues, que casára com uma filha do Piquirobi, cacique da aldeia de *Hururay*. João Ramalho e seus companheiros só podião vir em alguma embarcação, que fizesse viagem para Asia ou Ethiopia, e dêsse á costa na praia de Santos, entrando no numero de varias, que desaparecêrão, sem nunca mais se saber no reino o fim que levárão.

Depois de habitar Ramalho neste continente, casualmente descobriu Pedro Cabral o Brasil em 1500, indo por capitão-mór de uma armada que navegava para a India. Ramalho não sabia escrever, e por seu signal usava de um risco com volta de ferradura aberta para o lado esquerdo, em que ia o seu nome de baptismo, seguindo-se o appellido. Era capitão e alcaide-mór do Campo.

JOAQUIM FRANCISCO DO LIVRAMENTO.

Nasceu na cidade do Desterro, provincia de Santa Catharina, a 22 de Março de 1761, dia de sexta feira maior. Passárão-se quasi sete annos sem que fallasse. Era conhecido por *irmão Joaquim*, e novo Francisco de

Assis pelas solidas virtudes que possuia, e sacrificios pela felicidade de seus semelhantes, que praticava. Era prompto em acompanhar o Santissimo Viatico, apenas o sino convidava os fiéis; acompanhava aos domingos, á noite, em procissão, e com a mais viva devoção, o terço de Nossa Senhora, que o parcho costumava fazer; levantava pequenos oratorios, entoava sagrados canticos, emfim o seu fervor era intimo, a vocação expressa para o serviço de Deos.

Tinha 18 annos quando obteve de seu pai ser dispensado da vida commercial, que o tinha feito seguir, e então o irmão Joaquim tornou-se todo caridade, e devoção. Concebeu o grande plano de edificar um asylo, onde a pobreza encontrasse os precisos soccorros em suas enfermidades. Vestindo sobre as carnes um saial de lã pardo, cingindo-se de uma corda, e tendo guardado o peito de seu habito com a figura de um calis e hostia, correu todos os cantos da provincia a pedir esmola para o seu pio estabelecimento; e vendo que a pobreza de sua patria não lhe promettia as esmolas necessarias para realidade de seu projecto, fez uma viagem á provincia de S. Pedro do Sul.

Vio-se, em resultado de tantas fadigas, um magestoso e amplo edificio com capacidade para grande numero de enfermos, incluindo uma roda de expostos, oratorio, botica, gabinete de receita, e um sobrado independente para residencia do capellão.

Montado o estabelecimento, constituiu-se enfermeiro o irmão Joaquim; distribuia dietas pelos enfermos, consolava-os em suas dôres, curava-os com suas mãos, muitas vezes em molestias contagiosas, assistia noites consecutivas aos moribundos em perenne vigilia. Nos

momentos que lhe restavam de tão penosos officios, applicava-os em ornar o oratorio com riquissimas imagens e lindas flôres, tudo obra de suas mãos.

Ao engenho do irmão Joaquim se deve o aperfeiçoamento das flôres de panno, em que a provincia de Santa Catharina tanto excede ás outras, e as finissimas e duradouras tintas, que até hoje não se têm podido imitar.

Foi a Lisboa impetrar da córte um patrimonio para fazer face á despeza de seu hospital, obtendo da Rainha D. Maria I uma prestação annual de 300\$.

Em 1796 a 1800 embarcou com destino á Bahia, entregando a administração do hospital á irmandade do Senhor Jesus dos Passos, erecta na capella do Menino Deus. Não se sabem as causas que o obrigarão a deixar sua patria, onde nunca mais voltou.

Na Bahia realizou com esmolas a edificação e estabelecimento do seminario de orphãos de S. Joaquim. Ahi existe o seu retrato, tirado sem elle o perceber.

Foi segunda vez a Lisboa no intento de alcançar uma prestação pecuniaria para este estabelecimento, voltando em 1803 satisfeito pelo acolhimento que tivera sua petição.

Morrendo seu pai, cedeu o que lhe tocou em legitima á mais pobre de suas irmãs.

Entregando o seminario da Bahia á administração de um reitor, veio ao Rio de Janeiro, onde mereceu a amizade de D. João VI.

Partio para S. Paulo em 1809, e, apesar de doente, continuou no exercicio de suas virtudes, tirando esmolas por toda a provincia, com as quaes conseguiu fundar dous seminarios, um em Itú, e outro em Sant'Anna, fazenda que foi dos padres da companhia de Jesus.

Na provincia de S. Paulo foi preso como espia estrangeiro em occasião, que desenhava uma paisagem, o que elle gostava de fazer, e remettido para a côrte, soffrendo os insultos do costume com exemplar paciencia. Foi mandado pôr em liberdade immediatamente pelo seu protector D. João VI, que entristeceu-se com esta occurrencia.

O irmão Joaquim seguiu para Jacuecanga a ultimar a obra do seminario dos orphãos, que começára antes de partir para S. Paulo, e para o qual, a instancias suas, nomeou o Senhor D. Pedro I para reitor o Exm. Sr. Viçoso, depois bispo de Marianna, que fez o maior elogio do irmão Joaquim nestas palavras: — *Confesso que me envergonho de que um homem leigo e ignorante tenha feito tantas cousas boas que não sou capaz de fazer.*

No desejo de entregar o seminario de Jacuecanga aos padres da congregação da missão embarcou para Lisboa a 21 de Maio de 1826; já havia conseguido ordem de D. Miguel para isso, ignorão-se porém os motivos, que transtornarão os seus projectos.

Dirigio-se então a Roma; suas enfermidades porém aggravando-se, voltava para sua patria, quando falleceu em Marselha em 1829 com 68 annos de idade. Seus despojos erão algumas estampas, livrinhos devotos, *agnus Dei*, e sua pobre roupa.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER.

Commummente denominado o *Tiradentes*. Inflammado com o exemplo dos Estados-Unidos julgou ser facil aos seus compatriotas, Mineiros, derrubar a autoridade da mãi patria, e estabelecer uma republica independente.

Aproveitou-se Xavier em 1788 dos atrasados dos quintos do ouro, que montava á horrorosa somma de setecentas arrobas, cujo pagamento dizia-se que o povo ia ser forçado a fazer no governo do Visconde de Barbacena. Apresentava como chefe dos confederados Thomaz Antonio Gonzaga, que gozava de alta reputação pelos seus talentos, e alliou-se a outros conspiradores. Foi preso em Minas, onde se achava occulto vindo do Rio de Janeiro, esperando que rebentasse a revolução, e foi remetido á séde do governo do Estado.

Condemnado a ser enforcado, sua cabeça foi levada á Ouro Preto, e levantada em um poste no lugar mais publico da villa, e seus quartos igualmente içados nos lugares, em que tinham havido os principaes conventiculos dos conspiradores. Seus filhos e netos serão despojados de suas propriedades, e declarados infames, sua casa seria arrazada e salgada, nunca mais em seu chão se edificaria, e nella se levantaria um padrão com uma inscripção, que conservasse a memoria de seu crime e castigo.

Tudo isto executou-se, sendo o dia do padecimento de Tiradentes um dia de festejo publico para o Rio de Janeiro; toda a tropa se vestio de uniforme rico, enfeitada com festões de flôres; o juiz executor trajou de gala, e cantou-se *Te Deum laudamus* em acção de graças. Taes demonstrações de regosijo erão extorquidas pela prepotencia dos governantes, cujo desagrado poderia dar como consequencia, a quem nelle incorresse, uma sorte igual á do infeliz patriota Mineiro.

Em 15 de Março de 1867 falleceu no arraial do Rio Novo, em Minas, o furriel Antonio Luiz Ferreira com a idade de 110 annos. Era tio do doutor Mello Franco, e fôra o

commandante da escolta que conduzira Tiradentes preso á côrte.

Em 5 de Abril do mesmo anno effectuou-se em Ouro Preto a cerimonia do lançamento da pedra fundamental do monumento, que na praça principal daquella cidade vai ser erigido á memoria dos *Inconfidentes* de 1792 (*).

OSÉ ANTONIO MARINHO (MONSENHOR).

Nasceu em 1804 em Minas Geraes, filho de pobrissimos lavradores. Seu avô, nos curtos intervallos do quotidiano trabalho, ensinou-lhe as primeiras letras, em que desenvolveu muito talento, o que deu nas vistas de um padrinho abastado, o qual, protegendo-o ao principio fracamente, quiz depois ajuda-lo muito. De viagem ambos para Portugal, afim de formar-se Marinho em Coimbra, parou na Bahia em 1823, ao tempo que echoava grandioso o grito de independencia. Enquanto Marinho entoava canticos de gloria na embriaguez do enthusiasmo, enovelava-se protecção e protector no fumo das bombardas.

Marinho alista-se em 1824 entre a mocidade ardente de Pernambuco, no theatro das scenas desse anno; encontra-se com a derrota de seus co-religiosarios, de volta de uma missão na Villa da Barra; o amor inflamma sua alma de poeta; seu coração agita-se á vista de uma belleza; mas não correspondido esse amor elle se arremessa ao desespero, e ao abandono.

(*) O BRASIL HISTORICO, publicação periodica do Sr. Mello Moraes, contém a integra de todo o processo, organizado contra Tiradentes, e seus infelizes companheiros.

Sobe os primeiros degrãos do sacerdocio, como famulo do bispo D. Thomaz de Noronha; mas prestando-se os ouvidos deste a considera-lo complice na revolta do Equador, é expellido de sua casa, e, proscripto e errante, a pé, sósinho, sem bolsa e sem alforges, embrenhou-se por sertões quasi destrilhados em busca do seu paiz natal. Extenuado pela fadiga, e pela fome bate ás portas dos padres do Caraça, que o recolhem compassivos. Neste collegio completa Marinho os seus estudos, e são removidos os obices, que impedião seu accesso ao altar.

Escriptor politico durante os acontecimentos que apresárão a revolução de Abril, prestando grandes serviços á causa da liberdade e da ordem com a sua actividade e influencia, quando Minas se vio em 1833 ameaçada de afogar-se em sangue, Marinho formou de seu corpo e de sua autoridade a muralha, que devia defender a vida dos prisioneiros da guerra.

Eleito deputado em 1836, advogou com maximo vigor de intelligencia a causa do mesmo bispo, que por muito tempo o privára do presbiterato, mostrando sempre desinteresse e coherencia de principios.

Subindo á cadeira da verdade, adquirio fama pelos seus sermões; e obtendo provisão de advogado distinguio-se em soccorrer os opprimidos, sem colher outra recompensa senão a convicção do serviço que lhes prestava. Nunca homem politico foi tão torpemente caluniado, nenhum mais atrozmente deprimido, mas elle, resignado, esperava a hora, como christão, em que seus detractores, arrependidos, cahirião a seus pés. Na revolução que travára pejeja no arraial de Santa Luzia, e em cujas fileiras elle esteve, entregou-se á

prisão, elle proprio defendeu-se brilhantemente no jury de Piranga, e d'ahi a pouco, em 1847, na assembléa geral, procurou sustentar o gabinete, que ia de roldão precipitar-se, acabando por cruzar os braços tristemente a este desfecho, que não poude evitar, apesar da conciliação que procurou e dos esforços que empregou.

Sua Santidade galardoou-o com o titulo de seu camarista privado, e com as honras de proto-notario da Santa Sé.

Ao ruidoso baque de seus amigos, Marinho desperta de um sonho de illusões. Sua inteira abnegação á politica, e a grande idéa de viver para verdadeira utilidade do paiz, matarão o homem de 33 e 48. Entregou-se todo aos desvelos da parochia, de que era cura, e á educação da mocidade em um collegio, a que deu seu nome. Aos 13 de Março de 1853, com 48 annos de idade, expirou Marinho. Escreveu a historia da revolução mineira em dous volumes, obra actualmente rara.

JOSE. BASILIO DA GAMA.

Nasceu em 1740 na provincia de Minas-Geraes, entrando para a companhia de Jesus, em cujo collegio desenvolveu seus naturaes talentos. Na arcadia de Roma teve entrada e assento com o titulo de *Termino Spilio*, hombreando ahi com grandes poetas. É autor do poema «Uruguay.» Falleceu em Lisboa com idade maior de 60 annos.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

Nasceu em Santos a 13 de Junho de 1763; e depois de aprender ahí, e em S. Paulo, alguns preparatorios, veio ao Rio de Janeiro na idade de 17 annos para ir á Coimbra concluir seus estudos na universidade, onde tomou no fim de seis annos o gráo de bacharel nas faculdades de philosophia natural e de direito.

Retirado a Lisboa para seguir os lugares litterarios, foi eleito pelo governo, e proposta da academia real das sciencias, de que era socio, para viajar a Europa como naturalista e metallurgista. Escreveu diversas memorias, e entre ellas uma sobre a pesca da baleia, sobre os melhores processos para a preparação de seu azeite, e sobre as vantagens de animar e favorecer as pescarias nas costas do Brasil.

Casou-se em Lisboa com D. Narcisa Emilia de Oleary, de quem teve trez filhos.

Em Junho de 1790 deixou as praias portuguezas, e peregrinou, por espaço de dez annos e tres mezes, pela França — Allemanha — Belgica — Hollanda — Italia — Hungria — Bohemia — Suecia — Noruega — Dinamarca — e Turquia.

Adquirio a amizade e estima de muitos monarchas, e dos principaes sabios d'então, foi recebido membro das principaes sociedades litterarias e scientificas, escreveu memorias de importancia immensa, e, além das lições de illustres professores da Europa, observou por si mesmo a propria natureza, os primeiros estabelecimentos metallurgicos de cada paiz, e o estado das sciencias naturaes em todos elles.

Na sociedade de historia natural de Paris leu um trabalho sobre a historia dos diamantes do Brasil, que foi publicado nos *Annaes da chimica de Fourcroy*. Escreveu em allemão uma carta ao engenheiro Beyer, inspector das minas de Schneeberg, descrevendo os caracteres distinctivos de doze novos mineraes por elle descobertos na Suecia e Noruega, e escreveu algumas memorias sobre diversas minas da Suecia.

Em 1794 percorrendo a Italia, escreveu uma memoria attribuindo á origem volcanica a rocha, que fórma os outeiros Euganeos no territorio de Padua, e escreveu no mesmo anno um trabalho sobre o fluido electrico.

No meio das numerosas occupações scientificas, consagrava José Bonifacio tambem alguns momentos ao culto das musas, e da litteratura.

Depois de ter deixado o seu nome celebre no mundo scientifico, Andrada recolheu-se a Portugal em Setembro de 1800, sendo logo nomeado intendente geral das minas, desembargador da relação do Porto, e professor em Coimbra de geognesia, e metallurgia, conferindo-lhe a faculdade, por graça especial, o titulo de doutor em philosophia natural, visto haver impossibilidade de poder funcionar nella, sendo simplesmente bacharel formado.

Fez uma viagem minerographica, em companhia de seu illustre irmão Martim Francisco, e do tenente-general Napion, pela provincia da Estremadura até Coimbra, descrevendo os principaes mineraes alli encontrados, a natureza dos terrenos por onde transitou, e o estado d'agricultura.

Foi encarregado do encanamento de Mondego, e em 1802 de dirigir as sementeiras e plantações nos areas das costas.

Quando sobreveio a invasão franceza em Portugal, Andrada não só mandou das ferrarias de Thomar, onde se achava, armas e espingardas para ajudar os bravos Conimbricenses, mas até alistou-se no batalhão academico formado com estudantes da universidade, prestando como major, e depois como tenente-coronel, relevantes serviços á causa portugueza.

Expulsos os Francezes, foi nomeado intendente da polvora do Porto, emprego que exerceu com tanta dignidade e energia, que salvou muitas vidas e bens dos Portuguezes, que passavão então por afrancezados.

Tal reputação grangeou na academia de Lisboa, que em 1812 foi eleito unanimemente seu secretario perpetuo, lugar que exerceu com muita dignidade durante sete annos.

Cansado de vida tão agitada, e saudoso do paiz natal, obteve do governo licença para voltar á sua patria, e em 1819 deixou as praias portuguezas.

Chegado ao Rio de Janeiro, o governo de D. João VI o quiz de novo empregar, porém tudo recusou, manifestando querer terminar em socêgo os dias na sua villa natal; e quando elle, e seu irmão Martim, forão despedir-se do monarcha na sua partida para Santos, este novamente instou José Bonifacio para que ao menos aceitasse o lugar de director da universidade, que então se projectava crear no Brasil, ao que elle disse que responderia de Santos.

Recolhido áquella villa com o titulo de conselheiro, foi habitar o seu sitio chamado dos Outeirinhos. Elle e seu irmão, em Março de 1820, pouco depois da sua chegada, fizerão uma excursão montanistica em parte da provincia de S. Paulo para determinar os terrenos auriferos, trabalho que foi impresso no *Journal des mines*,

e que provou ser a provincia riquissima em minas de ferro de immensas variedades.

O que vai dito bastaria para immortalisar José Bonifacio; porém a maior gloria, gloria a que póde aspirar um mortal, elle tambem a teve; foi um dos collaboradores principaes da independencia do Brasil.

Unindo sua voz á de outros Brasileiros, dirigio elle a memoravel representação, que decidiu o principe a ficar entre nós, com'o que começou-se a edificar os primeiros alicerces do Imperio de Santa Cruz.

O principe pede a Andrada que o venha ajudar, que venha salvar o Brasil, e Andrada deixa seu retiro, e vóa ao Rio de Janeiro para tomar parte nos negocios politicos.

Sabe-se do electrico grito de *Independencia ou morte* solto no memoravel campo do Ypiranga, e que de 7 de Setembro de 1822 data a nossa independencia. Do primeiro ministerio, que teve o imperio brasileiro, fazião parte Andrada e seu irmão Martim, ministerio que restabeleceu o credito da fazenda publica, que creou exercito e armada, que bateu os inimigos de sua patria por mar e por terra em diversas provincias; ao mesmo tempo tomava Andrada parte nos debates da assembléa constituinte, de que era membro por eleição de seus comprovincianos.

Dirigio José Bonifacio os primeiros passos do immortal Pedro I; foi quem o fez acclamar imperador do Brasil, quem fez calar tantos partidos e tantas ambições; quem firmou enfim a independencia de seu paiz, dirigindo a não com mão forte e energica.

Entretanto José Bonifacio, victima da intriga, vê-se, como Aristides e Seneca, afastado do monárcha, e

desterrado por ordem do mesmo principe tão seu amigo, mas tão enganado.

Esteve expatriado em França com seus dous irmãos, e outros deputados, entre elles o Sr. Montezuma, por espaço de sete annos, no fim dos quaes, em 1829, voltou ao Brasil, porém já muito avançado em idade e afflicto pela perda de uma esposa querida. O nobre velho é bem recebido pelo imperador, e a assembléa geral vota-lhe uma pensão annual de quatro contos de réis.

Foi habitar a ilha de Paquetá, mas de seu repouso foi tirado com os acontecimentos de 7 de Abril. D. Pedro abdica a corôa, mas nomeia por tutor de seus filhos a José Bonifacio, resolvido a deixa-los entre nós. Assim salvou o Brasil segunda vez, aceitando tão precioso deposito, do qual tratou com o maior cuidado até a hora de sua morte, que teve lugar em 6 de Abril de 1838 (*).

JOSÉ BORGES DE BARROS.

Nasceu na Bahia a 18 de Março de 1657. Alistou-se na companhia de Jesus, e exerceu muitos lugares religiosos em sua patria, e em Portugal. Falleceu com signaes de predestinado em 10 de Março de 1719.

Foi insigne em philosophia e theologia, iusigne orador evangelico, excellente canonista. Teve tão portentosa memoria, que ouvindo proferir mil vocabulos, os repetia fielmente, ou pela sua ordem, ou retrogradamente. Occasiões houve em que, sendo ouvinte de um

(*) Vid. Dicc. Bibl. Port., de Innocencio, vol. 4, 1860.

sermão, recolhido á casa, o mandava escripto a quem o tinha recitado, sem lhe faltar uma palavra.

Na arte de escrever foi espantoso, pois além de formar os caracteres com summa perfeição, escrevia com duas pennas em uma mão, fazendo ao mesmo tempo duas regras differentes, dissemelhantes uma da outra, e até com o pé formava caracteres tão perfectos, como o fazia com a mão.

Imitava com tal semelhança as letras, ainda das peiores, que se assombravão de as verem tão identicas aquelles que as tinhão escripto. Da poesia vulgar praticou os preceitos com facilidade e felicidade.

Foi de estatura mediana, gèntil presença, e genio jovial.

JOSÉ DA COSTA CARVALHO.

(MARQUEZ DE MONTE ALEGRE.)

Nasceu a 7 de Fevereiro de 1796 na provincia da Bahia. Tomou o grão de bacharel em leis, em 1819, na universidade de Coimbra, e, voltando á patria, servio de juiz de fóra, e ouvidor na cidade de S. Paulo em 1821 e 1822. Foi representante da sua provincia na assembléa constituinte, e tomou assento na primeira e na seguinte legislatura da assembléa geral até 1831 pela mesma provincia, embora se houvesse casado em S. Pauló, e ahi fixado a sua residencia.

Faltavão a Costa Carvalho alguns dotes naturaes para ser orador notavel, mórmente porque uma excessiva modestia, que se tornava em timidez, o arredava da tribuna; mas sua illustração, character, probidade, e energia

davão-lhe uma influencia, que se fazia sentir dentro e fóra da camara.

Companheiro fiel de Feijó, Paula Souza, Evaristo, Vasconcellos, Lino, Honorio, e outros, moveu uma opposição, durante o primeiro reinado, que fazia sentir o seu influxo no parlamento, mórmente pela sua penna, que então dirigia o famoso *Pharol Paulistano*.

Foi muitas vezes elevado á presidencia da camara, e, por occasião da abdicacão de D. Pedro I., foi um dos membros da regencia permanente, em cujo encargo manteve, com os seus collegas, a ordem no Imperio, e salvou a monarchia constitucional, não obstante as reffegas, e o mar agitado, pelas tempestades da revolução, que combatia a ná do Estado.

Profundos desgostos politicos, disfarçados no pretexto de uma enfermidade; ou alteracão realmente de saude, o determinárão a retirar-se para S. Paulo em Julho de 1833, e desde essa data não assignou mais papel algum official como regente do imperio, que deixou de ser em 1835, pelo facto da eleicão do regente do acto adicional.

Em 1835 e 1836 foi director do curso juridico de S. Paulo; em 1837 deputado pela sua provincia, e dous annos depois senador pela de Sergipe. Em 1842, quando se receiava que rebentasse em S. Paulo um movimento revolucionario, como realizou-se infelizmente, foi Costa Carvalho nomeado presidente daquella provincia. No mesmo anno foi nomeado conselheiro de estado extraordinario. Em 1848 foi o organisador do ministerio de 29 de Setembro, tomando elle a pasta do imperio. Em 18 de Setembro de 1860 falleceu na provincia que escolhéra para residir.

Era generoso, e de tolerancia politica em alto gráo; obsequioso no trato, leal e firme na amizade, bom e caridoso para o pobre — a justiça era o seu norte, a lei o seu pharol, e o bem da patria o seu empenho.

JOSÉ DA SILVA LISBOA

(VISCONDE DE CAYRU').

Desembargador aposentado, senador do imperio, nascido na Bahia em 16 de Julho de 1756, falleceu a 20 de Agosto de 1835, deixando cinco filhos d'entre quatorze, que teve de seu consorcio com D. Anna Benedicta de Figueiredo.

Publicou muitas obras sobre direito mercantil, economia politica, um periodico *Conciliador do Reino Unido* aconselhando a concordia e harmonia entre os cidadãos, e concorreu muito para a decretação das medidas, que trouxerão a abertura de nossos portos ao commercio de todas as nações amigas em 1808. Esta franqueza produziu grande desapprovação da parte dos negociantes portuguezes, cuja causa não faltárão pessoas influentes e estadistas que esposassem.

Dando á luz Silva Lisboa as *Observações sobre o commercio franco*, pulverisando os argumentos dos adversarios, um censor poz á margem do exemplar da obra a seguinte nota — *É réo d'Estado, merece pena capital* —, o que demonstra quanto um homem illustrado, que procura destruir prejuizos populares, está exposto ás settas da maldade.

O Decreto de 9 de Maio de 1838 concedendo uma pensão a suas filhas, e a resolução da assembléa provincial da Bahia para se collocar na bibliotheca pu-

blica seu retrato, enquanto não se fizesse o seu busto, são monumentos erectos á memoria de Silva Lisboa (*).

JOSE DE ANCHIETA.

Nasceu em 1533, na ilha de Tenerife. Com 17 annos incompletos entrou para o collegio da companhia de Jesus, estabelecido na universidade de Coimbra. Suas penitencias, e aturado estudo lhe alterárão a saude, e, por conselho dos medicos, partio para Lisboa, e d'alli para a Bahia, com outros jesuitas, que o acompanhárão, recommendados ao segundo governador geral D. Duarte da Costa.

Estabeleceu abi um curso de lingua latina para os filhos dos colonos portuguezes, e para os jovens cathecumenos, aos quaes aperfeiçoava tambem no portuguez, além dos trabalhos da evangelisação, tendo por essa occasião composto um cathecismo, e um vocabulario do idioma tupy, que foi impresso.

Demorou-se pouco na Bahia, e seguiu logo para São Vicente a reunir-se com o padre Nobrega; escapando na viagem de um fortissimo temporal, que alcançou na altura dos Abrolhos, e que o obrigou a arribar em Caravellas.

De S. Vicente seguiu para Piratininga (S. Paulo), onde exerceu o mesmo mister, que exercêra na Bahia. Escreveu uma poema em latim, com 4,172 versos, descrevendo as virtudes, e a vida da Santissima Virgem.

(*) Vid. Dicc. Bibl. Port., de Innocencio, vol. 5º, 1860.

Foi nomeado provincial da companhia, lugar que exerceu por mais de sete annos com proveito, visitando todas as casas religiosas, que forão edificadas em Santos, S. Vicente, S. Paulo, Rio de Janeiro, e Espirito-Santo.

Renunciou em 1585 o cargo de provincial, entregando-o ao padre Marçal Belliarte, continuando porém em exercicios espirituaes até o dia 9 de Junho de 1597, em que entregou a alma ao Creador na aldêa de Iritiba (Benevente) (*), sendo acompanhados seus restos

(*) Antiga aldêa da provincia do Espirito-Santo, que teve o nome de Irititiba, ou Reritigba, creada villa por Alvará do 1º de Janeiro de 1759. Ahi falleceu o veneravel padre Anchieta; o cubiculo, em que esse factó teve lugar, no convento levantado pelos jesuitas, está abandonado e desprezado; apenas a tradição o aponta com o dedo. A este respeito publicou o *Correio da Victoria* a bella poesia, que se segue, em 16 de Dezembro de 1865: é da penna do nosso estudioso amigo o Sr. Rangel de Sampaio:

ANCHIETA E BENEVENTE.

Eis-me em fim em Benevente,
 Nesta villa memoravel,
 Pequeninna, mas ridente
 E de clima mui saudavel.
 A que vim? Ver alvas plagas,
 Onde quebrar vêem-se as vagas
 Em lenções de argenteos pannos?
 Ou esta linda enseiada,
 Lá ao longe terminada,
 Na ponta dos Castelhanos?

Esta fila de cabanas,
 Com esteios de inhahyba,
 Cobertas das ouricanas,
 Das margens do Reritiba?
 Aquella igara abicando?
 Um patacho carregando?

por mais de cem indios para o collegio da companhia,
na então villa da Victoria, por espaço de desoito leguas,
sendo exhumado dous dias depois, de enterrado, para

Uma sumaca ancorada?
Disto tudo hei visto outr'ora,
Não cubiço ver agora:
Vim ver cousa mais sagrada.

Vim ver vetusto convento
Que neste burgo existia,
Qual modesto monumento,
A' Assumpção de Maria!
Era erecto em lindo outeiro,
E foi o templo primeiro,
Dos fundadores do burgo;
Povo das mattas chamado
A' fé do Crucificado
POR ANCHIETA o Thaumaturgo.

Onde existe esse templo venerando
Que vio, cousa mui rara, um anjo humano
Levita do SENHOR?
Onde existe esse claustro — testemunha
Das mais santas virtudes — quando nelle
Seu santo fundador?

Onde existe a collina verdi-florida
Em que sentado — á luz de Deos chamava
Padre Anchieta os Brasis?
Que á sua doce voz tudo esquecerão
A taba, o arco, a flecha — a liberdade!
Até que erão Tupis?!...

Eil-o — pobres ruinas desprezadas
Aos insectos entregue — este convento
Onde Anchieta habitou!
E para mais escarneo aproveitarão
Parte desse sacrario para carcere! ...
Quando *Elle* em tal pensou?!...

satisfazer-se aos desejos dos habitantes, notando-se que o cadaver não apresentasse o menor signal de corrupção. Volvidos alguns annos, forão transportados taes restos para o collegio da Bahia.

Que monumento attesta que estas plagas
 Osculárão a planta do mais digno
 Ministro do altar ;
 Que esta villa nascêra a seu aceno ;
 Que os avós deste povo forão homens
 Por Elle aqui andar?!

Nenhum ! nem ao menos sua obra
 Preservou este povo que cahisse,
 Na ruina em que jaz !
 A cella onde morou, onde ideava
 A ventura geral — tornada entulho ! . . .
 Benevente, é demais !

E eu que ainda suppunha que os humanos
 Em reliquias tornavã'o que dos justos
 O contacto sentio ;
 Eu que ainda julgava ser verdade
 Que á Anchieta venerava Riritiba ! ..
 Nem sabe que existio !

Acaso, ó manso rio, te esqueceste
 Daquelle que fitando-te mil vezes
 Devassava o porvir ;
 Ou sob tuas roupagens transparentes
 Sem risco, ia prostrado reverente
 Os Psalmos repetir ?

E vós, ó sabiás, japis, canarios,
 Gaturamos, sahis, tropa canora
 Que os bosques alegraes ;
 Como ingratos humanos olvidastes
 Aquelle que traduzia em lingua d'homens
 Vossos sons festivaes?

Conhecia as virtudes de muitos vegetaes para diversas enfermidades, tendo reunido o encargo de medico e cirurgião ao de missionario (*).

Não! — Ainda, de manhã a Deos saudando,
 E á tarde, quando ao sol dedicaes ternos
 Vossos cantos gentis,
 E tu, Iiritiba, ao mar pagando
 Teu tributo perenne, com saudades
 ANCHIETA — repetis!

Monumento elle tem, não mais precisa,
 Columnas e pyramides se acabão
 Que nos diga Memphis!
 Monumento elle tem nas hecatombes
 Que os falsos catecbistas têm imposto
 Aos netos dos Brasis.

Cáia emhora e se perca este edificio
 Feito com o seu suor e o desses filhos
 Que a Christo deu Tupan;
 Tudo, tudo exterminem — será sempre
 No céu de meu Brasil — José d'Anchieta
 A estrella mais louçã! ...

Os homens se esquecerão — só os homens
 E não a natureza — ella d'Anchieta
 Jámais olvidará,
 Emquanto não seccar o Riritiba,
 E o mar que o recebe, e emquanto firme
 Jazer o monte Aghá!

(*) Vid. Chron. da Comp. de Jesus, de Sim. de Vasc., 2 vol., 1865, Var. ill. de Pereira da Silva, vol. 1º, 1858, e o nosso Ens. sob. a hist. e est. da prov. do Esp. Santo, 1858.

JOSÉ DE NAPOLES TELLO DE MENEZES.

Governador e capitão general do Pará, em memoria de quem, em 1782, se inaugurou um obelisco na estrada de Nazareth, o qual, derruido em 1823 pela falta de cuidado em conserva-lo, foi restaurado em 1840 por ordem do presidente João Antonio de Miranda.

JOSÉ DE SÁ BETTENCOURT ACCIOLI.

Nasceu em Caeté (Minas) em 1752. Tomou o grão de bacharel em sciencias naturaes pela universidade de Coimbra. Voltando á sua patria, fez algumas obras do precioso barro de Caeté, e fundio ferro, que remetteu a seus amigos e condiscipulos formados em outras faculdades. Foi comprehendido em uma denuncia de rebellião, dada ao governador de Minas o Visconde de Barbacena, e, receioso della, retirou-se para a Bahia pelo sertão, com o designio de abraçar seus pais, que ahi residião, e emigrar para os Estados-Unidos, o que não verificou por conselho de um seu tio ; realizaudo-se porém a sua prisão na comarca de Ilhéos, donde levado para a cadeia de Camamú, transferido para a Bahia, e d'aqui para a do Rio de Janeiro, teve de responder pela supposta rebellião.

Foi soccorrido em sua infelicidade por sua previdente tia, com documentos assaz attendiveis. Affirmaõ os que conhecêrão esta senhora na idade de cento e oito annos mostrar ella um lugar de suas lavras, onde, dizia N. Senhora do Bom-Successo (padroeira de Caeté) lhe havia indicado para tirar em quinze dias meia arroba de ouro,

com que inteirou duas para gastar com o livramento de seu sobrinho.

Absolvido, voltou á Bahia, onde deu começo a um estabelecimento de plantações d'algodão nas margens do Rio de Contas, em lugar que o mais proximo vizinho lhe ficava a vinte leguas.

Nas escavações feitas nestas terras, compradas ao capitão-mór João Gonçalves da Costa Dias, para o alicerce de uma casa, achou-se uma espada de cópos de prata cuja folha se achava bastante carcomida pela ferrugem, e quantidade de pedaços de louça finissima da Asia, e artefactos de vidro internamente bordados e dourados. Nessa paragem o matto parecia virgem, e as camadas de terra no lugar da escavação apresentavão uma antiguidade de muitos seculos.

Começava o seu estabelecimento quando a Ordem Régia de 12 de Julho de 1799 chamou-o para ser empregado em explorações mineralogicas, com especial inspecção nas minas de salitre de Montes-Altos, commissão em que se desvelou, abrindo estradas, estabelecendo colonos, até o momento em que paralyssarão os interesses do estabelecimento pelos effeitos da revolução franceza, que Portugal principiou a sentir, obtendo ultimamente sua demissão desse encargo em virtude de contestações com o governador o Conde da Ponte, que pretendia o andamento da fabrica sem os meios que o Dr. Sá pedia.

Recolhido á sua fazenda, continuou no estabelecimento de plantações d'algodão, instruindo e animando a todos os moradores a dedicarem-se a este ramo de cultura, sobre que escreveu algumas memorias. Facilitou a propagação das melhores sementes, que mandava vir dos paizes estranhos, bem como tecelões, que se empregavão naquelles

desertos a fazer os pannos necessarios ao uso domestico. Seu estabelecimento prosperou de modo, que elle julgou-se feliz, e com meios de educar onze filhos que tinha ; porém sua tia fê-lo deixar este estabelecimento para a ir abrigar, na idade de 112 annos, contra as perseguições que soffria para lhe tomarem os bens.

Vio a provincia de Minas, que não via desde a flôr de seus annos, e ahi fez maior residencia, porque, fallecendo sua tia, o instituio seu herdeiro.

Coronel dos Uteis da Bahia, o governo o removeu para coronel do segundo regimento de infantaria da comarca do Sabará, regimento que elevou com toda actividade, e dispendio de sua fazenda, ao maior gráo de disciplina e asseio, e que veio a prestar importantes serviços á independência do Brasil.

Por occasião de hostilidades praticadas na Bahia pelos chefes portuguezes, o coronel Sá não só lembrou a marcha de tropas por terra para auxiliarem o reconcavo, como organisou um batalhão, cujo commando foi entregue a seu filho, o tenente-coronel José de Sá, em 3 de Abril de 1823, e na mesma occasião fez marchar mais tres filhos para o exercito pacificador da Bahia.

Atacado de grave enfermidade na idade de 76 annos, falleceu a 28 de Fevereiro de 1828 na villa de Caeté.

OSÉ ELOY PESSOA (BRIGADEIRO).

Nasceu na Bahia a 27 de Julho de 1792. Concluidos os estudos preparatorios alistou-se voluntariamente, a 28 de Novembro de 1807, na primeira compa-

nhia do regimento de artilharia da guarnição da Bahia, chegando em pouco tempo ao posto de capitão.

Formou-se no curso de mathematicas, e tomou o grão de bacharel em philosophia na universidade de Coimbra, em cuja qualidade regressou a seu paiz em 1821 já no posto de major.

Adoptado o systema constitucional, encorporou-se aos que extravagantemente se reunirão em 3 de Novembro do mesmo anno para deporem a junta provisoria do governo, installada em 10 de Fevereiro; mas foi naquelle dia preso, e remettido com outros para Lisboa, e, voltando á Bahia logo que foi solto, apenas chegado, emigrou para o reconcavo, onde sua cooperação foi assaz presente á organização das forças, que já alli se achavão reunidas contra as divisões do general Madeira, que occupavão a capital, forças que, engrossando successivamente, formárão o exercito pacificador ao commando do general Labatut, de quem José Eloy recebeu a mais distincta consideração, pois o escolheu para commissões importantes, entre as quaes o governo civil e militar de Sergipe. Desembaraçado desta missão, desoccupada a Bahia da divisão portugueza, foi, por ordem do augusto fundador do imperio, em commissão a Campos de Goytacazes, d'onde tornou no posto de tenente-coronel encarregado de commandar a brigada d'artilharia.

Á sua chegada na Bahia em fins de Outubro de 1824, lavrava o susto e o terror em consequencia do assassinato do commandante das armas o coronel Felisberto Gomes Caldeira, feito por uma facção militar, da qual divergião outros corpos, a que se encorporou José Eloy, e

cujo commando assumi, restabelecendo assim a antiga tranquillidade.

Em Dezembro de 1825 partio para a campanha do Sul, e, apesar de sua probidade, prevalecêrão contra elle os effeitos da intriga de alguns seus desaffectedos, pois recolhendo-se ao Rio de Janeiro foi reformado no posto de coronel, com diminuição de seus vencimentos. Não reclamou contra sua reforma, retirou-se ao seio de sua familia, dedicando-se á advocacia, até que em 1831 tornou á linha dos effectivos, passando depois para o corpo de engenheiros.

A rua Nova do Commercio, a grande muralha de apoio de parte da montanha, que fórma a ladeira da Conceição, são obras delineadas, e dirigidas por elle.

Presidente de Sergipe em 1837 muitos serviços prestou contra a crise revolucionaria, que durou na Bahía mais de um anno, serviços pelos quaes foi congratulado pela assembléa desta provincia, merecendo da munificencia imperial ser graduado no posto de brigadeiro. Dirigio tambem as forças contra os facciosos da cidade das Alagoas.

Jámais se dedicou a escrever comquanto possuísse bastante illustração. Ainda no vigor da idade acabou victima de um assassino, que lhe disparou um tiro das oito para as nove horas da noite do dia 2 de Março de 1841, ao qual poucos instantes sobreviveu, evadindo-se o scelerado, cujo nome ficou no véo do mysterio, visto que José Eloy não tinha inimigos. Deixou esposa e oito filhos, e um nome honrado, morrendo pobre.

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO.

(VISCONDE DE S. LEOPOLDO.)

Nasceu em Santos, da provincia de S. Paulo . a 9 de Maio de 1774.

Contava 24 annos, quando obteve o gráo de bacharel na universidade de Coimbra, em direito e em canones. Residio quasi tres annos na capital da monarchia portugueza, confundido na grande turba dos bachareis reque-rentes, e fazendo algumas versões de inglez, até que pela protecção de Diogo do Toledo Lara e Ordonhes, seu pa-rente, que gozava da privança do ministro dos negocios do ultramar, foi despachado juiz das alfandegas do Rio Grande e Santa Catharina, e incumbido de crea-las.

Tornou a seu paiz natal em 1801, mas só em 1804 poudo vencer os immensos embarços, com que teve de lutar, tornando effectiva a creação da alfandega de Porto Alegre, e do consulado do Rio Grande.

Auxiliou o governo do Barão de Bagé, e de D. Diogo de Souza, sendo consultado sobre a melhor gerencia dos negocios publicos, apezar de, por algum tempo, ter este ultimo governador se conservado em respeitosa distancia, dispensando as luzes e a moderação do juiz da alfandega, estado dubio que Guizot chamou a *paz armada*.

Na qualidade de auditor geral das tropas acompanhou o exercito pacificador, e assistio á campanha de 1811 e 1812, no que muito lucrou, pelo conbecimento pratico das localidades, em que se passárão as scenas de que se

constituiu narrador fiel nos seus *Annaes da provincia de S. Pedro*.

Desembargador honorario, gozando das honras de coronel, foi membro da primeira junta de justiça, que se creou na provincia de S. Pedro.

Os acontecimentos de 1821 o encontráráo no meio dos seus estudos, e foi então designado para o lugar de deputado ás côrtes geraes e constituintes da nação portugueza pela provincia de sua residencia, e pela do seu nascimento, d'onde se achava ausente havia dezenove annos.

Conservou-se em Lisboa até a proclamação definitiva de nossa independencia, e só deixou de comparecer ás sessões das côrtes quando julgou findo o seu mandato. Com semelhante procedimento, não devidamente apreciado pelas paixões de uma época de ebullição, teve Pimheiro de soffrer o sequestro de seus bens, o que não pouco arruinou sua fortuna, adquirida á custa da mais estricta economia.

Presidente de S. Pedro, occupou-se sériamente em desenvolver todos os elementos de prosperidade, sendo o fundador da colonia de S. Leopoldo, cujos prazos por si mesmo dividio. Organizou a primeira typographia que houve na provincia.

Foi o primeiro provedor da casa de caridade de Porto-Alegre, e toda a cidade vio-o, no 1º de Janeiro de 1825, com sua farda dourada de presidente, carregando ás costas um doente deitado em uma réde, e dando este exemplo de humildade evangelica, que por todos foi seguido, na occasião de abrir o novo hospital, e de trasladar para elle os enfermos que se achavão em uma casa velha.

Em 1825 foi nomeado ministro do imperio, e refe-

rendou os decretos creando as academias juridicas e a das Bellas-Artes. Foi nesse tempo que o fundador do imperio deu-lhe o titulo de Visconde, fê-lo conselheiro de estado, e escolheu-o senador pela provincia de S. Paulo.

Os successos politicos, que originárão a abdicação de D. Pedro I, o desgostárão profundamente, e o obrigárão a retirar-se da scena politica, achando nas doçuras de sua virtuosa esposa e de seus filhos ampla compensação dos seus pezares como homem politico.

Entregou-se á educação de seus filhos, e á cultura de uma chacara, que possuia nos arredores da cidade do Rio Grande, quando a revolução de 20 de Setembro de 1835 o veio tirar do seu *ocio honroso*, e lembrar-lhe o dever de bom cidadão. Sua chacara foi talada pelos rebeldes, que alli assentárão o seu quartel-general durante todo o tempo do cerco de Porto-Alegre; seus escravos fugirão para irem assentar praça no exercito liberal. Teve o Visconde grande parte no bom exito da reacção que o partido da legalidade operou na capital.

Em 1838 emprehendeu uma viagem a Santos, lugar de seu nascimento, para negocios de familia, e no fim de sua vida o objecto de suas predilecções era o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que era presidente perpetuo.

Falleceu a 6 de Julho de 1847, em Porto-Alegre, rodeado de sua mulher e filhos, com idade maior de 73 annos.

Poucos mezes antes de morrer ainda escrevia estas palavras: « Ainda na proxima sessão não poderei ir ao « senado; arrastro com muito custo o peso de 73 annos; « sinto a passos largos fugir-me a vida, o desfalleci-

« mento das minhas faculdades physicas e moraes me
 « adverte a todo o momento que não póde estar longe
 « a hora do trespasso; eu o espero sem horror, resig-
 « nado, como póde estar um christão e um philosopho.
 « Se melhores serviços não prestei á patria, prestei-lhe
 « os que se deverião esperar de uma educação aca-
 « nhada, mas com honra e probidade. Despedi-me do
 « Instituto, e renunciei o titulo de seu presidente per-
 « petuo, agradecendo a nomeada que com isso me deu; não
 « continúo porque eu mesmo desconfio da minha cabeça,
 « não desejo comprometter os negocios publicos. Conta-se
 « que Napoleão dizia que *a roupa suja lava-se em casa*.
 « Não tenho o remorso de dissipar o patrimonio de
 « meus filhos; uma rebellião, na qual eu mais padeci
 « pelo meu afferro e devoção á monarchia, desolou e
 « incendiou a minha chacara. Duas vezes o Imperador
 « parou diante della indo para Viamão; nada tenho
 « pedido senão a indemnização do meu officio da alfân-
 « dega do Rio Grande, o que não é uma graça, é
 « uma justiça, porque era uma propriedade que eu
 « creei, e exerci por mais de vinte annos com honra e
 « sem nota, e ninguem m'o negará. »

JOSE FLORINDO DE FIGUEIREDO ROCHA

(DOUTOR).

Natural da Bahia, lente da antiga academia militar do Rio de Janeiro, lugar em que se jubilou, e um dos principaes fundadores da primeira caixa economica, que se estabeleceu na córte em 1831, é em cuja direcção teve de ficar por longos annos. Falleceu em 1862 no

mesmo lugar em que respirou a primeira aura da vida.

JOSE JOAQUIM CARNEIRO DE CAMPOS

(MARQUEZ DE CARAVELLAS).

Nasceu na Bahia a 4 de Março de 1768. Destinado á vida religiosa por seus pais, secularisou-se com consentimento delles, e seguiu os estudos de direito civil patrio, em que se graduou.

Em Lisboa empregou-se no ensino e educação dos filhos de D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois Conde de Linhares, sendo depois empregado na secretaria de estado da fazenda.

Seguiu para o Brasil em 1807, quando a córte de Portugal deixou Lisboa, e ainda ahi empregou seus vastos conhecimentos e exerceu muitas commissões, desde o lugar de official de uma das secretarias de estado até o de deputado por diversas provincias, de senador pela sua, ministro e conselheiro.

Foi um dos tres regentes depois da revolução de 7 de Abril de 1831, e sua eleição foi quasi inspirada, porque não houve para isso a menor preparação.

Foi sempre reputado como independente em suas opiniões, votando contra tudo o que lhe parecia opposto ao bem da nação, e, como regente, contribuiu muito para conciliar os diversos partidos, sua politica dominante, politica de um homem illustrado, que conhece quão poucos principios se encontram em politica que

sejão incontestavelmente demonstrados; e ainda que nunca sujeitou sua razão a partidos, dispostos a ende-reçar todos os meios a seus fins, elle achava naturalmente o seu assento na assembléa geral ao lado daquelles, que entendem que o throno deve firmar-se no amor dos povos, na justiça da administração, e no maior desenvolvimento das instituições da monarchia constitucional. O Marquez de Caravellas prezou sempre o principio da *aristocracia do merito*. Acabou pobre a 8 de Setembro de 1836.

JOSE MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (FR.)

Religioso franciscano, natural da provincia de Minas-Geraes. Publicou a *Flora Fluminense*, obra que escreveu independente de preparatorios escolares, e levado só pelas inspirações do genio, monumento de plantas e flôres, classificadas segundo o systema de Linneu; colleccção de 1,640 vegetaes em doze volumes, com estampas abertas em Paris á custa do governo, em cuja empreza dedicou vinte e cinco annos, embrenhado por desertos que, em razão da sua situação tropical e da variedade dos lugares, offerecião abundante colheita de vegetaes, tão notaveis pela belleza como pela diversidade de suas fórmas (*).

JOSE MAURICIO NUNES GARCIA.

Nascido no Rio de Janeiro a 22 de Setembro de 1767. Desde tenra infancia manifestou grande vocação

(*) Dicc. Bibl. Port., de Innocencio, vol, 5º, 1860.

para a musica. Tinha bellissima voz, cantava admiravelmente, improvisava melodias, e tocava viola e cravo sem haver aprendido, além de prodigiosa memoria para reproduzir fielmente tudo quanto ouvia executar.

De seu motu-proprio foi assentar-se nos bancos da aula publica de latim, e aprendeu tambem philosophia racional e moral, adquirindo tantos e tão extraordinarios progressos, que os professores o indigitárão capaz de substitui-los, ao que José Mauricio escusou-se, tendo comtudo leccionado algum tempo, e contado no numero de seus alumnos o conego Luiz Gonçalves dos Santos.

O negociante Thomaz Gonçalves, com quem entretenha amizade, fez-lhe patrimonio, e o collocou em estado de receber as ordens de diacono, e cantar missa em 1792, obtendo licença para prégar em 1798.

Nos trabalhos e virtudes de sua mãe, e de uma tia, achou elle sempre os recursos e a direcção de sua primeira educação, pois perdeu seu pai na idade de seis annos.

Obteve vastos conhecimentos de geographia e de historia, tanto profana como sagrada, e das linguas franceza e italiana, não sendo hospede no inglez e grego.

O bispo D. José Caetano elogiava-o, não como artista, mas como um sacerdote dos mais illustrados da sua diocese, e fazia-o comparecer sempre ás palestras litterarias que fazia em seu palacio, as quaes cessárão na época da independencia, por haver sido espionado o seu palacio de ordem do governo.

Entregou-se ao ensito publico, e tambem ao particular, d'onde tirava a maior parte de sua subsistencia,

enraizando assim o gosto da musica no Rio de Janeiro.

Por Decreto de 26 de Novembro de 1808, anno em que chegou ao Brasil a familia real, foi nomeado inspector da musica da real capella, e nesse exercicio de compôr, ensaiar e residir, estragou toda a sua constituição, que era robusta.

Em 1810, depois de uma grande festividade em que D. João VI sentio-se arrebatado de enthusiasmo, foi José Mauricio chamado ao paço, e, em presença da côrte, collocou el-rei no peito do musico, por sua propria mão, o habito de Christo. Teve uma razão de criado particular, que foi depois convertida na mensalidade de 32\$, a requerimento seu, á vista dos embarços que na ucharia soffria dos empregados do paço, e teve ordem para haver um cavallo todos os dias á sua disposição, a qual executou-se, mas de tal natureza era o cavallo que nem o mestre nem o moço que o trazia ousavão ensaiar-lo por um minuto.

Improvisou doze divertimentos, que são doze peças admiraveis de inspiração, para a banda de musica que acompanhou em viagem a Archiduqueza, primeira Imperatriz do Brasil. Com o regresso d'El-Rei as festas da capella forão modificadas, como se vê da provisão episcopal de 17 de Maio de 1822.

El-Rei D. João avaliava a força e o poder do talento de José Mauricio: a despeito de sua côr mestiça era tolerado na côrte portugueza, onde o auto do nascimento formava o maior merecimento do homem, dava direito a todas as sympathias, e onde o ser Brasileiro, e mórmente *mulato*, bastava para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.

D. João nunca distinguio, de coração, accidentes ou incidentes do homem; pai e principe, havia nascido acima de todos os preconceitos.

Sobem acima de duzentas as peças da composição de José Mauricio. Foi victima das calumnias, do desfavor e das murmurações de seus proprios compatriotas. Sua alma, porém, nunca se dobrou a uma represalia.

Expirou na manhã de 18 de Abril de 1830.

JOSE RICARDO DA COSTA AGUIAR DE ANDRADE

(CONSELHEIRO).

Nasceu na cidade de Santos a 15 de Outubro de 1787, obtendo o gráo de bacharel em leis na universidade de Coimbra em 9 de Julho de 1810. Por occasião de uma invasão do exercito francez no territorio portuguez estava elle no quarto anno de sua formatura: tomou a blusa de soldado de infantaria, e militou com distincção no corpo, de que era chefe seu tio José Bonifacio. Voltando ao Brasil foi nomeado juiz de fóra da cidade de Belém, no Pará (1812), lugar que exerceu até crear-se a ouvidoria geral de Marajó (1819), sendo logo tambem nomeado desembargador ordinario da relação da Bahia.

Durante sua estada no Pará escreveu uma importante memoria, ou os annaes daquella provincia, que offereceu ao fundador do imperio; os escassos meios,

porém, de sua fortuna, nunca lhe permitirão dar á luz em sua vida esse precioso manuscrito.

Em 1821 foi eleito deputado ás côrtes constituintes de Portugal, onde se portou sempre com denodado civismo, sendo um dos deputados que acompanhou Antonio Carlos para Inglaterra, por não querer assignar a celebre constituição portugueza, onde estava disfarçada a escravidão do Brasil.

Foi ainda eleito deputado á assembléa constituinte brasileira, estando em Inglaterra, e dissolvida, foi eleito deputado á primeira assembléa legislativa do imperio em 1826.

Creado o supremo tribunal de justiça, foi nomeado ministro delle em 1828, por estar muito adiantado na carreira da magistratura.

Conhecia as linguas e dialectos europeus por seus estudos especiaes sobre historia e costumes de povos antigos e modernos, e por ter viajado quasi toda a Europa.

Em 1842 foi em demanda dos Santos Lugares com a mesma uncção e assomo religioso de Chateaubriand e Lamartine, impressionado pela affeição religiosa que tomára pelos povos e lugares onde se havião passado os factos da historia santa, aprendendo antes as linguas orientaes, que chegou a fallar familiarmente.

Voltando ao Rio de Janeiro, no fim de dezenove mezes de peregrinação scientifica, occupava-se em rever os seus manuscritos, suas preciosas viagens, seus muitos trabalhos linguisticos, inclusive as grammaticas turca e arabe, quando foi sorprendido pela morte na idade de 58 annos.

Os religiosos do Santo Sepulchro conduzirão-lhe o corpo da porta do templo ao jazigo derradeiro. Foi para elles um dever doloroso, quasi uma missão providencial, por se acharem no imperio a tempo de saudarem, pela ultima vez, o peregrino que os fôra visitar tão longe. Elles forão, como os Gregos acompanhando o corpo de Byron, ou como os Polacos esparzindo a terra da Polonia sobre os restos de Delavigne, murmurar suas saudades de gratidão sobre o corpo do viajante da Terra Santa. Os restos deste varão illustre achão-se depositados na capellinha de Jerusalém, á rua dos Barbonos, no Rio de Janeiro.

JOVITA ALVES FEITOSA.

Nasceu a 8 de Março de 1848 na aldeia do Brejo Secco, em Inhamuns, da provincia do Ceará.

Perdeu sua mãe em 1860, fallecida do cholera-morbus.

Aos 16 annos deixou a casa de seu pai na intenção de dedicar-se ao estudo da musica, de que era mestre seu tio Rogerio, domiciliado em Jaicós, na provincia de Piauhy.

Setenta leguas andou Jovita, exposta a não pequenos riscos; — e, trajando vestes grosseiras de homem, havendo cortado com uma faca os cabellos, que cobrio com um chapéo de couro, apresentou-se na cidade de Therezina ao presidente da provincia em Julho de 1865, offerecendo-se para alistar-se como voluntaria da patria, dizendo *ser o seu maior desejo bater-se com os monstros,*

que tantas offensas tinham feito ás suas irmãs de Matto-Grosso, e vingar-lhes as injurias ou morrer nas mãos desses tigres sedentos.

Ac 2º batalhão de voluntarios foi incorporada com a graduação de 2º sargento, depois de haver declarado querer ser militante, e não enfermeira. — Em 10 de Agosto embarcou com 460 praças para a Parnahyba, d'ahi para o Maranhão, e do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde desembarcou em 9 de Setembro.

Em 16 deste mez baixou da secretaria da guerra a ordem seguinte :

« Não havendo disposição alguma nas leis e regulamentos militares, que permitta a mulheres terem praça nos corpos do exercito, nem nos da guarda nacional ou de voluntarios da patria ; não póde acompanhar o corpo sob o commando de V. S., com o qual veio da provincia de Piauhy, a voluntaria Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça do mesmo corpo, mas sim como qualquer outra mulher das que se admittem a prestar junto aos corpos em campanha os serviços compatíveis com a natureza de seu sexo, serviços cuja importancia podem tornar a referida voluntaria tão digna de consideração, *como de louvores o tem sido* pelo seu patriótico offerecimento : o que declaro a V. S. para seu conhecimento e governo. Deos guarde, etc. »

Depois desta ordem, que era a negativa de permissão para continuar ella a acompanhar as tropas voluntarias, notou-se nos olhos de Jovita ora a tristeza, ora o desespero.

Isolada, sem amparo, sem affeições, rejeitada por seu pai a cujo seio tentára voltar, n'uma cidade como a do Rio de Janeiro, arremessou-se no caminho da perdição e da amargura.

Compare o philosopho christão as duas épocas da vida de Jovita nos seguintes trechos :

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Agosto de 1865.

A este batalhão vem incorporada a *heroína brasileira*, segundo a consagração popular, Jovita, de 18 annos, natural de Inhamuns, e a um anno residente em Jaicós, onde deixa dous irmãos menores, e o pai, que com difficuldade acquiesceu aos desejos patrióticos de sua heroína filha. Dominada de grande patriotismo, que se lhe desenvolveu com as infamias dos Paraguayos, feitas ás de seu sexo, foi Jovita á capital de Piauhy, e ahi alistou-se no 2º corpo de voluntarios dessa provincia, declarando logo que não queria ser enfermeira, e sim militante.

O presidente da provincia depois de se convencer que a sua resolução não era filha de loucura, nem pretexto para encobrir um illicito amor, a mandou alistar com a graduação de 2º sargento, em cujo posto com facilidade se exercitou, e dizem ser o sargento do corpo, que está mais pratico nos manejos das armas.

Os Maranhenses fizeram a esta patriota, que mais tarde seria uma *heroína*, as maiores ovações. Na sua chegada alli ia ser hospedada em casa do Dr. juiz de direito da 2ª vara Antonio Francisco de Salles, onde se hospedou o commandante, porém o ajudante de ordens da presidencia, o

JORNAL DO COMMERCIO.

Outubro de 1867.

Suicidou-se antehontem (9 de Outubro) de tarde na casa da praia do Russell numero 43, Jovita Alves Feitosa, natural do Ceará, a mesma que viera para esta côrte com o posto de sargento, em um batalhão de voluntarios daquela provincia, e que tendo depois baixa, aqui ficou residindo.

A respeito deste tragico acontecimento, e dos motivos que levárão aquella infeliz a dar fim aos seus dias, communicou-nos a autoridade competente o seguinte :

Jovita entretinha ha algum tempo relações com Guilherme Noot, engenheiro da companhia City Improvements, morador com outro engenheiro da mesma companhia na casa acima.

Tendo finalisado o tempo do contracto que Noot tinha com a companhia, e devendo elle partir antehontem para Inglaterra, escreveu no domingo a Jovita um bilhete em inglez, no qua despedia-se, participando-lhe aquella sua intenção.

tenente Campos, que primeiro foi a bordo, a levou para o seio de sua Ex.^{ma} familia, onde recebeu a heroína menina distincto agasalho, e foi cumprimentada por inúmeras pessoas.

O empresario do *S. Luiz*, Vicente Pontes de Oliveira, mal fundeou o vapor, annunciou para o mesmo dia um espectáculo em honra dellá; e tamanho foi o enthusiasmo que em pouco menos de tres horas forão vendidos todos os camarotes e cadeiras, sendo a concorrência no espectáculo espantosa. A elle assistio Jovita em trajos militares, e de um camarote, adornado com a bandeira nacional.

A distincta artista D. Manoela, vestida de guerreiro e empunhando o estandarte nacional, recitou a patriotica poesia do Sr. Muniz Barreto, e em seguida cantou ella, acompanhada pela orchestra, com todos os artistas da companhia, fardados de voluntarios, o hymno de composição do maestro Francisco Libanio Colás, e letras do poeta Juvenal Galeno.

Por essa occasião o povo pediu o comparecimento em scena da heroína, o que ella satisfez. Vivas, bravos, e flôres partirão de todos os angulos do theatro.

D. Manoela, abraçando-a e dando-lhe um osculo, tira-lhe o boné, colloca-lhe na cabeça uma corôa de louros, lança-lhe ao pescoço um cordão, e um crucifixo de ouro; e findo que foi o espectáculo, ella é conduzida á casa pelo povo ao som de vivas e musica.

O negociante portuguez Boaventura Coimbra de Sampaio, mandou-lhe preparar e offerar

Desconhecendo a lingua ingleza, e na supposição de que aquelle bilhete não continha mais do que a repetição de cumprimentos, que o mesmo lhe havia mais de uma vez dirigido em outros escriptos em portuguez, Jovita não se deu pressa em procurar quem lh'o traduzisse.

Antehontem de manhã, indo alguém á rua das Mangueiras n. 26, onde morava a infeliz, disse-lhe que Noot havia partido no paquete inglez *Oneida*, noticia esta que causou-lhe surpresa, e desassocego taes que uma mulher que com ella morava, temendo algum desatino da sua parte, procurou tranquillisa-la, dizendo-lhe que talvez não fosse verdade.

Pouco depois de duas horas da tarde fez Jovita chamar um carro, e, vestida com todo o esmero, nelle entrou, mandando que a conduzissem á casa indicada na praia do Russell, onde chegando, e sabendo de uma preta, que com effeito Noot havia partido, e que seu compa-
nheiro não se achava em casa, entrou no quarto que fôra habitado por aquelle a quem procurava, e, tendo pedido um envelope, nelle metten alguns papeis com direcção a Noot, entregou-o á preta com recom-

um completo fardamento de pan-
no fino. O Maranhão soube dis-
tinguir a tão patriótica joven, e
o Sr. Dr. Salles deu-lhe um
jantar, a que assistio toda a
officialidade do seu corpo, e in-
numeradas pessoas.

Ao passar pela Parahyba re-
cebeu ella ainda uma nova prova
de apreço, que merece a seus
conciudadãos.

Uma commissão foi a bordo
do vapor, e ali fez-lhe offerta
de um custoso anel de brilhan-
tes, como recordação de seus
patricios Parahybanos, que sa-
bem, como todos os Brasileiros,
honrar as virtudes cívicas.

Em Pernambuco não forão
menores as ovações que tribu-
tárão a Jovita; até o presidente
da provincia lhe deu um lugar
a seu lado, n'um camarote do
theatro.

mendação de remettê-o ao seu
destino, e sentou-se na cama
que alli havia, retirando-se a
preta.

As cinco horas e meia, vendo
a preta que a moça ainda se
conservava no quarto, alli pe-
netrou, e encontrando-a deitada
na cama com a mão direita sobre
o coração, e parecendo presa de
algum ataque, tentou reanima-la,
chegando-lhe ao nariz um vidro
com agua de Colonia, depois do
que procurou levanta-la, e viu
então que a mão colla cada sobre
o coração apertava um punhal
nelle cravado até as guardas.

Á penna do nosso amigo Rangel de Sampaio per-
tencem os seguintes versos, que elle dedicou ao Sr.
Francisco Mendes de Araujo, digno ancião que prestou
os ultimos serviços uebres á pobre martyr, como se
disse no *Correio Mercantil* de 12 de Outubro de 1867:

Elle n'avait pas vingt ans.

V. Hugo.

As grandes vidas como essa foi, não
morrem de doenças miseraveis; lega-
dos ulcerosos que a humanidade herda
a seus filhos, como um escravo!

ALVARES DE AZEVEDO.

Respeito! — Já purgou os seus delirios:

A morte é dura pena — nobilita;

Mundanos vos curvai, passa um cadáver

O seu nome no mundo era Jovita.

Ei-la morta ! inda assim tem heroismo,
 Inda assim é sublime de nobreza,
 Inda assim em seu corpo ensanguentado
 O genio se demonstra a realza !

Ei-la ! tem um punhal fino engastado
 Naquelle coração que pulsou tanto,
 Coração que buscou com ancia a gloria,
 E que só encontrou desgraça e pranto !

Era sua alma ardente quaes desertos
 Da Arabia, quando o *simoun* rodopia ;
 Livre como o condor em seu remigio,
 Bella como o raiar de um bello dia.

Só nasceu para amar ! Como essa Lelia
 Da Jorge Sand, amou quanto era bello ;
 E o mundo injusto em luta, não deixou-a
 Colher uma só flôr, um só anhele.

Sua alma tinha amor e enthusiasmo
 Como nossos sertões belleza e flôres,
 Em paga, um máo destino reservou-lhe
 Martyrios infernaes, infernaes dôres.

Amou a pobre-mãe, era inda infante
 Quando a mãe fallecendo abandonou-a,
 Depois amou a patria, como a d'Arc,
 A patria com calumnias premiou-a.

Quiz a farda, e fuzil, derão-lhe a tunica
 Da perdida — tismarão-lhe a capella,
 Que exornava-lhe a fronte intelligente :
 Chamarão-n'a *Ninon*, sendo donzella !

Torpes, desvirtuárão-lhe as idéas !
 Cuspirão-lhe na face mil insultos !
 Matarão o futuro da criança
 Que em outro paiz teria cultos !

Oh ! não, não foi a patria, eu me retracto,
 A patria comprehendeu quanto valia
 Jovita, de Inhamuns gloria primeira,
 Que de tudo apezar resplandecia.

A patria a venerou ! Almas zoophytas
 Que a existencia da luz negão convictos
 Medirão-na por si, sendo ella um anjo,
 Medirão-na por si — elles prescitos !

A farda lhe despirão, e a circumdárão
 De tudo o que a lisonja ha inventado ;
 Tanto, que o mais sagaz della obteve,
 Como ella amou a patria, ser amado.

Oh ! como resistir a pobre louca
 Aos acertados golpes da torpeza,
 Se, filha de um sertão, não conhecia
 Quanto um seductor tem de haixeza.

Era amor o punhal que lhe restava,
 Sua alma nessa luz incendiou-se ;
 Era flôr dos jardins dos gozos d'alma,
 Mui depressa essa flôr murcha esfolhou-se.

Amou, e nesse amor em vez dos gozos
 « Dessa morte de amor melhor que a vida »
 Encontrou a saudade, o abandono,
 Uma carta, um punhal ! — fez-se suicida.

Pai das Misericordias ! Tu que viste
 O que soffreu su'alma tão ardente ;
 Não a affastes de ti, não a castigues ;
 Perdoa, é tua filha ; sê clemente !

Respeito ! já purgou os seus delirios,
 A morte é dura pena, nobilita !
 Brasil, o teu cocal cinge de crepe,
 Mais um heróe morreu ! —
 Morreu Jovita ! ! ! !

Ha creaturas que nascêrão marcadas com o sello da desgraça. Jovita cumprio o seu destino !

A historia da malaventurada ahi anda ; seu autor, na phrase de um litterato, *é christão no valor da palavra ; elle tem uma genuflexão para todas as cruces, uma lagrima para todas as dôres sublimes, uma oração para toda a memoria, uma flôr para toda a sepultura.*

LOURENÇO DE MENDONÇA (PADRE DOUTOR).

Prelado e administrador ecclesiastico da capitania do Rio de Janeiro, lugar de que tomou posse em 9 de Setembro de 1633. Com este lugar herdou as affrontas, com que o povo o tratou, desde os primeiros dias de sua administração, chegando ao excesso de o fazerem embarcar em um desapparelhado barco, deixando o seu ultimo destino á Providencia, de que felizmente o salvou a tripolação de uma embarcação, que estava no *poço*. Foi preso por ultimo, e remettido ao tribunal do santo officio, por crimes indignos do seu estado. Mostrou-se innocente, e, por ordem do soberano, consta que fôra consultado para o cargo de D. Prior do convento de Aviz.

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE.

Nasceu na Bahia a 31 de Dezembro de 1832; entrou para a ordem de S. Bento em 9 de Fevereiro de 1851, tomando o nome de frei Luiz de Santa Escolastica. Secularisou-se em 1854, e falleceu a 24 de Junho de 1855. Era poeta, publicou um bello livro que intitulo *Inspirações do claustro* (*).

LUIZ DE VASCONCELLOS SOUZA (D.)

No seu governo, de que tomou posse em 5 de Abril de 1679, formou-se no Rio de Janeiro o Passeio publico, edificou-se a fonte das Marrecas, e classificou-se uma grande collecção de plantas do paiz, ainda não conhecidas na ordem do reino vegetal, as quaes forão copiadas com toda a belleza e propriedade. Restaurou-se, em um anno, o recolhimento do Parto, quasi todo consumido por um incendio. O retrato de D. Luiz existe na igreja do Parto, do Rio de Janeiro.

MANOEL ALVES BRANCO

(VISCONDE DE CARAVELLAS).

Nasceu na Bahia a 7 de Junho de 1797. Completou o curso de direito em 1823, na universidade

(*) Vid. Dicc. Bibl. Port., de Innocencio., vol. 5º 1860.

de Coimbra, onde frequentou também as sciencias naturaes e mathematicas. Chegou á sua patria em 1824, pouco depois da retirada das tropas do general Madeira, e, nomeado juiz do crime, exerceu este e outros lugares da magistratura até 1830, em que foi eleito deputado.

Foi encarregado pela camara de redigir o primeiro codigo do processo por jurados, que teve o Imperio, e que passou em 1831; e nesse mesmo anno apresentou diversos projectos sobre o systema eleitoral, e sobre o poder judiciario, sendo o primeiro que se lembrou das incompatibilidades dos juizes para as funcções legislativas.

Em 1832 foi chamado ao thesouro no lugar de contador geral, fazendo logo diversos regulamentos, e as primeiras instrucções para a escripturação por partidas dobradas.

Chamado para o ministerio da justiça, e de estrangeiros, assignou com Mr. Fox a convenção abolicionista do trafico, que a assembléa não approvou.

Senador em 1837, ainda esteve na pasta do imperio, recusando porém ficar com a regencia, não obstante as instancias do regente Feijó. Ministro da fazenda por nomeação do regente Araujo Lima, deixou a pasta em Maio de 1840 por desintelligencias com membros influentes da maioria, voltando em 2 de Fevereiro de 1844 á mesma pasta, onde melhorou muitos regulamentos da arrecadação das rendas. Pertencia á familia dos poetas, poetas sonorosos e grandiloquos. « *Nasci pobre, dizia elle, e pobre morrerei; mas nasci na mediania social, e fui elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um principe, que não pergunta pelos avós dos servidores do Estado.* »

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO.

Nasceu na cidade de S. Paulo a 12 de Setembro de 1831, e, dous annos depois, veio para o Rio de Janeiro em companhia de seus pais. Até aos cinco annos foi robusto de saude, mas dessa idade em diante, em que sua vida esteve em perigo, ficou-lhe uma fraqueza, ou adoentamento de corpo.

Em 1844, por conselho de medicos, e pelo receio que seus pais concebêrão pela sua vida, partio, em companhia de um tio, para S. Paulo, onde fez exames de alguns preparatorios, voltando para o Rio de Janeiro, por não ter idade para seguir o curso juridico.

Em 1847 tomou o grão de bacharel em letras no collegio de Pedro II, e em 1848 entrou no curso juridico de S. Paulo, em que completou bem o seu quarto anno de estudos, como fôra nos outros annos.

Teve gosto pronunciado pela poesia, e pelo desenho, que se lhe desenvolveu aos dez annos de idade ; e desde que deixou de frequentar as aulas até sua morte percorreu admiravel e progressivamente sobre a litteratura portugueza, franceza, ingleza, italiana, e alleman. Não se esqueceu tambem de sua carreira, porque em razões, em autos, em pareceres deixou bem desenhados os seus conhecimentos de direito mercantil, e de direito civil.

Até além do seu primeiro anno academico Azevedo era alegre e risonho ; depois seu riso não tinha tanta expressão de contento. A principio repartio sua vida

íntima com os amigos com quem morava, e com outros que procurava, ou que o procuravam. Ao redor de uma mesa, allumiados por um candieiro, envoltos no fumo dos charutos, ou dos cachimbos, e outras vezes por noites alvas do luar, palestrava, disputava, fantasiava, improvisava, escrevia sobre muitos assumptos, apreciava emfim as bellezas da natureza. Por ultimo passou a viver só, o seu prazer consistia em concentrar-se comsigo — sósinho, em sua casa, com Deos. Tornou-se tristonho, melancólico, e sempre na idéa de morrer cedo. Amava muito sua mãe, a quem sempre acompanhava nas horas que não erão de trabalho, e de estudo.

Depois de uma molestia, que o prostrou na cama mais de quarenta dias, entregou a alma ao Creador em 25 de Abril de 1852, com todos os soccorros da religião, que reclamou.

Ahi existem suas obras publicadas em tres volumes, em 1862, e, segundo consta, muitos manuscritos se perdêrão.

MANOEL BECKMAN, OU BEQUIMÃO.

Nascido em Lisboa, residia no Maranhão em honesta abastança, querido e venerado de todos, quando moveu ahi uma revolta em 1684, de que resultou a deposição do governador, a expulsão dos assentistas, (negociantes de escravos e do estanco), e a dos jesuitas. Depois de preso e processado pelo governo de então, foi mandado decapitar em 2 de Novembro de 1685 como *inconfidente* pelo governador Gomes Freire de

Andrade. Um descendente deste governador, e do mesmo nome, passado seculo e meio, isto é, a 18 de Outubro de 1817, foi fuzilado injustamente na esplanada da torre de S. Julião, em Lisboa, como *inconfidente* (*).

MANOEL DA NOBREGA (PADRE).

Nasceu em Portugal a 28 de Outubro de 1517. Tomou o grão de bacharel em direito canonico na universidade de Coimbra e aos 25 annos entrou para a companhia de Jesus.

Embarcou para o Brasil em 1 de Fevereiro de 1549 com outros jesuitas, na qualidade de superior, aportando á Bahia em 29 do mez seguinte. Introduzio-se entre as tribus selvagens, com o fim de conduzi-las á fé christã, fez edificar a capella da Ajuda, primeiro templo levantado no Brasil, e que servio muitos annos de matriz, e concorreu para outras edificações uteis á religião.

Fez grandes serviços como missionario, partindo em 1551 para Pernambuco com o padre Pires. O novo bispo D. Pedro Fernandes Sardinha permittio, em 1552, que o padre Nobrega acompanhasse o governador. pelo que passou a visitar o sul da provincia até S. Vicente (em S. Paulo), em cuja costa soçobrou o navio, que o transportava, escapando Nobrega desse naufragio pelo auxilio, que lhe prestarão os indios do lugar. Internou-se aqui pelos sertões, fundou uma igreja para reunir os indios Carijós, estabelecendo uma confraria do Menino Jesus, até que

(*) Vid. *Jorn. de Tim.*, de J. F. Lisboa, 3º vol. 1865.

recebeu a patente de provincial da companhia no Brasil, com jurisdição separada do reino.

Fundou um collegio nos campos de Piratininga (S. Paulo); voltou á Bahia em 1557, fazendo ahi reviver a catechese, e estabelecendo diversas residencias para isso. Foi dispensado de provincial, e, livre de taes funcções, que tanto o gravavão, duplicou seu zelo, auxiliando muito o governador nos meios, e nos conselhos, para fazer evacuar os Francezes da bahia do Rio de Janeiro, prestando-lhe mantimentos, tratamento de enfermos, e todos os soccorros.

Nobrega continuou em S. Vicente a prestar serviços ao aldeamento, e christianisação dos indios, e em 21 de Abril de 1563 partio com Anchieta, conduzido pelo Genovez Francisco Adorno em uma barca sua, aportando vinte e seis leguas ao norte de S. Vicente no dia 4 de Maio, onde entrou em ajuste com os indios, para que fizessem a paz com os Portuguezes, offerecendo em garantia da nova alliança a sua cabeça, e a de seu companheiro. A Nobrega se deve tambem, em grande parte, a restauração do Rio de Janeiro do poder dos Francezes, pelos auxilios e bons conselhos, que prestou aos governadores.

Ao padre preposito do collegio de S. Antão em Lisboa escrevia elle, quando chegou á Bahia pela primeira vez, muitas queixas sobre a mistura de negros e negras na nova povoação, dizendo que assim se innoculava no Brasil o fatal cancro da escravatura, fonte de immoralidade e de ruina. Sabe-se além disto que os negros erão para alli enviados d'Africa (*), afim de se darem aos soldados, descontando-se o seu valor pelos seus soldos.

(*) No anno de 1683 o povo do Grão-Pará e Maranhão, diz *Berredo*,

Nobrega falleceu em 18 de Outubro de 1570 com 53 annos de idade, no collegio do Rio de Janeiro (*).

No thesouraria de fazenda da provincia do Espirito-Santo, sob a guarda do respectivo thesoureiro, existem duas urnas de prata, contendo fragmentos de ossos, que, segundo a tradição, pertencêrão a Nobrega, e Anchieta.

MANOEL DA SILVA ROSA.

Musico notavel pelas composições sagradas que escreveu, entre as quaes se conta a da Paixão de Jesus Christo. Muitas dellas ainda se cantão, e fazem a admiração de todos os artistas e amadores que aprecião a musica do santuario. Viveu sempre retirado, tendo morrido em 15 de Maio de 1793. Era natural do Rio de Janeiro.

se amotinára contra os administradores da companhia autorizada pelo governo, porque de quinhentos negros da costa d'Africa, pela taxa ajustada de 100\$ cada cabeça, que se obrigarão a metter todos os annos em uma e outra capitania, caminhando-se já para o segundo de seu estabelecimento, nenhum até então se tinha visto nellas. Disto se collige que já era grande a falta de indios, que costumavão empregar em seus trabalhos, até porque, se os podessem haver a 4\$, como sempre os compravão, de certo se não sujeitarião a paga-los por 100\$ cada um dos quinhentos, que a companhia se obrigára a introduzir; e muito menos se revoltarião contra os seus monopolistas, porque nem um só havião introduzido, sendo aliás obrigados a isso pelo contracto approved pelo governo.

Em 1583 lavrou-se no Rio de Janeiro um auto de avença, que Salvador Corrêa de Sá, como governador, e provedor da fazenda real fez com João Guterres Valerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que d'Africa conduzisse no seu navio.

(*) Vid. Chronica da Companhia de Jesus, de Simão de Vasconcellos.

MANOEL DE SOUZA DE ALMEIDA (PADRE DOUTOR).

Tomou posse em 1659 da prelatura e administração eclesiastica do Rio de Janeiro. Dotado de grande affabilidade e prudencia, não poude abrandar a rebeldia dos homens, que o perseguirão e insultarão na propria casa de sua residencia, onde, no maior silencio da noite (5 de Março de 1668) o atacarão, embocando-lhe uma peça d'artilharia, carregada com bala ; e para que esta fizesse seu effeito, quando elles já estivessem em segurança, fóra da cidade, para onde se retirarão com o fim de evitar suspeitas, pozerão uma porção de corda acesa , com a extremidade sobre a escorva, de modo que disparou a peça, empregando-se a bala na parede da casa do prelado, onde conservou-se o signal por muito tempo, sem comtudo receber o prelado prejuizo algum.

MANOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES.

Nasceu na Bahia a 5 de Março de 1777, e estudou os preparatorios em Lisboa , mas não poude entrar na universidade de Coimbra por falta de meios pecuniarios.

Casou em 1795, e em 1798 matriculou-se na academia real de marinha, cujo curso concluiu, concedendo-se-lhe, para poder seguir estes estudos, em Decreto de 3 de Setembro de 1799, uma pensão de 50\$ annuaes.

Foi nomeado em 1801 lente substituto da academia, com a patente de primeiro tenente d'armada.

Voltou á Bahia, em companhia do Conde da Ponte,

que fôra nomeado governador e capitão-general; e passando a côrte de Portugal para o Rio de Janeiro, ahi se apresentou, em 1808, ao Conde de Linhares, que servia o lugar de ministro da guerra, o qual o nomeou capitão do corpo de engenheiros, e lhe deu outros encargos.

Em 1813 redigio a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e tambem o *Patriota*, interessantissimo periodico, que só dous annos durou, mas que resgatou do esquecimento muitos e importantes documentos de nossa gloria litteraria, e de nossa propria historia. Foi promovido a coronel graduado, e publicou em 1821 o periodico — *Espelho* — com o fim de animar a resistencia aos Lusitanos.

Foi eleito deputado á assembléa constituinte pela sua provincia em 1823, e tomou assento. Teve neste anno effectividade do posto de coronel, e em 1828 foi promovido a brigadeiro.

Falleceu em 24 de Outubro de 1838 com mais de 61 annos de idade, tendo passado em Março pelo desgosto de ver seu filho o major Innocencio Eustaquio mettido em conselho de guerra por causa da rebellião, que rebentou em 7 de Novembro de 1837. Foi elle o seu defensor, e arrancou lagrimas a todos que o ouvirão.

MANOEL FERREIRA DA CAMARA BITTENCOURT E SÁ (Doutor).

Nascido no Serro-Frio em 1762, tomou em Coimbra em 1788 o grão de bacharel em leis, e em philosophia. Viajou muito, e por muito tempo na Europa, de modo que fallava o francez, inglez, allemão, etc. Prendeu sua attenção ao exame dos terrenos auriferos, e aos estudos

mineralogicos, e foi elle quem tentou primeiro, e estabeleceu uma fabrica de ferro, em ponto grande, sobre o morro do Pilar, na comarca do Serro, escolhendo lugar tão apropriado, que dava 85 % de extracção.

Votou-se tambem aos trabalhos d'agricultura, propagou varias hortaliças, e deu-se a melhoramentos de economia domestica, e industria agricola.

Foi deputado á assembléa constituinte, senador do imperio, e dividio o seu tempo entre as sessões parlamentares, e os trabalhos agricolas emprehendidos em uma fazenda, que comprára na Bahia, e onde fixára sua residencia.

Naturalisou aqui algumas plantas exoticas, e introduzio em 1823 uma porção de raiz de araruta (*Maranta indica*).

Falleceu em 13 de Dezembro de 1835. Escreveu memorias sobre a cultura do cacáo, canella, algodão, tabaco, fabricacção da farinha de araruta, etc.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (DOUTOR).

Nasceu em S. João d'El-Rei, filho de um musico: formou-se em jurisprudencia na universidade de Coimbra, d'onde regressou a Lisboa; ahi foi respeitado pelos litteratos, apesar do prejuizo que dominava a córte portugueza sobre o accidente da cór parda, sendo convidado ás mais brilhantes sociedades, e nellas acolhido com particular estimacção, fazendo o encanto e admiracção dos que o communicavão, ou pelos seus discursos facetos, eruditos, e ricos de ajuizada critica, ou pelas suas poesias, ferteis de imaginacção, ou pela dexteridade e gosto com que

tangia uma rabeça, exercicio a que se affeiçoára desde menino.

Passou Manoel Ignacio ao Brasil, onde seguiu a profissão de advogado, sendo nomeado professor publico de poetica e rhetorica, cujo primeiro curso abriu no Rio de Janeiro em Agosto de 1782 em presença das pessoas mais gradas, e do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, decidido protector dos litteratos brasileiros.

O Conde de Rezende, que se seguiu no brilhante vice-reinado de Vasconcellos, inclinado a ver como insulto á sua pessoa a falta de elogios offerecidos a seu antecessor; homem suspeitoso e taciturno, recebeu uma denuncia estúpida de um malvado rabula, que o odio fradesco iniciára na mais vil intriga, denuncia que servio de pretexto para aferrolhar Manoel Ignacio nos subterraneos da Ilha das Cobras, por mais de dous annos, d'onde só sahio depois de repetir-se mui positivamente a ordem de soltura.

Occupou-se de novo no ensino da rhetorica, e em advogar, até que, sentindo os effeitos da vida sedentaria, a que se entregára, e tomado d'uma especie de melancolia, contrahida em sua injusta prisão, terminou a vida em 1 de Novembro de 1814, tendo vivido perto de 80 annos. Era coronel de milicias dos homens pardos de sua comarca do Rio das Mortes.

MANOEL ODORICO MENDES.

Nasceu no Maranhão a 24 de Janeiro de 1799, e, na universidade de Coimbra, completou os preparatorios, e fez inteiro o curso de philosophia natural, voltando á sua patria por lhe faltarem de repente, com

o fallecimento de seu pai, os supprimentos indispensaveis.

Na crise da independencia arremessou-se á arena do journalismo, escrevendo o *Argos da Lei*, e foi eleito deputado na primeira legislatura, alistando-se no Rio de Janeiro a par dos nomes illustres de Paula Souza, Vergueiro, Feijó, Vasconcellos e outros, que começárão a opposição vigorosa e incessante, que só devia ter fim com a revolução de 1831. Com aquelles vultos foi fundador da *Astréa*; e indo a S. Paulo, no fim de uma das sessões da assembléa, em companhia e a convite de Costa Carvalho, depois Marquez de Monte-Alegre, que fundára alli o *Pharol Paulistano*, Odorico não só escreveu muito para esse jornal, como ajudava a composição na qualidade de typographo.

Secretario da camara dos deputados, iniciou muitas leis importantes, e, sem ser orador de primeira ordem, era sempre feliz nos seus curtos improvisos. Collaborou em muitos jornaes, sendo delle a maior parte dos versos satyricos, que tanta voga derão ao *Sete de Abril*, e os artigos que combatião as injustas pretensões da França ao nosso territorio do Oyapock, publicados na *Liga Americana*.

Foi ainda eleito deputado na segunda legislatura, com a opposição do governo, e sendo accusado o ministerio na camara dos deputados, Odorico foi o primeiro a ferir a batalha, e de maneira se houve que mereceu a honra de uma interpellação directa do monarcha. Finda a sessão foi Odorico despedir-se do Imperador, que, em publica audiencia, lhe disse inesperadamente, alludindo á parte vigorosa que tomára na accusação: « Sr. Odorico, não seja tão inimigo dos meus ministros. » « Senhor, respondeu-lhe incontinentemente Odorico, eu lhe sou um subdito muito fiel, mas quanto ás minhas opiniões hei de

sempre exprimi-las segundo a minha consciencia, e para isso é que me cá mandárão. » É fama que o Imperador não se desagradára de tanta franqueza. Isto passou-se em 1829.

Por occasião da revolução de 1831, Odorico prestou muitos serviços, já entendendo-se pessoalmente com os chefes da força militar, já convocando os deputados e senadores para proverem ao governo do Estado em abandono, já finalmente exercendo decidida influencia na escolha dos membros da regencia provisoria, e da permanente que se lhe seguio. Houverão divergencias posteriores que produzirão uma scisão no partido vencedor, e havendo-se Odorico declarado pelos *moderados*, d'ahi declinou sua popularidade de modo que não pode ser eleito nas eleições de 1833, e só na seguinte eleição foi chamado a supprir a vaga, que deixára na camara o deputado Costa Ferreira, nomeado senador; mas a carreira politica de Odorico como que dera fim com a primeira exclusão que soffreu, e com o desgosto que lhe ella trouxe.

Além de muitas poesias ligeiras, que nunca forão colleccionadas, e outras que forão perdidas, Odorico traduzio em bom verso portuguez todas as obras do grande epico latino, Virgilio, a melhor traducção que existe em nosso idioma, segundo juizes competentes, havendo concluido tambem a traducção completa dos poemas de Homero.

Tendo sahido do Rio em 1847 viveu quatorze annos em Paris, da aposentadoria do seu emprego de fazenda, e das minguadas sobras que pudera anteriormente accumular, dando boa educação a seus filhos, dous

dos quaes alcançarão logo vantajosos lugares de fazenda.

Em 1861 viajou a Italia. Falleceu em Londres, que pretendêra visitar antes de regressar ao Maranhão, em 17 de Agosto de 1864, inesperadamente accommettido de um ataque cerebral dentro de um wagon, onde cerrão-se-lhe os olhos.

MARCOS DE AZEVEDO.

Morreu em uma prisão, na cidade da Bahia, sem revelar o lugar em que havia, em Goyaz, encontrado prata.

MARIA BARBARA.

Mameluca, casada com um soldado do regimento de Macapá (Pará), cruelmente assassinada no caminho da Fonte de Marco por não querer adulterar. O Sr. Tenreiro Aranha achou neste facto objecto para o seguinte soneto:

Se acaso aqui topares, caminhante,
 Meu frio corpo já cadaver feito,
 Leva piedoso com sentido aspeito
 Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
 Me viste, por fiel, cravado o peito,
 Lacerado, insepulto, e já sujeito
 O tronco feio ao corvo alti-volante;

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
 A mão cruel me trata desta sorte ;
 Porém que allivio busque á dôr amara,
 Lembrando-se que teve uma consorte
 Que, por honra da fé que lhe jurára,
 A' mancha conjugal prefere a morte.

MARIA DE SOUZA (D.)

Mulher das mais nobres de Pernambuco, a qual, sabendo que nas guerras hollandezas (1635) haviam degolado tres filhos seus, venceu de tal modo a afflicção natural que, chamando outros filhos, que tinha de 14 e 13 annos, lhes disse: « A Estevão tirarão hoje a vida os Hollandezes, e postoque, filhos meus, perdi já tres, e um genro, antes vos quero persuadir que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, a uma guerra onde tanto servem a Deos como a El-Rei, e não menos á patria. Pelo que, cingi logo a espada! e a triste memoria do dia em que a pondeis na cinta, esquecendo-vos para a dôr, só vos lembre para a vingança, matando ou sendo mortos, tão esforçadamente que não degeneréis desta mãe e daquelles irmãos (*).

MARIA URSULA DE ABREU LENCASTRE (D.)

Nasceu no Rio de Janeiro, e, apenas com 18 annos de idade, ardendo em desejos de assignalar-se no campo da guerra, abandonou a casa paterna, fugio aos

(*) Brito Freire, da Guerr. brasil., e Cantos de um trovador, do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

braços de seu velho pai João de Abreu Oliveira, e embarcou para Lisboa, onde, no dia 1 de Setembro de 1700, assentando praça de soldado sob o nome de Balthazar do Couto Cardoso, passou ao Estado da Índia.

Achou-se em muitos combates, obrou proezas, e portou-se sempre de modo digno de menção.

No assalto á fortaleza de Amboino foi um dos soldados que primeiro ousarão de entra-la, e mostrou valor e animo na tomada das ilhas de Corjuem e Pánelem.

Teve baixa do posto em 12 de Maio de 1714, e, trocando a vida guerreira pela pacifica, esposou ao valente Affonso Teixeira Arraes de Mello, que annos antes havia sido governador do forte de S. João Baptista, na ilha de Goa.

D. João V. em remuneração de seus importantes serviços, fez-lhe mercê, por despacho de 8 de Março de 1718, do paço de Panguim pelo tempo de seis annos, e de um xarafim por dia, pago na alfandega de Goa : ahi expirou.

MARQUEZ DE BAEPENDY.

(MANOEL JACINTHO NOGUEIRA DA GAMA.)

Nasceu em S. João d'El-Rei a 8 de Setembro de 1765. Estudando sciencias medicas em Coimbra por espaço de tres annos, interrompeu seus estudos, por haver sido nomeado lente de uma cadeira de sciencias

mathematicas na academia real de marinha de Lisboa, onde leccionou por mais de dez annos com geral conceito e estimação. Muito grande e real devia ser o merecimento de Nogueira da Gama, para que, brasileiro e na flôr dos annos, podesse ser escolhido na côrte de Portugal para o importante magisterio, em que se sustentou por tanto tempo, com preferencia a outros individuos!

Dedicou com fervor á sua patria a segunda metade de sua vida, sendo um dos redactores e signatarios da Constituição do Imperio, regendo ás finanças deste por varias vezes, presidindo ao senado, além de muitos outros serviços administrativos que prestou, inclusive o de trasladar para a lingua nacional as mathematicas de Carnot, a mechanica de Lagrange, as obras de Fabre sobre rios e correntes, e o de compôr varios escriptos sobre finanças, cultura da canella nitreiras artificiaes, etc., etc. Falleceu com 82 annos de idade.

MARQUEZ DE MARICÁ.

(MARIANNO JOSÉ PERREIRA DA FONSECA.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 18 de Maio de 1773, e na idade de 11 para 12 annos foi mandado por seu pai para Portugal, entrando em 1785 no real collegio de Mafra, em que residio tres annos, e estudou preparatorios.

Em Outubro de 1788 entrou na universidade de Coimbra, onde fez os exames preparatorios, não se matriculando no primeiro anno por falta de idade, o que

o determinou a matricular-se no primeiro anno da faculdade de mathematicas e philosophia, em que tomou o grão de bacharel, sendo-lhe forçoso vir ao Brasil arrecadar a herança de seu pai, que morreu em 1792, quando se destinava a ir estudar medicina em Edimburgo.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1794, e tinha aberto casa de negocio, profissão de seu pai, quando foi preso em 4 de Dezembro; e foi retido incommunicavel por dous annos, sete mezes e quinze dias, e solto por effeito de um aviso, estranhando ao vice-rei o Conde de Rezende tal prisão.

Foi deputado d'agricultura da mesa da inspecção do Rio de Janeiro, deputado da junta do commercio na sua creação, até que entrou em ministro de estado da fazenda em 1823; director thesoureiro da real imprensa, sem ordenado, havendo emprestado perto de 5:000\$, sem premio, para montar a fabrica.

Administrador thesoureiro da fabrica da polvora, promoveu a extracção do salitre em Minas-Geraes com tal efficacia, que, produzindo no primeiro anno cento e cincoenta arrobas, no terceiro excedeu a dez mil arrobas. Deputado thesoureiro do arsenal do exercito. Censor regio por mais de dous annos, encargo que terminou em 1821 com a liberdade da imprensa. Foi um dos primeiros conselheiros de estado, segundo a Constituição, e um dos redactores desta: — senador pela provincia do Rio de Janeiro. Não entrou nem foi membro de club algum, nem mesmo maçonico: seu club forão sua familia, e sua livraria.

Subio aos maiores empregos sem intrigas, cabalas, partidos nem adulações, mas sómente pela protecção divina, e especialmente por effeito das circumstancias.

Casou-se em 30 de Junho de 1800 com D. Maria Barbara Rosa do Sacramento, tendo cinco filhos, apenas um do sexo masculino.

Começou a escrever as suas *Maximas* na idade de 60 annos, monumento de gloria que honra a litteratura brasileira. Escreveu algumas odes anacreonticas, que forão postas em musica pelo padre José Mauricio. Falleceu em 1852 (*).

(*) Em um dos numeros do *Iris*, periodico litterario publicado no Rio de Janeiro sob a direcção do distincto Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, encontramos o seguinte artigo, que entendemos dever reproduzi-lo aqui, tão curioso e interessante nos pareceu :

A REPUBLICA E O MARQUEZ DE MARICÁ.

Dando noticia, no *Iris* do 1º de Outubro, da infausta perda que as letras e a sciencia tiverão com a morte do Exm. *Marquez de Maricá*, dissemos :

« A benevolencia, que nos liberalisava, autorisou-nos a pedir-lhe, por vezes, licença de ir tomando notas tachygraphicas ao passo que discursava sobre algum assumpto. Não nos suppomos em liberdade para dispôr de uma propriedade alheia; todavia é provavel, agora que já não militão as razões que mais cedo nos impedião, que demos o transumpto de uma das suas conversações relativas aos recentes acontecimentos da França.

« Desta hypothetica promessa passamos hoje a desobrigar-nos. O escripto, que vai ler-se, não contém uma unica idéa que não dimane do sabio ancião, comquanto algumas ha, desse seu discurso, a que julgamos não dever dar todo o desenvolvimento que na conversação recebião. O nosso unico trabalho é pôr a limpo as notas, e dar-lhes mais ordem. O certo, porém, é que este discurso foi de maior valia ainda do que o que ahi damos, e que, uma vez entrado em materia, o nobre velho proseguiu sem *interrupção*, com tal abundancia de phrases e imagens, que fôra impossivel reconhecer a imaginação de um octogenario, nem que a morte lhe concedia apenas vinte dias de graça. Passemos a ouvi-lo em toda sua singeleza, que constituia uma das mais formosas partes do seu gracioso estylo :

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

Primeiro donatario da capitania de S. Vicente (S. Paulo), onde surgiu com o resto da armada que lhe fôra confiada por D. João III, em 20 de Janeiro de 1532.

«—Meu amigo! V. falla-me dessas republicas e doudices dos Francezes! Pouco enxerga quem só vê nellas uma mudança de instituições seculares; essa tentativa cava fundo nos alicerces da sociedade; não é questão politica, é social; não é guerra de fóros e liberdades, é guerra de classes; não é preparação de um seculo futuro, mas sim destruição de quarenta seculos passados.

« Eu, que já paguei o meu obolo ao Charonte, e vou vogando na miuha barca, sem já saber de qual das duas margens sou cidadão, vejo todo este mundo com as suas grandezas e miserias, com os erros dos seus reis e as loucuras dos seus povos, como seu eterno afan debatendo-se no vacuo,—como um espectador indifferente que assiste a um entremez que já sabe de côr. A philosophia da historia é como Jano; tanto olha para trás como para diante.

« Nos tempos modernos, e nos povos cultos, é facil seguir a transformação da soberania. Esteve ella verdadeiramente na aristocracia durante o regimen feudal. A monarchia achou facilmente por auxiliar a democracia, para o fim de destruição daquelle soberano. Mas, aniquilado o poder dos aristocratas, a monarchia concentrou em suas mãos o poder absoluto, de que abusou. Isso a que os Francezes chamão *bourgeoisie*, os ricos, incommodárão-se com o brilho e os prós das côrtes, e tiveram arte para, n'um espaço curto, cavalgar o soberano da vespera. Hoje ahi surge uma especie nova, mais desprezível que nenhuma, porque esta não tem intelligencia, nem moralidade, nem titulos, nem numero, nem passado, nem futuro; este soberano é o segundo rei das rãs da fabula, não serve senão para engulir; é a *canalha dos jornaleros*.

« Estes acontecimentos ultimos servem para avaliar o desequilibrio que lá vai pela Europa entre as forças vivas e militantes das terras e das classes. É Paris impondo a lei á França e ao mundo!

Em carta de 28 de Setembro do mesmo anno El-Rei fazia doação a Martim Affonso de cem leguas de costa

é a immensa minoria de Paris impondo a lei á maioria! é uma classe microscopica dessa minoria impondo a lei a todos os seus consocios! Miseria! Taes erupções de volcão dão lavas que só servem pera alagar e destruir os Herculanos e Pompeias da civilisação.

« A questão social que isto envolve não merece grande attenção, porque não tem alcance; não ha interesses, não ha principios como base dessa revolução moral, e estatuas pesadas com pés de barro têm a sorte da de Nabuchodonosor. E nem mesmo como questão politica, de instituições, terá essa obra grande duração em sociedades educadas e organisadas como o são as da Europa.

« Todas as fórmãs de governo são susceptiveis de abusos, e é vulgar attribuir-se a ellas o que é culpa delles. A propria republica não é tão hedionda e estúpida como a exemplificação as duas tentativas francezas; mas ninguem tem mais prejudicado a republica do que a republica franceza, aos olbos do mundo, que identifica com as instituições os erros dos homens. Todavia, o certo é que nenhuma fórmula é menos propria para reger as sociedades civilisadas.

« É o corpo social como o corpo humano. Para a completa saude do corpó é precisa a barmonia em todas suas partes, das quaes são umas mais importantes que outras; mas se esse corpo precisa de ossos, de musculos, de nervos, ha uma parte mais nobre, que é só uma, superior a todas e de todas soberana, é o entendimento (*). O governo das nações é, e deve ser, o seu entendimento e a sua vontade; e não é aos pés que se ha de dar o encargo de pensar e querer. Os braços governando a cabeça renovam o apologo de Agrippa.

« Com as superciliosas cautelas das constituições modernas ha muitas monarchias mais do que republicas, assim como ha muitas republicas menos que monarchias. Essa figura que tem o poder executivo, e que em muitas nações não é mais que um automato dourado, inferior em condição ao ultimo dos cidadãos, que possui nobres direitos a elle vedados, essa figura chrisma-se nas terras por onde passa. Um presidente hereditario chama-se-lhe rei.... alguns por irrisão, como o J. N. R. J. Ponbão-lbe o nome de consul, gonfaleiro, doge ou rei, é pura questão de palavras.

(*) Não se considere esta phrase como contradictoria, pois se ligava com o systema que o marquez imaginára.

nos melhores sitios daquelle territorio, e lhe declarava « que se podia tornar ao reino se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. »

Onde jaz a questão grave e séria é nas leis, isto é, na norma do procedimento dos homens, e nos principios convencionaes e eternos da moral. Esses são os pontos vitaes das sociedades, porque têm origem na nossa propria organização! Eu actuo sobre os outros, os outros actuão sobre mim; d'aqui resulta dôr ou prazer; está, pois, na minha mão, e na de cada individuo, fazer mal ou bem; tendo cada um igual poder segue-se que, ainda para o bem geral, é o interesse individual que nos deve dirigir. Eu posso fazer bem a outrem; devo pratica-lo sem hesitar. Pela beneficencia nos approximamos da divindade, porque é ella o supremo attributo de Deos. Ente infinitamente sabio e poderoso, é necessariamente bom. Creou-nos para sermos felizes, e devemos imitar áquelle que taes nos fez, dando-nos vida e intelligencia. É elle o typo ideal de tudo o creado.

« Mas nessa fôrma de governo as aspirações são muito mais audazes e absurdas. Como tudo emana de todos e de cada um, cada um aspira a tudo. D'aqui um constante estado de guerra, que é a mais perigosa de todas as *instituições*.

O que é máo em todos os tempos, torna-se hoje o peor. Para anjos, a republica é o melhor dos governos; é o peor para homens e demonios; é pessimo quando os costumes têm enthronisado as paixões. Já não ha ali principios senão para capa; o movel actual são ambições. Embora as constituições dêem a preminencia aos talentos e virtudes, nunca isso passou de uma ficção. Na pratica tudo isso se arranja. *Talentos*, ha-os máos e bons: o rabula tem sua especie de talento; tem-n'o o jogador; até o tem o ratoneiro. Quanto a *virtudes*, todos as têm; nem as abelhas Deos fez más; o homem é habitualmente bom; máo só excepcionalmente; e neste caso vem a sociedade e reage com energia. Em vez desses palavrões devião exigir *sciencia e probidade*; e ainda melhor é não exigir cousa nenhuma, em these, porque sempre é máo costumiar os povos a reconhecer que os taes principios eternos e fundamentaes são simples verbos de encher. Bentham, n'um trabalho sobre direitos do homem, pondera que esses direitos, formulem-os como quizerem, não passam de proposições geraes, e que o povo não é capaz de fazer as excepções. Com o povo não se brinca, porque a sua logica é tremenda, e o dia das consequencias é o luto das nações. Deve dizer-se ao

Regressou a Portugal em 1533, e foi nomeado capitão-mór do mar da Índia, e enquanto não partio para

povo: *Tu tens a liberdade de praticar isto ou aquillo* »; mas nunca se lhe ha de ensinar a palavra *liberdade* por si só, que é como aquelles toxicos muito activos que, para curarem, precisão ser muito diluidos ou combinados. A idéa dos deveres é a que importa incutir, porque são os deveres que repugna respeitar; enquanto a dos direitos vem espontanea e violenta, e não precisa prégada; lá está o amor proprio e o egoismo a prêga-la ao coração a cada instante.

« Se em parte nenhuma da Europa teria a republica duração, muito menos na França. Como ha de ser republicana a nação da inconstancia e sobretudo a nação do luxo! No dia em que lb'os tirarem, atação a principal das suas forças vitaes; e atacada está ella. É a terra das modas, leviana, cujo problema é a mudança permanente; o Francez é meio macaco, meio tigre: o que manda para todos os angulos do mundo são colonias de modistas, cabeljeiros, etc. Chateaubriand, estando na America ingleza, foi a um lugar remoto, onde achou enfim um compatriota, que se occupava em ensinar indios e civilisar selvagens; e como? dando-lhes lições de dansa, acompanhadas de muito *monsieur* e *madame*. Lamentava o Duque de Luxemburgo, com amargo pranto, a morte prematura de Luiz XVI, eis senão quando interrompe-se para perguntar ao mordomo: — « *Aurons-nous des haricots verts?* » — « *Oui, monseigneur.* » — « *Helas! nous les mangerons* », foi a resposta, como é o symbolo do caracter francez. Aqui conheci eu um Francez que andava de cabelleira de cachos, com um cãosinho ao collo: *des enfants avec des cheveux blancs*. Onde vai o Portuguez põe uma cruz; o Hespanhol um pelourinho; o Inglez um balcão; o Francez um theatrinbo. Se a Inglaterra é Sparta, a França é Athenas; é Heraclito inglez, Democrito francez; aquelle é urso, este fallador. Nada disso é materia prima de uma republica séria. Elles mesmos se arrependirão dentro em poucos mezes, e se eu chegasse ao anno que vem veria alli novamente a monarchia, não sei de quem, talvez de algum soldado feliz que tenha de levantar-se. Não me parece que a dynastia de Orleans seja a que volte ao throno; perde para os realistas por origem illegitima; perde para os liberaes por traidora á sua origem; mais probabilidades tem o ramo mais velho dos Bourbons, baptisado nas idéas modernas.

« E então se fará justiça a tantas utopias proclamadas como ver-

sua commissão cuidou de sua capitania, enviando-lhe casaes, plantas e sementes, incluindo a *canna de as-*

dades axiomaticas. Entre estas figura a de taxar o salario, tomando por bagatella a espontaneidade do concurso das obras. Na grande nação consiste a riqueza em duas palavras: *cool and machinery*. As machinas têm multiplicado o producto com diminuição do preço; ainda que o producto e consumo francez fossem entidades constantes, como competirião em preço quando a mão de obra encarecesse? Expulsas assim as obras francezas do mercado do mundo, recahiria pesadamente o tal melhoramento sobre a desvalida classe de cujo nome tanto abusão os ambiciosos. Quando o homem chegar ao maximo gráo de intelligencia, ha de a natureza trabalhar por elle e para elle, ha de o homem ser então o verdadeiro morgado da terra. Quanto aos Francezes, falta-lhes muito para poderem impôr leis ás instituições do mundo: só primão no que têm de exclusivo, no que depende de invenção, de um certo espirito insolito; se fossem methodicos serião firmes, mas têm tanto de firmeza como de methodo.

« Graças a Deos, que no Brasil não temos que receiar o contagio de republicas nascidas de tal origem. Quasi todas as revoluções sabem da barriga, e aqui não ha pobreza; a nossa organização é toda peculiar; não temos uma classe de miseraveis. Ha, sim, uma classe de servidos e outra de servidores: mas os servidos somos gente de chicote e palmatoria, e os servidores tomão-nos a nós, os brancos, por uns magicos, predestinados a dar-lhes bilhete e surra: a classe é viva, sagaz; a escrava, que serve de nervos a este corpo, oriunda de diversas nações, que se não entendem, está condemnada á ignorancia e á inacção.

« O maior mal do Imperio é o espirito de provincialismo e bairrismo. Cada provincia argumenta com o seu *Nos quoque gens sumus*. O Acto Adicional, com as suas assembléas legislativas, permite ás provincias fazer verdadeiras leis, estabelecer verdadeiros impostos; foi um erro, que não havia na Constituição; foi uma imitação dos Estados-Unidos, mas, para a analogia, faltava o fundamento da paridade. Os Estados-Unidos forão creados com o federalismo; cada um desses Estados era já por si quasi independente; a soberania fez-se-lhe artificialmente no congresso geral. Nós cá não conhecemos Estados separados; as provincias fórmão um todo, um aggregado solido. Eu nasci inteiriço, e inteiriço hei de morrer. El-Rei D. João VI herdou de seus avós uma terra com-

sucar, e celebrando contractos para a factura deste. Em Goa, Chaul, Diu, ilha de Repelim, Cochim e Ceylão, prestou relevantes serviços, que se achão memorados nas obras de Couto e Barros.

Foi governador de Goa tres annos e quatro mezes com prospero successo, entregando o governo ao seu successor, D. João de Castro, ao 1º de Setembro de 1545. Retirado da cõrte não se esqueceu das terras de S. Vicente, pelo contrario favoreceu-as de navios e gente, e deu ordem que mercadores poderosos fossem e mandassem a ellas levantar engenhos de assucar e grandes fazendas. Falleceu a 21 de Julho de 1564.

Vid. tambem *Ararigboia*.

pacta; depois da independencia o imperio conservou o character de um todo composto de partes integrantes. A separação das provincias seria uma calamidade não menor para ellas que para a nação. Baixarião da grande altura a nada valerem por si, e a desafiar a cobiça da primeira esquadra que as quizesse conquistar. Os homens no Brasil nunca poderão ter a actividade das terras frias, pois onde V. vir um bananal, que dá fruta para todo o anno, não precisa que os seus habitantes se matem pela vida. Não é isto negar que tenhamos alguns turbulentos; mas para esses teria eu uma regra efficaz: ao talentoso, de comer; ao tolo, surra; e não é grande injustiça, porque já Páris deu á mais formosa o pomo de ouro, e cá o meu é para o mais intelligente. Se, porém, houver juizo, nenhum paiz tem, mais que o Brasil, elementos de prosperidade, grandeza e integridade, de que a fôrma monarchica é condição capital.

« Quaesquer que sejam os acontecimentos que ainda estão reservados, ha sempre uma idéa consoladora, a de que todas as crises, directa ou indirectamente, concorrem para o adiantamento da sociedade. A razão humana vai em progresso; e quanto á civilisação, sempre ganha com estas cousas; é como um parafuso que, ainda quando aos olhos do observador parece atrazar, lá vai sempre adiantando alguma cousa. Assim a sociedade, embora por trancos e barrancos, lá vai caminhando *quo fata vocant!* »

MATHEUS DA COSTA ABORIM (PADRE DOUTOR).

Prelado, que tomou posse em 2 de Outubro de 1607 da jurisdição ecclesiastica do Rio de Janeiro. Esteve em discordias com os vereadores do conselho. formou cinedrios para averiguarem jurisdicções, resolveu assentos, e até negou-se a confirmar o padre Manoel da Nobrega na vigararia de S. Sebastião, para que fôra provido pelo soberano.

MENDO DE SÁ.

Governador geral do Estado do Brasil. Em 1560, em virtude de ordens da Serenissima D. Catharina d'Austria, que dirigia o reino pela menoridade de seu neto D. Sebastião, marchou da Bahia com uma armada, composta de duas náos e oito ou nove navios, para expellir da barra do Rio de Janeiro os Francezes, que ahi se achavão sob a direcção de Nicoláo Durand de Villegaignon, o que conseguiu com felicidade, como melhor se lê de sua communicação seguinte: « Senhor— A Armada que Vossa Alteza mandou « para o Rio de Janeiro, chegou á Bahia o derradeiro « dia de Novembro; tanto que o capitão-mór Bartho- « lomeu de Vasconcellos me deu as cartas de Vossa « Alteza, pratiquei com elle, com os mais capi- « tães e gente da terra, o que se faria que fosse mais « serviço de Vossa Alteza; a todos pareceu que o « melhor era ir commetter a fortaleza, porque o andar

« pela costa era gastar o tempo e monção em cousa
 « muito incerta. Eu me fiz logo prestes o melhor que
 « pude, que foi o peor que um governador podia ir, e
 « parti a 16 de Janeiro da Bahia, e cheguei ao Rio de
 « Janeiro a 21 de Fevereiro; e em chegando soube que
 « estava uma náó pelo rio dentro do proprio Mr. Ville-
 « gaignon, que lhe mandei tomar pela galé *Ezaura*, que
 « Vossa Alteza cá tem. Quando o capitão-mór, e os mais
 « da armada virão a Fortaleza, a sua fortaleza, a aspe-
 « reza do sitio, a muita artilharia e gente que tinha, a
 « todos pareceu que todo o trabalho era debalde, e como
 « prudentes arreceavão de commetter cousa tão forte com
 « tão pouca gente; requerêrão-me que lhes escrevesse
 « primeiro uma carta, e os amoestasse que deixassem a
 « terra, pois era de Vossa Alteza; eu lhes escrevi, e me
 « respondêrão soberbamente.

« Prouve a Nosso Senhor que nos determinamos de a
 « combater, e a combatemos por mar, e por todas as
 « partes em uma sexta-feira, 15 de Março, e naquelle
 « dia entramos a ilha, onde a fortaleza estava posta, e
 « todo aquelle dia e o outro pelejamos sem descansar de
 « dia e de noite, até que Nosso Senhor foi servido de
 « a entrarmos com muita victoria e morte dos contrarios,
 « e dos nossos poucos; e se esta victoria me não tocára
 « tanto, podera affirmar a Vossa Alteza que ha muitos
 « annos se não fez outra tal entre christãos. Porque posto
 « que vi muito, e li menos, a mim me parece que se
 « não vio outra fortaleza tão forte no mundo. Havia nella
 « setenta e quatro Portuguezes no tempo que cheguei, e al-
 « guns escravos; depois entrárão mais de quarenta dos da
 « náó e outros que andavão em terra, e havia muito mais
 « de mil homens dos do gentio da terra, tudo gente esco-

« lhida, e tão bons espingardeiros como os Francezes; e
 « nós seríamos cento e vinte homens portuguezes, e cento
 « e quarenta dos do gentio, os mais desarmados, e com
 « pouca vontade de pelejar; a armada trazia dezoito sol-
 « dados moços, que nunca virão pelejar.

« A obra foi de Nosso Senhor que não quiz que
 « se nesta terra prantasse gente de tão máos zelos e
 « pensamentos, erão Lutheros e Calvinos; o seu exercicio
 « era fazer guerra aos christãos, e dados a comer ao
 « gentio, como tinhão feito poucos tempos havia em S. Vi-
 « cente. O Mr. de Villaganhão havia oito ou nove mezes
 « se partira para França com determinação de trazer
 « gente e náos para ir esperar as de Vossa Alteza que
 « vêm da India, e destruir ou tomar todas estas capi-
 « tauias, e fazer-se um grande senhor.

« Pelo que parece muito serviço de Vossa Alteza mandar
 « povoar este Rio de Janeiro para segurança de todo o
 « Brasil, e dest'outros máos pensamentos, porque se os
 « Francezes o tornão a povoar, hei medo que seja verdade
 « o que o Villaganhão dizia que todo o poder de Hes-
 « panha nem do Gran Turco o poderá tomar.

« Elle leva muito diffrente ordem com o gentio, de que
 « nós levamos, é liberal em extremo com elles e faz-lhes
 « muita justiça, e fórça os Francezes por culpas sem pro-
 « cessos; com isto é muito temido dos seus, e amado do
 « gentio, manda-os ensinar a todo genero de officios e
 « d'armas, ajuda-os nas suas guerras, o gentio é muito
 « e dos mais valentes da costa, em pouco tempo se pôde
 « fazer muito forte.

« Por outra via escrevi Vossa Alteza do estado da terra,
 « e do que foi no Peroaçu, o que peço agora a Vossa
 « Alteza é que me mande ir, porque são já velho, e sei

« que não são para esta terra. Devo muito porque guerras
« não se querem com miseria, e perder-me-hei se mais
« cá estiver. De S. Vicente a 16 do mez de Junho de
« 1560.— *Mendo de Sá.* »

Annos depois ainda entrou o governador em novas hostilidades por novas usurpações dos Francezes, até que posto em socego o continente, determinou lançar os primeiros fundamentos para a nova cidade, que pretendia edificar, abandonando a primeira povoação, e vindo estabelecer-se em distancia de uma legua no lugar em que se vêem hoje os quartéis do regimento de artilharia, e a Santa Casa da Misericordia, dando á cidade o titulo de—S. Sebastião—pela victoria que conseguiu em 1567 no dia do Santo.

Morreu em 1572, dirigindo as rédeas do governo quatorze annos no zelo da religião, e do serviço publico.

PATRICIO DE SANTA MARIA (FR.)

Nascido em Santos em 1690 ; — um dos irmãos de Alexandre e de Bartholomeu de Gusmão. Estudou em Italia, formou-se em Piza, viajou a Asia, esteve em Jerusalem, publicou suas viagens em latim, em 1742, e algumas varias obras de controversia religiosa.

PEDR'ALVARES CABRAL.

« No anno de 1500 (Antonio Galvão, 1563) á entrada
 « de Março partio com treze vélas, *com regimento* que se
 « afastasse da costa d'África para *encurtar a via*. Chegou
 « com prospera viagem ás Canarias. Arrebatado porém
 « dos ventos tempestuosos, derrotados todos os seus na-
 « vios, e tendo uma não perdida, em sua busca perdeu
 « a derrota, e indo fóra della topáão signaes de terra
 « por onde o capitão-mór foi em sua busca tantos dias,
 « que os da armada lhe requerêrão, que deixasse aquella
 « porfia, mas ao outro dia virão a costa do Brasil, isto
 « é, Porto Seguro, em 3 de Maio, dia da Vera-Cruz. »

Em 1839 descobrio o Sr. Francisco Adolpho de Var-
 nhagen, na sacristia do convento da Graça, em San-
 tarem, o jazigo de Pedr'alvares. Está em sepultura rasa
 com uma lousa simples de treze palmos de comprido com
 meia largura, e o epitaphio em gothico florido « Aquy
 « jaz Pedralvares Cabral e Dona Isabel de Castro sua
 « molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros
 « aquall depois da morte de seu marydo foi camareira-
 « mor da Ifanta Dona Marya fylha d'el Rey Dõ João
 « Noso Snór hu terceyro deste nome. »

Deduz-se que Pedr'alvares finou-se entre 1527 e 1545.

O sentimento de interesse com que alguns escriptores
 têm notado a não existencia de padrões, que attemem o
 glorioso e transcendente acontecimento da descoberta do
 Brasil por Cabral, não deixou de fallar ao coração de João
 Ladisláo de Figueiredo Mello, cujas *Recordações biogra-*
phicas forão publicadas em 1866 por seu neto o brigadeiro
 Sr. Evaristo Ladisláo e Silva. Em 1837 uma indicação

oi por João Ladisláo apresentada á assembléa provincial da Bahia , para que , mediante a collocação de um cruzeiro de pedra, se fosse perpetuando a recordação do feito de Cabral. Cahindo na discussáo esse projecto, não se arrefeceu a lembrança de João Ladisláo, e por si quiz fazer o que podia em favor do monumento ; por este motivo em 1849 fez preparar de *jetahipéba* uma cruz com treze e meio palmos de comprimento, seis e uma pollegada de braço e seis pollegadas de largura, com o calvario de tres palmos de altura, e cinco para encravar na terra, tendo ao todo de comprimento vinte e dous e meio palmos, chapeadas as pontas de chumbo ; e embarcando-a em 27 de Junho, a remetteu ao vigario da villa de Santa Cruz, Jacintho de Freitas Neutro, com uma curiosa carta, que foi publicada a pag. 62 das *Recordações*.

Em 3 de Setembro de 1849 respondeu o vigario a esta carta, accusando o recebimento do cruzeiro, que devia ser arvorado no lugar, em que Cabral arvorou uma cruz de eterna memoria a 3 de Maio de 1500, dia proprio da invocação de Santa Cruz, que marca a época do descobrimento. Cortada parte do pé da cruz, foi arvorada em frente da porta da matriz, onde se acha servindo de cruzeiro.

Da resposta do vigario extrahimos os seguintes curiosos trechos, que podem elucidar pontos da historia patria :

«..... Estes primeiros colonos, e outros que depois chegarão, fizeram crescer lentamente a população, reformando do modo possivel a dita casa da oração, e substituindo novo cruzeiro nesse mesmo lugar, em que estava a cruz arvorada pelo almirante, quando carcomida pela longura do tempo, até que finalmente, á rogativas destes colonos, o Fidelissimo Rei de Portugal D. José mandou por um

decreto dar o subsidio de seis mil cruzados, com que se fabricou o famoso templo que hoje existe, cujas contas forão dadas a 17 de Julho de 1748; eu mesmo vi o termo, que dellas constava. Depois desta tomada de contas têm decorrido mais de cem annos, e decorrêrão muito mais entretanto que formassem a petição da supplica, enviassem a Lisboa, o soberano mandasse lavrar o decreto, voltasse ao Brasil, se recebesse o dinheiro, se fabricasse o templo, se prestassem as devidas contas; antes de tudo isto não terião decorrido dous seculos. Até essa época se conservou illesa a tradição, e da mesma fórma se conserva até hoje, e se conservará sempre.

« Ainda existe a meu ver uma prova mais evidente que a cruz arvorada pelo almirante Cabral foi no mesmo lugar, em que sempre se conheceu o cruzeiro da matriz, e vem a ser que da porta do templo, que substituiu a casa de oração, e do cruzeiro que substituiu a cruz mencionada, se avistava perfeitamente o fundeadouro da Corôa vermelha, e d'onde erão perfeitamente vistos os mencionados objectos, e ainda hoje se avistarião ao todo, se duas moradas de casas no arruamento da parte do mar não impedissem em parte.

« Quanto á cruz de pedra, de que tratão alguns historiadores do Brasil, parece ou errada informação aos escriptores ou cruz formada na phantasia, porque sendo a pedra de sua natureza incorruptivel deveria existir em qualquer lugar, em que fosse cravada; mas não existe nem ao menos na tradição dos antigos habitantes, e seria necessario, ou que o almirante Cabral, como adivinhando o futuro, trouxesse de prevenção uma tal cruz; ou aliás trouxesse official que a fabricasse no caso de achar pedra propria para esse fim.

« Da mesma fórma é fabulosa a cruz que na praia se conserva pelo zelo e devoção dos habitantes, quando pelo contrario na distancia de um quarto-de legua desta villa, na beira da praia, em um lugar denominado— Saibú — existe, e é conservada e reformada uma de varas toscas para indicar a entrada de um campo do mesmo nome, que abunda de uma fruta, a que chamão mangabas, porque pela maior parte são apanhadas pela madrugada, uma vez que são mais venturosos os que primeiro chegam.

« Ainda fallo de outra cruz, que existe no fim da praia, mandada fazer e reformada pelos almotacés no tempo, que existião, para indicar a entrada desta povoação; houverão mais cruzes, porém todas indicativas de entradas; e mesmo quando (caso negado) fossem todas, ou qualquer dellas dispostas pelo almirante, nenhuma foi que deu nome ao imperio do Brasil, mas sim a que foi arvorada pelo incomparavel Pedro Alvares Cabral sobre a collina mencionada, conformè a melhor opinião, como fiz ver, no dia 3 de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1500, o que bem se collige de uma das estampas do livro da competente historia.

« Fundado nestes principios intentei, com approvação de alguns cidadãos deste municipio, e estou firme na resolução de o cravar no mesmo lugar em que, com todo valor da certeza, foi arvorada a cruz que deu nome tão grande ao imperio do Brasil, e que ainda não puz em pratica por falta de um habil pedreiro, e se espera um que deve vir da villa de Porto-Seguro.

« A cruz será benzida mesmo dentro da igreja matriz, onde está depositada, e levada com a possivel pompa.

PEDRO PALACIOS (FR.)

Leigo da provincia d'Arrabida em Portugal, de vida mística e austera, que fundou um convento no rochedo de uma montanha, elevada sobre uma risonha planície, e isolada de outras que guarnecem a orla austral da bahia do Espirito-nto, na provincia deste nome. Finou-se em 2 de Maio 1575 (*).

PERO LOPES DE SOUZA.

Irmão de Martim Affonso de Souza, a quem muito auxiliou em empresas maritimas, e um dos doze primeiros donatarios do Brasil. Pertenceu-lhe a capitania de Itamaracá, que cuidou elle proprio em colonisar. Entrou em diversos combates navaes com francezes antes de 1535, sempre com feliz successo. Voltando de Goa para Europa em 1539 perdeu-se na paragem de Madagascar, e não houve mais noticia do seu corpo.

POKRANE.

Indio do Rio Doce, que foi o braço direito de Guido Thomaz Marliere, francez naturalizado, o qual prestou muitos serviços á catechese.

Guido tomou Pokrane debaixo de sua immediata protecção, na idade de 24 annos : fê-lo baptizar, e auxiliou-o muito, na gerencia de tudo quanto respeitava á alliciação.

(*) Vid. o Ens. sobre a hist. e estat. da provincia do Espirito Santo que publicámos em 1858.

dos indigenas. Deixou o barbaro *botoque*, ou taboa que servia de ornato ao beijo inferior, e ás orelhas dos botocudos, e persuadia aos seus que deixassem um costume tão feio. Tão persuasivas erão as suas allocuções aos indigenas, que estes affluiuão de continuo, e em grande numero ao quartel da directoria, conseguindo até o arrefecimento de odiosidades, que existião entre os indios do norte e dò sul. Não deixou porém de ser polygamo; amava suas mulheres e filhos, a quem alimentava, vestia e alojava a nosso modo.

Era soldado da segunda companhia de montanha do Rio Doce, quando foi queixar-se ao presidente Andréa, que estava, havia tres annos, sem receber soldo. Morreu em 1843 com 44 annos de idade.

Esteve com o Imperador, que o brindou com uma boa espingarda fulminante, e dizem que o tomára por padrinho de um seu filho. Pokrane baptizava seus filhos, ouvia missa com gravidade, fazia-se entender bem na lingua portugueza, era agradável no trato, procurando-o entre as pessoas gradas. Era fiel á sua palavra, e leal nos contractos. Dirigia uma aldeia de indios, a de Manuaçú no Cuiathé, onde tinha casa, plantações e criação de porcos, e gallinhas. Dizia sempre aos brasileiros que os indios erão muito preguiçosos, quando compellia os de sua aldeia com castigos efficazes para darem-se ao trabalho.

PRUDENCIO DO AMARAL (PADRE).

Nasceu no Rio de Janeiro em 1675; em 1690 entrou para a companhia de Jesus. Leu humanidades no seminario de Belém, nas quaes se mostrou insigne. Entre outras obras compoz — *De opificio sachario* — na qual descreve o fabrico do assucar, em verso heroico, e elegante.

RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS.

Marechal de campo, vogal do conselho supremo militar, official da ordem do cruzeiro, commendador da de S. Bento d'Aviz, deputado por duas legislaturas, e membro de muitas associações litterarias, nasceu a 2 de Novembro de 1776 na cidade de Faro (reino do Algarve em Portugal).

Na campanha de Roussillon, em que servia de cabo d'esquadra, defendeu elle só, com sua espada, uma peça abandonada por seus camaradas, e por seu valor deu tempo a não ser tomada pelo inimigo. Era superior aos maiores trabalhos, e dotado de uma robustez incomparavel; não soffreu o mais pequeno incommodo de saúde em mais de vinte annos, que viveu nas plagas occidentaes d'Africa. Em Fevereiro de 1823 passou a commandar as armas na provincia de Goyaz, d'onde regressou em 1826.

Publicou um *Repertorio das leis militares*, um *projecto de ordenanças militares*, um *Diario do sitio da cidade do Porto defendida pelo ex-Imperador D. Pedro I*, de que elle foi testemunha ocular, por se achar alli com licença, e a sua *Viagem da côrte á provincia de Goyaz*.

Era sua mulher D. Maria Venancia de Fontes Pereira de Mello; em verdes annos morrêra sua filha D. Gracia Ermelinda da Cunha Mattos, que servia de secretaria em seu gabinete, e que acompanhava seu pai no amor das letras.

Falleceu em 1839.

ROBERIO DIAS.

Um dos moradores principaes, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares ; foi fama mui recebida, que tinha uma baixella, e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada de minas, que achára nas suas terras ; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio, porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo occultára, passou a Madrid, e offereceu mais prata no Brasil, do que Bilbáo dava ferro em Biscaya, se se lhe concedesse a mercê do titulo de Marquez das Minas, que se conferio a D. Francisco de Souza, governador e capitão general, ficando Roberio com o lugar de administrador das minas, além de outras promessas, das quaes pouco satisfeito, voltou para a Bahia na mesma occasião, em que vinha o governador, com cuja licença seguio para as suas terras a espera-lo, e a prevenir o descobrimento, ou a desvanecer-lo, e a frustrar-lhe a jornada ; brevemente a fez D. Francisco de Souza com todas as prevenções, e instrumentos precisos para aquella diligencia ; mas Roberio Dias o encaminhou para rumos tão diversos, que não foi possível ao governador, nem a toda a comitiva achar rastos das minas que tinha assegurado. Este engano, ou se julgasse commettido na promessa ou na execução, dissimulou o governador emquanto dava conta a El-Rei, e sem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido castigo se antes de chegar a ordem real não houvera fallecido (na prisão), deixando aquellas

esperadas minas occultas até aos seus proprios herdeiros.

ROMUALDO ANTONIO DE SEIXAS (D.)

Nasceu em Cametá, da provincia do Pará, a 7 de Fevereiro de 1787, e depois de fazer os seus primeiros estudos naquella provincia, sob a direcção de seu tio o padre Romualdo de Souza Coelho, depois bispo daquella diocese, foi prosegui-los em Lisboa nas aulas da congregação do oratorio. Aos dezenove annos entrou em sua provincia no magisterio de grammatica latina, rhetorica, e philosophia, regendo estas cadeiras no seminario episcopal.

Seus talentos, virtudes, e sciencia, o elevárão ao cargo de Arcebispo da Bahia, metropolitano e primaz do Brasil, para que foi escolhido aos trinta e nove annos de idade, primeiro conde e primeiro marquez de S. Cruz, deputado á assembléa geral nas legislaturas de 1826 a 1841, e ministro do imperio, nomeado em 1838, lugar que não aceitou.

Conciliou a affeição e estima dos subditos com o respeito devido á eminencia dos cargos que occupava.

Falleceu na idade de setenta e tres annos aos 29 de Dezembro de 1860, deixando muitos trabalhos litterarios, que correm impressos.

ROMUALDO DE SOUZA COELHO (D.)

Nasceu na villa de Cametá, no Pará, a 7 de Fevereiro de 1762; exerceu muitos empregos tendentes ao sacerdocio, e em 22 de Janeiro de 1819 foi apresentado por El-Rei para a cadeira episcopal do Pará, verificando-se assim a predicção do bispo D. Manoel d'Almeida Carvalho, o qual, depois de o ter enviado ao Rio de Janeiro a cumprimentar o soberano, dizia que elle hia ser conhecido, e que seria o seu successor.

A Bulla de Pio VII datada de 29 de Agosto de 1820 confirmou-o no bispado, sendo sagrado pelo bispo do Rio de Janeiro ao 1.º de Abril de 1821.

Foi um dos deputados mandados ás côrtes constituintes e extraordinarias de Portugal em 1822, e desde então prestou muitos serviços ao seu paiz.

Invadido de uma enfermidade a que a medicina não soube dar nome, sahio duas vezes em Maio de 1836 de sua jazida, encostado nos hombros de dous sacerdotes, para fallar aos ferinos rebeldes, que senhoreavão a cidade desde Agosto de 1835; na primeira rogou « a esses embrutecidos, delirantes filhos de uma terra
« meiga, que a entregassem ao presidente mandado pelo
« governo imperial, promettendo exorar amnistia; e na
« segunda implorou com um crucifixo nas mãos, e com
« assiduas lagrimas, que abandonassem o intento de
« abraçar a cidade, e dessem assim termo aos lugubres
« clamores que rompião os céos. »

Ficou surdo da molestia, que reduzio seu corpo a

um arcabouço coberto de pelle. Morreu na idade de setenta e nove annos e oito dias em 15 de Fevereiro de 1841.

ROSA MARIA DE SEQUEIRA (D.)

Nascida em S. Paulo em 1690. Ligada em casamento ao desembargador Antonio da Cunha Souto-Maior, seguiu para a Bahia em companhia de seu marido; e ahi embarcou para Lisboa em Dezembro de 1713.

Na madrugada de 20 de Março de 1714, na costa de Lisboa, quinze leguas ao mar das Berlengas, avistou-se ao largo tres vélas; — erão corsarios argelinos, que infestavão então os mares, aprisionando náos christãs, e captivando aos que nellas encontravão.

Travou-se um combate entre os corsarios, e a não Nossa Senhora do Carmo, e S. Elias; e D. Rosa assignalou-se nelle por suas acções, animando os guerreiros, ministrando armas a uns, levando polvora a outros, e sempre repetindo « *viva a fé de Christo* », reprehendendo a alguns judeus, que ião presos remetidos ao santo officio, os quaes mostravão desejar o triumpho dos argelinos, affrontando perigos de toda a especie, e apromptando cartuchame durante duas noites para o combate do dia (*).

Ignora-se o fim de tão distincta brasileira, nem consta que lhe fosse concedido premio algum por tanta heroicidade.

(*) A não demandou a barra de Lisboa, onde entrou em 22 de Março de 1714.

RUY VAZ PINTO.

Governador do Rio de Janeiro, e deste cargo tomou posse em 19 de Julho de 1617. Obrigava o povo com penas pecuniarias a fazer guarda á sua porta, tanto de dia, como de noite, com arcabuzes e fachos acesos: aos que faltavão mandava condemnar em vinte cruzados, fazendo-lhe logo penhora em trastes de igual valor até pagarem.

Neste governo é que pela primeira vez se accordou que houvessem negros para carregarem, e descarregarem as embarcações, facultando-se privilegio a Duarte Vaz para os dar; providencia que produziu terriveis effeitos, não só no monopolio, que se consentio áquelle Vaz, como tambem na copiosa entrada dos negros da Costa d'Africa, de que progressivamente forão resultando as mais tristes consequencias. E' verdade que já havia tambem o intoleravel abuso de servirem os indios como escravos.

SALVADOR CORRÊA DE SÁ E BENAVIDES.

Nascido em 1594, e baptisado na freguezia de São Sebastião do Rio de Janeiro. Entrou em serviço publico em 1612; o primeiro feito relevante que praticou foi a conducção de um comboio de trinta navios, que a salvamento das piratarias hollandezas passáão de Pernambuco á Europa.

Voltando ao Rio de Janeiro reuniu trezentos homens na

capitania de São Vicente (S. Paulo), com os quaes, e com tres canoas de guerra e duas caravelas, partio em 1625 para coadjuvar a armada, que de Lisboa sahira em 24 de Novembro de 1624 para effectuar a expulsão dos hollandezes da cidade da Bahia.

Em viagem para esta cidade, aportou no Espirito Santo, onde forão encontra-lo seis náos hollandezes, que andavão a corso. Taes intenções forão frustradas pela intrepidez de Salvador Corrêa, que cahio sobre o inimigo, e lhe causou perdas consideraveis.

Chegando á Bahia ainda a tempo, auxiliou o feliz exito da regeneração desta cidade no 1º de Maio seguinte, a qual se achava em poder dos hollandezes havia quasi um anno.

Em 1634 foi Salvador Corrêa nomeado almirante do mar do Sul com ordem de ir combater os rebeldes, que se apresentárão ameaçando a provincia do Paraguay. Nesta commissão desbaratou os Calequis, fazendo prisioneiro seu caudilho D. Pedro Chancuy, que mais de trinta annos resistia em guerra. A provincia de Tucuman ficou tambem perfeitamente pacifica com o ganho da batalha de Palingarta em 1635. A gloria desta victoria foi alcançada por Benavides á custa de doze feridas de flecha.

Por carta patente de 21 de Fevereiro de 1637 foi nomeado capitão-mór e governador do Rio de Janeiro. Vio-se embaraçado com os habitantes de S. Paulo por causa da liberdade dos indios, que elles atacavão, e que os jesuitas querião sustentar a todo transe; para alli partio, com o fim tambem de inspeccionar as minas, demorando-se mais do que pensava, porém conseguindo deixar tudo em paz.

Em 1645 dirigindo-se a Portugal como general de uma frota, aconteceu amanhecer defronte do Recife com trinta e sete vélas em 12 de Agosto, deixando por essa occasião grande soccorro, que muito concorreu para os felizes successos de Fernandes Vieira.

Lembrado para soccorrer o reino de Angola; apregoando por todos os modos o damno, que resultaria ao Brasil, se Angola ficasse em mãos inimigas, obteve a somma de oitenta mil cruzados, com que se apparelháráo dez vasos guarnecidos e municiaados, além de novecentos homens de tropa. O seu triumpho na barra de Angola foi completo, fazendo evacuar os hollandezes de suas costas, e governou tres annos o reino angolense, voltando depois ao Rio de Janeiro com muita escravaria, com cujos braços supprio suas terras. Fundou em 1652 em Campos o templo de São Salvador, cuja administração ficou aos benedictinos.

Foi novamente nomeado governador da repartição do Sul, e vio-se embaraçado pela escassez de numerario na praça, pela adopção de medidas que não forão as mais felizes, e ultimamente pelo espirito de revolta que se desenvolveu contra elle, achando-se a serviço em S. Paulo, procedendo-se até a sequestro de seus bens, não sem grandes perdas. A chegada do desembargador Nabo Pessanha, que veio da Bahia como syndicante, tudo suffocou, e restabeleceu-se o socego, governando Salvador Corrêa ainda um anno.

Retirou-se para Portual, e ahí teve a paga de seus serviços distinctos — uma sentença com dez annos de degredo para as plagas ou sertões africanos, que outr'ora libertára!

A' custa de despesas enormes conseguiu recolher-se

n'um convento de jesuitas, onde pretendia acabar seus dias ; d'ahi sahio apedido de seu filho, fallecendo em 1º de Janeiro de 1688, com noventa e quatro annos de idade, offerecendo-se ainda ao principe regente Dom Pedro II. para serviços militares, e tendo uma vida actiua e vigorosa.

Foi o fundador das villas de Ubatuba e Parana-guá, hoje cidades.

SATURNINO DE SOUZA E OLIVEIRA.

Nasceu a 29 de Novembro de 1803 no Corrego Secco, hoje Petropolis. Formou-se em jurisprudencia em Coimbra, d'onde voltou em 1825.

Tornou-se notavel, um anno depois de entregar-se á advocacia, pois lhe forão confiadas as causas do banco, da camara municipal, das principaes casas de commercio, e até a defesa de Antonio Carlos, e Martim Francisco, quando voltárão da deportação.

Prestou grandes serviços nas calamidades de 1831 e 1832, a par de Evaristo Ferreira da Veiga, já no campo de Sant'Anna, já no theatro de S. Pedro, suspendendo as descargas da força publica, irritada por toda a sorte de provocações contra a plebe desenfreada.

Tinha a faculdade de pensar e de escrever no meio do perigo com a mesma tranquillidade, com que o fazia no seu gabinete. No saguão do paço, no meio de um povo immenso, e da soldadesca insubordinada, que ameaçava os poderes do Estado, elle, com denodo e prudencia, orava a bem da ordem, e redigia ao mesmo tempo um protesto solemne contra essa multidão furiosa, que pedia

deportações, e se revestia de todo o apparatus das paixões ferozes.

É notavel o sangue frio, com que respondeu a um anarchista, que vendo-o calmo a escrever aquella representação, lhe disse com tom ameaçador « *temos muita polvora e balas para lhe responder* » ao que Saturnino voltou, suspendendo a penna « *Sim, é de polvora e balas que precisamos para esmagar esta anarchia* » e continuou a escrever, como se nada houvera.

Em Mataporcos, á frente de seu batalhão, em 17 de Abril de 1832, soffreu o choque de um partido armado, e o desbaratou, tomando-lhe uma peça d'artilharia.

Foi eleito deputado, e nomeado inspector da alfandega, lugar que exerceu quinze annos. Foi elle quem promoveu a actual praça do commercio. Na regencia Feijó foi demittido por um conflicto entre elle havido, e o ministro da fazenda, mas foi reintegrado pelo visconde de Abrantes na nova regencia, manifestando o commercio por esse acto de justiça a sua reprovação ao acto anterior, por meio de apparatus festivos, em terra e no mar. As demissões não abatem as reputações fundadas em um longo tirocinio, e em provas constantes; porque ha horas na vida da humanidade, em que o patibulo se nivela com o throno, e a gloria se reflecte no cutelo do algoz: — o ostracismo governamental não póde abrogar a confiança publica, quando este privilegio é adquirido pelo talento, e pela probidade.

Aceitou a presidencia de S. Pedro do Sul, a instancias do Sr. Marquez de Olinda, em tempo que se travára uma luta, que tendia á destruição do imperio: — com a oliveira em uma mão, e a bayoneta na outra, apresentando-se a descoberto no meio dos acontecimentos, teve

de voltar ao seu emprego d'alfandega, porque o ministerio de 19 de Setembro o substituiu pelo marechal Andréa.

Depois da maioridade foi obrigado ainda a voltar ao Rio Grande, prestou novos e extraordinarios serviços, até que o Sr. Marquez de Caxias foi alli completar a obra gloriosa da pacificação.

O hospital de caridade do Rio Grande, os mercados publicos desta cidade, e de Porto-Alegre devem-lhe o seu principio, e o augmento de suas obras.

Foi ministro de estrangeiros, e elevado ao senado pela provincia do Rio de Janeiro, falleceu sem tomar assento. Morreu pobre, foi necessaria a caridade dos amigos para seu funeral, e a protecção do Estado para a educação de seus filhos.

SEBASTIÃO DE CASTRO CALDAS.

Governador nomeado para o Rio de Janeiro, a fim de substituir Antonio Paes de Sande, no caso de ausencia, ou fallecimento deste. Tomou posse em 19 de Abril de 1695.

Governador tambem de Pernambuco : produziu entre o povo muitas queixas e estímulos, que forão de dia em dia crescendo, e que o obrigárão a commetter excessos e desatinos ; de modo que, em tal desesperação, lhe derão um tiro em 17 de Outubro de 1710, á tarde, indo com outros em sua companhia, fazendo-se a pontaria de uma casa na rua de Santo Antonio, do Recife, que se achou vazia, e só se virão duas pessoas a bom correr della sahindo.

Não forão mortíferas as balas, porque, parece, confiava mais o escopeteiro da actividade e virtude do veneno, com que as hervára, poupando por isso a polvora, para que ficassem dentro no corpo, onde produzissem o effeito da morte. Não se souberão os aggressores.

Retirou-se furtivamente para a Bahia, deixando o povo ainda entregue aos horrores de uma guerra civil, em que se perdêrão vidas, casas, e fazendas. Foi preso e enviado para Lisboa, sabendo-se que furtivamente pretendia voltar a Pernambuco, aonde o chamavão os seus parciaes.

THEODORO DESCOURTILZ.

Naturalista francez, subvencionado pelo governo brasileiro para colleccionar objectos naturaes, o qual falleceu na villa de Santa Cruz, da provincia do Espirito-Santo, dizem que envenenado pela aspiração das preparações arsenicaes, que respirava em seu acanhado dormitorio.

Remetteu para o museu nacional, durante suas excursões pela provincia do Espirito-Santo :

Coleopteros herbivoros	22	especies
Ditos carniceiros	12	»
Longicornes	30	»
Lamellicornes	13	»
Serricornes.	16	»
Coliades.	25	»
Rhycophoros	24	»
Hisperides	12	»
Castnias.	10	»
Glaucopris	6	»
Cycliscos	18	»

Orthopteros	11	especies
Hemipteros.	8	»
Melazomes	17	»
Lepidopteros nocturnos	14	»

Na officina de Rensburg forão publicadas em folio grande, com estampas coloridas, quatro partes de sua—*Histoire des oiseaux brésiliennes.*

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

O cantor de *Marilia de Dirceu*, nascido em 1747, concluiu os seus estudos na Universidade de Coimbra em 1768. Foi despachado ouvidor para Minas, onde desenvolveu estímulos amorosos, que o creáram poeta erotico, e onde, por suas virtudes, acreditou-se que seria proclamado chefe de uma conspiração, alli premeditada, que lhe promoveu a prisão e degredo em Africa, onde falleceu. Gonzaga attribuiu sempre a infames impostores as algemas, que lhe lançáram, tomando como ultrage o ser taxado de cúmplice na sedição. É admiravel a nobre audacia com que se resignára até a soffrer uma injusta morte, e a convicção que tinha, de que essa morte era uma nova palma de martyrio, que jámais murcharia. Sua condemnação foi de degredo perpetuo para as Pedras d'Angoche, mas depois foi commutada esta pena em dez annos de degredo para Moçambique. Aqui quiz elle dedicar-se á advocacia; mas de continuo lhe vinhão á mente as injustiças dos homens; — fez-se... hypocondriaco. Algum tempo depois sentia que a cabeça se lhe abrasava, e deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era physico. Foi acommettido de uma febre violenta, de que escapou pelos soccorros da

medicina, mas o espirito foi de mal a peor. Terminou seus dias, louco, em 1809 (*).

Em 10 de Fevereiro de 1853 falleceu em Ouro Preto D. Maria Dorothea de Seixas Brandão, a quem se dizem dedicados os versos de *Dirceu*.

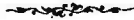
VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO DA COSTA

(DESEMBARGADOR).

Natural da Bahia, e, até 1810, esteve em Portugal em exercicio de officios publicos. Naquelle anno foi transferido para S. Miguel, onde casou, depois de ter estado na Ilha Terceira em virtude da deportação e prisão, que soffrêra de ordem da regencia do reino, que o comprehendêra na *Setembrisada*, isto é, *jacobino*, ou suspeito de protecção aos Francezes (**).

(*) Vid. Var. III. de Per. da Silva, 2º vol. 1858, e Dicc. Bibl. de Innocencio, 7º vol. 1862. Ao Dr. Gonzaga é attribuido o celebre poema — *Cartas Chilenas* —, historia anecdotica e comica das tropelias do governador de Minas-Geraes Luiz da Cunha de Menezes.

(**) Vid. Dicc. Bibl. de Innocencio, vol. 7º, 1862.



PARTE II

Indigenas.

Ababas. Indios das margens dos rios da provincia de Matto-Grosso.

Abaeté. Nome de uma tribu indigena, que habitava nas vizinhanças da povoação mineira, onde existem minas de chumbo (*).

Abarajá. Indios das vertentes do *Tocantins*.

Acipoias. Nação de indios guerreiros e antropophagos, alliados dos *Jurunas*, os quaes habitavão as margens do rio *Amazonas*.

Acoró.—*Acroós.* — Indios da margem de *Parnahyba*, e *Uruçuby*, na provincia de Piauhy (**).

Adoriás. Indios melancolicos e desconfiados, da provincia do Pará, os quaes cultivão em lugares reconditos pequenos terrenos, que abandonão depois da colheita.

Aimorés (***) Indigenas que habitavão entre Camamú, e Caravellas, da provincia da Bahia, e que não tinham aldeias, nem casas.

(*) Tambem freguezia na provincia do Pará. Rio e povoação na provincia de Minas. Na etymologia dos indios significa — *pessoa notavel*.—

Tres criminosos achárão no rio deste nome, que fica na comarca de Paracatú, o celebre brilhante — *Regente*— que adorna a corôa de Portugal.

(**) Vid. Almanak de lembr. bras. do Dr. C. A. Marques, 3º anno, 1868.

(***) *Aimorés* é a corda de montanhas, que vai ao longo do mar desde os Ilhéos até á serra Macacú, onde se acaba.

Erão conhecidos tambem por *Coroados*, vivendo errantes nas espaçosas florestas do rio Doce, e Jequitinhonha. Seu culto reproduzia-se por tantos idolos, quantos inventava a sua caprichosa phantasia, em attenção ás conveniencias de sua vida selvagem.

A condição bravia e feroz destes indios não era sustentada ante suas mulheres, em cuja presença mostrão-se doces, affaveis, e condescendentes. A tregoa que depois de innumerous annos de guerra e desolações houve entre elles, e os colonos estabelecidos no territorio entre Belmonte e a Parahyba do Sul, foi promovida por uma de suas mulheres, apprehendida por Alvaro Rodrigues, com o interesse de ser sua esposa; e tanto preponderou ella no animo de seus compatriotas que commoveu-os a sustarem a luta, entregando-se-lhe a frecha de ponta quebrada, que symbolisava a paz entre os belligerantes.

Amadís. — O mesmo que *Gradaús*.

Amanaiús. Nação de indios selvagens, oriunda dos desertos do Pará.

Amanajós. Idem.

Amoypirás. Hordas selvagens, que habitavão as margens do rio S. Francisco, nas terras de Pernambuco confinantes com a Bahia. Vivião em contínua guerra, captivavão-se, matavão-se, comião-se sem piedade.

Anjetgé. O mesmo que *Amanaiús*.

Appiacás. }
Apiacás. } O mesmo que *Abábas*. Tem boa indole,
Apicás. } e é bom o seu serviço.

Apimagés. Indios das margens dos rios do Pará, especialmente do Tocantins, que pirateão a seu salvo, vivendo de frutas boscarejas, e do que cação e pescão.

- Araés*. Indios de Goyaz (*).
- Arapians*. Indios, que habitavam as margens do Amazonas.
- Aricoronese*. O mesmo que *Apiacás*.
- Aruans*. Indios das margens do Amazonas.
- Aruaquis*. Indios da provincia do Pará, antropophagos, e dados a empenhamentos.
- Bacurís*. O mesmo que Quajajás.
- Baracahyguá*. Indios da provincia de S. Paulo (**).
- Barbados*. Indios que habitam as margens do Amazonas; — meios gigantes por sua corpulencia, de animo intrepido para acommetter homens e feras — pescadores de tartarugas.
- Beaquiéos*. — *Beaquecós*. — Tribu de indios da nação Guaycurú, habitadores de Matto-Grosso, e do Paraguay.
- Bororós cabaças*. Indios de Matto-Grosso.
- Botocudos*. Indios das margens do Rio Doce e do rio Cricaré, ou S. Matheus, na provincia do Espirito-Santo.
- Cabaços*. Vide *Timores*.
- Cabahibas*. Selvagens que habitavam as mattas de Pernambuco.

(*) Consta, por tradição, que Manoel Correia foi o primeiro que ambicioso de possuir *escravos indios*, que era a maior riqueza do Brasil, em quanto o commercio d' Africa não o abasteceu de *escravos pretos*, chegou até o lugar dos famigerados *Araés*, a que depois o gentio *Goyá*, habitante no lugar da maior riqueza, fez dar o nome de Goyaz. Mais tarde, em 1682, foi o descobridor Bartholomeu Bueno da Silva, filho da Parnabyba, naturalmente affouto e astucioso, a quem o gentio deu o nome de *Anhanguera* (Diabo velho) pelo estratagem de acender aguardente em uma vasilha com ameaça de abraçar todos os rios e todos os indios que se lhe não rendessem.

(**) Vid. Almanak de lembr. bras., do Dr. C. A. Marques, anno 3º, 1868.

Cabixis. Indios das margens dos rios de Matto-Grosso
Cacatapuyas. O mesmo que *Aruaquis*.

Cahetés—*Caethés*—*Cahités* (*). Indios de Matto-Grosso

Em suas mãos cahio, e por elles foi comido, o primeiro bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha, e a gente de sua companhia, quando no anno de 1560 naufragarão, indo para Portugal, entre o rio de São Francisco, e Pernambuco. Fazião crua guerra a todos os gentios seus vizinhos, que erão os Pitaguarés—Tupinambás—Tapuias—e Tupinaes, e não perdoavão a captivo algum, que não comessem (**).

Caiúds—*Cayúds*. — *Cajóds*. Indios do grande rio Paraná, habitando nas cabeceiras do Iguatemy, e outros affluentes.

Camacans. O mesmo que os *Cahetés*. Não negando a subsequente vida dos que morrem entre elles, acreditavão na metempsychose.

Camarares. Vide *Cabahibas*.

Cambebas. Indios do Pará. Acreditavão no poder dos feiticeiros, e observavão agouros; forão os primeiros

(*) Caethé é uma povoação de Minas, e significa—*matta virgem*—. É tambem villa e rio no Pará, e alguns escrevem—Cayté—.

(**) Adoravão o *maracá* (especie de chocalho feito da fruta da coloquintida, com um punho ornado de pennas), no qual introduzião pequenos grãos, ou pedrinhas, que, pela agitação, produzião um ruído surdo. Como emblema do poder lhes suggeria acatamento e oblações, se a attitude que tomava nas mãos do *pagé* que o conduzia, era o característico da benignidade; ou profunda consternação ou temores; se as mãos do impostor lhe imprimião rapidez nos movimentos e oscillações, que fazião dar a seu arbitrio, e quasi sempre com intenções malignas. Aparecia em todos os jogos e festins, onde, elevado ao ponto mais visível do lugar, tornava-se o objecto do canto e dança, e ia sobranceiro, como a insignia de honra da nação, entre as phalanges armadas, que se destinavão á guerra, invocando-se os seus bons auspícios para que ella triumphasse nos combates.

em fabricar a gomme elástica, e erão os unicos que não se servião de arcos para desfechar as frechas ; empregavão nisso uma palheta semelhante á de que usavão em Cusco as tropas de Atabalipa ; lavravão vestes do feitio de tunicas, sem mangas, sendo o algodão plantado e fiado pelas mulheres, as quaes tambem fabricavão umas pequenas cobertas de côres variadas, a que chamavão *tapeciranas*.

Cames. Indios, que habitavão os sertões de Coritiba, na provincia do Paraná.

Campezes. Gentios que habitavão casas subterraneas ; começavão desde tenra idade a puxar a pelle da barriga até cahir pelo meio das coxas, sendo este o vestido com que cobrião as partes, que a natureza e o pudor mandão occultar.

Canaytegés. Indios das margens do Tocantins.

Canoeiros. Indios habitadores das margens do rio Tocantins. Vivem rio abaixo, e rio acima, pescando, caçando, e divertindo-se ; nadão, mergulhão, e andão por baixo d'agua, como se fossem peixes. De quando em quando assaltão as fazendas de gado, e matão este por meio de ferozes cães, grandes e valentes, que possuem.

Capepuwis. Indios da provincia de Goyaz.

Carajahi. O mesmo que *Abarajá*.

Carauís. O mesmo que *Angetgé*.

Carijós. Indios que habitavão desde S. Vicente até o Paraguay. Erão pouco bellicosos, de boa razão, não matavão os *brancos*, não comião carne humana. Erão os melhores indios da costa, na opinião do padre Nobrega.

Cariris. Indios da provincia das Alagôas.

Carnizes. Índios do Amazonas, barbaros, guerreiros e antropophagos. São aliados dos *Jurunas*.

Cauandás. Índios que não têm mais de cinco palmos de alto, e existião junto ás cabeceiras do rio Vuruá, que desagua na margem austral do Amazonas.

Cauaxis. Vide *Cacatapuyas*.

Cautarios. Vide *Camarares*.

Cayapós. Selvagens da provincia de Goyaz.

O *Monitor Goyano*, em Julho de 1867 dizia: « Os Índios Cayapós invadirão o presidio de Santa Leopoldina, lançarão fogo em uma casa, que ardeu toda, fizeram algazarras, e depois retirárão-se ufanos, porque o commandante não se animou a repelli-los, em razão de existirem na povoação sómente tres praças da guarda nacional. »

Cayuvicenas. O mesmo que os *Adoriás*, sendo destrissimos na pesca e na caça.

Chambiods. Índios que pertencem á nação dos *Carajás*. Andão nús, pintão-se de escarlata por meio do urucú. São trabalhadores; suas roças estendem-se por mais de meia legua pela margem do rio Araguaya; plantão nellas bananeiras, mandioca, batatas, cannas, etc. Sabem tecer algodão em panno, e em réde.

Chanés. Índios de Matto-Grosso e Paraguay.

Charads. Índios, que habitavão nos confins de Goyaz com a provincia do Maranhão, tendo sido removidos para a aldeia de Pedro Affonso, nas margens do rio Tocantins, ao norte de Goyaz, por terem dado motivos de queixa aos fazendeiros. Sem religião, e na maior superstição, usando frequentemente de feitiços para se vingarem reciprocamente, andavão nús, excepto o sexo feminino, que usava de um cordão na cintura,

cobrimdo-se mal com qualquer folha. A' serem bons caçadores, bons corredores, e jogadores de frechas ensinavão os filhos, que não tinham respeito aos parentes. Admittião a polygamia, o divorcio, e acreditavão em uma vida futura. Por occasião das festas, que erão inuito frequentes, enfeitavão-se de pennas de passaros, e tingião-se de côres differentes. As mulheres só se occupavão em preparar comida para os maridos, e os filhos. Entendião que, tornando-se christãos, não podião mais ir morar em companhia dos parentes fallecidos, que tanto amavão. Dizião que — baptizar-se era o mesmo que abreviar-se a vida.

Charruas. Indios da provincia de S. Pedro do Sul.

Chavante. Vidé *Caraités*.

Cherente. Idem.

Coatá tapieya. Affirma-se terem caudas todos os indios desta nação, por procederem de indias, que se fecundarão com uma especie de monos, chamados *coatás*. Existe uma formal e authentica attestação do padre Frei José de Santa Thereza, religioso carmelita, e vigario do lugar de Nogueira, em que testifica, *in verbo sacerdotis*, « ter vindo alli em 15 de Outubro de 1768 um dos referidos indios, a quem elle fizera despir debaixo do pretexto de tirar do rio umas tartarugas, e então lhe víra (sem padecer duvida) uma cauda da grossura de um dedo pollegar, e do comprimento de meio palmo, asseverando o dito indio, que todos os mais de sua nação assim tinham.»

Cocvanas. O mesmo que *Aruaquís*.

Collinos. Indios do Pará, que roubavão e matavão, confiados em serem levissimos na carreira.

Combocas. Índios do Pará, Maranhão, e Amazonas.

Corodá. Índios de Goyaz.

Coroados. Nação de índios poderosa, e muito guerreira, conhecida tambem por Goytacazes, a qual se encontravã internada pelos sertões de Campos, vivendo tambem errantes nas espaçosas florestas do rio Doce, e do Jequitinhonha. Estes ultimos erã tambem conhecidos por Aimorés. Nas mattas de Coritiba existião índios conhecidos por *Coroados*, ou *Dorins*.

Em 1868 o ministerio d'agricultura offereceu ao museu nacional uma collecção de pequenos vasos de fórmãs primitivas, fabricados por estes índios, e pelos Cajoás do aldeamento de S. Pedro d'Alcantara, no Paraná. Estes vasos forã expostos na sala de ethnographia do museu.

Coropoques. Vide *Combocas*.

Coxiponé. Índios conquistados por Antonio Pires de Campos, o primeiro que subio com alguns companheiros o rio Cuiabá, que nasce no lago ou pantano Perizal. No lugar, em que se fundou a cidade de Cuiabá, que estava então entre muitos arvoredos, achou-se em 1722 uma das maiores manchas de ouro, que tem dado o Brasil, porque, dentro de um mez, se tirãrã mais de 400 arrobas deste metal.

Criads. Índios de Goyaz.

Crutids. O mesmo que *Cantarios*.

Cumacumans. O mesmo que *Adorids*.

Cupinharós. Índios das margens do Tocantins.

Curinquans. Índios gigantes do Amazonas.

Dorins. Índios dos sertões de Coritiba, que se chamavã tambem *Coroados*. Formãrã em 1822 uma especie de seita, cujo principio era o uso de bailes que duravã toda a noite, e em que se embriagavã, estado em que praticavã as maiores torpezas.

Fecunas. Indios do Pará, indolentíssimos, todavia os unicos que preparão os passaros mortos a tiro de zarabatana, em cuja preparação algum tanto prejudicão as pennas na sua côr e fórma natural, e por isso não são cabalmente estimaveis estes exemplares zoologicos.

Gaimares. Indios que moravão pelos mattos, espantavão-se quando vião os christãos, dizião que estes erão seus irmãos porque trazião barbas como elles, as quaes não trazião todos, antes se rapavão até as pestanas, e fazião buracos nos beiços e ventas, pondo uns ossos nelles, que parecião demonios. Trazião um arco mui forte em uma mão, e na outra um páo mui grosso, com que pelevavão os contrarios, e facilmente os despedaçavão, sendo muito temidos.

Gamellas. Indios do Codó, no Maranhão.

Gineos ou *Guiéos.* Tribu de indios de Matto-Grosso.

Goianazes. Indios que habitão as margens do Amazonas, excellentes caçadores e fura-mattos.

Goijarazes. Duas nações de indios, que habitão as margens do Amazonas, sendo uma de estatura mediana e outra de corpo agigantado.

Goyaz. Indios de Goyaz.

Goytacazes. Nação de indios, que tambem se chama *Coroados*, poderosa e guerreira.

Gradavis
Guaya-guçú } Indios de Goyaz.

Guayanazes. O penhor que servio de liga a João Ramalho para com o chefe da nação destes indios, nos famosos campos de Piratininga (S. Paulo), foi a filha do cacique dada ao aventureiro, para firmar a fidelidade que

entre ambos se pactuou ; o cacique foi seguro e leal em sua palavra, e Ramalho falseou ao momento que poudo contar com o apoio do sequito de Martim Affonso. *Guaycurús* (*). Pertencem á nação dos Chanés, e dividem-se em varias tribus. São tambem conhecidos por *Cavalleiros*. Fazião guerra aos gentios, por elles chamados *Cayavaba* e por nós *Coroados*. Os primeiros que derão noticia destes barbaros forão os antigos Paulistas, e já os encontrárão senhores de grandes manadás de gado vaccum, cavallar e lanigero. Os mesmos Paulistas receiavão encontra-los em campo limpo, pelo modo porque erão acommettidos. Tanto que os *Guaycurús* os vião, ajuntavão os cavallos e bois, e, cobrindo os lados, os apertavão, de sorte que, na violencia que levavão, rompião e atropellavão os inimigos, e elles com as lanças matavão quantos encontravão por diante. Seguião assim o uso da antiguidade, pois já o gado foi causa de Amilcar ser vencido pelos Vetões, e da salvação de Annibal nos desfiladeiros junto a Caselino, quando estava cercado pelo dictador Fabio. Divide-se a nação em nobres, soldados e escravos ; reputa-se^{ta} villeza casar com escravo, a ponto de desprezar o filho a mãe, que assim casa. São de cõr mais escura que a de cobre, altos, bem feitos, capazes de resistir á fome e á sede, endurecidos nos trabalhos. Costumão arrancar as pestanas e sobranceiras. Guardão muita abstinencia nas molestias. Mastigão a comida com muito vagar.

(*) Habitão o lado oriental do rio Paraguay ; pelo lado occidental habitão os *Cavalleiros* até abaixo de Corrientes. Chamão-se *Lenguas* os que vivem nas terras fronteiras á cidade d'Assumpção, e são conhecidos tambem por *Xiriquanos*.

Não se conhece entre elles o escorbuto nem mortes repentinas. Não ha calvos ; os velhos trazem a cabeça rapada em roda, á semelhança dos leigos franciscanos. Conservão até á morte os dentes denegridos e mal postos. Tratão os meninos com demasiado mimo. Conservão semblante melancolico, estando quietos. Os homens vivem nús, trazendo plumas e enfeites de pennas na cabeça, pulsos e pernas. Pintão todo o corpo com tinta de urucú e genipapo. Usão cinto de algodão tinto, da largura de um palmo. Têm furado o beijo inferior, e nelle mettido um pão da grossura média de uma penna de escrever, e do comprimento de um terço de palmo ; os mais ricos trazem-n'ò de prata ; e nas orelhas trazem meias luas de prata, isto ha mais de duzentos annos, tempo em que matárão um filho do Portuguez Aleixo Garcia, e outros que vinhão dos serros do Potosí, o que deu causa ao engano dos Hespanhóes em chamarem Rio da Prata, por encontrarem estes indios com porção della. As mulheres têm a cara larga, mandão-se picar com espinhos na testa, formando linhas que começam na raiz do cabello, e vêm acabar sobre as palpebras, face e barba, onde fórmão um xadrez. As donas fazem um quadrado nos braços, soffrendo crueis dôres em todas as occasiões. Andão envoltas dos pés ao pescoço em um grande panno de algodão, cujo peso lhes faz cedo cahir os peitos ; as mais asseiadadas trazem nelles muitas rodinhas de conchas, postas com a madre-perola para fóra, e seguras com linhas. Trazem debuxada no proprio corpo a marca do seu cavallo. Usárão antes de pelles de veados. Debaixo do panno trazem uma tanga, de que fazem usar as

meninas desde que nascem. Canudos de prata enfiados em linhas, que trazem ao pescoço; contas nos pulsos e nas pernas, e uma chiapa de prata no peito, para feitura da qual lhes serve de safra uma pedra e outra de martello. Na primitiva erão de pão estes enfeites. Têm mimosos os pés e o animo terno e compassivo. Com muito cuidado e desvelo crião toda a especie de animaes e passaros bravios. É muito curioso este povo, e tem propensão para fazer tecidos.

O *Guaycurú* escolhe a mulher com quem pretende casar, e a pede a seu pai; se lhe é concedida, dorme com a noiva na primeira noite, sem que haja cohabitação, e ao outro dia é entregue a noiva sem dote algum, senão os enfeites e o direito á herança, que lhe tocar por morte do pai. Nunca mais fallão ao genro o sogro e a sogra. Podem separar-se os casados e contrahir nova alliança, mas raras vezes isso acontece.

Antes de 30 annos as mãis matão os filhos no ventre para não incommodarem o marido durante a criação. As mulheres amão com excesso aos maridos, de que ha provas em muitos factos. Ha meretrizes, que são homens affectando todos os môdos das mulheres, e usando o peccado amaldiçoado por S. Paulo, e outros, que impedem a propagação humana.

Vivem em casas portateis, cobertas de esteira, abertas pelos lados. Dormem sobre pequenos feixes de palha e pelles de carneiro. Comem tudo sem tempero, assado ou cozido sordidamente, quatro ou cinco vezes no dia, e no mister da cozinha occupão-se ambos os sexos. Os homens cáçãõ, pescãõ, tirãõ palmito, e cuidãõ na guerra e nos cavallo; as mulheres fiãõ algodãõ, tecem pannos e cintas, fazem cordas, louça e esteiras.

Os divertimentos são estes, em noites claras, em frente dos toldos onde morão. Seis homens forçosos pegão em um panno, em que mandão assentar um menino, e sacodem depois tanto que o rapaz vai aos ares violentamente, e volta abaixo, cahindo na posição que succede. As mulheres fechão um circulo, pegando umas nas mãos das outras, e depois sáhe uma a correr em roda com muita ligeireza, até que outra do circulo, estendendo um pé a trás, embaraça a carreira e faz estender a companheira, muitas vezes com lastimosa quédia; trocão então os lugares e começão a mesma distracção.

Dividem-se as mulheres, outras vezes, em dous bandos, e de cada um delles sahe uma a insultar de palavras ao outro bando, e aquella que é mais abundante em nomes injuriosos fica victoriosa e applaudida ao som de grandes risadas. Depois passão ao pugillato; meio pelo qual acabão os homens suas contendas, menos nas desordens domesticas. Não cantão, mas ficão extaticos, e lacrimão quando ouvem cantar com melodia.

Correm cavalladas nas festas; os homens andão em pello, ás mulheres servem de sella pequenos feixes de palha; a cabeçada é guarneçada de pedaços de arame de bacia, com guizos, e uma chapa de prata na testeira. Não usão de estribos.

Outros brinquedos existem, como azas de passaros nas mãos, querendo imitar os perús; com as mãos no chão investem como touros, ou saltão como sapos.

Fazem excessivô uso do tabaco: os homens cachimbão, e as mulheres trazem-n'ô sempre entre o

beijo inferior e a gengiva. Não conhecem Deos; dizem, porém, que ha um ser bom, mas que em nada se embaraça, e que ha demonios que tentão os mortaes. Festejão o apparecimento das sete estrellas, não como divindade, mas por ser precursor do tempo de sazouarem uns côcos chamados bocayuyvas, que lhes servem de precioso alimento.

A respeito de sua origem dizem mil desatinos; por exemplo, que depois de serem criados os homens, e com elles repartidas as riquezas, uma ave de rapina, que no Brasil chamão *carácará*, se lastimára de não haver no mundo *Guaycurú*; — que os creára, e lhes déra cacete, lança, arco e frechas, e lhes dissera, que com aquellas armas farião guerra ás outras nações, das quaes tomarião os filhos para captivos, e roubarião o que podessem. A este passaro, porém, não tributão culto algum, antes o matão ás vezes e quantos podem.

Crém que depois da morte as almas dos seus capitães e dos cirurgiões se divertem em passeiar pelas estrellas, e que as do povo ficão errando junto do cemiterio.

Nas suas viagens governão-se pelo sol; distinguem com nomes os quatro ventos geraes; contão os annos pelas vezes que dão fructo as arvores, os mezes por luas, com córtes nos troncos, e as horas pela altura do sol. Explicão os numeros pelos dedos das mãos e dos pés; e quando é muito o que querem explicar esfregão as mãos uma na outra.

Amão-se e vivem em harmonia. Não conhecem a medicina; nas enfermidades carregão com a mão e chupão com a boca a parte dolorida. Os seus cirur-

giões usão de varias extravagancias : sacodem uma cabaça com bastantes pedrinhas dentro, cantando noites inteiras com voz desabrida, proctrando imitar ao mesmo tempo o canto dos passaros. Fazem crer que nesta occasião lhes vem do inferno fallar a alma e dizer se hão de morrer ou não ; e quando querem vaticinar praticão da mesma fórma, ficando tontos com os movimentos de cabeça que fazem, e predizendo desatinos.

Morrendo alguma moça rica pintão-a, e enchem-a de joias como se estivera viva, envolvem-a em um panno pintado com conchas, cobrem-a com uma esteira fina, e leva-a um parente a cavallo até ao cemiterio geral, que é uma casa coberta com esteiras pelos lados, onde cada familia tem os seus jazigos divididos por estacas. Enterrada, deixão sobre a sepultura o fuso, a cuia e outras cousas de seu uso, assim como sobre a do homem o arco, as frechas, a maça, a lança, as armas e trastes de que usava. O cavallo em que o fallecido foi levado, e que deve ser o melhor que elle possuia, é morto junto ao cemiterio ; e se foi guerreiro em vida eufeitão-lhe as armas com as flôres e plumas de diversas côres, que todos os annos renovão.

Mudão o nome todas as vezes que lhes morre parente ou escravo ; fazem excessivo pranto, e muitas macerações, até que os parentes lhes pedem repetidas vezes queirão deixar tanto sentimento.

As mulheres explicão-se quasi sempre differentemente dos homens, por ser a lingua abundante em phrases e nomes. A pronuncia é mais guttural que nasal ; carregão sobre a voz, e acompanhão o discurso com as mãos e gestos quando querem encarecê-lo.

Sabem todos os annos a matar outros selvagens, e aprisionar mulheres e crianças para captivos.

Os *Guaycurús* tratão com desprezo e soberba a todos os indios confinantes, que são os *Guavis*, que habitão as margens do rio Imbotatuy, e os *Guandás*, nação muito maior que a dos seus oppressores. Esta procurou sacudir o jugo tyrannico a que estava submettida, vindo mais de trezentos, em Junho de 1793, ao presidio de Nova-Coimbra pedir a protecção dos Portuguezes. O sobrinho do capitão *Guacú* (grande) foi mandado a Matto-Grosso com mais cinco, e o general o mandou fardar á sua custa com farda encarnada e agalada de ouro, dar-lhe sapatos, fivellas de prata, botas, camisas de punhos, bastão e outras cousas de valor, sustentando-o em palacio todo o tempo que se demorou em Villa-Bella.

Os *Guaycurús* têm em suas aldeias indios das nações *Guavis*, *Guanazes*, *Guatos*, *Cayvabas*, *Bororós*, *Corodás*, *Caiapós*, *Xiquitos* e *Xamococos*. Esta nação vende os filhos aos *Guaycurús* por machados e facas, e os *Guaycurús* lhe fazem guerra cruel, sendo de todos temidos pela vantagem de suas armas e cavallos. Andando a cavallo, se servem de todas as armas, lança, terçado, facão, maça. Embarcados, serve-lhes o remo de arma, por ter ponta em ambas as extremidades. Alisão a madeira admiravelmente por meio de um caracol, que quebrão nas costas, e que lhes serve de cepilho.

Os *Guaycurús* em 1719 ligárão-se com os selvagens *Payaguás*, quasi amphibios pelo grande uso que fazem das aguas, e pelo muito que são dextros nellas. Em 1792 esta tribu estava reduzida a mil pessoas,

e achava-se aldeada no Paraguay, como informou o general desta provincia, D. Joaquim Alves.

Em 1725 estes indios (*Payaguás*) destruirão uma frota de canoas, de commerciantes que viuhão de S. Paulo para as minas de Cuyabá, matando-lhes perto de seiscentas pessoas, e continuárão nos annos seguintes em tal carnificina, sendo victima, em 1730, o proprio ouvidor, que acabava de servir em Cuyabá, Dr. Antonio Alves Linha Peixoto. Lançárão nessa occasião ao rio sessenta arrobas de ouro, pois não lhe davão preço, contando-se até que na cidade da Assumpção trocárão seis libras do mesmo a uma mulher por um prato de estanho. Estes insultos continuos derão lugar a ordenar Sua Magestade em 1734 ao general de S. Paulo que mandasse fazer guerra aos gentios á custa da real fazenda, sahindo péla primeira vez uma grande armada do porto geral de Cuyabá, composta de cento e oito canoas de guerra e bagagens, e tres balças, que erão casas portateis armadas sobre canoas, onde celebravão os capellães da tropa, que se compunha de oitocentos e quarenta e dous homens. Os insultos, porém, continuárão até 1775, em que foi fundado o presidio de Coimbra para cohibir os insultos e atrocidades.

Em o 1º de Agosto de 1791 celebrárão paz e amizade perpetua com os Portuguezes, lavrando-se um termo no palacio do governador capitão-general de Matto-Grosso João de Albuquerque Mello Pereira Caceres, e servindo de interprete aos indios uma sua captiva, crioula, de nome Victoria.

Os *Guaycurús*, que assistem do fecho dos morros para baixo, têm paz com os Hespanhóes da provincia do Paraguay desde 1774, alliança feita por um padre

que soube introduzir-se entre os selvagens, dos quaes seguio todos os costumes, deixando arrancar-lhe as sobranceiras e as pestanas, e casando-se entre elles.

Nos magotes que havião como auxiliares do exercito do general Artigas, com o qual este em 1816 aggreo a nova fronteira na provincia de S. Pedro, alguns havião que erão sempre os mais esforçados e valentes nos combates; e nos que erão mortos encontrão-se pendentes do pescoço, á maneira de relicario, escriptos firmados pelo capellão do general, asseverando que aquelles que succumbissem *peleando contra los tiranos*, trazendo aquelle escapulario, passarião logo á gloria eterna, onde, em companhia de seus parentes e amigos, depararião todos os gozos que podessem desejar.

Guajajaras. Indios do baixo rio Mearim, do Maranhão, conhecidos tambem por Tymbiras, ou Tymbirás, os quaes respeitão muito a memoria de seus finados. Rapiantes dos fructos dos seus vizinhos e iguaes, e invasores do gado dos Portuguezes.

Guajazis. Indios pigmeos das margens do Amazonas.

Guanas, Guanás, Guanãs. Indios de Matto-Grosso, pertencentes á nação dos Chanés. Viviaõ aldeados nos terrenos adjacentes ao norte do presidio de Coimbra, e nos contiguos ao de Miranda. Possuem natural inconstancia, e affectada condescendencia, tendo o character de refinada dissimulação, e de certa desconfiança ainda dos mesmos beneficios que recebem, os quaes muitas vezes julgão, ingratos, menos graça do que divida. De vida errante e libidinosa, com horror ao trabalho, que considerão proprio de escravos, suppondo-se a primeira e dominante nação de indios,

vivem longos annos robustos e fartos, achando nos rios e campos bem provida despensa.

Vivem dentro de grandes casas, e estabelecidos tambem nas terras e mattos das escarpadas serras de Albuquerque. Tecem bons pannos, e alguns paicús, plantão milho, mandioca, morangos e batatas, que vendem, assim como crião porcos e gallinbas.

Guaranys. Estes indios são inseparaveis de suas mulheres em todos os lances e posições de sua vida, e resistem forte e obstinadamente a tudo que concorra para denegar-lhes sua presença ; o chefe militar que em campanha quizer a valiosa cooperação desses indios, e conserva-los contentes, submissos, e alegres, deve consentir que tenham junto a si suas mulheres, e que estas os acompanhem, mesmo em todos os movimentos do serviço a que são destinados. Houve no municipio de Cabo-Frio uma aldeia destes indios (*).

Guatiadeos. Tribus de indios de Matto-Grosso.

Guatós — Guatos — Laianas. Indios de Matto-Grosso. Divididos em familias, isolados entre si, são polygamos, havendo alguns até com doze mulheres. O amor da independencia os conserva nas solidões. Não tendo casas, contentão-se com pequenos ranchos de ramagens, que fazem á pressa, quando os ameaça a chuva, e passam a maior parte do tempo em suas canoas, onde accommodão tudo o que lhes pertence, mulheres, filhos, cães, gatos, aves, e armas. Andão nús, e cobrem-se ás vezes, por cerimonia, quando se lhes apresentam estranhos.

Deixão crescer o cabello. São temerarios na guerra

(*) Alm. de lembr. bras., 3º anno, 1868, pag. 64.

que dirigem de arco e frecha, e de zagaia ás ouças e tigres, de cujas pelles, bem como da de lontra e outros animaes, fazem seu principal commercio em troca de ferramentas e outros artigos. Vivem da caça e pesca, paixão por leaes e honrados nos seus tratos, são avarentos, ciumentos, e mui decisivos nas suas resoluções.

Guayá-guçú. Vide *Gradaís*.

Guequez. Indios da margem de Parnahyba, e Uruçuy na provincia do Piahy (*).

Gurupá. Indios das margens do Amazonas, vagabundos e antropophagos.

Iranambés. O mesmo que os indios *Barbados*.

Jacarétapyás. O mesmo que *Cacatapuyas*.

Jacundá. O mesmo que *Abarajá*.

Jaguains. Indios, que habitão as margens do Amazonas, inimigos jurados dos Gurupás, antropophagos, trazendo as faces riscadas com debuxos e flores.

Jogoanharo. Bravo e heroico Tamoio, um dos chefes da famosa liga feita pelas numerosas hordas de Tamoiros com o fim de exterminarem os Portuguezes, sendo a capitania de S. Vicente (hoje provincia do S. Paulo) o theatro dessa acção em 1562. Esse feito, que prova a nobreza e independencia de nossos sylvicolos foi decantado pelo poeta diplomata brasileiro Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, sob o titulo, *A Confederação dos Tamoyos*.

Jumas. O mesmo que *Collinos* e *Coevanas*.

(*) Alguns escriptores tem dito, que pelas solidões de Piahy, nas abas de seus rochedos, se tem encontrado hieroglyphicos, gravados em lingua desconhecida, que attribuem aos *Guegués*, e a outras nações indigenas, que, por esse meio, quizerão perpetuar grandes acontecimentos. Na *serra da ribeira do Curumatá* se encontram com frequencia essas inscrições feitas nas rochas.

Jurazes. Vide *Carnizes*.

Juris. Vide *Cayuvicenas*. Julgão que a residencia da alma é nos ossos, e persuadidos disto queimão os dos defuntos, e bebem as cinzas infundidas no seu vinho.

Jurunas. Vide *Collinos*. São antropophagos, e bellicosos. Distinguem-se pela boca preta, e meias faces da mesma côr.

Juruunas. Selvagens da provincia do Pará.

Jyporocas. Botocudos que habitão entre Mucury e Minas Novas, cujo nome e feitos não horrorisa só o habitante civilisado, mas tambem seus proprios vizinhos, botocudos como elles, os Nak Nanuks.

Kinikindos. Indios de Matto-Grosso, e Paraguay, pertencentes á nação dos *Chanés*.

Layanas. O mesmo que *Chanés*.

Macamecrans. O mesmo que *Caraités*.

Machaculi. Tribu de índios que considerava o tigre como sua primeira divindade ; e tendo os sonhos como preceitos sagrados, que della emanavão, dava-lhes prompta e fiel execução.

Macunis. Indios que bebem as aguas do Jequitinhonha, e Rio Doce. As mulheres são inseparaveis nas largas e arriscadas excursões de seus maridos ; as affeições, que delles recebem, as fazem resignadas, e perseverantes nesses penosos movimentos.

Macús. Indios de horrida figura mui sordidos e imundos, são vagabundos, e ladrões, e buscão alimento na caça e na pesca.

Makunis. Indios que procurárão a villa de S. José de Porto-Alegre, no Mucury, como refugio contra os ataques dos botocudos *Jyporocas*.

Mambarés. — *Mambriaras.* Vide *Cabahibas*.

Mamaianazes. O mesmo que *Acipoias*, aliados porém dos Nheengahybas, bons caçadores e nadadores.

Mamengas. O mesmo que *Adoriás*.

Manãos (*). Indios das margens do Amazonas, abalisados na intrepidez, e na quantidade. O seu principal, Ajuricaba, fez-se celebre pela systematica rebeldia de adoptar a bandeira hollandeza, e captivar os indios mansos do Rio Negro, por meio de frequentes correrias nas suas

(*) Manãos é tamhem a capital da provincia do Amazonas. O rio deste nome, que é tamhem conhecido por Solimões, extenso por quasi 1,800 leguas, segundo alguns, e por trezentas, segundo A. do Casal, tinha povoações sem numero de innumeraveis indios, em suas margens, quando o invadirão os Portuguezes;—havião tantos á beira dos rios collateraes, das ribeiras e lagos, que parecião enxames de mosquitos; a diversidade de nações e linguagem era sem conta. No rio Urubú, que, á vista dos outros, pôde chamar-se um regato, uma tropa queimou setecentas populosas aldeias de uma assentada. A tropa tirou neste rio, para resgate, perto de tres milhões de escravos fóra os mortos, os tirados ás escondidas e os que descêrão para as missões, que regularião por outros tres milhões.

Em algum tempo cada aldeia de indios, diz o padre Vieira ao Rei D. Pedro, das que já tinhão missionarios, podia pôr em campo, se houvessem guerras, para cima de cinco mil arcos; e as aldeias já domesticadas, passavão de quinhentas só até o Gurupá, pouco acima da foz do Amazonas. Na lingua destes indios faltavão as letras f, l, s, z, os verbos auxiliares, a voz passiva dos verbos, os accidentes do nome, e não dobrando consoantes, nem ajuntando mutas e liquidas, não tendo em tempo algum grammaticos originaes que a regulassem, oradores, poetas e historiadores que a illustrassem, apesar de tudo isto, della predicão os doutos (padre Anchieta, Simão de Vasconcellos, Figueira, etc.) a *delicadeza, facilidade, suavidade, cópia, elegancia*, que ultimamente se compára á *grega na perfeição*.

O rio Amazonas nasce na altiloqua cordilheira dos Andes, atravessa o Perú, parte da Colombia, e o norte do Brasil e lança-se no oceano por uma bocca de trinta leguas, pouco mais ou menos entre os cabos do Norte (4° 54' lat. N.) e o Magari (1° lat. S.)

aldeias, para os vender em Surinam. A ufania servio-lhe porém para acabar n'uma força.

Marauais. O mesmo que *Cacatapuias*.

Maturarés. O mesmo que *Cautarios*.

Maturús. Índios de pés virados, que habitão as margens do Amazonas.

Maués. Índios feros, e de peito fingido, que habitão o Amazonas.

Mayurunas. Índios horridos, immundos, sem habitação certa, tendo os outros habitos dos *Cacatapuyas*.

Mequens. Nação de índios das margens de Matto-Grosso.

Minuanos. Nação de índios da provincia de S. Pedro do Sul (*).

Miranhas. O mesmo que *Cauaxis*.

Mondrucús.— *Monduruçús.* O mesmo que *Jumas*. Até 1800, em que começárão a ser christianisados, perseguirão de morte os seus circumvizinhos, e as roças dos agricultores.

Mura.— *Muras.* O mesmo que *Apinagés*. São bellicosos, odiosos, e vagabundos; desde 1785 cessárão de manter cruel e irreconciliavel inimizade com todas as outras tribus, e de continuar em seu instituto de pirataria, e rapina, infestando o Madeira, Solimões, e outros rios.

Muraçuás. O mesmo que *Juruna*.

Mutuns. Horda de índios de uma das margens do Rio Doce, em hostilidade com os *Pancas*, índios da outra margem.

Muturicús. Tribu de índios, que em 1769 hostilisarão as povoações do rio Tapajós, ajudados das proprias mulheres, que, em qualidade de serventes, ministravão as frechas com pontualidade.

(*) Chamão tambem *minuano* ao vento muito frio, na mesma provincia.

Nak Nanuks. Botocudos das mattas do Mucury, Jequitinhonha, e Minas Novas.

Nheengahybas. Nação de indios do Pará, Maranhão, e Amazonas. Erão bellicosos. Tão zelosos de suas mulheres, que não lhes consentião que fallassem outro idioma, senão o seu, para sopear-lhes toda a communição com os brancos, e com outras tribus, e jámais se separavão dellas, só com o fim de priva-las das seducções.

Norocoage. O mesmo que *Apinagé.*

Orizes-procazes. Indios ferozes e indomitos. Fugião ao commercio dos Portuguezes no recondito das montanhas, no intrincado das brenhas. Um escripto de José Freire de Monterroyo Mascarenhas, publicado em Lisboa em 1716 sobre a conquista destes indios, collocava a segurança delles a cento e oitenta leguas distante da cidade da Bahia, para parte do sudoeste, entre as montanhas elevadissimas, e inacessiveis de Nhumaramá e Cassueá.

Paças Novas. O mesmo que *Maturarés.*

Pacajá. O mesmo que *Mamainazes*, porém claros de côr, molles e preguiçosos.

Pacaleque. Horda de indios, que tem a cabeça á imitação de uma mitra. Os sertanistas chamão-lhe tambem *Cambevas.* São perseguidos dos Guaycurús.

Pacaxudeos. Tribu de indios da provincia de Matto-Grosso pertencente á nação dos *Chanés.*

Pacunás. Selvagens da provincia do Pará.

Pamas. Nação de indios na provincia de Matto-Grosso.

Pancas. Vide *Mutuns.*

Parauanas. O mesmo que *Aruaquis.*

Parecis. O mesmo que *Cabiwis.*

Parianas. O mesmo que *Cayuvicenas.*

Passés. Idem.

Patetins. O mesmo que *Mequens.*

Payabas. O mesmo que *Muras.*

Pepuxi. O mesmo que *Norocoage.*

Pezeti. O mesmo que *Apinagés.*

Pimenteira. Gentio da provincia do Piauihy, contra o qual começou em 1776 uma guerra, que só se concluiu em Agosto de 1784.apparecêrão de novo em 1807.

Pinhacazes. O mesmo que *Parecis.*

Piracoaxararas. O mesmo que *Jaiús.*

Piramcabucús. Idem.

Pitiguares. Indigenas de estatura mediana, e côr baça, os quaes forão grandes amigos dos Francezes, e, por instigações destes, contrarios aos Portuguezes, assim como por se oppôrem os donatarios ao commercio e trocas clandestinas, que fazião com os estrangeiros. Quando em 1584 o general Diogo Flôres tomou aos Francezes a Parnahyba desbaratou tambem esta raça. Forão muito uteis na guerra contra os Hollandezes, por industria sobretudo de Sorobabé, e Camarão.

Potiguarás. Indios das provincias da Parahyba e Ceará.

Puchacaz. O mesmo que *Mambriaras.*

Puris. Tribu de indios tão mesquinhos em seu physico, como celebres pelo seu animo rixoso e briguento.

A sua paixão dominante, e que mais vezes os irrita, é o ciúme; adoptão temporariamente a polygamia, consistindo a união conjugal em ser o pai da noiva brindado pelo pretendente que a recebe, como em retribuição do seu presente.

Purús. O mesmo que os *Muras*. Não comem farinha, nem usão de arco e frecha. Dedicavão aos mortos o tributo de suas affeições por meio de cantos folgassões, e rendião-lhes em holocausto o merito de fazerem em si incisões profundas, e os seus jejuns expiatorios que erão guardados com a maior austeridade.

Quinquindós. Indigenas da provincia de Matto-Grosso.

Sacamecran. O mesmo que *Apinagés*.

Sapopés. O mesmo que *Jacarétapiyas*.

Sarumas. O mesmo que *Puchacaz*.

Tabajaras. Indios da provincia do Ceará.

Tabocas. O mesmo que *Camacumans*.

Tamirés. O mesmo que *Mambriaras*.

Tamoios. Vid. *Jogoanharo*.

Tapacué, — *Tapacué-mirim*. Gentio da provincia do Piauhy, que flagellou em 1793 o districto de Parnaguá.

Tapajós. Tribu de indios do Amazonas que attribuia a seus idolos acção directa sobre o nascimento, destino, e posição do homem, e sobre os successos da guerra, e das suas expedições venatorias (*).

(*) Tapajós é tambem o grande rio conflente do Amazonas; nasce nos campos dos Parecis entre os paralelos 14 e 15 de lat. austral, origem que comprehendendo em multiplicados braços um espaço de 100 leguas de nascente a poente, se enlação outras contravertentes para o sul das cabeceiras do rio Paraguay, e dos

Tapirapés. O mesmo que *Pepuwi*, e *Criads*.

Tapuias. Primeiros povoadores da Bahia de Todos os Santos, que forão expulsos da terra e mar por outro gentio, conhecido por *Tupinal*. No vocabulario guarany *tapuia* significa *barbaro*, havendo entretanto opiniões que este nome não pertenceu a nação alguma dos indios.

Taramambezes. Indios do Maranhão, cuja destruição effectuou-se em 1679, sendo governador Ignacio Coelho da Silva. Erão insignes nadadores, e tão ousados, que não só levavão mergulhados debaixo das aguas horas inteiras, senão que armados de simples páos aguçados e curvos, affrontavão os tubarões, e lh'os introduzião pela boca, quando aquelles monstros as abrião para devora-los, conseguindo assim por este meio extraordinario, mata-los e trazê-los á praia. Conta-se tambem que protegidos das sombras da noite costumavão approximar-se em silencio ás embarcações surtas junto á terra, e picando-lhes as amarras, as fazião dar á costa, roubando depois a carga, matando, e comendo os naufragantes. O proprio governador se vio exposto a semelhante perigo, o que, junto a outro caso succedido logo depois de sua posse, apressou o castigo dos barbaros (*).

seus braços o rio Cuyabá, o Sipotuba e o Jaurú. O Tapajós, depois de correr 300 leguas perde o nome no Amazonas, em que conflue em 2° 25' de lat., e 325° 15' de long.; distante do Pará 108 leguas em linha recta, e 162 segundo a navegação ordinaria.

(*) Vid. *Jorn. de Tim.*, de J. F. Lisboa, vol. 3º, 1865.

Tavens. Índios da provincia do Paraná. São geralmente debochados, occupão-se na pesca, caça e dança. Ha difficuldade em os desarraigar de seus vicios; são crueis, vingativos, avidos em derramar sangue humano, não têm chefes nem religião. O seu idioma é o guarany, pobrissimo de termos, tendo monosyllabos que exprimem uma idéa.

Tecamedú. O mesmo que *Caraiús.*

Temimbós. O mesmo que *Coroá.*

Terenas. Indigenas da provincia de Matto-Grosso.

Tessemédús. O mesmo que *Gradaús.*

Timbiras—Timbirás—Tumbiras. Índios do baixo rio Mearim, da provincia do Maranhão, que vivem de frutas boscarejas, e do que cação, pescão e pirateão. Denominão-se tambem *Guajojaras.* Às margens do Tocantins ha os *Timbiras Purecamecrans,* conhecidos tambem por *Cupinharós.* Ha tambem *Timbiras Caraiús,* e *Timbiras Piccobgés* (*).

Timores. Índios do Amazonas, tendo as orelhas rasgadas, conhecidos tambem por *Cabaços.*

Topinaquús. Vide *Tupiniquins.*

Travessões. O mesmo que *Caítarios.*

Tumararés. O mesmo que *Crutriás.*

Tumiminos ou Tigmiminos. Erão índios adversarios dos Tupiniquins, e vivião em terras da provincia do Espirito-Santo.

Tupinaes. Selvagens que tomárão as terras da Bahia aos Tapuias, mas que se virão forçados a deixa-las aos Tupinambás.

(*) Estes selvagens derão materia a Gonçalves Dias para o seu immortal poema—*Tymbiras.*

Tupinambás. Gentio de mediana estatura, côr baça, bem figurados, semblante alegre, bons dentes miudos e brancos, pés pequenos, cabellos curtos na cabeça, unica parte em que o conservão, arrancando todo o mais; têm muita força, são muito bellicosos, muito amigos de novidades, luxuriosos em summo gráo, grandes cultivadores da terra, caçadores e pescadores. Discordarão tanto entre si estes indigenas (1587), que dividirãq-se em aldeias e ranchos, comendo-se e matando-se mutuamente. Não reconhecem cousa alguma por autor da natureza, não prestão adoração a alguma cousa, é emfim o povo mais barbaro, que Deos creou. Andão nús, cobrindo apenas por galantaria as partes genitales com alguma pelle de passaro; pintão o corpo com lavores pretos; cingem a cabeça com varias castas de pennas, que pregão com cêra; furão as orelhas, e mettem nos buracos ossos artificiosamente lavrados; e ao pescoço trazem grandes collares de buzios, que furão e enfião. Apenas nascem, furão-lhes os pais o beijo inferior para pendurarem nelle pedras, e muitos fazem igual cousa tambem nas faces, e beijo superior. É universal o mal das bobas neste gentio, untão as feridas com tinta de genipapo, apenas sahem, e, se isto não basta, lhes põe folhas de caroba, com que ficão bons.

Tem casas de palmas muito grandes, e taes que podem pousar cincoenta indios com mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão junto do fogo, que toda a noite tem aceso, assim por amor do frio, porque andão nús, como tambem pelos demonios que dizem fugir do fogo. Por essa causa trazem tições de noite quando vão fóra.

A fidelidade das mulheres foi entre os costumes honestos e benignos que receberam, o que mereceu a estes indios a maior aceitação; a infidelidade era severamente punida com sevicias, e ás vezes com a morte, e não se consentia no sexo feminino a incontinencia excessiva.

Existe totalmente extincta esta poderosa nação de indios pela conversão que fez de sedentaria para nomade, compellida pelos conquistadores do paiz a deixar seus primitivos estabelecimentos, e a divagar por todo o litoral do Brasil, até desaparecer nas margens do Amazonas; desprezando o exemplo dos *Puris*, *Aymorés*, *Tamoyos*, *Guayanás*, e *Carijós*, que acossados das margens do oceano, embrenhãrão-se pelas mattas da serra geral, onde ainda permanece a sua descendencia, conhecida hoje pela denominação generica de Bugres.

Tupinambarana. Tribu de indios aparentada mui proximamente dos Tupinambás.

Tupiniquins — *Tupiniquins*. Habitãrão a costa do rio Camamú até ao rio Oricaré. Guerreãrão muito nos primeiros annos aos povoadores de Ilhéos, Porto Seguro, e Espirito-Santo, mas por fim vierão a fazer pazes, sendo fiéis aos Portuguezes, aos quaes ajudãrão nas guerras contra os outros gentios seus contrarios Tupinambás, Aimorés, Tapuias, e Tamoios.

Tupis. Tem esta nação como certo, e as tribus que della trazião sua origem, que era concedida aos mortos uma vida futura, sendo ladeada de gozos e prazeres para o justo, que, cumprindo os preceitos de *Tupá*, havia superado com resignação e constancia as vicissitudes

da precedente; e de angustias e aflições para os que vivendo torpemente forão fiéis seguidores das doutrinas de *Anhanga*.

Uacarauás. O mesmo que os *Canacis*, tendo de mais semelhança com os Guipós dos antigos Perueuses na arte de exprimir os seus pensamentos por signaes de cordões e laçadas, e tendo o uso de alguns nomes, parecidos com nomes proprios do idioma hebraico.

Uaicurús. O mesmo que *Guánás*.

Uajurutos. O mesmo que *Travessões*.

Uaranacuacenas. O mesmo que *Parauanas*.

Uaupés. Indigenas que usão de distincções de dignidade nobiliaria por meio de uma pedra cylindrica, alva e lisa, permeada de um cordão de tucum, e pendente do collo, cuja grandura decresce do *principal* para os seus subditos, segundo os que entre elles realção mais ou menos por nobreza. São curiosos em obras de penas, como sceptros, carapuças, cangatas (*), e destros em fazer empennar as araras e papagaios de vistosas pennas, despegando as que têm, e applicando nas suas matrizes uma especie de resina de cór parda que varios sapos têm no dorso, e debaixo dos braços.

Ubirajuras. O mesmo que *Amoypirás*.

Uerequenas. O mesmo que *Uacaranas*.

Uginas. O mesmo que *Canacás*.

Uhahias. O mesmo que *Sarumas*.

(*) Atavios para a cabeça, braços e pernas.

Urikemas. O mesmo que *Timores*.

Urapazes. O mesmo que *Jurazes*. Trazem preta a boca em redor.

U-y-apes. O mesmo que *Cabahibas*.

Viatás. Índios, em grande numero, que vivião juntos aos Pitiguares, os quaes forão de todo extinctos, acosados e perseguidos de um lado pelos Portuguezes, e de outro pelos mesmos Pitiguares.

Votorões. O mesmo que *Dorins*. Prostravão-se ante a effigie, em miniatura, de um papagaio.

Xachuruinas. O mesmo que *Uhahias*.

Xamicocos. Nação miserrima de indios, que não cultiva, e dorme ordinariamente em covas, que faz na terra.

Xocrens. O mesmo que *Votorões*.

Xomanas—Xumanas. Índios que vivião convencidos que no corpo humano a alma residia na medulla dos ossos, e queimavão os dos seus maiores; e por uma especie de deferencia e dedicacão a estes, querendo ao mesmo tempo que a alma se abrigasse nelles, bebião em grandes festins o residuo dos ossos, de envolta com liquidos embriagantes.

Yucunas. O mesmo que *Passés*.



PARTE III

Curiosidades.— Variedades.

Abelhas.

Contão-se na provincia do Piauhy trinta e duas especies, ou diversidades de abelhas, como descreve o Sr. Pereira de Alencastre, em uma memoria publicada no 20º, vol. da *Rev. do Inst. Hist. Bras.* No municipio de Itapemerim, da provincia do Espirito-Santo, ha vinte especies de abelhas conhecidas, algumas das quaes venenosas, dando entre todas melhor cera a denominada — Fuiumirim — que é pequena, e loura, e que fabrica optimo mel, fazendo o cortiço em arvores.

Academia brasileira dos esquecidos.

Erecta em 1724 na cidade da Bahia, e favoneada pelo vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes. No incendio da não — *Santa-Rosa* — interessantes produções se perdêrão, as quaes erão remettidas para imprimir em Lisboa, sem se haver dellas deixado cópias.

Academia dos Felizes.

Instituida em 6 de Maio de 1736 no Rio de Janeiro, no palacio dos governadores.

Academia dos Selectos.

Installada em 1752 para applaudir em prosa e em verso as virtudes e acções do capitão-general Gomes Freire de Andrade.

Andiroba.

Arvore que dá azeite para luzes, e bom sabão. Sobre seu uso medicinal vide *Dicc. de plantas brasileiras de N. J. Moreira*, 1862.

Anil.

Planta para o uso da tinturaria. Havendo a fazenda real se obrigado a receber anil pela Ordem de 13 de Agosto de 1773, por falta de prompto pagamento decahio notavelmente a cultura, que foi abandonada, desfazendo-se algumas fabricas, até que, em virtude de novas promessas e editaes, ella restabeleceu-se, havendo em 1784 quatrocentas e seis fabricas em diversos districtos.

Araguaya.

Rio notavel e magestoso, que communica a provincia de Goyaz com a do Pará, e Matto-Grosso. Desceu por elle o Sr. Castelnau em 1844, depois de haverem decorrido mais de trinta annos, sem que fosse visitado por homem algum civilisado. Suas aguas tão puras resvalão tranquillas por meio de vastas solidões, que o bórdão de todas as partes. Sua navegação é perigosa por causa das catadupas terriveis que o embaração, e onde tanta gente tem encontrado a morte. Felizmente o Sr. Dr. Couto Magalhães, na qualidade de presidente de Matto-Grosso, procurou ligar a communição das tres provincias, fazendo sulcar as aguas deste rio por meio de um vapor, o *Araguary-neru-assú*, em Maio de 1868.

Araxá.

Villa da provincia de Minas, cento e dez leguas a E. S. E. da cidade de Goyaz, onde ha mananciaes de agua salitrada, que os habitantes chamão bebedouros, aos quaes concorrem os gados, e todos os animaes, sendo-lhes muito vantajosos para a nutrição.

Armazem.

Rio da provincia de Santa Catharina, affluente do Tubarão, proximo do Passo da Rapoza, onde terminão os terrenos primitivos, e entra-se em terrenos de sedimento, que vão até á serra geral. É quasi no meio desta bacia, que terá cinco a seis leguas de extensão, que se acha uma mina de carvão de pedra, descoberta ha mais de meio século por um tropeiro, que, casualmente, aquecendo uma panella, vio arderem as pedras sobre que a collocára.

Bexigas.

O cirurgião-mór Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcellos foi quem, em 1798, ensinou no Brasil a inoculação da bexiga, como preservativo; — e o Marquez de Barbacena, no decurso do anno de 1804, foi o verdadeiro introductor da vaccina, no Imperio.

Bombix.

Especie de casulo muito maior que o persiano. A cór da seda é amarella-escura, e encontrão-se alguns casulos cór de ouro, de carne, e verde. O intendente geral da policia Paulo Fernandes Vianna mandou em 1818 fazer experiencias sobre a qualidade, reconhecendo que o Estado podia perceber consideravel interesse, porque o insecto nutre-se da mamona, e laran-

geira brava, que se encontra no seu paiz nativo. Na cidade da Victoria o espirito-santense Antonio José Vieira da Victoria empregou sete annos em indagações, e estudos para possuir, criar, e tirar proveito do bicho da seda. Fez presente ao governo em 1818 de uma meada, e de uma renda do fio da seda, feita pelos seus cuidados e industria, mostrando-se em ambas as peças o lustre, e a fortaleza da seda européa. Obteve uma gratificação annual de 400\$ rs. Outras empresas particulares, auxiliadas pelo governo, têm sido criadas, em relação á industria serica, sem resultado algum.

Bororé.

Refinado veneno, muito celebre e usado dos indios do Amazonas, por hervarem com elle suas frechas. Faz-se de umas raizes compridas, que ordinariamente só ha nos lagos, pantanos, e lugares humidos, e é trabalhosa sua manufactura. O antidoto é acudir logo a tomar na boca pedras de sal, ou torções de assucar, não só para evitar a morte, como tambem para não sentir mal algum (*).

Brazil.

A arvore deste nome chama-se *Imyrapiranga* na linguagem indigena, isto é, *páo vermelho*, porque, quando a derrubavão, apresentava internamente aquella côr, sendo parda-escura a casca externa. Em botanica está classificada pertencendo ao genero *coesalpina*, e seu nome especial é *Coesalpina echinata*. Ha mais do mesmo genero a *Coesalpina brasileto*, a *Coesalpina sappan*, e outras.

(*) Vid. Dicc. de pl. med. bras., de N. J. Moreira, 1862.

Buritys.

Soberbas palmeiras do genero *Mauritia*, cuja elegancia de folhagem é augmentada pelo brilho de bellas araras, que de continuo nellas pousão.

Cabedello.

Fortaleza na provincia das Alagôas, cuja primeira construcção teve começo em 1698, sendo governador Antonio da Silva Barboza.

Cachoeira de Paulo Affonso.

Depois de quatorze leguas de viagem desde a foz do rio S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contão tantas grandezas fabulosas. Para bem descrevê-la, imaginai uma collossal figura de homem, sentado com os joelhos e braços levantados, o rio de S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nivel, ou a cavalleiro sobre a cabeça. Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto a Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa dos variados e diversos sons produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venhão correndo velocissimas ou saltando por cima das cristas das montanhas; quer indo em grandes massas d'encontro a ellas, e dellas retrocedendo; cahindo de borbotão nos abysmos, e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéos; quer estourando como uma bomba; quer chegando-se aos vaivens, e brandamente

crescendo ou recuando rapidamente, e com irresistivel força ; quer cahindo em espadanas, ou em flocos de espuma alvissima como arminhos, é um espectaculo assombroso e admiravel. A altura da grande quêda foi calculada em trezentos e sessenta e dous palmos. Ha dezesete cachoeiras que são verdadeiros degrãos de alto throno, onde se assentou o gigante de nome Paulo Affonso. Muitas grutas apresentam os rochedos deste lugar, sombrias, arejadas, arruadas de crystallinas areias, banhadas de frigiditas limphas.

Ante aquella sublime maravilha, ante aquella magestoso espectaculo, o Sr. Dr. Bonifacio de Abreu, illustrado medico de Sua Magestade o Imperador, e distincto poeta escreveu ahi em Paulo Affonso o seguinte canto de breves estrophes, de figuras ingenuas, ricas de imagens felizes, em que descreve com aquella singularidade e graça, que lhe derão tanta nomeada na Tersina e na Palmyra, esse phenomeno admiravel.

A' chegada de Sua Magestade o Imperador na Cachoeira de Paulo Affonso, na manhã do dia 20 de Outubro de 1859.

I

Céos—que immensa maravilha !
 Tanta grandeza me esmaga....
 Todo o meu preito não paga
 A commoção que me abala !
 Nem — sequer — é o reino organico,
 Que me arrouba a phantasia :
 Pedras... aguas... quem diria ?
 Pedras... aguas... não importa,
 Se a mão de Deos abre a porta
 Às scenas da natureza.

II

Cataracta do Niágara
 Rainha lá d'outra America,
 Nem que houvesse lyra homérica,
 Era tua fama nublada :
 Olha : Aquelle é Paulo Affonso...
 O gigante lá desperta...
 Do Monarcha a mão aberta
 Com seus ares de enfiado...
 Desculpa : está deslumbrado
 Com a vista do Soberano.

III

Tem por halito do peito
 Essa nuvem vaporosa,
 Que ora breve, ora espaçosa,
 Traduz-lhe a expiração :
 De chefe traz por insignia
 O iris, que ás vezes cinge (1) ;
 E faz-lhe officio de esphynges
 D'esta Thebaida ou Palmyra
 Cada penha que se mira
 Nas aguas do — São Francisco.

IV

Um manto aquosò de perola,
 Que desbanca a do Oriente,
 Lhe ondeia — como serpente
 Sobre as espaduas robustas :
 Em borbotões que trovejão
Vão d'agua monstros — caixões
Entre negros paredões
 Á toda brida voando ! (2)
 É o gigante chamando
 Á nayade de seus amores.

(1) O vapor d'agua, cortado pelo raio do sol, converte-se em uma faxa luminosa da côr variegada do arco-iris.

(2) Esses tres versos são do poemeto Palmyra, do mesmo autor.

V

Para mais nos confundir—
 Qual vivente, que ora langue,
 Ora, turgido de sangue,
 Fórma relevos diversos ;
 Assim do gigante — a ossada
 Um tempo—as aguas encobrem,
 E outro — em parte a descobrem,
 Imitando as duas phases
 De que julgavão capazes
 Sómente o reino animado.

VI

Gigante d'estas devêzas,
 Por mais que busques modesto
 Occultar do mundo ao rosto,
 Da tua grandeza o solio ;
 És a violeta, cujo aroma
 Argue a escura morada :
 És palmeira debruçada
 No areal do deserto :
 És alma que vê de perto
 A quem se adora n'ausencia.

VII

É tal do teu nome a fama
 Que das plagas do Janeiro
 O Monarcha Brasileiro
 Quiz... bastou : — veio saudar-te,
 Entretanto só. Deos sabe
 Quanto custou-lhe a partida :
 Lá'stão — vida da sua vida —
 Dous lindos astros do Sul —
 — Seja o Céu negro ou azul —
 A pedir que volte — volte.

VIII

Eu mesmo que não avulto
 Das creaturas na escala,
 Sinto que dentro me falla
 Queixosa voz da saudade :
 'Sim ; que estas aguas banhárão
 O torrão que deu-me o ser,
 Mas não podem me dizer
 Se do meu nome a lembrança,
 É uma louca esperança
 Que só vegeta em meu peito.

IX

Entretanto aceita o preto
 Que humilde a teus pés deponho ;
 Deixaste de ser um sonho
 Na harpa do trovador.
 Se as nayades do São Francisco
 Pedirem-te um dia a historia
 Do teu passado de gloria,
 Narra este facto, — só este,
 Que em teus paços recebestes
 O Imperador do Brasil !

O presidente das Alagôas, Dr. Manoel P. de Souza Dantas, teve a idéa de erigir um monumento para commemorar a visita do Imperador.

Do monumento a planta é a seguinte : « O monumento
 « assenta sobre um terraço com quatro escadas. Será de
 « columnas da ordem dorica, tendo em um friso superior
 « a data da visita imperial ; na frente uma ellipse contendo
 « a effigie de Sua Magestade ; na face opposta a inscrip-
 « ção do monumento, e nas duas lateraes ellipses iguaes,
 « contendo uma o nome do Sr. ministro do imperio, e ou-
 « tra o do presidente da provincia.

« Na base serão gravados os nomes de todas as pessoas
 « que estiverão presentes á visita imperial. As ellipses
 « serão de marmore branco, e o terraço e o monumento de
 « alvenaria formada da pedra do lugar com cimento romano.
 « O ladrilho do terraço será de marmore preto e branco. »

Fez a planta o conselheiro Antonio Manoel de Mello.

Café.

A provincia do Pará foi a primeira do Brasil em que se cultivou o café no anno de 1723, trazendo um desertor as plantas de Cayenna. Mais de trinta annos depois começou o cultivo do café no Rio de Janeiro, vindo as sementes das provincias do Norte. Da horta dos barbadinhos italianos, forão recebidas sementes, e mandadas distribuir com muita recommendação pelos padres Couto, e João Lopes, aquelle no caminho de Rezende, e este no districto de S. Gonçalo. Estas sementes tiveram muito progresso, pois que da fazenda do padre Couto se derramárão por todas as de serra acima, onde espantosamente prosperão (*).

A comarca de Caravellas deve o plantio do café a dous missionarios italianos Fr. Marcello, e Fr. Pedro, vindos do Sul para prégarem ahí missões e á curiosidade do velho Manoel Fernandes Norinho, tio do capi-

(*) A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, em 1862, em uma circular dirigida aos fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro, iniciou a idéa de erigir-se uma estatua ao chanceller João Alberto de Castello-Branco, introductor da semente do cafezeiro no Rio de Janeiro, como um justo tributo de gratidão á memoria desse digno cidadão, que assim contribuiu de um modo tão efficaz para o augmento e prosperidade do paiz.

Em sessão da mesma sociedade (15 de Maio de 1868) o Sr. Bittencourt da Silva apresentou, foi aceito e approvado, esboçado em um pequeno quadro, o monumento que se tem de erigir ao chanceller Castello-Branco, *introductor do cafezeiro* no Rio de Janeiro.

tão Manoel da Silva Chaves Senior, que obteve dos missionarios meia duzia de grãos para os plantar em seu sitio do Sacco, uma legua distante de Villa-Viçosa, se devem os beneficios, que a provincia e o Estado tem colhido de tão util producção (*).

Canna de Assucar.

O Pará foi o primeiro lugar do Brasil, que recebeu canna para plantar, vinda de Cayenna, entre os annos de 1790 a 1803, governando D. Francisco de Souza Coutinho.

A' Bahia chegou em 1810, e foi plantada primeiramente no engenho da Praia, cujo dono era Manoel de Lima Pereira; da Bahia passou para o Rio de Janeiro em 1811 pelos cuidados de Felisberto Caldeira Brant, depois Marquez de Barbacena, sendo os primeiros engenhos que a cultivarão os de Bangú, e Gerecinó, na freguezia de Campo Grande. Entretanto ha autores que dão a primeira canna plantada no Brasil, (S. Vicente) como vinda da ilha da Madeira por ordem do governador Martim Affonso entre 1533 a 1538.

Cardos ou Caraguatás.

Fructo bravo, do qual, colhido no campo, e lançado n'agua por quinze ou vinte dias, tirão-se estrigas grandes, como de linho, e mais rijas que linho; dellas fazião os jesuitas *alpergatas* ou *alpercatas*, que, para caminhos asperos, erão os seus sapatos.

Carmo (Convento).

O padre commissario Frei Pedro Vianna, depois de

(*) Vide a Monographia do cafeeiro, publicada pela sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e a Influencia do café sobre a economia humana do Dr. R. Monteiro, 1866.

ter fundado em Santos um cônvento deste nome, em virtude das ordens do Rei e Cardeal D. Henrique, passou ao Rio de Janeiro, e no anno de 1590 fundou outro em terras doadas pela camara, com uma capella a Nossa Senhora do O'

Sobre o convento do Carmo da cidade da Victoria, capital da provincia do Espirito-Santo, vide o Ensaio historico e geographico desta provincia, que publicámos em 1858, pagina 92.

Carnaubá.

(*Coripha cerifera*). Palmeira que produz a cêra vegetal. Ha grande quantidade nas margens do Canindé, e outros rios da provincia do Piahy, bem como nos sertões da Bahia e Pernambuco.

Carajurú.

Arvores para tintas, no Rio-Branco. Vid. *Carajurú* no Dicc. das pl. med., de N. J. Moreira, 1862.

Casca.

A respeito do rio deste nome, que existe na provincia de Minas-Geraes, lê-se em um roteiro, achado em mão do guarda-mór Borges, homem idoso e sisudo: « Sobe
« a serra mais alta das cabeceiras do rio *Casca*, olha
« para o nascente e avistarás ao longe outra serra, em
« que uma torrente de aguas claras imita a fórma de
« lençóes estendidos; marca bem esse ponto para o al-
« cançares, e, chegando, prova o cascalho da cachoeira,
« e acharás o que precisas. »

Castello.

Gruta de pedra summamente curiosa, a que os habitantes dão o nome de *Castello*. Eleva-se a poucas

leguas da villa de Marvão, provincia do Piauhy, no centro de um plano de pequena dimensão. Tem a fôrma de um templo, duas entradas ou portas na frente, e janellas lateraes. Percorrendo-se o interior se vêem varios repartimentos feitos pela natureza, e uma sala espaçosa, em cujo centro se eleva uma columna de pedra em fôrma de altar. É banhada por um regato fresco e crystallino. Serve, ou servio, de cemiterio.

— Na provincia do Espirito-Santo, municipio de Itapemerim, existe um lugar deste nome (*Castello*), onde se descobrirão minas de ouro no caso de serem regularmente lavradas, e em cuja serra, por Decreto de 17 de Setembro de 1824, foi autorisada a concessão de terrenos. Ahi encontra-se uma maravilhosa caverna, cuja descripção não faremos melhor senão reproduzindo aqui o fragmento de uma carta, dirigida em Maio de 1865 a um seu amigo pelo Sr. J. Z. Rangel de Sampaio:

« Se fosse possível virdes d'ahi, da nossa bella córte, atravessar as noventa ou cem leguas pelo Atlantico ; depois, a cavallo, os cento e tantos kilometros que separão a barra de Itapemerim da fazenda em que jaz essa preciosidade, sómente para vê-la, supponho que não vos havieis de arrepender.

« Quanto a mim, nunca vi cousa mais imponente. Creio que a famigerada gruta que existe na memoravel península Quiberon (Carnac), com seus obeliscos, com suas alamédas, etc., não tem a menor superioridade a esta, tendo até alguma affinidade encarada como monumento historico, pois ambas coqservão recordações de povos heroicos e amantes da liberdade.

« Se Carnac assistio por mais de uma vez aos nobres esforços dos Celtas, que vendião caro a sua liberdade,

já contra as tropas aguerridas da antiga Roma, já contra os barbaros companheiros dos Vercingetorix e dos Attilas; se Carnac contemplou a bravura dos Armoricos, mil vezes batidos mas nunca vencidos; com toda a tactica aproveitando as dissensões dos invasores, para se declararem independentes, começando a se regerem por duques de escolha sua, e assim se conservando por mais de dez seculos (383—1488): Catimpoéra tambem admirou a luta dos filhos de *Tupan* contra os descendentes dos Salemas e dos Macieis Parentes, que, depois de tratados como amigos, quizerão seguir os exemplos dos Anglos, quando os povos da Grã-Bretanha lhes pedirão auxilio contra os Pictas e os Scotos. Catimpoéra, mais do que Carnac, teve que ver, pois que os *Puris*, sem nenhuma sombra de civilisação, batêrão, exterminárão, arrasárão até a ultima casa dos Portuguezes do Brasil, que tinham mais cultura do que esses bravos patricios de Jagoanharo.

« Ambas essas bellezas são cantos immorredouros da epopéa que em todos os tempos é entoada á Déa, que tem tido mais iconoclastas — a liberdade!

§

« Tendo ido visitar o Sr. capitão José Vieira Machado, fazendeiro do Castello, manifestei o desejo de ver a *gruta*, desejo que graciosamente foi acolhido; por isso, pouco tempo depois, montamos a cavallo e seguimos para realizá-lo.

« Depois de curto trajecto, mais ou menos um kilometro (pouco mais de 454 1/2 braças) da fazenda *Povoação*, cheguei a uma aprazível situação (do Sr. F. de Almeida Ramos, genro do Sr. capitão José Vieira

Machado, dono da *Povoação*), d'onde avistei o fim de meu passeio.

« Antes de avistá-lo já sentia o mesmo que o viajor entusiasta que visita qualquer das duas cidades outr'ora submersas sob o vomito lethico do Vesuvio! Que importa que não veja, como lá, casas, palacios, monumentos, se neste esteio ainda em pé, carcomido pelo tempo; naquellas pedras derribadas; acolá, naquelle rego extenso e ainda não de todo entupido pelo sinistro do abandono; no cascalho reunido, no fim delle; mesmo nestes cacos de telha e n'um espelho de fechadura com que se depara nesse pequeno espaço mencionado, eu vejo, sem auxilio do magnetismo, uma porção de homens e mulheres cheios de vida e ambição, uns á beira do encanamento, com a batêa em punho, lavando esse cascalho (hoje morto) que rola e deposita fragmentos do corpo complexo desse *deos* que exelama, pelos labios de Gomes de Amorim:

Povos e reis, inclinai-vos,
 Meus escravos todos sois!
 Diante de mim prostrai-vos,
 Artistas, sabios, herões!
 Eu inspire a paz e a guerra,
 E posso tanto na terra
 Como Deos pôde no ceu.
 Do vicio faço a virtude;
 Não preciso quem me ajude,
 O sceptro do mundo é meu!

« Eu via por toda a parte uma sociedade que crescia, o genio do homem que se desdobrava, tentando avassallar as solidões que o circumdavam.

« Esses vestigios abandonados, que nos levão a uma

saudosa visão retrospectiva, não valem a pena de ser vistos ?

« E isso ainda é nada.

« Caminhei comigo, Fernandes ; não vêdes alli aquella montanha que apresenta a fórma de um cabo ? E' a que contém em seu cerebro a cavidade de que vos quero fallar. Costeêmo-la e subamos.

« Não vêdes aquella aberta, aquelle fundo entalhado na pedra, coroado de columnas corinthias agglomeradas ? é a fachada ; aquellas columnas são os cedros, vinhaticos, oleos, jequitibás, perobas e palmeiras, que existem no cume da montanha.

« Não vos parece a fachada de um templo druidico, cujo architecto tivesse visitado a Grecia e o Egypto, e, sonhando com o estylo gothico, executasse na architectonica o mesmo que Victor Cousin na philosophia ?

« Mas... continuemos.

« Admirado o frontispicio, que para muitos não terá a menor belleza, penetremos na caverna.

« Sua entrada não é acanhada como a dos monumentos egypcios, ainda que delles recorde a magestadè ; ao contrario, é um vasto portico, que se poderia dizer gothico, de fórma trapezia, de cincoenta e cinco a sessenta metros de largura sobre sete de altura, desigual. Seu tecto, irregularmente abobadado, parece ser sustentado por uma columna formada por duas pyramides, ligadas pelo vertice, a qual tangida, ainda de leve, produz um som lugubre como o da campa que acompanha o condemnado á morte. Essa bi-pyramide, assim como as paredes e grosseiros relevos que nellas se vêm em toda a alpendrada, é de còr ennegrecida.

« Ao fundo ha algumas cavidades de diversos ta-

manhos e feitios, umas ao rez do chão, outras mais ou menos altas. Á direita existem, gravados toscamente, os nomes de alguns visitantes.

« Na extremidade á esquerda rasga-se uma porta de alto a baixo, diante da qual desdobra-se um corredor curvo e afunilando-se, tendo aos lados outras abertas.

« É o lugar da comunicação interior.

« Virgem da luz meridiana, preciso se faz, para visitar essa gruta, de luz artificial, por isso acendamos archotes e entremos.

« Parece que a Providencia privou da luz do dia esse antro para torná-lo mais bizarro aos olhos do visitante, pois que, jámais sendo visitado por menos de quatro pessoas, cada uma dellas levando uma luz, assemelhão-se essas visitas a uma procissão de dominicos nos seus escuros e longos corredores, preparando-se para um desses grandes divertimentos do *catholico* Felippe II.

« Eis-nos em caminho pelo corredor.

« Vêde outro sino; mas, menor que o outro, tem mais fraco som, assim como, melhor do que eu sabeis, é sómente uma stalactite que está presa á abobada; quando o sino do portico é formado de uma stalactite unida á stalagmito correspondente, como para attestar que gratas se recordão do estreito parentesco que as une.

« Andemos mais; eis um rasgão do lado direito: é outra comunicação para o interior.

« Ao passo que penetrais comigo não sentis, como eu, apesar da curiosidade que nos anima, um outro sentimento apossar-se de vosso coração? sentimento indefinivel!... O arroubo, o pavor, a alegria, a tristeza, o respeito, como que se misturão para dar um modo de ser novo ao *eu!*...

« Oh ! eu sinto o mesmo que sentira Josué quando, ao aceno da vara miraculosa de Moysés, vio as aguas verde-rubras do golfo arabico formarem alas para, por meio dellas, elles e todos os Israelitas se libertarem do despotico jugo de Pharaó; o mesmo que Elyseu quando se separou de seu caro mestre e amigo; o mesmo que Thomé quando teve uma prova palpavel da resurreição do Nazareno ; o mesmo que os doze Apostolos quando receberão o baptismo do Pentacoste !...

« E' que abi falla Deos com todo o apparato de sua omnipotencia ;ahi o homem, se não O vé, sente-O!...

§

« Tracemos docemente esta grande curva, alcancemos aquella saleta ; examinemo-la. Suas paredes são mais cheias de labores que uma farda de grande do imperio, não amarellas, mas da côr da espuma das aguas ; por toda a parte concreções vitreas. E allí, á direita ? Quem não dirá que é um espaldar coberto por um docel com fimbrias de alabastro, tão' alvo e de um tecido tão mimoso como se fosse trabalho de sirgueiro-poeta ?

« E' esta a sala do docel.

« Sigamos. Eis a sala das *Virgens*. Sabeis d'onde vem esse nome ? Destas innumeradas stalactites mamiformes que pendem do seu acanhado tecto.

« Continuemos ; estamos no fim do corredor. Aquella baixa-arcada fenda é o portico mais lindo da caverna. Este lugar chama-se o *Estreito*.

« Não podemos entrar de pé ; engatinhemos e tomemos sentido nos archotes para resguarda-los do sopro das membranosas azas dos esquadões de morcegos que ahi habitão.

« Essa passagem fatigante é por demais compensada pelo thesouro que além della se encontra. De facto, este salão não equivale a um daquelles com que sonhou o poeta das *Mil e Uma Noites*? Não sois capaz de jurar que estamos em um templo digno de taciturna divindade?

« Quanto a mim julgo-me n'um desses edificios de que só nos dão noticia, os chronistas preteritos em seus escriptos esquecidos nos mais poeirentos cantos das bibliothecas dos *bibliomaniacos*, pois nunca vi reunidas tantas columnatas, ogivas, portadas, regradados e tudo quanto os forasteiros da Gothia disseminarão pelos paizes em que habitarão, mas com aquella irregularidade sublime que a natureza imprime em seus modelos.

« Chama-se esse lugar *Sala do sellim de banda*, e eu antes lhe chamaria o *Salão Gothico*.

« Deixai que o descreva :

« Sabido do estreito, que é um tanto curvo, depara-se com um perfeito sellim de banda, cheio de custosos lavrados, e n'uma altura de 2,5 metros pouco mais ou menos.

« Esse simulacro de artefacto humano é tão perfeito que causa admiração ! Nada lhe falta ; até o gancho para descanso da perna esquerda, que é formado de duas stalagmites parallelas no lugar proprio. Nelle existe o nome de um mancebo que primeiro montou-o, tão ancho de si, sem duvida, como Jacques Balmat quando se vio no cume do mais alto monte da Europa.

« Depois de admirar-se o sellim, a vista se volta para o resto do salão, e a primeira cousa que a attrahe é uma stalactite bella e de bizarro feitio que pende bem do centro da *polygonal* abobada. Assemelha-se a uma

lampada presa á curta cadéa, que desce de um bem acabado florão.

« Tem esse salão, de fôrma quadrilatera, 26,4 metros de face (segundo o testemunho do Sr. capitão J. Vieira).

« Suas paredes lateraes, cheias de portadas, são tão brilhantes, tão ricas de concreções formadas da decomposição da pedra calcarea pela acção chimica da agua, que a luz dos archotes illude, mostrando tantas myriadas de estrellas cadentes n'um céo alvacento quantos são os movimentos que se fazem. Mais de uma vez procurei tirar o bello brilhante que me seduzia, debalde, pois quando com difficuldade tirava alguma pequena pedrinha dessa parede, fria e dura como o egoismo, parecia haver-me enganado tomando uma pedra de pouco brilho pelo diamante que cubiçára.

« O pavimento desigual desse sotão demonstra, pelo som cavo que repercute, a existencia de vastos compartimentos inferiores. Em alguns lugares desse humido lagado, principalmente debaixo do sellim da mysteriosa Amazona, existe uma especie de tapete composto de uma larga grega em baixo relevo.

« Traçando-se uma diagonal do sellim á muralha fronteira, na altura de 2,2 metros, ha uma cavidade de fôrma triangulo-curvilinea, onde forão encontrados esqueletos humanos arrumados parallelamente, e onde vi ainda um encardido femúr, humido como todo o vão onde descansa. E' provavel que não seja esse o unico osso que lá exista, o que não pude examinar por falta de apoio por onde subisse.

« Diversas hypotheses cruzão sobre a origem desse deposito mortuario; ha quem supponha serem esses ossos

·pertencentes aos indios, outros aos primitivos povoadores christãos desses lugares.

« Quanto a mim, supponho que os Aymorés, encontrando aquella caverna tão apropriada, embora fugindo de seus usos, como os antigos Etruscos e mais antigos Egypcios, erigirão-n'a em cemiterio da tribu.

« Do mesmo lado do *Sellim de banda*, ao rez do chão, ha uma descida que leva a um andar inferior, na direcção da sahida, cuja entrada, por demais baixa, só permite andar-se de rastos, onde leva a outros compartimentos que têm sahida no corredor da entrada, sempre da mesma altura. Em um desses compartimentos ha uma sala chamada dos *Espinhos*, pela immensa quantidade de stalactites e stalagmites embryonnarias que por toda a parte existem.

« Do portico principal ao *Salão gothico* tem a caverna 106,04 metros (quatrocentos e oitenta e dous palmos), segundo o dito do Sr. Vieira.

« É com sentimento de saudade que se abandona essa camara de tenebrosos primores ! Ao passo que o visitante se approxima da sahida, a gruta, como para saudalo em despedida, patentéa-lhe o espectaculo curioso do romper d'alva. A luz diurna, penetrando a custo pelas curvas da galeria, presta maior brilho aos vitreos relevos della, por pouco tempo, pois que, quanto mais fóra se chega, ella, á semelhança da luz da bonança, apaga rapidamente todos os fogos fatuos dessa vasta e inabavel não.

« Devido sem duvida aos gazes dessa caverna, todos voltarão pallidos della, e amarelladas vierão as velas que lá nos allumiarão.

« Quizera que comigo lá estivesse alguem que hou-

vesse visitado essas famigeradas cathedraes de que a Europa tanto se orgulha, para lhe perguntar qual falla mais em Deos, onde Deos mais se manifesta? Na cathedral de Mayença com suas seis gigantescas torres; na de Antuerpia com sua torre de quatrocentos e quarenta e quatro pés de altura; na de Rheims com seus seiscentos annos de celebridade, e ainda mais celebre por ter recebido em seu seio quasi todos os reis de França, quer Merovingianos, quer Carlovingianos, quer Capetos; mesmo na magnificentissima igreja de S. Pedro de Roma, onde encontram-se os primores de Raphael, Miguel Angelo, Peruzzi, Porta; ou na caverna da *Povoação*?

« Nenhum contestaria o primeiro lugar, sob esse ponto de vista, a Catimpoéra, a menos que não fosse um Inglez, e mesmo assim no caso de ser posta em paralelo com a caverna a sua cathedral de S. Paulo, que é a cousa mais rica do universo aos olhos de um cidadão do Reino Unido da Inglaterra, Escossia e Irlanda. »

Chá.

No anno de 1812 o benemerito chefe de divisão Luiz de Abreu fez vir directamente da China uma quantidade de sementes de chá, que vingarão e reproduzirão felizmente no Rio de Janeiro.

Na provincia de S. Paulo deve-se a criação e desenvolvimento da cultura ao tenente-coronel José Arouche de Toledo Rendon. Ao estudo aturado da materia conseguiu elle fabricar chá tão bom como o da China. Escreveu uma memoria sobre plantação e fabrico do chá, e franqueou sua casa para quem quizesse praticamente aprender uma e outra cousa. Ao tempo de sua morte

excedia muito de 54,000 pés a sua plantação, os quaes produzião annualmente mais de quarenta arrobas.

Cochonilha.

Mauricio da Costa, cirurgião, refere que viajando pelos campos de S. Pedro do Rio Grande do Sul um Hespagnol, que o acompanhava; o qual residira no Mexico, lhe fizera observar os bixinhos da *cochonilha* sobre as grossas folhas da urumbeba (*cactus opuntia*). Obtida porção desses insectos, e remetidos pelo vice-rei para Lisboa, houve em resposta que, pelas experiencias, se achava ser tão boa como a fina d'America hespanhola. Serve para tinturaria, e para usos medicinaes.

Crystal — Crystaes.

Na estrada de comunicação da provincia do Espirito-Santo com a de Minas-Geraes, que tem hoje o nome de S. Pedro d'Alcantara, nas proximidades do antigo quartel de Barcellos, existe um grande crystal de varias côres com nove palmos de comprido, e cinco fóra da superficie da terra, ignorando-se a porção occulta.

Quinze leguas a léste de Santa Luzia, entre S. Marcos e S. Bartholomeu, em Goyaz, existe a serra — **Cyris-taes** —, assim chamada, porque se encontrão ahi crystaes de differentes côres.

Cubatão.

Serra entre o caminho de Santos para S. Paulo. N'uma situação de Manoel Dias, proxima á serra, encontrarão-se montes de ossos, que forão descriptos em uma dissertação de C. D. Meigs nas *Transacções da sociedade de Philadelphia*. Em 1840 o outeiro estava todo desmoronado

por se haverem aproveitado em cal as ostras e mariscos. Havia ahí uma caveira com todos os dentes, ou maxillas, porém já quebrada, a qual foi observada pelo Sr. F. A. de Varnhagen, que deu conta deste facto em sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 31 de Outubro do mesmo anno de 1840.

Diamantino.

Escrevia o Sr. Conde de Castelnau ao ministro da instrucção publica em 16 de Janeiro de 1845: — « Tenho a honra de vos informar, que cheguei ao Cuyabá, depois de haver atravessado, durante dous mezes, o deserto de duzentas leguas, que separa a cidade de Cuyabá da de Goyaz. Cuyabá é a cidade mais central do mundo, achando-se situada quinhentas leguas distante do oceano Pacifico, o mar mais proximo. Depois de seis dias de descanso, parti de novo para visitar as minas de diamantes, que se achão quarenta leguas ao norte, no meio de vastas campinas, e perto da pequena villa do *Diamantino*. Encontrão-se os diamantes a tres ou quatro pés de superficie da terra no meio de cascalho, ou pedras miudas, nas quaes notão-se alguns de uma natureza particular, a que dão o nome de *captivos*, e cuja presença é de tal sorte ligada á dos diamantes, que os escravos estupidos, empregados nos trabalhos de extracção, levão muitas vezes nas gamellas, que servem para a lavagem, uma porção de *captivos* para attrahirem, dizem elles, os diamantes.

Doce.

Rio na provincia do Espirito-Santo, que offerece communicação com a provincia de Minas-Geraes, e pelo qual

póde navegar-se em canóas e barcos por espaço de vinte leguas. Foi um dos primeiros que se conheceu e navegou logo depois do descobrimento do Brasil, subindo por elle Sebastião Fernandes Tourinho, e Antonio Dias Adorno, no principio do reinado de D. Sebastião. Até o porto de Souza a navegação é franca e boa, gastando-se quatro a cinco dias em canóa varejada. Acima do Porto de Souza até á Natividade, limite das provincias de Minas e Espirito-Santo, existem cinco cachoeiras, denominadas « Escadinhas », as quaes occupão o espaço de duas leguas pouco mais ou menos. Da Natividade até á barra do Cuieté ha a vencer a cachoeira do Inferno, a passagem do Eme, em que podem passar canóas, puxadas por cabos ou cipós. Da barra do Cuieté á foz do rio Suçuhí Grande a navegação é boa.

Fórmão as mais remotas fontes deste rio o Chopotó, Piranga, Ribeirão do Carmo, e outros, cujas cabeceiras existem nas serranias do Ouro-Preto; e recolhendo por uma e outra margem diversos rios e ribeirões de pequeno nome, recolhe tambem os notaveis Piracaba, S. Antonio, Sussuhy-guassú, Bugres, e Cuayté, até que, pela direita, e nas proximidades da linha divisoria das duas provincias, recebe as aguas do rio Manu-assú. Os maiores obstaculos, que tolhem a livre e interessante navegação deste rio, são formados pelas cachoeiras do Varadouro pequeno, e as outras já mencionadas, sendo algumas de pouca monta. O marco, pelo qual se imagina passar a linha divisoria, está fincado á margem direita, ou sul do Rio Doce quatrocentas e trinta e quatro braças abaixo da ilha da Natividade, onde abicão os mineiros para vencerem o Varadouro até á foz do rio Guandú, que fica abaixo do marco 2,010 braças; é neste espaço de 2,444 braças,

que se apresenta o canal das decantadas Escadinhas, que fórma o alveo do rio no tempo da sécca ; a corrente, que em geral é mais ou menos arrebatada, segundo os precipícios, que encontra, segue entre muralhas alcantiladas, percorrendo planos inclinados, cheios de orificios, precipitando-se algumas vezes em degrãos, cujas bacias estão todas semeadas de ruínas das rochas, formando as cachoeiras da Natividade, Urubú, Inferno, e Sapucaia; a penultima mais espanta pelo fragore e velocidade das aguas, do que pela profundidade do salto, que será pouco maior de uma braça. O fragor é na verdade tão grande, que ninguem pôde entender-se, e a velocidade da corrente tão consideravel, que percorre trinta braças em sete segundos (*).

Doirados.

Peixe do rio Tieté (tambem o ha no mar grosso). Utilisãõ-se os moradores de Itú, Sorocaba, e do porto do embarque, indo ao sertão seis e sete dias de viagem para o pescar, salgar, e vender em arrobas ao povo. Os doirados são de grandeza tal, que, depois de seccos ao sol, pesão uma e meia, e duas arrobas.

Embarcé.

Praia entre Santos e S. Vicente, onde está a fonte de S. Thomé, assim chamada por causa de umas pe-

(*) Vide Voyag. dans l'inter. du Brés. de Aug. St. Hilaire, 2^e part, vol. 2^o, cap. 13, Paris, 1833, o nosso Ens. sobr. a hist. e estat. do Espirito-Santo, pag. 140, Victoria, 1858, e assim tambem a descripção de uma viagem que publicámos no *Correio da Victoria*, 1859, sendo presidente da provincia o Sr. Dr. Leão Velloso.

gadas que se vêem em uma pedra, perto da mesma fonte.

Esmeraldas.

Em Provisão de 19 de Maio de 1664 foi conferido o titulo de administrador dos descobrimentos dellas na provincia do Espírito-Santo a Agostinho Barbalho Bezerra.

Em 1731, no sertão ao norte do Rio Doce, acháram-se esmeraldas, que foram entregues ao governador, e em 1778 acháram-se em Cuieté. As que se encontram na comarca do Serro, em Minas, são muito escuras, e brandas.

Estanho.

Foi encontrado nas vizinhanças de Corumbá (Matto-Grosso), de que fizera um caldeireiro alguns pratos.

Estrondo.

Serra na estrada de Amaro Leite, para o Bananal, em Goyaz; corre de nascente ao poente além do arraial. Os sertanejos que têm andado por este lugar affirmão ter ouvido por varias vezes, grandes estampidos, o que faz dar á serra o nome, que conserva.

Furnas.

Grande valle, que dista meia legua das margens do Ipanema, e em que o mineral de ferro magnetico é abundante; é o centro de todo o morro, chamado vulgarmente de Ferro, ou de *araracoyava*. O mineral achase entre um barro ferruginoso, vermelho muito escuro, minado em pedras soltas e desarranjadas, de differente peso e grandeza, tanto á superficie como mais profundamente, formando, porém, grandes cintas ou manchas

nos córregos e quebradas. Fica o valle tres leguas distante de Sorocaba, na provincia de S. Paulo.

Gado.

Os primeiros casaes de gado vaccum e cavallar, chegados á capital da Bahia, e que servirão de base ao estabelecimento das fazendas de criação, que ora existem em muitas provincias, vierão em 1550 das ilhas de Cabo-Verde. Custava então 100\$ cada uma vacca. Do archipelago de Cabo-Verde chegarão tambem os primeiros casaes de ovelhas e cabras, bem como alguns jumentos, a planta da taioba, e as sementes de arroz e dos çoqueiros asiaticos. A primeira planta de gengibre veio da ilha de S. Thomé, e meia arroba d'elle, que se repartio por varias pessoas, produzio d'ahi a quatro annos mais de quatro mil arrobas de qualidade superior ao da India.

Gavea.

No cume deste monte, do lado direito aos que vão pelo serrote da Boa-Vista (Rio de Janeiro), n'uma pedra de fórma cubica, existem caracteres ou sulcos que parecem de mão humana. Uma commissão, encarregada em 1839 pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro de analysar e copiar tal inscripção, não affirma que taes caracteres sejam gravados pela mão do homem, ou pela lima do tempo, e em seu curioso parecer, que intitula *Impressões e conjecturas expostas em familia*, diz: « Assim como a natureza esculpio sobre a rocha de Bastia a fórma de um leão em repouso; na gruta das seréas, em Tivoli, um dragão em ar ameaçador; e na mesma *Gavea* a fórma de um mascarrão tragico; assim como ella eleva pontes naturaes, construe fortificações e

baluartes, que ao primeiro lampejo da vista fazem crer ao viajor monumentos da mão do homem, assim ella podia gravar na rocha viva aquelles caracteres, que podem mais ou menos por suas fórmãs equiparar-se a algumas das letras dos alphiabetos das nações antigas e orientaes.... A commissão encontrou com seus proprios olhos em diversas pedras isoladas em roda da *Gavea* sulcos profundos entre dous veios de granito, que mais ou menos representavão caracteres hebraicos, e alguns até romanos, e de uma maneira assaz evidente e caprichosa.... Argumentos notaveis apresentão-se de uma e outra parte para que ambas as conjecturas tenham seu fundamento; e as principaes proposições da commissão são: 1^a, que os diversos viajantes têm descoberto inscripções em differentes rochedos do Brasil, e que a da serra de *Anastabia*, onde se crê ver a descripção de uma batalha, assim como a das margens do *Iapurá*, e outras mais que se vêm na famosa collecção das palmeiras de Spick e Martius, dão uma prova da existencia desta sorte de monumentos no nosso solo, accrescendo mais a tradição das *letras do diabo* n'um rochedo em *Cabo-Frio*; 2^a, que assim como Pedro Alvares Cabral e Affonso Sanchés, empurrados pelos ventos, descobrirão o continente da America, tambem algum desses povos antigos, que a ambição forçava a sulcar os mares, poderia por iguaes motivos aportar ás nossas praias e escrever sobre a pedra um nome ou aquelle acontecimento, para que a todo o tempo as gerações vindourás lhe restituisssem a gloria de tão grande descoberta; 3^a, que a inscripção da *Gavea* se acha collocada de uma maneira vantajosa para estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cubica, pouco escabresa,

com caracteres collossaes, de sete a oito palmos, ao rumo LSE, póde ser vista a olho nú de todas as pessoas que por alli passarem; e notavel é que os habitantes daquelles lugares todos conhecem as letras da pedra. A inscripção assim collocada está exposta á furia das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequencia deve estar mui safada, tanto mais que o granito da pedra em que está gravada é de uma consistencia menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base existirem tres concavidades esboroadas que fórmão o aspecto do mascarrão. O accesso do cume é incontestavel, porque alguns officiaes da marinha ingleza lá subirão e collocarão bandeirinhas, ainda que com muito custo. As considerações que se levantão de encontro a esta crença são: 1^a, que os pretendidos caracteres que apresenta o rochedo da *Gavea* não se assemelhão aos dos povos do velho continente que emprehendêrão as primeiras navegações, e muito menos aos dos modernos; 2^a, que estes caracteres, comparados com os alphabetos e inscripções que M. Court de Gibelin dá na sua obra *Mundo Primitivo*, não apresentam semelhança alguma de uma inscripção phenicia, cananéa, carthagineza ou grega, e que mais parecem sulcos gravados pelo tempo entre dous veios de granito; 3^a, que a parte da rocha onde começa a inscripção, além de perpendicular e de um accesso quasi impossivel, é a menos conservada ou a mais apagada, sendo aquella que está menos exposta á furia das estações; alguns traços perpendiculares, outros mais ou menos obliquos, mais ou menos curvos, ligados por hastes interrompidas, que muito e muito se assemelhão a veios, fazem o todo da inscripção, e uma grande irregularidade de profundidade se observa na gravura, assim

como no largo veio da base, que se poderia conjecturar como um traço para melhor se descobrirem as letras, o qual é interrompido visivelmente, e dá formas não equivocadas de um veio mais profundo. Este argumento é fortificado pela profundidade dos caracteres da parte esquerda, que estão mais expostos do que os da direita, por entrarem na curva que se dirige para o norte. Os Phenícios escrevião da direita para a esquerda, e trabalhando dest'arte devião dar a mesma profundidade ás letras para que ellas fossem igualmente visiveis. »

Consta que Fr. Custodio Alves Serrão escreveu uma memoria ácerca desta inscripção, a qual não foi possível encontrá-la, apezar de todas as diligencias.

Koster em sua viagem pelas provincias de Pernambuco e Parahyba diz ter encontrado uma inscripção em um rochedo, na margem de um rio que se achava então secco, na provincia da Parahyba, e que algumas pessoas lhe certificarão que existião mais inscripções desta natureza na dita provincia. O principe Maximiliano de Wied-Newed encontrou tambem algumas nas ruinas de uma villa destruida na provincia do Espirito-Santo.

Vid. *Itaquatiara*.

Genipapeiro.

No tempo do governador da Bahia Rollim de Moura, informando este a Felippe III do serviço que havia feito á Corôa um preto, escravo do vigário da freguezia de Santo Antonio do Carmo, o qual, durante a guerra com os Hollandezes, trepado em um genipapeiro com um sacco de pedras, matava a pedradas quantos Hollandezes podia alcançar, mandou-se libertar o preto á custa da fazenda publica, e fundar uma fortaleza no lugar, com o nome de

Santo Antonio, que era o do preto, a quem se fez capitão da mesma fortaleza.

Giboia.

Refere Miguel Soares ter visto a pelle de uma cobra deste nome, que tinha quatro palmos de largura, e haverem morto outra os vaqueiros da fazenda ou curral de Garcia de Avila, que pesava mais de oito arrobas, e tinha noventa e tres palmos de comprimento.

Gravatá.

Ao longo de um rio deste nome, que desagua no Capivary, na provincia de Santa Catharina, ha uma fonte de aguas thermaes cuja composição chimica ainda se desconhece.

É planta tambem filamentosa, a qual tem usos diversos na industria.

Gruta das Trahiras.

A uma legua de distancia do arraial deste nome, em Goyaz, existe uma gruta com grande capacidade e profundidade, a que se não tem chégado. De sua cupola distilla um liquido que se petrifica e fórma columnas, pias floreadas e outros muitos differentes fe itios, e estas formações de pedras têm o som de metal. Ha outra gruta, vasta conhecida pelo nome de Paraná, junto a Santa Rosa, em que se fórmão iguaes petrificações.

Gruta do Inferno.

Eis como a descreve o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira: « A perspectiva que do fundo daquelle grande salão se offerece á vista do espectador, collocado á entrada della, é a de um magnifico e sumptuoso theatro, todo decorado de curiosissimas stalactites, umas depen-

duradas da abobada, que constitue o tecto, á maneira de outras tantas gotteiras furiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compressas, simplices, bifurcadas, ramosas, tuberosas, verrucosas, etc.; outras sahindo do pavimento á maneira de pilares, columnas, columnellos, lisos ou cannellados; pavilhões de campo, e um tão grosso que dous homens o não abarcão. Ao lado esquerdo da mesma sala se deixa ver, como debruçada sobre ella, uma soberbissima cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de incrustações spátosas e calcareas, que vivamente representavão alvos borbotões de espuma das aguas precipitadas daquella altura. Em outra parte, porém, do mesmo lado, parece que a natureza se moldou no gosto da architectura gothica. Por todo esse lado estão espalhados diversos labyrinthos, cada um dos quaes de per si constitue uma curiosissima gruta; tem aquella sala a sua linha de direcção lançada ao rumo de Léste, que é o mesmo que segue o interior de toda a gruta, com differença de ser encruzada. Pelo que segue a boca inferior, vio-se que tão sómente o salão, incluída uma recamara sua, tinha de comprimento total cincoenta e uma braças. Todo o seu plano, que aliás era irregular, se havia então convertido em um lago de agua salobra, porém clara e fria, e crystallina, e reconhecendo-se que nenhum curso tinha, por estar reprezada pela enchente do rio. Para ir ao fundo desta gruta conduzi-me com muito geito por uma precipitada escarpa abaixo até dar comigo na profundidade de cento e noventa palmos, sendo aquella escarpa um enormissimo entulho de pedras abatidas da abobada, que constitue o tecto da gruta, por onde está sempre pingando agua. Levei adiante de mim doze pedestres com outros

tantos archotes. Póde quartellar-se á vontade naquella gruta um corpo até mil homens. Nenhum vestigio achou-se de ter alli entrado outra qualidade de gente junta. Depois desta entrada o tenente-coronel Joaquim José Ferreira achou, indagando novamente a gruta, que de uma das camaras referidas, no fundo della, se passava á outra de grandeza e curiosidade não inferior. »

Gruta das Onças.

Situada nas abas de um morro, não muito distante do lugar *Lavrinhas*, em caminho para Cuyabá, tendo sua boca voltada para OSO. Por ella sahe um ribeirão de agua fria e crystallina, a qual corre sobre um leito de areia branca, fina e movel. Vio-se toda a superficie do leito alastrada de folhas seccas que cahem das arvores; e aquelle ribeirão as árrasta e as conduz, ainda depois de subterrizar-se, para vir resurgir ao lado esquerdo da segunda camara interior da gruta, e sahir fóra pela sua boca. A materia de que é formada a gruta é de um coz vermelho, glarcosò e friavel, cujas particulas na sua maior parte ainda têm bem fraca adhesão entre si. O vão da gruta tem duzentos e cinco palmos de comprimento total, repartida aquella extensão em tres camaras interiores, para cada uma das quaes dá entrada um arco que divide umas das outras. Na parede do frontispicio deixão-se ver uns como caracteres orientaes, porém pelo gosto e teor de sua formação, bem mostrão, sem contradicção alguma, ser obra dos gentios que alli se têm agazalhado. O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira visitou esta gruta, fez della uma descripção em 1790, e no frontispicio inscreveu tão sómente o anno em que a examinou.

Gruta de Ouro-Fino.

A uma legua de distancia do arraial deste nome, em Goyaz, na cavidade de um morro, gela-se certa materia branca e friavel que se suppõe salitre, mas que outras averiguações asentarão ser allumen.

Gruta do Castello.

Vid. *Castello*.

Guará.

Avedo tamanho de um frango, de bico comprido, fino e acannellado, o pescoço do comprimento de quasi um palmo, as pernas compridas, delgadas por quatro dedos; a côr vermelha, as pennas da barriga brancas e as coberturas das azas e pescoço pardacentas. (*Heo tantalus ruber*. L.)

Guaxima.

Arbusto apresentado por João Hopman ao vice-rei Luiz de Vasconcellos; depois de cortido tirou-se d'elle excellente linho, capaz para cabos de navios e toda a mais cordoalha, de que se fizeram experiencias com proveito.

Herva de rato.

Veneno, cujos effeitos são pestiferos, com o qual se matavão os indios do Amazonas uns aos outros, com morte prolongada de ir definhando o doente, até que morria miseravelmente com a pelle sobre os ossos. É um arbusto pequeno, e talvez o mesmo que em alguns pastos mata o gado vaccum.

Hipupiara.

Nas memorias de Pedro Gandavo conta-se que em 1564 matou-se um fero e espantoso monstro marinho,

na capitania de S. Vicente, o qual na lingua dos indios da terra era chamado Hipupiara, que quer dizer *demonio d'agua*. Era de quinze palmos de comprido, e semeado de cabellos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes. Gandavo juntou-lhe o retrato em suas memorias. Eis como refere Gandavo o facto:

« Sendo já alta noite a horas, em que todos começavam de se entregar ao somno, acertou de sahir fóra de casa uma india escrava do capitão : a qual lançando os olhos a uma varzea que está pegada com o mar, e com a povoação, vio andar nella este monstro, movendo-se de uma parte para outra, com passos e meneios desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quasi fóra de si, se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Balthazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visãõ diabolica. Mas como elle fosse homem não menos desusado que esforçado, a esta gente da terra seja digna de pouco credito, não lh'o deu logo muito a suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fóra dizendo-lhe que sé affirmasse bem no que era. E obedecendo a india a seu mandado foi : e tornou mais espantada, affirmando-lhe, e repetindo-lhe uma vez e outra, que andava alli uma cousa tão feia, que não podia ser senão o demonio. Então se levantou elle mui depressa, e lançou mão a uma espada que tinha junto de si, com a qual botou sómente em camisa pela porta fóra, tendo para si (quando muito) que seria algum tigre, ou outro animal da terra conhecido, com a vista do qual se desenganou do que a india lhe queria persuadir. E pondo os olhos naquella parte que ella lhe assignalou, vio confusamente o vulto do

monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lh'o impedir, e o monstro tambem ser cousa nunca vista, e fóra do parecer de todos os outros animaes. E chegando de um pouco mais a elle para que melhor se podesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro; o qual em levantando a cabeça, tanto que o vio, começou a caminhar para o mar d'onde viera. Nisto conheceu o mancebo que era aquillo cousa do mar e antes que nelle se mettesse, acudio com muita presteza a tomar-lhe a dianteira. E vendo o monstro que elle lh'embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem, fincado sobre as barbatanas do rabo, e estando assi a par com elle, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lh'a no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não poude o monstro leva-lo debaixo de si, porém não pouco affrontado, porque o grande torno de sangue que sahio da ferida, lhe deu no rosto com tanta força que quasi ficou sem nenhuma vista. E tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava, e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remetteu a elle, e indo para o tragar a unhas e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada mui grande, com a qual ficou já muito debil, e deixando sua vã porfia, tornou então a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acudirão alguns escravos aos gritos da india que estava em vella; e chegando a elle o tomárão todos já quasi morto, e d'alli o levárão dentro da povoação, onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra. E com este mancebo se haver mostrado neste caso tão animoso como se mostra e ser tido na terra por muito esforçado, sahio todavia desta

batalha tão sem alento, e com a visão deste medonho animal ficou tão perturbado e suspenso, que perguntando-lhe o pai, o que era que lhe havia succedido não lhe poudo responder; assim esteve como assombrado sem fallar cousa alguma por um grande espaço. »

Hospicio de Jerusalém.

Fundou-se no Rio de Janeiro em 18 de Junho de 1735 para nelle se recolherem os religiosos leigos, que se empregão nas escolas para os Santos Lugares (*).

Iman.

Ha em abundancia no districto de Pilões, junto ao morro Tubá, em Goyaz.

Imprensa.

José Freire de Monterroyo Mascarenhas (**) foi o primeiro que introduziu em 1715, em Portugal, o uso dos jornaes ou folhas periodicas, embora desde 1641 até 1667 apparecessem em Lisboa algumas folhas e gazetas noticiosas, e politicas, cujos autores não estão de todo averiguados.

Em meio do seculo passado, um acto do governo portuguez mandou destruir a unica imprensa, levantada no Brasil por Antonio da Fonseca (Rio de Janeiro), da qual havia sahido, com data de 1747, a *Relação da entrada que fez o bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro, escripta pelo juiz de fóra Luiz Antonio Ro-*

(*) *Ordem do Rei D. João V, dirigida ao general Gomes Freire de Andrade.*

(**) Vid. Dicc. Bibl. de Innocencio, vol. 3º pag. 137, e 4º 1859 e 1860.

sado da Cunha; e sabe-se, que della tambem sahira, disfarçado com o titulo de impressão de Madrid, o livro de *Exame de bombeiros*. Antonio da Fonseca era protegido pelos jesuitas (*).

O primeiro impresso que se fez em Pernambuco foi em 10 de Março de 1817, com o titulo de *Preciso*, defesa de um dos membros do governo provisório.

A primeira typographia que possuio a Bahia foi da Viuva Serva e Carvalho por diligencia do governador o Conde dos Arcos.

(*) No fim de 1808, anno em que veio de Portugal para o Rio de Janeiro a familia real, começou a publicar-se a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e na Bahia a *Idade de ouro do Brasil*. Até 1820 houve sómente no Brasil estes dous pequenos e insignificantes periodicos que sahião duas vezes na semana. Em 1821 segundo o testemunho do Sr. Balbi, existião oito jornaes nas localidades já indicadas, e em Pernambuco; os quaes se occupavão exclusivamente da politica do dia, censuras aos empregados publicos, correspondencias virulentas, e planos mais ou menos phantasticos de reformas sociaes. Em 1822 começou a publicar-se o *Diario do Rio de Janeiro*, e foi o primeiro que deu o exemplo de occupar-se principalmente de annuncios. Em Dezembro de 1827 começou a sahir a *Aurora Fluminense*, periodico politico, que durou oito annos, e que gozou de voga extraordinaria como director da opinião publica. Em Setembro de 1828 existião trinta e dous jornaes no Imperio, exclusivamente politicos, com excepção de tres ou quatro, que se occupavão de annuncios ou noticias commerciaes. Em Dezembro de 1835 os jornaes existentes sommavão em cincoenta e seis, não havendo jornaes nesse anno no Pará, Piahy, Goyaz, Matto-Grosso e Espirito-Santo. Em 1846 o numero de periodicos elevou-se a setenta e oito, contando-se litterarios e scientificos, só na córte o numero de onze. Os assignantes do *Jornal do Commercio* subião nesse anno a 4,000, do *Diario* a 2,200, e do *Mercantil* a 2,700. O *Jornal do Commercio* principiou do tamanho de uma folha de papel de marca vulgar. O Sr. Souza Martins, escriptor de uma noticia ácerca do jornalismo no Brasil, de que extrahimos estes apontamentos, diz que os progressos do jornalismo no Brasil têm sido superiores a quanto era possível esperar do nosso estado de atrazo na instrucção publica.

— A primeira publicação feita na provincia do Espirito-Santo (cidade da Victoria), teve lugar em 1848, sendo o primeiro periodico o— *Correio da Victoria* —, e seu proprietario Pedro Antonio de Azeredo. Na villa das Cachoeiras creou-se um estabelecimento typographico, sabindo d'elle em 1.^o de Julho de 1866 o periodico *Itabira*.

Itabiraba.

Ribeiros, em que descobrirão minas de ouro em 1694 Bartholomeu Bueno de Sequeira, e Miguel de Almeida, reinando o Senhor D. Pedro II, e governando a capitania do Rio de Janeiro e S. Paulo Arthur de Sá Menezes.

Itapicurú — Itapuecurú.

Rio na provincia da Bahia. Significa— *pucaro de agua*. Rio, serra, villa, freguezia, e comarca na provincia do Maranhão (*).

Itaquatiara.

Na eminencia desta serra, situada no districto de Minas-Geraes, refere o medico Matheus Saraiva em uma de suas memorias, que havia-se encontrado uma inscripção de tres cruces, com outras mais figuras, que parecem mysteriosas, symbolicas, e hyeroglyphicas, esculpidas em uma pedra. Itaquatiara na lingua geral dos indios vale o mesmo que *pedra lavrada ou riscada*.

Vid. *Gavea*.

(*) Vid. Apont. para o Dicc. do Mar., do Dr. C. A. Marques, 1864.

As aguas do rio são turvas e lodosas, tão quentes no verão durante a noite, que amanhecem fumegando; utilisão então muito os seus banhos, porque são medicinaes; porém logo que lhe succedem as chuvas, ou que no fim destas principião suas barreiras a descobrir-se, tornão-se ellas perniciosas, e até perigosos os seus ares para respirar.

Itaipaba.

É junto do rio deste nome, na provincia de Santa Catharina, que estão as fontes d'aguas thermaes, a que se attribuem muitas propriedades medicas.

Itaipaba é o nome de uma pequena praia, que fica entre o monte Aghá, e a povoação da Barra de Itape-merim, na provincia do Espirito-Santo.

Jacaré.

O dente deste animal é contra-veneno universal, diz o *Thesouro descoberto do Rio Amazonas*.

Jekerá.

Herva, por alguns chamada *malicia das mulheres*, frequente, usual, e refinado veneno no Amazonas, que mata, espremido o succo de suas folhas, e bebido. É muito espinhada esta herva, e se encolhe, quando toca em outra folha. O antidoto está em sua propria raiz.

Jequitibá.

Arvore com folhagem magestosa e abundante que serve de pouso ás araras canindés ornadas de pennas vermelhas, que representam flôres da mesma arvore.

Jesuitas.

Forão expulsos e exterminados da provincia das Alagoas em 1760, em virtude do Alvará de 3 de Setembro de 1759, sendo governador Francisco Pedro de Mendaça Gurjão. Os bens dos mesmos ficarão pertencendo á fazenda publica em virtude do breve do Santo Padre Clemente XIV, datado de 21 de Julho de 1773, e Alvará de 9 de Setembro do mesmo anno.

Do Maranhão forão expulsos, e embarcárão, em Março de 1684.

Da provincia do Espirito-Santo forão expulsos, sendo

embarcados em um brigue, que entrou a 4 de Dezembro de 1759 na barra da capital. Nelle veio um desembargador, e uma companhia de soldados grana-deiros, que cercarão e guardarão o collegio, publican-do-se, antes do embarque, um *bando* ao som de tambores contra os mesmos jesuitas, como falsarios á corôa, etc.

Em 1759 o ouvidor Luiz José Duarte Freire começou o sequestro nos bens dos jesuitas, que em 10 de Março de 1760 sahirão presos de Piahy com destino á Bahia (*).

Joannes.

Ilha que em extensão excede a todo o reino de Portugal. Produz os gados, de que subsiste o Pará, fazendo frente a todos os rios, que dão navegação para o interior, e sendo accessivel por toda a parte.

Joazeiro.

Cinco leguas distante deste lugar (na provincia da Bahia), de um e outro lado da fazenda Olhos d'agua, por espaço de mais de duas leguas, corre um terreno, onde se encontram: 1º, o marmore branco em um lugar um tanto elevado; 2º, a pedra de cal ordinaria em maior extensão e mais abundante; 3º, nos baixos vizinhos desses lugares aguas salinas em abundancia, e as terras tão saliferas são, que em varias partes de sua superficie se fôrmaõ tenuissimas camadas de sal concreto.

(*) Na villa de S. Vicente, da provincia de S. Paulo, celebrou-se um congresso onde se resolveu expulsar aos jesuitas de toda a capitania; assistirão a elle procuradores constituídos por todas as villas, e suas camaras. A villa de S. Paulo executou este accordo commum em 13 de Julho de 1640—o mesmo fez a de Santos, pondo ambas fóra de seus collegios os mencionados religiosos. Treze annos durou o exterminio; e apezar de ordenar S. M. em 1643 e 1647 que tornassem para seus collegios, só forão a elles restituídos pelos povos no anno de 1653, depois de se sujeitarem por escriptura, lavrada em 14 de Maio, a varias condições.

Lage.

Fortaleza na barra do Rio de Janeiro, cuja construção teve principio no governo de Francisco de Távora, em 1716.

Lagoa Feia.

No município de Campos, da provincia do Rio de Janeiro. Na provincia de Goyaz existe uma, digna de tal nome, pela sua situação medonha, com mais de legua de extensão, de uma profundidade que se não ha podido sondar; suas aguas, em razão do fundo, parecem pretas, e em parte são cobertas de musgo; povoada de jacarés enormes, e outros monstros, e tambem de excellente pescado, principalmente trahiras. E' origem do Rio Preto.

Lapa das pinturas.

Caverna descoberta na provincia de Minas, onde se achão figuras, que se dizem abertas em relevo sobre rochedos.

Lenções.

Ribeirão na provincia de S. Paulo, notavel pela formosa symetria, com que, de degrão em degrão, se despenha no rio Tieté.

E' tambem o nome de uma comarca na provincia da Bahia.

Madeiras.

Apreciaveis para a construção naval (*) o angelim (*andira ebacariba*, Pison), o pão d'arco (*bignonia leu-*

(*) Segundo a circular do ministerio da marinha de 5 de Fevereiro de 1858 não podem ser cortadas sem licença:

Peroba.	}	Pãos curvos e curvas.
Sicopira.		
Pequeá.		
Jaqueira.		
Cedro batata ou angelim do Pará.	}	Pranchões ou pãos direitos.
Peroba branca.		
Potumujú.		
Itaúba do Pará.		

coaxillum, L.), o aderno verdadeiro e marnacaiba ; o vinhatico, originalmente *sabigenguiá*, a sapucaia (*lecythis ollaria* L.), a sicupira, o putumojú, o cedro, o piqui amarello, coração de negro, comumbá vermelho-jequitibá, jetahypebá, jetahypebaçú, jetahypebamirim, massaranduba, jatobá, louro de que distinguem-se de zeseis qualidades, inhabitatan, olandim, oiticica, pindahiba, pinhã, piranduba, orucurana, jetahy preto, oity, de diversas variedades, mucury, cutucoem, biriba, burahem macho e femea, gurubá, comunhá. O castanheiro e a monjuba são arvores, que se encontram no Rio Branco (Pará), as quaes tem prestimo para cordoaria.

Para marcenaria — vinhatico, jacarandá de quatro especies, amoreira de amago preto, araribá macho e femea, mussutahiba, azulão, brazileta, canella, condurú, mingú preto, pardo e rôxo, gonsalo-alves, sebastião d'arruda, amamonas, arataia.

Na ordem das oleaginosas distinguem-se a arvore do balsamo originariamente cabureiba, a copahiba, e entre as resinosas a arvore do breu, a almecega, ou almecegueira, originariamente ubirasica, o jatobá, o cajueiro bravo, e a laudirana, arvore que fornece materia abundante para a tinturaria, além do pão-brasil, e diferentes arbustos e hervanços, o piqui, de cuja casca se extrahе tinta preta, o louro anniuba, a jutahy, a tatagiba, cuja madeira dá finissima tinta amarella, e de outras côres, segundo as combinações que para isso se empregarem, a araribá da serra, que fornece d^o extracto de seu lenho optima tinta côr de rosa, a gurubú, de cuja casca extrahе-se tinta rôxa, tinta esta que tambem se colhe do fructo da aroeira, arvore de madeira rigissima.

Malacachetas.

Ha no districto de Trabiras, em Goyaz, mais limpas e maiores, que as de Veneza, e Allemanha, as quaes já forão usadas em lanternas de náos, e supprem a falta de vidros nas janellas, tendo-se applicado o aço sobre ellas, e formado um espelho, que tinha a vantagem de se não quebrar.

Marianna.

Situada á margem do rio chamado Ribeirão do Carmo, em Minas. Erecta em villa a 8 de Abril de 1711, e confirmada em 14 de Abril de 1712 por D. João V. com o titulo de Leal Villa de Nossa Senhora do Carmo. Erecta em cidade, com o titulo de Marianna, por Carta Régia de 23 de Abril de 1745. Cabeça de bispado, erecto por Alvará de 2 de Maio de 1747, expedido em virtude do motu-proprio de Benedicto XIV, de 1746, que o separou do bispado do Rio de Janeiro.

Fundou-se aqui um seminario, onde se admittião estudantes pobres, e pensionistas, no anno de 1749, com esmolas diligenciadas pelo bispo D. Fr. Manoel da Cruz.

Marmores.

São conhecidas duas pedreiras na provincia de Minas-Geraes, uma nas vizinhanças do arraial de S. Thiago, a sete leguas de S. João d'El-Rei, outra no lugar denominado — Fradique, junto do rancho — Guilherme — a duas leguas da villa de Oliveira. A igreja matriz desta villa é construida desta pedra marmorea em tudo o que pertence á cantaria. O marmore é de uma bella cor verde-escura, com ondeamento amarellado, e sus-

ceptível de polimento, como se observa no presbyterio da mesma matriz, que é também construído da dita pedra.

A cincoenta annos foi descoberta a primeira destas pedreiras; mas, sendo distante da villa de Oliveira, e apparecendo a segunda pedreira, a abandonáram, e continuáram a obra da igreja com o marmore de Fradique. Finda a obra, ninguem mais cuidou também da segunda pedreira, e apenas existião (1843) na villa de Oliveira dous velhos pedreiros, que a conhecião, José Martins, e F. Suassuhy. « Se não se aproveitar obter conhecimento da pedreira por intermedio destes homens, diz João Goulart ao Instituto Historico Brasileiro, talvez em pouco tempo se percão as esperanças de a conhecer. »

Na Bahia descobrio-se marmore côr de rosa em uma planicie entrecortada em diversas direcções por muitos braços de mar, e pelos leitos de dous grandes canaes do oceano, o rio grande de Belmonte, ou Jequitinhonha, e o rio Pardo. A posição da pedreira estende-se por leguas do terreno.

Em um pontal ao sul da ilha de Cananéa (provincia de S. Paulo) se encontráram tres padrões de finissimo marmore branco, verdadeiro *calcareo sacharoides*, sem espheras, sem castellos, e sem data, apenas com as quinas. Suppõe-se ter sido tirado de pedreiras vizinhas a terrenos volcanicos. No parecer do Sr. Varnhagen esses padrões forão ahí deixados por Martim Affonso, cuja armada se demorou mez e meio nesse porto.

Mestre Alvaro.

Montanha de pedra que fica no termo da villa da Serra, da provincia do Espirito-Santo. É tradição existirem nella minas de salitre e enxofre.

Minas Novas.

Município da provincia de Minas-Geraes, que não tem prosperado pela difficuldade de suas communições com os grandes mercados. Teve grande commercio com a Bahia, para onde mandava immensos fardos de algodão, que manufacturava, e teve uma mineração de chrysolitas, aguas-marinhas, e outras pedras preciosas, entre as quaes foi a tão afumada pedra de dezeseis libras, offerecida a D. João VI pelo seu descobridor.

Muqui.

Dizia o capitão-mór João Dias, morador á margem do rio Itapemirim: « Que nós possuímos tambem ricas minas de ouro, afóra as *do Castello*, é para mim cousa certa. Há aqui um indio manso de nome João, que entrando muitas vezes pelo rio Muqui, depois de seis dias volta sempre carregado de pelles de animaes que mata, e traz folhetas de ouro, que (diz) tira do poço de uma cachoeira, que no sertão de *Camapudá* se precipita em pannos, que imitam a fórma de camisas lavadas. »

Nova Coimbra.

No monte, cujas fraldas occupa o presidio deste nome, na provincia de Matto-Grosso, está uma grande gruta, na qual, depois de fazer-se trinta e oito varas de uma descida trabalhosa, chega-se a um salão de cincoenta e nove varas de comprido, e trinta e cinco de largo, sendo onze occupadas por aguas as mais frescas, e *crystallinas*, mas no sabor um pouco desagradaveis. Este lago termina a gruta pelo lado direito, por toda a extensão, e na parte mais funda tem vinte e quatro

palmas de alto. O lago parece ter communição com o rio, porque enche e vasa á proporção que enche e vasa o rio, que fica distante mil passos. Na sala ha sete columnas, tres em frente, e quatro no fundo, todas de pedras congeladas das aguas, que de continuo estão pingando d'abobada; a mais grossa tem trinta palmas de circumferencia sobre vinte e seis de altura; a menor doze de grossura. N'uma parte divisa-se, com o auxilio das luzes, o pavimento coberto de luzentes areias; em outra, crystallina agua em que vai fenecer a abóbada, onde estão crescendo bellas figuras, e innumeraveis pedras, que a natureza, com mão habil, vai formandó; as columnas parecem ser feitas com arte, umas são de meias cannas, outras abertas em tarjas; estas se prendem no tecto, sobre aquellas estão diferentes folhagens pendentes; altura da abóbada no mais alto sessenta palmas. Em outro monte, algumas leguas apartado deste, estão seis grutas menores.

Pão d'Agua.

Crião-se grandes arvores, a que dão este nome, duas leguas a léste das cabeceiras do rio Jaurú, e á roda dellas (arvores) uma especie de junco de hastea alta e dura, que serve como de canudo, o qual introduzido pelos orificios naturaes, que o tronco daquella arvore tem junto da terra, della se tira a quantidade d'agua bastante para beberem os viajantes, e as suas cavalgaduras nos arenosos campos dos Parecis, onde ha falta d'agua.

Paraguassú.

(Diamantino) Povoação da provincia da Bahia, onde se encontrão e confundem-se diversos rios; entre elles o

Mucugé Combucas, Cocal, Paraguassuzinho, e outros. Foi nestes rios que José Pereira do Prado descobriu riquíssimas minas diamantinas em Setembro de 1844, descoberta que, divulgada, fez reunir em menos de seis mezes uma população das extremidades da provincia da Bahia, e das vizinhas em numero de mais de vinte cinco mil pessoas, tempo em que se levantou a povoação dita.

Foi em um poço do rio *Mucugé*, junto áquella povoação, que em poucas horas um homem de nome Veneslão, em Outubro do mesmo anno de 1844, mergulhando, apanhou dezenove oitavas de diamantes. Nelle apanhárão outros muitos individuos mais de oitenta oitavas, e ultimamente colheu o capitão Rodrigo Antonio Pereira de Castro, em quatorze dias de trabalho com trinta trabalhadores, noventa e tres. Os córregos que para estes dous rios desaguão, os brejos que em suas abas, nas fraldas das serras, e nas cavidades dellas se fórmão, abundavão de diamantes, abundancia que se considerá existir nos lugares que, ainda por desconhecidos, existem virgens,

Parnaguá.

Villa na provincia do Piahy. Em Dezembro de 1800 Luiz Raposo do Amaral descobriu minas de ouro, ferro, esmeraldas, e salitre.

Paranaguá é cidade marítima pertencente á provincia do Paraná.

Pastos Bons.

Villa da provincia do Maranhão, até onde se estende o rio Parnayba. As aguas de suas vertentes têm a pro-

priedade de petrificar a madeira, qualquer que seja a sua natureza, fazendo-a porosa, e solidissima (*).

Petropolis.

O homem que realizou a creação deste lugar hoje cidade, pertencente á provincia do Rio de Janeiro, foi o major Julio Frederico Koeler, filho de Allemanha. Sustentou grande luta contra os prejuizos populares, e contra os partidos inimigos da colonisação, e foi mais forte do que a resistência de uma natureza virgem; os rios obedecerão ao seu mando, e deixarão os leitos seculares para correrem em alinhados canaes, e entrarrem na ordem do bello symetrico; as collinas se abaxarão, os pantanos seccarão, e os valles se nivelarão com os montes, abrindo formosas, faceis e pittorescas estradas para testemunhar um poderoso triumpho do progresso sobre a velha rotina.

Piracuruca — Piracruca.

Freguezia, e rio na provincia do Piauhy. Significa *cruz do peixe*. Aqui descobrirão-se minas de ouro e prata em 1799, segundo informou Miguel Teixeira Monteiro ao governador.

Piranha.

Peixe de pequeno tamanho, ornado de lindas côres, que dilacera instantaneamente tudo quanto cabe n'agua.

Piraqué — Poraqué.

Especie de enguia do Maranhão, que causa os effeitos da tremelga, entorpecendo. E' de côr negra, e de um aspecto repugnante, com tres palmos de extensão, e mais.

(*) Vid. Apont. para a historia do Mar., do Dr. C. A. Marques, 1864.

Pirarucu.

Peixe do rio Araguaya na provincia do Pará, que os naturalistas conhecem sob o nome de *Vastres*, cujas dimensões são taes, que um delles, de tamanho ordinario, dá quasi tanta porção de carne secca, como um boi.

Pitangui.

Rio na provincia de S. Paulo, villa na de Minas-Geraes. Significa *rio da pitanga*.

Os moradores desta villa de Pitangui, achando excessivo o imposto de trinta e seis arrobas de ouro, lançado em 1715 sobre os povos de Minas, por conta dos reaes quintos, não se sujeitáram a paga-lo; pegando em armas, postando guardas avançadas nos caminhos, tentáram impedir o ingresso das justiças, que vierão conhecer dos sediciosos. O ouvidor da comarca, que vinha escoltado por alguns soldados dos dragões, seguindo as travessias, entrou na villa, tirou a devassa, e mandou enforcar em effigie a Domingos Rodrigues Prado.

Constando este procedimento no campo deste cabeça dos sediciosos, em Itapiba, á margem do Pará, por ordem do mesmo regulo, o ouvidor foi tambem allí enforcado em effigie!

Pororoca.

Phenomeno produzido pela maré na foz do Mearim, no Guamá e Amazonas. A agúa do rio luta com a do mar por largo espaço, dando saltos admiraveis com ruido espantoso. Afinal vence a do mar, e corre como de galope pelo rio acima com incrível rapidez.

Salitre.

Em 1796 o padre Joaquim José Pereira descobriu abundantes minas delle no lugar Valença, da provincia do Piauhy.

S. Antonio (convento).

O padre custodio Fr. Leonardo de Jesus, achando-se no convento de Pernambuco, mandou, a instancia dos governadores e camara do Rio de Janeiro, que os padres Fr. Antonio dos Martyres, e Fr. Antonio das Chagas, em 22 de Outubro de 1606, enquanto elle não vinha, déssem principio á fundação deste convento. Chegados os dous religiosos, lhes foi destinada morada no sitio de Santa Luzia, aonde estiverão até a chegada do padre custodio, que foi a 20 de Fevereiro de 1607, trazendo em sua companhia quatro frades, que se hospedárão na Santa Casa da Misericordia, até o dia dos Prazeres, em que se passárão para a ermida de Santo Antonio, nas casas de Fernando Affonso. Não achando conveniente o padre custodio aquelle sitio de Santa Luzia para fundação do novo convento, representou ao governador Martim de Sá, e á camara, que, de unanime consenso, doárão aos religiosos o monte, em que existem, de cuja doação passou-se escriptura publica em 9 de Abril de 1607.

S. Bento (convento).

Foi fundado no Rio de Janeiro pelos padres Fr. Pedro Ferraz, e Fr. João Porcalho, que para esse fim vierão da Bahia em Outubro de 1589.

Santa Catharina das Mós.

Meia legua ao sul do rio Itabapuana, divisa *legal* da provincia do Espirito-Santo com a do Rio de Janeiro. Esta, porém, pelo *direito* do mais forte, invadio o territorio daquella, de modo que, desde muitos annos, a divisa conhecida e aceita é o rio Itapabuana. Fica entre este, e o lugar denominado Manguinhos. Encontrárão-se em Santa Catharina umas mós abandonadas, facto de que lhe proveio o nome.

Santa Cruz.

Villa na provincia do Espirito-Santo, e tambem na da Bahia. Com o nome de Santa Cruz ha muitos lugares em diversas provincias, tendo Sua Magestade uma fazenda de criação com esse titulo no municipio neutro.

A um lado do arraial de Santa Cruz, em Goyaz, existem caldas sulphureas, com differentes grãos de calor, e diversas origens, as quaes têm sido uteis, mórmente em molestias cutaneas.

Santa Cruz é um dos maiores fortes da bahia do Rio de Janeiro, e o mais bello de todos do Imperio. Foi mandado eonstruir por Mem de Sá, tendo sido augmentado, e preparado pelo vice-rei Conde de Rezende, como se achava até a época da questão Christie com o Brasil.

Sarampos.

Desta moléstia morrerão trinta mil indios nas missões dos jesuitas do Pará em 1749 a 1750.

**Sociedade Brasileira dos academicos
renascidos.**

Fundada na Bahia, cuja primeira sessão teve lugar em 6 de Junho de 1759; era destinada a escrever a historia universal da America portugueza.

Sorocaba.

Cidade na provincia de S. Paulo.

Fundada a povoação pelos annos de 1670 pelo Paulista Balthazar Fernandes, irmão dos povoadores das villas de Parnahyba e Itú, com seus genros André e Bartholomeu de Zuniga, cavalleiros da provincia do Paraguay á custa da propria fazenda fizeram construir a matriz, casa de conselho e cadeia, e se acclamou em villa por provisão do capitão-mór loco-tenente do donatario Francisco Luiz Carneiro de Souza, Conde da Ilha do Principe.

Adiante de Sorocaba quatro leguas, no sitio chamado serra de *Biraçoyaba* levantou pelourinho D. Francisco de Souza, por conta das minas de ouro, prata e ferro, que na dita serra estãvã descobertas pelo Paulista Affonso Sardinha; e o mesmo D. Francisco de Souza lhe poz o nome de minas de Nossa Senhora do Montserrate; porém com a sua ausencia para o reino, sabindo em Junho de 1602 de S. Paulo, cessou o labor das minas de Biraçoyaba, até que em melhor sitio se fundou a villa. Nesta serra de Biraçoyaba houve um grande engenho de fundir ferro, construido á custa de Sardinha, cuja manobra teve grande calor pelos annos de 1609, em que voltou a S. Paulo o mesmo D. Francisco de Souza, constituido governador e administrador geral das minas descobertas e por descobrir das tres capitãcias, com mercê de Marquez

de Minas com 30,000 cruzados de juro e herdade; fallecendo porém em S. Paulo o mesmo D. Francisco em Junho de 1611, com o decurso dos annos se extinguiu o labor da extracção de ouro, e da fundição de ferro.

Nesta mesma serra de Biracoyaba extrahio boa prata Fr. Pedro de Souza, religioso da Santissima Trindade, quando a estes exames veio mandado pelo Principe-regente D. Pedro em 1680.

Sucury.

Cobra, cujos dentes não fazem mal, por não terem veneno; porém intimida pelo seu tamanho, de duas, tres e quatro braças, com grossura correspondente. Vive engolindo animaes inteiros para sua sustentação; segundo um escriptor, tem-se achado muitas vezes no ventre de taes cobras veados inteiros engolidos no mesmo dia.

Terremotos.

« Neste comenos, diz Vasconcellos na *Chronica da Companhia de Jesus*, se levantou sobre todas aquellas villas de S. Vicente uma tormenta a mais desusada que virão os homens havia muitos tempos. De improviso junto ao pôr do sol se começou a desfazer o céu em ventos, chuvas, raios e trovões, com espantoso estrondo e tremor de terra horrivel, que parecia desfazer-se a machina do universo toda, e não com pequeno estrago, porque levava pelos ares as arvores, as casas, e os proprios homens, aonde muitos perecião! »

Rocha Pita na *America Portuguesa* menciona a lagôa de Jacuné que têm seiscentas braças, da qual ha tradição fôra uma aldeia, que alli se sovertera. Silva Lisboa,

nos *Annaes do Rio de Janeiro*, menciona a Munditiba, uma aldeia de indios n'aquella altura.

Ayres do Casal, na *Corogr. Brasil.* diz—« A 24 de Setembro de 1744 ao meio dia e tempo claro se ouviu um trovão subterraneo, e immediatamente tremeu a terra dando varios balanços compassados, que causarão grande susto em todos os lugares de Matto-Grosso, e Cuiabá. Já nesse tempo dominava a secca, que durou até 49. Todos os mattos ardêrão, e na athmosphera só se vião nuvens de fumo, todos os viventes padecêrão fome, e outras calamidades de que morreu uma grande parte. »

Na provincia do Espirito-Santo, referem as memorias de Luciano da Gama Pereira, que alli falleceu em 1851 com mais de 100 annos, ao 1º de Agosto de 1767, pelas 8 horas da noite, houve grande abalo e tremor de terra na então villa da Victoria. Houverão preces e penitencias, e mandou-se vir nesse tempo a imagem da Senhora Mãi dos Homens, instituindo-se sua irmandade na capella da Misericordia.

O juiz de direito João Valentino Dantas Pinagê refere que no anno de 1808, a 8 de Agosto, pelas 8 horas da manhã, na povoação hoje cidade do Assú, provincia do Rio Grande do Norte, ouviu-se um grande estrondo vago, á maneira de um trovão subterraneo, que se dirigia de léste a oéste, e após elle sentio-se tremer a terra por algum tempo, abalando as pessoas que mal podião soste-se em pé, e causando choque nos vidros e louças, que buscavão sahir dos lugares em que havião sido postos. Este terremoto foi sentido em todo o sertão do Assú, da costa em busca do sertão até mais de vinte leguas, e ao longo da costa até o

sertão do Piauí, onde se disse que attribuiu-se o terremoto a castigo por haverem alli umas mulheres torrado uma criança pagã, pondo-a dentro de um tacho sobre brazas para fazerem feitiçaria com suas cinzas! ..

No dia 28 de Outubro de 1814, pelas 8 horas da noite pouco mais ou menos, ouvirão-se taes estrondos grandes prolongados, na cidade do Recife, e bem semelhantes a fortes trovões ao longe, com intervallo de cinco minutos de um a outro, sendo o segundo mais forte que os outros. Em uma das casas do pátio da igreja da Senhora do Livramento tão pronunciado sentio-se o tremor, que os objectos que se achavão sobre as mesas ameaçarão precipitar-se ao chão, accrescendo que uma armação de chafariz, que se havia construido no centro do pátio, por occasião da festa da Senhora naquelle dia, e o frontispicio da dita igreja, que se achava convenientemente illuminado, foi abatido pelo tremor de terra, e reduzido á escuridão. Em muitos outros pontos da provincia consta que forão ouvidos os mesmos estrondos, e diz-se que, semanas anteriores ao dia do tremor, appareceu um cometa de cauda branca para o lado do sul, que só deixou de ser visto, depois que se deu o facto do tremor.

O presidente do Ceará Dr. Villela Tavares diz que alli no dia 2 de Dezembro de 1852, de uma para duas horas da tarde, ouviu-se na cidade do Aracaty um grande estrondo, o qual foi acompanhado de um ligeiro tremor de terra, que augmentou-se para partes do termo de S. Bernardo, fazendo rachar a terra, em alguns lugares.

Em 10 de Janeiro de 1854, diz a camara municipal da villa de Touros (Rio Grande do Norte), pelas

7 horas ouviu-se um estrondo que parecia ser no ar, da parte do léste; e logo no mesmo instante um tremor na terra, que chegaria a durar um minuto pouco mais ou menos, e deste phenomeno aconteceu tremerem as paredes das casas, cahirem as telhas das mesmas, assim como algumas mobílias, sem que fizesse estrago algum nem mal a nenhum vivente; isto pois foi na distancia de duas leguas em circumferencia, onde percebeu-se o mesmo effeito.

Timbó.

Herva, que lançada em quantidade no rio, em que haja peixe, o embebeda, e o faz vir acima d'agua como morto. Assim usavão os Tupinambás, e muitas outras tribus de indios; os caboclos de Benevente, na provincia do Espirito-Santo, que morão a beira-rio, ainda praticão esse costume, para terem abundancia de peixe. Uma postura da camara municipal pune semelhante procedimento.

Topazios.

São excellentes os de Minas; tirão-se no Rio das Velhas, no Itatiara, no Chiqueiro, em um morro proximo á Ouro Preto, na cachoeira do Campo, no serro Frio, e em Cuieté. Aqui, e no Serro Frio tirão-se crysolitos, aguas-marinhas, granadas, e safiras.

Tucupi.

Veneno usual e conhecido, é este o sumo da raiz de mandioca, de que se faz pão, ou farinha. Veneno tão activo, que mata em breves horas aos que o bebem,

contando excessivas dôres, que parecê desfazerem-se as entranhas com ancias e convulsões espantosas. Mui doce e grato ao paladar. A mesma raiz, comida antes de espremida, causa as mesmas convulsões, ancias e mortes. O antidoto deste veneno é a mesma casca da mandioca, porque comida com casca não faz mal. Tambem dizem que açoitando o doente com uma vara da mesma planta, lhe tira toda a malignidade do corpo.

Urucú.

« Fructo de um arbusto, que contém sementes vermelhas, as quaes esmagavão os indigenas, sahindo vermelha a tinta, com que se pintavão, e quando se molhavão, ficava a côr mais viva. » (Assim o escreveu a El-Rei D. Manoel, Pero Váz de Caminha, escrivão da esquadra em que Pedr'alvares Cabral descobriu a ilha da Vera-Cruz, como lhe chama o mèsmo Caminha assignando a citada carta.)



INDICE

PARTE I.

	PAG.
1 Alexandre de Gusmão	1
2 » Rodrigues Ferreira	3
3 Amador Bueno.	4
4 Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Machado	5
5 » da Cunha	9
6 » de Guadelupe	10
7 » de Marins Lourenço.	10
8 » de Moraes Silva	11
9 » Francisco Dutra e Mello	12
10 » Gonçalves Dias	12
11 » José da Silva	16
12 » José Vieira da Victoria	17
13 » Navarro de Abreu	17
14 » Paes de Sande	18
15 » Pereira de Souza Caldas.	18
16 » Thomaz de Godoy	19
17 Ararigboia	22
18 Balthazar da Silva Lisboa	22
19 Bartholomau Lourenço de Gusmão	26
20 » Simões Pereira	26
21 Beñta Pereira	27
22 Bernardo Rodrigues Nogueira.	27
23 » Vieira Ravasco.	23
24 Caetano Lopes de Moura	29
25 Cassiano Speridião de Mello e Mattos	29
26 Christovão Colombo	31
27 Clara Felippa Camarão	47
28 Claudio Manoel da Costa	50
29 Damiana da Cunha	51
30 Diogo Alvares Corrêa	51
31 Estacio de Sá	53
32 Evaristo Ferreira da Veiga	56
33 Francisco Agostinho Gomes.	58
34 » de Castro Moraes	61
35 » de Mello Franco	62
36 » de Paula Souza e Mello.	64
37 » de S. Jeronymo	66

	Pag.
38 Francisco do Monte Alverne	67
39 » Dias Paes	68
40 » Pedro do Amaral . . .	69
41 Gabriel José Rodrigues dos Santos.	71
42 Gomes Freire de Andrade	73
43 Gregorio de Mattos	73
44 Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde .	75
45 Ignacio José de Alvarenga Peixoto	75
46 Januario da Cunha Barboza	77
47 Jeronymo Francisco Coelho	78
48 João Baptista Vieira Godinho	80
49 » da Costa (Dr.)	80
50 » da Cruz.	81
51 » Evangelista de Faria Lobato.	81
52 » Fernandes Vieira.	83
53 » Francisco Lisboa.	84
54 » Manso	86
55 » Ramalho	86
56 Joaquim Francisco do Livramento	87
57 » José da Silva Xavier	90
58 José Antonio Marinho . .	92
59 » Basílio da Gama. . .	94
60 » Bonifacio de Andrade e Silva.	95
61 » Borges de Barros.	99
62 » da Costa Carvalho.	100
63 » da Silva Lisboa.	102
64 » de Anchieta	103
65 » de Napoles Tello de Menezes.	108
66 » de Sá Bittencourt Accioli	108
67 » Eloy Pessoa	110
68 » Feliciano Fernandes Pinheiro	113
69 » Florindo de Figueiredo Rocha	116
70 » Joaquim Carneiro de Campos.	117
71 » Marianno da Conceição Velloso	118
72 » Mauricio Nunes Garcia	118
73 » Ricardo da Costa Aguiar d'Andrade.	121
74 Jovita Alves Feitosa .	123
75 Lourenço de Mendonça	130
76 Luiz José Junqueira Freire	131
77 » de Vasconcellos Souza	131
73 Manoel Alves Branco	131
79 » Antonio Alvares d'Azevedo.	133
80 » Beckman	134

	Pag.
81 Manoel da Nobrega	135
82 » da Silva Rosa	137
83 » de Souza de Almeida .	138
84 » Ferreira de Araujo Guimarães	138
85 » Ferreira da Camara Bettencourt e Sá .	139
86 » Ignacio da Silva Alvarenga	140
87 » Odorico Mendes .	141
88 Marcos de Azevedo	144
89 Maria Barbara .	144
90 » de Souza	145
91 » Ursula de Abreu Lencastre .	145
92 Marquez de Baependy	146
93 » de Maricá	147
94 Martim Affonso de Souza	149
95 Matheus da Costa Aborim	156
96 Mendo de Sá	156
97 Patricio de S. Maria .	159
98 Pedro Alvares Cabral .	160
99 » Palacios	164
100 Pero Lopes de Souza	164
101 Pokrane .	164
102 Prudencio de Amaral .	165
103 Raymundo José da Cunha Mattos.	165
104 Roberio Dias	167
105 Romualdo Antonio de Seixas	168
106 » de Souza Coelho	169
107 Rosa Maria de Sequeira	170
108 Ruy Vaz Pinto .	171
109 Salvador Corrêa de Sá Benavides .	171
110 Saturnino de Souza e Oliveira	174
111 Sebastião de Castro Caldas	176
112 Theodoro Descourtiz	177
113 Thomaz Antonio Gonzaga .	178
114 Vicente José Ferreira Cardoso . .	179

PARTE II.

Indigenas

181 a 212

PARTE III.

Abelhas	PAG. 213	Hospicio de Jerusalém	PAG. 280
Academia dos Esquecidos	213	Imã	250
» dos Felizes	213	Imprensa	250
» dos Selectos	214	Itabiraba	252
Andiroba	214	Itapicurú	252
Anil	214	Itaquatjara	252
Araguaya	214	Itaupaba	253
Araxá	215	Jacaré	253
Armazem	215	Jekeri	253
Bexigas	215	Jequitibá	253
Bombix	215	Jesuitas	253
Bororé	216	Joannes	254
Brasil	216	Joazeiro	254
Buritys	217	Lage	254
Cabedello	217	Lagôa feia	255
Cachoeira de Paulo Affonso	217	Lapa das pinturas	255
Café	222	Lençoes	255
Cañna	223	Madeiras	255
Cardos	223	Malacachetas	257
Caraguatás	223	Marianna	257
Carmo (convento)	223	Marmores	258
Carnahuba	224	Mestre Alvaro	258
Carujurú	224	Minas-Novas	259
Casca	224	Muqui	259
Castello	224	Nova Coimbra	259
Chá	224	Pão d'Agua	260
Cochonilha	235	Paraguassú	260
Crystal—Crystaes	235	Parnaguá	261
Cubatão	235	Pastos-Bons	262
Diamantino	236	Petropolis	262
Doce (rio)	236	Piracuruca	262
Doirados	238	Piranha	262
Embaré	238	Piraquí—Poraqué	263
Esmeraldas	239	Piracurú	263
Estanho	239	Pitangui	263
Estrondo	239	Pororoca	263
Furnas	239	Salitre	264
Gado	240	S. Antonio (convento)	264
Gavea	240	S. Bento (convento)	264
Genipapeiro	243	Santa Catharina das Mós	265
Giboia	244	Santa Cruz	265
Gravatá	244	Sarampos	265
Gruta das Trahiras	244	Socied. brasilica dos acad.	266
» do Inferno	244	Sorocaba	266
» das Onças	246	Sucury	267
» de Ouro Fino	247	Terremotos	267
» do Castello	247	Timbó	270
Guará	247	Topazios	270
Guaxima	247	Tucupi	270
Herva de rato	247	Urucú	271
Hipupiara	247		

CATALOGO

DOS

LIVROS

DE HISTORIA, POLITICA TOPOGRPHIA, etc

EM PORTUGUEZ

À VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

MERCADORES DE LIVROS

77, RUA DA QUITANDA, 77

RIO DE JANEIRO

Annaes d'El-Rei D. João III por frei Luiz de Souza, publicados por A. Herculano. 1 volume encadernado. Rs. 5\$000

Annaes de Cornelio Tacito, traduzidos em linguagem portugueza, por José Liberato Freire de Carvalho. 2 volumes encadernados Rs. 10\$000

Annaes historicos do estado do Maranhão em que se dá noticia do seu descobrimento e de tudo o mais que nelle tem succedido, desde o anno em que foi descoberto até o de 1718. 1 volume. Rs. 6\$000

Biographia Classica, ou Noticias dos Gregos e Romanos que se illustrarão na litteratura, sciencias e artes. 1 volume encadernado Rs. 2\$000

Biographia do Ex^{mo} Sr. Copselheiro Joaquim Marcelino de Brito, escripta pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 volume Rs. 1\$000

v.

1

Apontamentos Biographicos do Barão de Cayrú, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 volume. Rs. 27000

Bosquejo Historico, Politico e Litterario do Brasil: ou analyse critica do projecto do Dr. A. F. França, por um Brasileiro. 1 volume Rs. 37000

Biographia de homens distinctos, que faltos dos predicados do nascimento ou da fortuna conseguirão a celebridade com seu merito. 1 vol. enc. Rs. 17600

Biographia do tenente-coronel e cirurgião-mor reformado do exercito, Dr. Manoel Joaquim de Menezes, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 vol. Rs. 17000

Brasil (o) e os Brasileiros, por Antonio Augusto da Costa Aguiar. 1 vol Rs. 37000

Brasil historico pelo Dr. Mello Moraes. 1 volume, in-folio. Este periodico tendo tido um anno e meio de existencia na côrte do Rio de Janeiro é consagrado á historia do Brasil, e além de importantissimos documentos e noticias curiosas a respeito do paiz, traz a historia dos ministerios de 1808 a 1821. O mesmo periodico transcreve integralmente o processo que se mandou instaurar no anno de 1821 por occasião dos acontecimentos que se derão na Praça do Commercio do Rio de Janeiro; bem como o do Tira-Dentes em Minas. Preço em brochura. Rs. 127000

* **Calendario historico** de 365 épocas nacionaes brasileiras, offerecendo para cada dia do anno um facto ou acontecimento notavel relativo ao Brasil. 1 volume. Rs. 7560

Cartas e outras obras selectas do Marquez de Pombal, quinta edição; com o retrato do Marquez. 2 vol. encad. Rs. 77000

Esta edição contém tudo o que se acha nos 5 vol. das edições anteriores; e foi expurgada de immensos erros que tinham essas edições, não só typographicos, como de orthographia e phraseologia; e está impressa com a orthographia moderna.

Cartas de um Americano sobre as vantagens dos governos republicanos federativos, traduzidas por um deputado Pernambucano. 1 vol. Rs. 27000

Castrioto Lusitano, ou a historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda, durante 1624 á 1654. 1 vol. encadernado Rs. 67000

Poucas nações podem gloriar-se de apresentar em sua historia um periodo tão brilhante e glorioso, como o que apresentou o Brasil quando lutou com as forças então collossaes da Hollanda na feliz época de sua immortal restauração.

Os altos feitos e prodigios de valor que distinguirão aquella época memoravel fôrão digna e fielmente consignados na obra intitulada **CASTRIOTO LUSITANO** por Fr. Raphael de Jesus. Tendo-se porém tornado este Livro de summa raridade achava-se o Brasil privado do mais precioso monumento de sua gloria, e os illustres descendentes daquelles heróes, do melhor titulo de sua nobreza.

Esperamos que os leitores apreciarão o desejo que tivemos de vulgarisar um livro que tanto honra os antigos Brasileiros e de contribuir por este modo a fazer mais publica a gloria que com tão justo titulo cabe ao Imperio brasileiro pelos illustres feitos que nelle se contém.

Chronica do Cardeal Rei D. Henrique, e vida de Miguel de Moura, escripta por elle mesmo, publicadas com algumas annotações. 1 vol. encad. Rs. 37000

Chronica do Imperador Clarimundo donde os reis de Portugal descendem, por João de Barros. 3 vol. encadernados. Rs. 97000

Chronica da Rainha a Sra. D. Maria II, comprehendendo os documentos do seu reinado de direito e de facto. desde 2 de Maio de 1826 até 15 de Novembro de 1853, por Franc. Duarte de Almeida e Araujo. 3 vol. Rs. 367000

Chronica da rebelião Praieira em 1848 e 1849, seguida de grande cópia de peças justificativas, por J. M. Figueira de Mello, chefe de policia da provincia de Pernambuco e deputado á assembléa geral. 1 vol. de 860 paginas Rs. 47000

Nesta obra, sahida da penna do illustre parlamentar, encontrará o leitor, amigo da verdade, narração fiel de todo o principio e desenvolvimento politico que por algum tempo ameaçara abalar os alicerces do Estado, e cujo conhecimento é indispensavel para a apreciação da historia contemporanea.

Cintra pittoresca ou memoria descriptiva da villa de Cintra e Collares. 1 vol. encad Rs. . 4#000

Commentario do Conde de Tracy, ou espirito das leis do Montesquieu seguidos d'uma memoria sobre a questão : — quaes são os meios de fundar a moral d'um povo? — traduzido por J. A. Nogueira. 1 vol. encad Rs. 4#000

Compendio das épocas e successos mais illustres da historia geral. 1 vol. encad. Rs. 2#500

Compendio da historia antiga. e particularmente da historia grega, seguido de um compendio de Mythologia para uso dos alumnos das escolas. 1 vol. encadernado. Rs. 2#500

* **Compendio da historia do Brasil** desde o seu descobrimento até o magestoso acto da coroação e sa-gração do Senhor D. Pedro II, em 2 volumes in-4^o, nitida impressão em excellente papel, ornados com os retratos de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, o fundador do Imperio D. Pedro I, e José Bonifacio de Andrada. Brochados Rs. 8#000
Encadernados Rs. 10#000

A presente obra do Sr. General Lima foi recebida com o maior applauso, pois todos admirão seu estylo, sua elegância, energia e concisão, e o vasto saber e variada instrucção de que deu prova nesta nova producção de sua penna. No fim do 2^o volume se acha um Indice Chronologico mui minucioso e exacto, e uma collecção de documentos, muitos dos quaes são rarissimos e apreciaveis como peças justificativas de subido valor. Esta obra toda nacional é digna de se achar nas mãos de todos; o exacto conhecimento da Historia Patria é indispensavel aos moços como aos adultos, e seu estudo por meio de um tão patriotico livro não menos proveitoso como recreativo e interessante.

A mesma obra com omissão das notas e documentos historicos se acha impressa em uma edição compacta em um só volume de 352 paginas, para uso da mocidade nos collegios. Broch. Rs. 2#000
Encadernado Rs. 2#500

Compendio historico dos Magistrados Romanos. 1 vol. encad. Rs. 2\$000

Compendio de historia moderna, 1.º da idade média, livro 2º dos tempos modernos. 1 vol. encadernado. Rs. 2\$000

Compendio da historia romana, para uso dos alumnos das escolas. 1 vol. encad. Rs. 2\$500

Compendio historico e universal de todas as sciencias e artes, para uso dos curiosos, pelo padre José Amaro da Silva, com estampas. 1 vol enc. Rs. 2\$000

Corographia Cabo-Verdiana, ou descripção geographica-historica da provincia das ilhas de Cabo-Verde e Guiné por José Conrado Carlos de Chelmicki. 2 volumes. Rs. 5\$000

***Corographia Brasilica,** ou relação historico-geographica do Brasil, por Manoel Ayres do Casal. Nova edição enriquecida de uma planta lithographada da provincia do Rio de Janeiro. 2 vol. encad. Rs. 10\$000

Esta obra classica, descripção do Brasil, de merito reconhecido, é um dos livros mais completos para todas as classes de leitores que se interessão pelas causas do Brasil.

Corographia historica, Chronologica, Genealógica, Nobiliaria e Política do Imperio do Brasil, contendo noções historicas e politicas, a começar do descobrimento da America e particularmente do Brasil; o tempo em que forão povoadas as suas diferentes cidades, villas e lugares; seus governadores e a origem das diversas familias Brasileiras e seus appellidos, extrahida de antigos manuscriptos historicos e genealogicos, que em éras diferentes se puderão obter; os tratados, as bullas, cartas régias, etc., etc.; a historia dos ministerios, sua politica e côres com que apparecêrão; a historia das assemblêas temporaria e vitalicia, e tambem uma exposição da historia da independencia, escripta e comprovada com de-

cumentos ineditos e por testemunhas oculares que ainda restão, e dos outros movimentos politicos; descripção geographica, viagens, a historia das minas e quinto do ouro, etc., etc., afim de que se tenha um conhecimento exacto não só da geographia do Brasil, como da sua historia civil e politica; pelo Dr. Mello Moraes (A. J. de), autor de muitas obras litterarias e scientificas. 5 grossos vol. em 4º, ornado de um retrato,
preço Rs. 30\$000

Como editores de algumas obras do illustrado medico Brasileiro, o Sr. Dr. Mello Moraes, e encarregados por elle da distribuição de todos os seus escriptos, folgamos de levar ao conhecimento do publico a obra acima, que é sem contestação o escripto mais documentado que conhecemos sobre a historia do Brasil.

Ninguem possui tantos documentos (pela maior parte rarissimos) sobre a historia antiga e moderna do Brasil que o Sr. Dr. Mello Moraes, e por isso não receiamos afirmar que a obra presente fórma o repertorio mais fecundo de noticias que a posteridade ha de encontrar sobre o Brasil.

Cyropedia ou historia de Cyro, escripta em grego por Xenofonte. 1 vol. encadernado Rs. 3\$000

Demonstração das mudanças de ministros e secretarios de Estado do Imperio do Brasil de 1822 á 1863, organizado por Luiz Aleixo Boulangier. 1 vol. encadernado Rs. 5\$000

* **Declaração** (a) da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro II desde o momento em que essa idéa foi ventilada no corpo legislativo até a sua realização.
1 volume Rs. \$640

Achão-se reunidos e coordenados neste folheto os documentos officaes, discursos parlamentares e artigos que a respeito deste assumpto se encontrão separadamente das folhas publicas.

Dialogos de D. frei Amador Arraiz, bispo de Porto Alegre. 1 vol. encadernado. Rs. 8\$000

* **Dialogo** sobre a historia romana, composto para uso das escolas. 1 volume Rs. \$480

Esta obrinha, sahida da penna de um benemerito professor publico desta côrte, é mui propria para a mocidade e todos aquelles que desejão adquirir noções elementares sobre a interessante historia Romana.

Diccionario Bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brasil. 7 vól. encadernados Rs. 40⁰⁰⁰

Diccionario Geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas, por frei Francisco dos Prazeres Maranhão. 1 vol. encadernado Rs. 4⁰⁰⁰

Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil, contendo a origem e historia de cada provincia, cidade, villa e aldêa; sua povoação, commercio, industria, agricultura, e productos mineralogicos, pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. 2 grandes volumes em 4^o, ornados com um mappa do Brasil, encadernado. Rs. 12⁰⁰⁰

* **Diccionario geographico**, historico, politico e litterario do reino de Portugal e seus dominios, contendo a descripção das suas provincias districtos e colonias, cidades, villas, aldêas e lugares principaes; sua população, superficie, industria, commercio, agricultura, producções dos tres reinos da natureza; seus rios, montes, portos, lagos e mais notaveis curiosidades naturaes, e monumentos; o rendimento, despeza e divida do Estado, força de terra e mar, fôrma de governo, divisão politica, militar e ecclesiastica, caracter e costumes dos habitantes, ordens militares e genealogia das rainhas, principes e príncezas que em Portugal tem havido. Por Paulo Perestrello da Camara, em 2 vols. in-4^o de mais de 500 paginas cada um adornados com 17 magnificas vistas de Portugal e do retrato de S. M. I. o Duque de Bragança. Brochado. Rs. 8⁰⁰⁰
Encadernado Rs. 10⁰⁰⁰

* **Diccionario historico e geographico da provincia do S. Pedro**, ou Rio Grande do Sul, contendo a historia e descripção da provincia em relação aos tres reinos da natureza, sua descripção geographica e hydrographica, bem como a sua divisão politica, judiciaria e ecclesiastica: os commandos superiores com as

respectivas forças; a população, limites e superficie; a instrucção publica, industria e commercio; os montes, rios e lagos, as cidades, villas, colonias e lugares principaes com a data de suas fundações, etc., etc., por Domingos de Araujo e Silva, Bacharel em sciencias mathematicas e physicas, engenheiro geographo civil e militar, capitão de estado maior de 1ª classe. 1 vol. em 8º francez elegantemente impresso e enc. Rs. 5,000
Brochado Rs. 4,000

* **Diccionario topographico e estatistico da provincia do Ceará**, pelo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil. 1 vol. Rs. 2,500

Não será de certo necessario fazer elogios a um livro cuja falta tem sentido todas aquellas pessoas que se occupão com estatisticas e geographias e que desejão instruir-se sobre esta materia.

Ensaio critico sobre a viagem ao Brasil, em 1852, de Carlos B. Mansfield, por A. D. Pascual (Adadus Calpe) membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil, e de outras corporações scientificas e litterarias estrangeiras, etc. 2 vols. broch. Rs. 6,000
Encadernados. Rs. 8,000

O merecimento desta obra tem sido aquilatado devidamente pelo secretario do Instituto Historico Geographico do Brasil no seu relatório, lido na sessão magna do mesmo instituto, celebrado na presença de SS. MM. II., em 15 de Dezembro de 1861.

Ensaio corographico do Imperio do Brasil, oferecido e consagrado a S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro II, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes. 1 vol. enc. Rs. 3,000

Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, desde a sua mais remota antiguidade até o presente tempo, por Francisco Freire de Carvalho. 1 vol. encadernado Rs. 3,000

Epitome chronologico da Historia do Brasil para uso da mocidade Brasileira, composto pelo Dr. Caetano Lópès de Moura, ornado com o retrato de S. M. I. e o mappa do Imperio do Brasil. 1 vol. Rs. 3,000

* **Epitome da Historia do Brasil** desde o seu descobrimento até 1857, por José Pedro Xavier Pinheiro, adoptado para uso das aulas publicas do ensino primario; segunda edição. 1 vol. enc. Rs. 2\$500

O Epitome, que hoje offerecemos á mocidade brasileira e a todas as pessoas que desejão conhecer os acontecimentos de que o Brasil foi theatro desde o seu descobrimento até aos nossos dias, se distingue pela sua boa coordenação e pela singeleza na narração dos factos principaes da nossa historia. Por isso o sabio Conselho de Instrucção Publica, que apreciou estas qualidades, adoptou-o para uso das aulas publicas do ensino primario, como muitos collegios desta córte e das provincias lhe tem dado preferencia.

Epitome universal, historiae ab orbe condito ad Carolum Magnum, a Jacobo Benigno Bossuto, Studio et opera Hifronyum Suaresii Barboza. 1 vol. encadernado Rs. 4\$000

Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil comprenant des éclaircissements nouveaux sur le second voyage de Vespuce sur les explorations des côtes septentrionales du Brésil par F. A. de Varnhagen. 1 vol.

Excerptos historicos e Collecção de documentos relativos á guerra denominada — da peninsula e a anterior de 1801 — do Roussellon e a Catalma resultado da commissão de investigações historicas commettida ao capitão de 1ª classe, Claudio de Chaby. 1 vol. encadernado Rs. 8\$000

Fundação (a) da monarchia portugueza, narração anti-iberica, por A. A. T. de Vasconcellos. 1 vol. Rs. 1\$500

Galeria dos illustres contemporaneos portuguezes ou Revista contendo as biographias, acompanhados de magnificos retratos dos homens eminentes de Portugal. 1 vol. encadernado. Rs. 8\$000

Galeria pittoresca da historia, ou victorias, conquistas, façanhas e factos memoraveis de Portugal e do Brasil. 1 vol. ornado de 34 estampas, encadernado Rs. 5\$000

Historia abreviada da descoberta e conquista das Indias pelos portuguezes. 1 vol. encadernado. Rs. 1\$600

Historia da Bastilha, por Camillo Leynadier, traduzida por J. L. Freire de Carvalho. 3 vols. ornados de estampas Rs. 7\$000

Historia do Brasil desde o seu descobrimento até 1826, originalmente composta em portuguez, para servir de continuação á que se publicou vertida do francez. 12 vols. com estampas. Rs. 24\$000

Historia do Brasil desde o seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral até á abdicação do Imperador D. Pedro I, por T. S. Constancio. 2 vols. encadernados Rs. 10\$000

Historia do Captiveiro dos presos de estado na torre de S. Julião da Barra de Lisboa durante a época da usurpação, por João Baptista da Silva Lopes, um dos martyres da referida torre. 4 vols. encadernados. Rs. 8\$000

Historia de Carlos Magno, e dos doze pares de França. Obra grande em 1 vol. enc. Rs. 2\$000

* **Historia completa da revolução franceza** desde 1789 até 1815, resumida da obra de Thiers. Precedida de um resumo da historia de França desde o principio da monarchia. Um grande volume in-4° adornado com numerosas estampas representando os successos mais notaveis e os retratos dos homens que mais se distinguirão por suas virtudes ou vicios. encadernado Rs. 10\$000
Publicamos da mesma obra uma edição em 2 vols. in-8°, sem gravuras. Brochado Rs. 4\$000
Encadernado Rs. 5\$000

A revolução franceza é o successo mais assombroso da nossa idade, e fórma a primeira folha da historia futura do mundo. Esta revolução, que levou ao patibulo um rei virtuoso e verdadeiro amigo de seu

povo, e cujos principios, alterando as fórmãs materiaes da sociedade, produzirão total revolução nos animos e nas idéas, foi uma severa lição para os reis e para os povos, que oxalã a ambos aproveite.— A excellente obra do Sr. Thiers, pelas considerações philosophicas que encerra, viveza e propriedade na descripção dos caracteres, e analyse judiciousa dos factos, merece ser por todos lida e estudada, e deu a seu autor o mais distincto lugar entre os historiadores modernos.

Historia contemporanea ou D. Miguel em Hortugal, motivo de sua exaltação e a causa da sua decadencia. 1 vol. encadernado. Rs. 6\$000

Historia da conquista do Mexico, com a noticia do descobrimento, povoação e progressos da America septentrional, por J. A. C. Maciel. 2 vols. encadernados Rs. 4\$000

Historia de Cromwell conforme com as memorias escriptas daquella época, e as collecções de notas parlamentares, escripta em francez por Villemain, e traduzida por M. C. da C. Couraça. 1 vol. enc. Rs. 6\$000

Historia do descobrimento da America, por Campe, traduzida do allemão. 2 vol. com estampas, encadernados. Rs. 5\$000

* **Historia criminal do governo inglez** desde as primeiras matanças da Irlanda até o envenenamento dos Chinas, por Elias Regnault. Traduzida do francez annotada com a historia de muitos factos modernos tanto no Brasil como em dominios de Portugal, por um Brasileiro, com uma gravura representando um inglez impondo aos chinas o opio. 2 vols. de 600 paginas, encadernados em um Rs. 4\$000

Historia dos Estados da America septentrional e meridional, desde a sua emancipação até ao reconhecimento de sua independencia, por Jacintho Alves Branco Moniz Barreto. 1 volume encadernado Rs. 4\$000

Historia geral de Portugal, escripta por M. La Clede. 16 grossos vols. encadernados. Rs. 28\$000

Historia dos Girondinos, por A. de Lamartine, traduzida do francez por***. 5 vols. enc. Rs. 28\$000
A mesma obra em 1 vol. encadernado Rs. 7\$000

Historia da guerra do Oriente, por J. da Silva Mèndes Leal Junior. 2 vols. enc. Rs. 6\$000

Histoire de Jean VI Roi de Portugal, depuis sa naissance jusqu'à sa mort, en 1826, avec des particularités sur sa vie privée et sur les principales circonstances de son règne. 1 vol. Rs. 2\$000

Historia da independencia da provincia do Maranhão 1822—1828, pelo Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, deputado á assembléa geral, autor da *Historia interna do direito romano* privado até Justiniano, etc., etc., etc. 1 vol. de mais de 400 paginas. Rs. 6\$000

* **Historia de Napoleão Imperador dos francezes**, desde o seu nascimento até a sua morte: contendo a completa e exacta narração das suas guerras, batalhas e victorias, acções de valor, de generosidade, de clemência, de magnanimidade, coragem e bondade; sua vida privada, character, administração e conducta com as nações estrangeiras. Traduzida do original francez composto por A. Hugo, augmentada com a relação do funeral de Napoleão desde Santa Helena até a igreja dos Invalidos, e seguida do seu testamento. Segunda edição, consideravelmente augmentada. 2 vols. in-4° ornados com vinhetas e 24 estampas finissimas abertas a buril. Elegantemente encadernados. Rs. 10\$000

As acções de Napoleão, deste ser extraordinario, são por tal modo superiores ás dos demais homens, ainda dos que merecêrão o nome de heróes na antiguidade e nos tempos modernos, que parece ter sido elle o instrumento da Providencia. O nome só de Napoleão vale um exercito e espalha terror. General aos 25 annos, commandando em chefe um exercito, elle enceta a carreira militar com uma admiravel campanha, que repentinamente o colloca na primeira ordem dos grandes capitães. Sua circumspecção, sua bravura, seu olhar d'aguia, tudo nelle annuncia o ser superior nascido para commandar. De volta dos campos de batalha á sua patria poucos dias lhe bastão para

assenhorear-se do poder, e acaba por collocar-se sobre o throno de França. Seu vasto genio imprime em tudo uma actividade prodigiosa, commanda os exercitos e rege o Imperio: monumentos magnificos se elevão nas cidades, estradas serpeão pelo Imperio, as montanhas se applanão, os abysmos se enchem!

De tantas façanhas e successos estranhos contém a presente obra a mais fiel e complela narração, ainda mais realçada na presente segunda edição que mandamos imprimir por ter-se completamente esgotado a primeira pelo favoravel acolhimento que mereceu do publico.

Historia de Napoleão Bonaparte desde o seu nascimento até á sua morte, seguida da descripção das ceremonias que tiverão lugar na trasladação do seu corpo da ilha de Santa Helena para Paris, e do seu funeral. Obra extrahida dos melhores autores e especialmente das obras de Mr. Thiers pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, ornada de doze estampas e do retrato de Napoleão I.
2 vols. encadernados Rs. 67000

Historia de Napoleão por Mr. Norvins. 4 vols. encadernados Rs. 67000

Historia do naufragio e captiveiro de Mr. Brisson com a descripção dos desertos d' Africa desde o Senegal até Marrocos. 1 vol. enc. Rs. 27000

Historia dos naufragios ou Resumo das relações mais interessantes que têm apparecido sobre naufragios, desde o seculo xv até aos nossos dias, por Desperthes. 2 vols. encadernados Rs. 57000

Historia da origem, progresso e decadencia das diversas facções que agitárão a França, desde 1798 até a abdicação, por José Lavallée. 3 volumes encadernados Rs. 77000

Historia dos philosophos antigos e modernos, em que se relatão as vidas, accções, etc. 2 vols. encadernados. Rs. 67000

Historia de Portugal, por A. Herculano. 4 volumes. Rs. 247000

Historia de Portugal desde o reinado da Sra. D. Maria I até á convenção d'Evora-Monte. 10 vols. encadernados Rs. 24#000

* **Historia da Restauração de Portugal**, por S. M. I.^o Duque de Bragança, contendo a relação completa e circumstanciada das batalhas e victorias do exercito constitucional dos rasgos de heroismo, de grandeza, de coragem e de bondade do seu immortal general, e da final quêda de seu governo absoluto e do usurpador do throno portuguez; composta sobre documentos authenticos por uma testemunha ocular. Com o mui fiel retrato de S. M. Imperial em 1833. 1 vol. in-4^o, brochado Rs. 3#000
Encadernado Rs. 3#500

Historia da Revolução Franceza, desde 1789 até 1814, por Mignet. 3 vols. encad. Rs. 6#000

Historia das Revoluções de Portugal, pelo Abbade de Vertot. 1 vol. encadernado. Rs. 2#500

Historia Romana, desde a fundação de Roma até á decadencia do Imperio Romano no Occidente, dividida em duas partes; a primeira contém a historia da Republica, e a segunda a dos Imperadores, traduzida do Inglez de Goldsmith. 2 vols. encad. Rs. 7#000

* **Historia Universal**, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, relatando os acontecimentos mais notaveis em todas as épocas, e os feitos dos homens mais celebres de todos os povos; composta sobre o plano de Gabriel Gottofredo Bredow, professor de historia da Universidade de Breslau, e enriquecida de notas por um Brasileiro. 5 volumes ornados com 24 estampas a buril. Encadernados Rs. 12#000

As gravuras representam os seguintes objectos: 1. Creação do mundo.—2. Diluvio Universal.—3. Moysés.—4. Incendio de Troya.—5. Jogos Olympicos.—6. Xerxes.—7. Batalha de Salamina.—8. Alexandre.—9. Bruto.—10. Dido.—11. Annibal.—12. Batalha de Hermann.—13. Baptismo de Clovis.—14. Baptismo de Witekind.—15. Carlos

Magno.—16. As cruzadas.—17. Guilherme Tell.—18. Christovão Colombo.—19. Dieta de Worms.—20. Morte de Gustavo Adolpho.—21. Príncipe Eugenio.—22. Frederico II.—23. Victoria de Leipzig.—24. Assalto da Bastilha.

Desde muito tempo era entre nós desejada uma boa obra sobre a historia universal. Possniamos apenas algumas traducções, e essas mui pouco ao par da justa curiosidade e reclamações do estudo. É com o fim de supprir, essa lacuna que nos propuzemos, dando á luz esta obra, offerecer ao publico um livro completo e digno da sua escolha.

Triste é a condição do homem nullo em conhecimentos historicos. Isolado no meio dos acontecimentos, vive nas trévas, sem illustração, sem experiencia: para elle o passado é um enigma, o futuro de todo imprevisto! Toda a sorte de prejuizos e preconceitos de educação, de circumstancias, de localidades, de tempo, embaraço a marcha de seu espirito.

Que contraste não fórma com esse quadro o brilhante destino daquelle que pela historia adquirio o conhecimento indispensavel dos acontecimentos e dos homens! De um posto elevado elle observa o genero humano todo e os seus trabalhos: o passado lhe explica o presente e lhe esclarece o futuro.

Um manancial tão abundante, origem da mais util e variada instrucção, deve, sem a menor duvida, ter a mais decisiva influencia na pratica da vida, e por isso foi proclamada a historia por mestra da prudencia, do direito e da virtude. Ella fornece os exemplos mais terriveis e os menos esperados, os preceitos mais importantes, as mais finas lembranças.

Não ha classe alguma, nem individuo, que aspire a qualquer especie de consideração ou queira passar por civilisado que possa prescindir de um tal estudo: mas poucas são as pessoas a quem ella não convenha por motivos e razões especiaes.

Para o HOMEM DE ESTADO ella comprehende quasi a encyclopedia dos conhecimentos que lhe são necessarios.

Os GUERREIROS nella encontrão modelos, máximas, preceitos e estratagemas os mais habéis e cheios de finura.

AO ECCLESIASTICO demonstra a importancia do seu ministerio, e inspira sentimentos liberaes e de tolerancia.

Os JURISCONSULTOS, MEDICOS E NEGOCIANTES della derivão importantes conhecimentos.

Instrucção igualmente util e variada obtem da mesma origem o ARTISTA, O FABRICANTE, O AGRICULTOR, em uma palavra, todos aquelles que desejarem aperfeiçoar-se em qualquer sentido, e a isso se encaminham desejosos de aprender.

Eis em geral as idéas que nos decidirão á publicação desta obra, constando de 62 capitulos, destinada sem duvida á uma grande popularidade. Para melhor esclarecimento do respeitavel publico sobre o plano e importancia della, aqui inserimos a epigraphe ou enunciação dos 17 primeiros capitulos:

CAPITULO I. Discurso sobre a historia.—II. Formação da nossa terra firme.—III. Creação das plantas, dos animaes e do homem.—IV. Maneira de viver dos primeiros homens. Primeiras descobertas.—V. Descoberta da agricultura.—VI. Descoberta da arte de cozer pão, dos moinhos e das bebidas artificiaes.—VII. Primeiro expediente para haver fogo; para cozinhar; para trabalhar os metaes, e para construir casas.—VIII. Formação das differentes linguas sobre a terra. Dispersão dos homens.—IX. Formação dos Estados.—X. Duvidas sobre a historia antiga. O Egypto. Obeliscos. Pyramides.—XI. Cartas Egypticas. O Sacerdócio depositario das sciencias. Modo de calcular o tempo. Culto dos animaes. Labyrintho. Psammetico.—XII. Abrahão. José. Meysés.—XIII. Sansão. Saul. David. Salomão.—XIV. A navegação.—XV. Commercio e moedas.—XVI. Commercio, navegação, colonias e descobertas dos Phenicios.—XVII. Imperios principaes em que tem estado dividido o governo do mundo, etc., etc.

A impressão, o papel, as gravuras e a encadernação são de mui boa qualidade.

* **Historia Universal**, resumida para uso das escolas communs dos Estados-Unidos da America do Norte, por Pedro Parley, traduzida para uso das escolas do Imperio do Brasil, pelo desembargador Lourenço José Ribeiro. Terceira edição. 1 vol. enc. Rs. 3#000

Historia Universal, escripta em francez pelo Abbade Millot, e traduzida em vulgar por J. J. B. 10 vols. encadernados Rs. 28#000

Historia Universal, desde os tempos primitivos até 1850, por Cesar Cantu, edição de 90 magnificas gravuras. 5 vols. in-folio Rs. 65#000

Inglaterra vista em Londres e nas provincias, escripta em francez pelo marechal de campo M. Pillet. 1 vol. encadernado Rs. 3#000

Instrucções dadas pela côrte de Roma a M. Girolano Capodiferro e a Mgr. Lippomano (coadjutor de Bergamo) nuncio em Portugal. 1 vol. Rs. #500

Liberdade (a) dos mares, ou o governo inglez descoberto, traduzido livremente do hespanhol. 1 vol. Rs. 2#500

Livro (o) do Povo, ou deveres e direitos do cidadão,
por Lamennais. 1 vol. Rs. 1\$000

Lopes de Mendonça :

- Damião de Góes e a inquisição em Portugal. 1 volume encadernado Rs. 4\$000
- Noticia historica do Duque de Palmella. 1 volume encadernado Rs. 4\$000
- Scenas e phantasias de nossos tempos. 1 volume encadernado Rs. 3\$000
- Memorias de litteratura contemporanea. 1 volume encadernado Rs. 5\$000
- Ensaio de critica e litteratura. 1 volume encadernado. Rs. 3\$000

Luiz de Camões levantando o seu monumento, ou a historia de Portugal justificada pelos Luziadas pelo Dr. Mello Moraes. 1 vol. brochado, com a vista do monumento que se levantou em Lisboa. Rs. 320

Memorias com o titulo de Annaes para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel, por José Liberato Freire de Carvalho. 4 vols. enc. Rs. 6\$000

Memorias diarias da guerra do Brasil, por espaço de 9 annos, começando em 1630, deduzidas das que escreveu o Marquez de Basto, Conde e senhor de Pernambuco, pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Accioli de Serqueira e Silva. 1 volume in-folio. Rs. 5\$000

A luta da provincia de Pernambuco com os Hollandezes, que da maior parte della outr'ora se apoderarão, é um dos objectos historicos que summamente honra o Brasil. Muito se ha escripto a tal respeito; mas em nosso entender achamos que merece especial apreço o Marquez deBasto, pela minuciosa e exacta descripção que faz dos factos que refere.

Memorias secretas sobre Napoleão Bonaparte, escriptas por um homem que o acompanhou pelo espaço de 15 annos; traduzida da terceira edição. 2 vols. Rs. 4\$000

Memorias do grande exercito alliado, liber-
tador do Sul da America na guerra de 1851 a 1852,
contra os tyrannos do Prata; e bem assim dos factos
mais graves e notaveis que precederão-a desde 20 annos;
è dos que mais influirão para a politica energica, que
ultimamente o Brasil adoptou afim de dar paz e segu-
rança aos Estados vizinhos: incluindo-se tambem noções
exactas e documentadas da batalha de Itúzaingo em 1827
e de seu resultado, pelo major Ladislão dos Santos Titára.
1 vol. in-4° de 300 paginas Rs. 6\$000

Memorias da vida de José Liberato Freire
de Carvalho, com uma estampa. 1 volume enca-
dernado. Rs. 5\$000

Esta obra, escripta por elle mesmo, pôde servir para a historia
contemporanea, pois que os factos da sua vida publica e particular se
ligão e achão em contacto com as occurrencias politicas durante a
sua vida, e com as diversas pessoas que nellas têm figurado; e por-
tanto contém factos geralmente desconhecidos no publico da vida po-
litica de varias dessas pessoas, já na emigração, já depois de regressar
á patria.

Motins politicos, ou historia dos principaes aconte-
cimentos politicos da provincia do Pará, desde o anno
de 1821 até 1835. por Domingos Antonio Raiol. 1 vo-
lume. Rs. 2\$000

Mysterios da Inquisição, e outras sociedades se-
cretas da Hespanha, por D. Manoel de Guendias. 3 vols.
encadernados Rs. 10\$000

Noticia historica, politica, civil e natural do Imperio
do Brasil em 1833. 1 vol. Rs. 1\$000

Noticia historica, da intitulado concordata de Fon-
tainebleau entre o pontifice Pio VII e o Imperador
Napoleão, em 25 de Janeiro de 1813, com alguns
documentos. Rs. \$500

Origem (da) e estabelecimento da Inquisição
em Portugal; tentativa historica, por A. Herculano.
3 vols. Rs. 9\$000

Ostensor Brasileiro, Collecção de produções originaes em prosa e verso sobre assumptos pertencentes á historia politica e geographica da terra de Santa-Cruz, por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira. 1 grosso volume ornado com 50 estampas.
Brochado Rs. 8\$000
Encadernado Rs. 10\$000

Como fructo de immensas fadigas e despezas dos seus autores se apresenta este bello livro, unico e ufano por tratar quasi exclusivamente de objectos relativos ou pertencentes ao Brasil. Qualquer a quem interessão as cousas da patria achará no seu conteúdo o mais amplo alimento de espirito e para os olhos não vulgar recreio considerando as estampas que os autores ajuntarão para adornar o texto, explicando-o com ricos artigos em verso e prosa devidos ás melhores pennas de autores brasileiros. — Esta obra é portanto um livro todo nacional, e não sómente por este motivo como pela sua elegancia e bem acabado merece occupar um lugar de honra em qualquer livraria.

* **Os Jesuitas**, historia secreta da fundação, propagação e influencia sobre os destinos do mundo, exercida por esta celebre ordem desde a sua origem até a sua suppressão por Clemente XIV, pelo Dr. Ildefonso Llanos Godinez. Nova edição, com um importante Appendice, contendo: os Jesuitas em Portugal nos seculos xvii e xviii; a bulla do Papa Clemente XIV que abolio, e a de Pio VII que restabeleceu a Companhia de Jesus, e finalmente as instrucções secretas dos Jesuitas. 1 vol. in-8º
brochado Rs. 2\$000
Encadernado Rs. 2\$500

(REDUCÇÃO DE PREÇO.) **L'Oyapoc et l'Amazone**, question Brésilienne et Française, par Joaquim Caetano da Silva, membre honoraire de l'Institut Historique e Géographique du Brésil; membre de la Société de Géographie de Paris; ex-çargé d'Affaires du Brésil en Hollande, etc., etc. Rs. 5\$000

A presente obra em dous grossos volumes, que mereceu os maiores elogios ás pessoas competentes por tratar de um modo magistral uma importante questão brasileira, que mais cedo ou mais tarde ha de ser aventada e discutida, deve interessar aos homens de Estado e a todos que se occupão das cousas do Brasil. Tendo sido seu elevado preço até agora um obstaculo a maior extracção, annuncia a Livraria Universal de E. & H. Laemmert, que se acha habilitada a ceder a mesma obra por Cinco Mil Réis, em vez do preço primitivo de Rs. 12\$000.

Pio IX e a França em 1849 e 1859, pelo Conde de Montalembert; um dos quarenta da Academia Franceza, traduzido em vulgar da 2ª edição. Rs. \$500

* **Plutarco Brasileiro**, por João Manoel Pereira da Silva. 2 vols. encadernados. Rs. 8\$000

Esta obra nacional comprehende as vidas e analyse de feitos e obras de José de Anchieta, Jorge de Albuquerque Coelho, Claudio Manoel da Costa, José Basilio da Gama, José de Santa Rita Durão, Antonio José da Silva, Gregorio de Mattos, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvareuga Peixoto, Francisco de S. Carlos, Antonio Pereira de Souza Caldas, Alexandre de Gusmão, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Sebastião da Rocha Pitta, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, D. José Joaquim de Azevedo Coutinho, Visconde de Cayrú, José Bonifacio de Andrada e Silva, D. Francisco de Lemos de Faria Azerebô Coutinho, Bernardo Vieira Ravasco, e outros mais illustres Brasileiros; além destas, outras biographias em resumo de diversos Brasileiros, como Mathias de Albuquerque Maranhão, João Pereira Ramos, Bartholomeu Antonio Cordovil, Antonio de Sá, Antonio de Moraes Silva, Bento Teixeira, Bispo de Ceuta, D. José Justiniano etc., se incluem na obra, que se pôde considerar a unica e mais completa historia litteraria do Brasil.

O Sr. Dr. Pereira da Silva, litterato distincto, conhecido vantajosamente por seus escriptos, publicados em diversas épocas, tomou sobre seus hombros uma grande tarefa, senão difficilima tão gloriosa quanto pôde ser a publicação de um livro destinado a transmittir á posteridade a noticia dos grandes homens que avultão, como monumentos, na historia da patria: e elle a desempenhou dignamente.

O PLUTARCO BRASILEIRO não foi escripto, nem o podia ser, sem atturado estudo e meditação. Preciso foi examinar muitas obras, recompôr physionomias, caracteres inteiros com traços espalhados aqui e acolá, em diversos volumes, reunir e dar a vida a esqueletos destroncados pela força do tempo, carcomidos pelo pó das idades. E tudo isto foi feito com talento e consciencia.

O PLUTARCO BRASILEIRO, pela correccão de estylo e pompa das imagens, seduz e prende a attenção como um romance. Instrue, porque vos guia pela mão ao conhecimento historico dos feitos do passado, vos familiarisa tanto com os homens dos outros tempos, como se com elles vivesseis. Attinge um fim tão moral quão patriótico, porque incita no leitor o desejo de imitar aquelles cujas nobres acções se lhe descrevem.

Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, desde a sua mais remota origem até o presente tempo. 1 vol. encadernado Rs. 3\$000

Primeiros traços de uma resenha de litteratura portugueza, por José Silvestre Ribeiro. 4 vol. encadernado. Rs. 5\$000

Portuguezes (os) perante o mundo, apresentados pelo Dr. Mello Moraes. 4 vol. enc. Rs. 4\$000

* **Rasgos memoraveis** do Sr. D. Pedro I, Imperador do Brasil, excelso Duque de Bragança, por A. D. Pasqual, membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil e de outras corporações scientificas e litterarias estrangeiras, etc., dedicado a S. M. I. o Sr. D. Pedro II. 4 vol. elegantemente impresso, in-8° grande. Rs. 3\$000

O primordial alvo deste escripto é traçar o principe; descrever o cavalheiro; pintar o politico; esboçar o amigo dedicado, e desenhar a grandes rasgos o varão illustre.

A penna que escreveu este esboço é bem conhecida no Brasil, e envidou todos os esforços para corresponder dignamente á grandeza do assumpto.

* **Relação Historica da Restauração de Portugal**, por S. M. I. o Duque de Bragança; por J. J. Peres. 4 vol. Rs. 4\$000

Esta obra, pela exactidão dos factos (que nas gazetas são quasi sempre alterados, e muitas vezes contrarios á verdade), mostra quanto D. Pedro á frente do seu exercito, cujos feitos heroicos serão escriptos nos Annaes de todos os povos, chegou á elevação, da qual os heróes, pelo unico poder do seu talento, dão um novo impulso ás gerações.

Resumo da historia de Inglaterra, por Felix Bodin. 4 vol. encadernado. Rs. 2\$000

Resumo da historia de Portugal, desde o principio da monarchia, por Aff. Rabbe. 4 vol. encadernado. Rs. 2\$000

Resumo da historia de Portugal, para uso das crianças que frequentão as aulas, por E. A. Monteverde. 4 vol. encadernado. Rs. 1\$000

Revelações, Memorias para a historia da revolução de 24 de Agosto de 1820 e de 15 de Setembro do mesmo anno. 4 vol. encadernado. Rs. 2\$000

Ruínas (as) ou Meditações sobre as revoluções dos Imperios, por Volney. 1 vol. Rs. 0\$000

Sampaio (o) da revolução de Setembro, por A. A. Teixeira de Vasconcellos. 1 vol. Rs. \$800

Saudosa (a) despedida dos escravos Miguelistas, ou o ultimo adeos a seu senhor D. Miguel Rs. \$640

Subsidios para a Historia do Ypanema, comprehendendo: 1.º A memoria historica do senador Vergueiro, impressa pagina por pagina pela edição de 1862. 2.º O appendice que foi publicado com a mesma memoria. 3.º um additamento a esta 2ª edição, contendo mappas e documentos ineditos, etc. 1 vol. broch. Rs. 2\$000
Cartonado. Rs. 2\$500

Synopsis genealogica, chronologica e historica dos reis de Portugal e dos Imperadores do Brasil, por Henrique de Beaurepaire Rohan. 1 vol. Rs. 1\$000

Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil, pelo general José Ignacio de Abreu e Lima, natural da provincia de Pernambuco, autor do Compendio da Historia do Brasil; do Bosquejo Historico, Politico e Litterario do Brasil; das Memorias sobre o Guaco e sobre a Elephancia, etc. 1 vol. Rs. 5\$000

Além da importante collecção dos factos historicos, contém o excerpto de toda a legislação organica do paiz, dos estabelecimentos publicos, fundações pias, e um Retrospecto sobre a Historia da America desde a mais remota antiguidade; contém mais as datas de todas as Bullas, Breves Pontificios e Rescriptos ácerca do Brasil; as dos Tratados, que se referem á nossa historia, e as Instituições de todas as Ordens Honorificas e Religiosas com os nomes de todos os donatarios, governadores, capitães-generaes, vice-reis, prelados, bispos e archebispas do Brasil.

Systema ou principios naturaes de moral e de politica, pelo Barão de Holbach. 3 vols. encad. Rs. 6\$000

Tributo á memoria de S. M. Fidelissima o Sr. D. Pedro V, o muito amado, por Castilhos, Antonio e José. 1 vol. elegantemente impresso. Rs. 2\$000

Entre as publicações por occasião da sentidissima morte do Sr. D. Pedro V, sobresahe a presente com dous nomes na frente, preclaros na republica das letras. Os sublimes accordes da lyra do autor da Noite do Castello, entoados em occasião tão solemne, devem impressionar ao vivo a todos os Portuguezes feridos pelo cruel golpe que soffreu o paiz. Com interesse não menos intenso o leitor percorre as paginas em prosa sahidas da distincta penna do Sr. José Castilho, que com mão de mestre traça o quadro de uma existencia começada debaixo dos mais brilhantes auspícios, e que entretanto devia findar-se na flôr da idade. Nesta biographia se achão entrelaçados muitos rasgos e particularidades sobre a índole e character do saudoso finado, que explicão e justificão a dôr que se apoderou de todos os corações portuguezes quando souberão seu prematuro passamento.

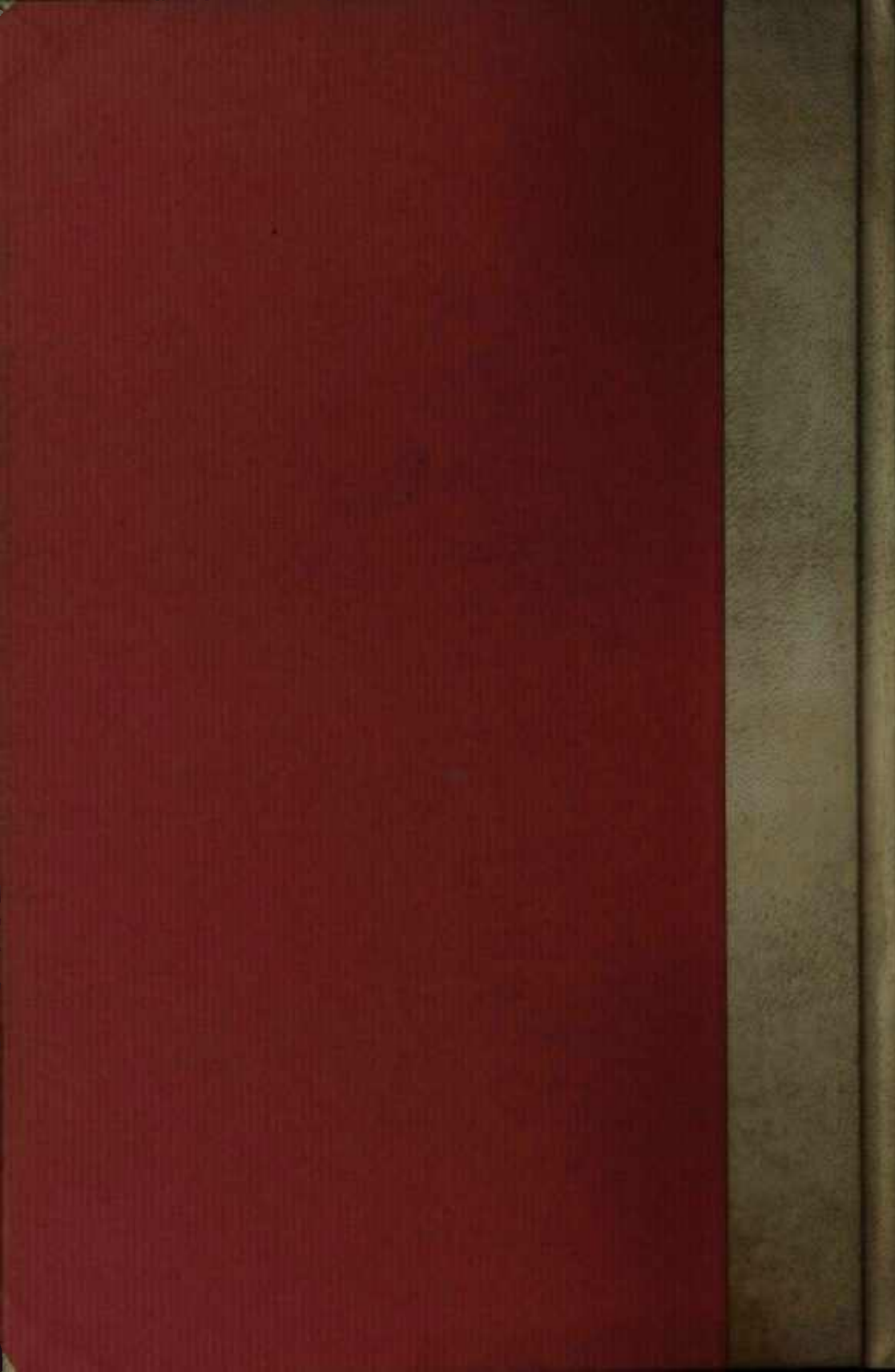
***Viagem pittoresca a Petropolis**, para servir de
guia aos viajantes e roteiro deste ameno torrão brasileiro,
por ***. 1 vol. adornado com 6 vistas. Rs. 27500
Dito com 1 planta colorida. Rs. 37000

Não existindo até hoje nenhuma descripção especial e circumstanciada da risonha Petropolis, residencia de verão de S. M. o Imperador, e lugar predilecto de nacionaes e estrangeiros, será sem duvida bem acolhido este bello livrinho, cujo espirituoso autor, outr'ora bem conhecido e apreciado por outras publicações, conduz o leitor pela mão aos pontos mais interessantes dessa região paradisica, rematando dignamente por uma poesia do Sr. Norberto, celebrando as delicias daquella feliz mansão de saude e de prazer.

Vida de D. Frey Bartholomeu dos Martyres,
Arcebispo e Senhor de Braga. 2 volumes encader-
nados Rs. 57000

Vida de D. João de Castro, vice-rei da India.
1 vol. Rs. 37000





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).